

RAPHAEL MONTES, ILANA CASOY
E SANTIAGO NAZARIAN
apresentam:

UM ÓTIMO DIA PARA MORRER

14 histórias de terror
e suspense







UM
ÓTIMO
DIA PARA
MORRER

RAPHAEL MONTES, ILANA CASOY
E SANTIAGO NAZARIAN
apresentam:

UM ÓTIMO DIA PARA MORRER

14 histórias de terror
e suspense

Índice

Capa

Folha de rosto

Desesperar

Introdução

Alguém tem de morrer

O discurso das paredes

Pânico

Depoimento n

Terra firme

Daniel

Leo, Lucas, e a Loucura

Gore

Água-Viva

Praia Nudista

A casa das bonecas

Provas e expiações

Redenção

A hora da morte, amém

Leão tatuado

Hécate

O Monstro de Mariana

Créditos

Desperatar

•

Introdução

Todos temos um pouco de medo do escuro

Mariana Rolier

Nunca achei que responder à pergunta sobre o meu livro ou filme favorito fosse algo fácil: sou editora de livros e circulo por muitas esferas, e a maioria delas não aceitaria minha resposta mais sincera sem algum julgamento. Ou não aceitava. Nos últimos anos o terror, como gênero, vem conquistando um espaço além do gosto peculiar de adolescentes. Autores como Matt Ruff e Iain Reid vêm explorando o medo como reflexão, desconstrução e discussão social, e suas obras estão sendo disputadas por grandes estúdios de cinema. Stephen King ressurgiu como uma grande novidade. E, aqui no Brasil, não tem sido diferente: a cada dia novos e bons autores abraçam o gênero e já não é novidade que as listas de best-sellers tragam autopublicações de terror e fantasia. Ainda, autores consagrados estão produzindo mais e levando suas ideias para o cinema e tv. Ilana Casoy, Raphael Montes e Santiago Nazarian são grandes referências do tema.

Ano passado fomos convidados pela Cássia Carrenho para desenvolver um fim de semana sobre a escrita de terror com novos autores. Ilana, Raphael e Santiago

orquestraram horas intensas sobre escrita, trazendo referências e reflexão ao grupo. O resultado está nesta coletânea de contos de terror, com o que eu considero ser o melhor de uma nova geração, no melhor momento que o gênero poderia proporcionar.

Dividimos as seções pelo tipo de escrita e história, apadrinhados por um curador específico. Mas há de tudo: casa assombrada, vingança, obsessão, fúria, sexo, violência e até o tão discutido pós-terror. O que une estes contos é o medo da morte e do desconhecido. E tenho certeza que o leitor ficará impressionado com o que virá nas próximas páginas.

Meu livro favorito é *A metamorfose*, de Franz Kafka. Meu maior medo é ser considerada incapaz de colaborar com a sociedade a ponto de ser descartada, como Gregor Samsa. O livro nunca foi considerado uma obra de terror, mas é o que mais me apavora. Já sobre filmes, Dario Argento me fascina, mas nada vai se comparar ao gore *Possession*, de 1981. Eu sou fã de gore mesmo, não tenho um argumento mais verdadeiro.

•
Alguém tem
de morrer
Eduardo Muylaert

O mistério central de uma história de detetive não precisa, de fato, envolver uma morte violenta, mas o assassinato continua sendo o crime supremo e traz um peso atávico de repugnância, fascinação e medo.

(P. D. James)

Odeio o boi, aquele olho fétido que por três dias ameaçou me tragar. Nunca me imaginei preso numa malcheirosa cadeia pública da região de Sorocaba, menos ainda numa cela desse tipo. Fazer as necessidades na frente de todos, num mero buraco. Não conseguir pregar o olho de tanto medo. Pior é a chacota dos companheiros de infortúnio. Vou fugir dessas lembranças pelo resto da vida.

Eu devia ter ido naquela van. A ideia de um fim de semana de crime e terror me arrebatou. Rita de Cassia acertou no milhar ao usar como chamariz o prestígio de uma criminóloga, uma editora, e dois jovens escritores de relativo sucesso. Caí como um patinho, mas não fui o único.

Jovens aficionados e aprendizes de escritor voaram como moscas atraídas pela luz, mas acabaram se deparando com estranhas nuvens. A luz de um raio se apresenta aos noviços, diz um sábio persa do século XII: ela fulgura e se retira como a fulguração de um clarão delicioso

Muitos não chegaram a ter uma percepção clara, mas pairou o tempo todo uma sensação esquisita, como se cargas elétricas poderosas tivessem acarretado um choque turbulento de elétrons: a atmosfera carregada parecia encerrada em forte campo magnético.

Alguns vieram do Rio, numa extensão que vai da Barra da Tijuca a Campos dos Goytacazes, passando pelo Méier. Brasília veio, Santa Catarina também. Os paulistas, por incrível que pareça, eram minoria, mas tanto o litoral como o interior estavam representados.

O traço comum a todos, vindos de onde viessem, é que tinham alguma coisa que os distanciava de simples leitores. Uma espécie de sina, ou marca, acabou promovendo esse encontro de almas intranquilas. Se estivessem em plena lucidez, diga-se, teriam fugido da empreitada enquanto era tempo.

Gente tida como normal jamais se entusiasmaria com a ideia de um fim de semana de morte e horror. Claro, o projeto só podia ter saído da mente singular de Rita de Cassia — não se deixem iludir pelo nome de santa. A vivência não tardou a demonstrar que é melhor não mexer com algumas coisas, não brincar com certas energias. Mas quem levou a pior, com certeza, fui eu.

Tudo que vou relatar sobre o encontro é por ouvir dizer, pois nunca cheguei ao sítio de São Roque. Não posso garantir, assim, que a narrativa seja fiel. Algumas fontes soam confiáveis, há coincidências em alguns relatos, e as possíveis contradições não parecem insuperáveis.

Peço desculpas por eventuais erros ou enganos. Não quero prejudicar ninguém, menos ainda dar uma impressão preconceituosa sobre certas pessoas, ou determinadas práticas. Vamos fazer de conta, e declarar formalmente, que se trata aqui de uma obra de ficção, que nada tem a ver com pessoas reais. Essas coisas aconteceram de verdade? O que foi simplesmente fruto da imaginação naquele fim de semana descrito como tão intenso? Cabe a você, leitor, tirar suas próprias conclusões.

Pelas fotografias, o lugar é aprazível, um típico sítio de lazer, sonho de classe média, com mesa de bilhar, piscina e churrasqueira. A casa grande, porém, parece guardar alguns segredos. A biblioteca, cuja porta é uma grade de ferro, contém livros muito antigos, protegidos da curiosidade dos visitantes. Os ambientes sociais são acolhedores.

O salão principal é amplo e tem poltronas de couro marrom um pouco gastas. A mesa enorme e as cadeiras escuras da sala de jantar criam um ambiente que se prestaria perfeitamente a rituais. As pinturas espalhadas por toda a mansão,

alguns quadros com teias de aranha, remetem a coisas misteriosas, pouco claras, instigantes, que geram curiosidade e preocupação, mesmo aos não iniciados.

Não cheguei, repito, a São Roque e nem participei do encontro. Garanto que paguei o valor que me cabia, não sem sacrifício. Nos dois meses precedentes, quase não saí com os amigos e nem comprei livros, economizando para a aventura. Tomei o cuidado de enviar o comprovante, informando meu nome completo e o número de minha carteira de identidade, indispensáveis ao embarque na van.

A viagem não foi propriamente uma maravilha. O encontro, ao qual não compareci, foi num enorme supermercado da Vila Mariana, debaixo de chuva, em uma véspera de feriado que, como de rotina, paralisou São Paulo. Quem não se atrasou chegou em cima da hora. Nem deu tempo para as pessoas se conhecerem melhor.

O retrato na van é tão escuro que só se veem silhuetas de cabeças recortadas pelas luzes de fora. Destaca-se apenas, no último banco, um rapaz de barba grudado no kindle, com um estranho brilho nos olhos. Aproveitava cada minuto de leitura, fugia da curiosidade alheia, ou escondia alguma coisa?

Um dos inscritos não compareceu e a perua saiu com atraso. Foram quase três arrastadas horas até o destino, num percurso que, em dias normais, sem chuva e sem feriado, se faz em cinquenta minutos. Só uma pessoa resmungava, a maioria enfrentou a adversidade com espírito esportivo, sem se dar conta de que o pesadelo começara.

Eu devia estar naquela van, devia mesmo. Acho que teria sido bem melhor, apesar de tudo. A ideia de levar vantagem, por menor que seja, muitas vezes nos joga nas piores situações. Para preparar a jornada, Rita de Cassia compartilhou contatos e criou grupos nas redes sociais. Queria dar início, ser a fundadora de uma grande família de futuros escritores de mistério. Até hoje, basta procurar na rede por “Fim de Semana do Terror” e se chega facilmente às imagens e à versão oficial do encontro

Na quinta-feira, véspera da viagem, surgiu do nada uma proposta de carona, um rapaz da minha idade vinha de carro e queria companhia, não precisava nem rachar a gasolina. Aceitei correndo, não quis perder a regalia. Íamos chegar mais cedo, aproveitar a piscina e aguardar os outros com cara de vitoriosos: o mundo é dos mais espertos, Deus ajuda quem cedo madruga, *etc.*

Alfredo, assim ele se apresentou, me pegou por volta de onze e meia daquela manhã de sexta-feira, 17 de novembro de 2017, no posto de gasolina da rua Bandeira Paulista, no Itaim Bibi, bem em frente a um restaurante japonês. Eu tinha só uma pequena mochila, duas mudas de roupa para o fim de semana e os livros Dias Perfeitos, o sucesso editorial de Raphael Montes, e Neve Negra, de Santiago Nazarian, para tentar entender o tal do “pós-terror”. Ainda não tinha lido nenhum daqueles autores, mas não queria parecer um neófito. Eu tinha comprado também o Arquivo Serial Killers, de Ilana Casoy, mas não dava para carregar um livro com o peso de mais de um quilo e de centenas de mortes cruéis.

Em vez da rodovia Castello Branco, Alfredo optou pela Raposo Tavares. O dia estava ensolarado e nos inspirava. Paramos para almoçar no restaurante Stefano, já perto de São Roque, lugar conhecido pela comida piemontesa que serve há mais de 50 anos. Depois da salada orgânica, dividimos um belo canelone de ricota ao sugo e tomamos meia garrafa de vinho tinto. Para fazer a digestão, nada melhor do que um cochilo no terraço dos fundos. Quando adormeci, estava convencido de que tinha conquistado um novo melhor amigo e que a vida era boa.

Logo despertei com dois policiais me sacudindo. Sem nenhuma delicadeza, me algemaram, tomaram meu celular e revistaram cada palmo do meu corpo. Parece droga mesmo, disseram, ao abrir um pacotinho que tiraram do bolso da minha jaqueta. Vamos recolher o indivíduo.

Tentei explicar que devia ser um mal-entendido, que meu amigo Alfredo tinha me dado carona, seu carro estava parado no terreno da frente. Vamos pegar o

outro, disseram, e me empurraram em direção ao estacionamento. Qual a marca e a cor do veículo? O carro de Alfredo tinha desaparecido e ele também. Talvez tenha pressentido a presença da polícia e se afastado, nada fazia sentido para mim naquele momento. Qual a identidade do outro elemento? Vocês são amigos há muito tempo? Trabalham juntos? São comparsas? Integram alguma facção?

Levei um pé-de-ouvido quando disse que não sabia o sobrenome de Alfredo, nem onde morava, nem nada sobre ele. Tentei explicar o programa, a história do fim de semana do terror. Num instante estavam convencidos de que eu era um grande mentiroso, ou estava drogado. Eu devia ser mesmo o traficante que atuava na região e que eles estavam procurando há algum tempo. A idade batia, as características também.

Mal fechei os olhos nas três noites que acabei passando na cadeia superlotada. Tive que conviver com todos os medos ancestrais, ser currado, espancado, ter uma faca enterrada no meio das costelas. Enquanto meus possíveis colegas deviam estar se divertindo com suas histórias de crime e terror, coube-me o privilégio de vivê-las na dura realidade. Esconjurei esse gênero, reneguei minhas leituras de Edgar Allan Poe a Jo Nesbo. Prometi a mim mesmo que ia procurar outro caminho, fugir das roubadas, talvez escrever um livro de autoajuda.

Na segunda-feira eu parecia um indigente ao ser apresentado ao juiz de Sorocaba. Olheiras, dois quilos mais magro, faminto, inseguro e com a fala confusa. Parece que a criminalidade não diminui com mais pessoas presas; apesar disso, nossas cadeias têm quase o dobro da lotação para a qual foram construídas. Me disseram que o Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo, superando até a Rússia. Para piorar, quase metade dessa gente nem foi julgada ainda.

A audiência de custódia foi minha salvação. Eu nem sabia que, agora, o preso em flagrante tem que ser apresentado ao juiz no dia útil seguinte. Foi o que ocorreu comigo. Muitos policiais e alguns promotores falam mal dessa novidade, que serve para evitar tortura e permitir o rápido exame das circunstâncias da

prisão. Os mais radicais acham que, na prática, é mais um mecanismo de desvalorização da atividade policial.

No meu caso, constatou-se, sem grande dificuldade, que o pacotinho que alguém pôs no meu bolso, embalado como se fosse cocaína, não continha senão o inofensivo bicarbonato de sódio, que se compra em qualquer farmácia para enfrentar azia ou acidez estomacal. Saiu o alvará de soltura, mas ninguém me pediu desculpas, simplesmente devolveram meus pertences miúdos e me botaram na rua.

Até hoje não sei onde foram parar a mochila e os livros, cujo valor só vai cair na próxima fatura do cartão. Você não perde por esperar, malandro, vamos ficar de olho em você, disse um policial com um sorriso maldoso e a mão no cabo do revólver. Pelo jeito, vou continuar suspeito por algum tempo, talvez tenha até dificuldade em conseguir emprego.

Um bom banho e o café da manhã reforçado prepararam minha volta à civilização. Depois de algumas horas de sono, comecei a sair do pesadelo e a usar a inteligência recém recuperada. Às vezes a vida nos dá sinais, mas alguma empolgação nos cega, o clarão nos ofusca. Tentei reconstituir minhas conversas com o simpático Alfredo, ainda estava preocupado com seu paradeiro.

Ele já tinha na cabeça o roteiro do conto que pretendia escrever. Alguém tem que morrer, era esse o título. Ele me explicou que, normalmente, as histórias policiais se situam num ambiente fechado, um hotel, uma casa de campo, uma mansão, onde ocorre um homicídio. Na Inglaterra, é sempre assim. Há sempre um grupo de pessoas, e o jogo consiste em descobrir quem é o assassino. No caso, ele queria surpreender e inverter a equação. O narrador seria o assassino confesso, e o enigma consistiria em saber quem ele ia eliminar, e como.

A trama me pareceu interessante, até estranhei que o esquema já tivesse tantos detalhes. Eu não tinha a menor ideia do que ia encontrar em São Roque, e nem do que gostaria de escrever. Sabendo do sucesso que fazem no Brasil os investigadores americanos, tinha até imaginado um detetive chamado Ed Miller,

numa história que poderia se chamar Murder in Sanrock. Achei que podiam rir de mim e optei por relaxar e esperar a chegada ao paradisíaco local do crime.

Fiquei orgulhoso quando percebi que Alfredo me tratava como um parceiro à altura: ele testava comigo as suas hipóteses, e a primeira parte da viagem voou. Nesse jogo, ele era o assassino e eu o leitor ávido, tentando descobrir sua vítima. O fim de semana vai ser incrível, pensei. Já começou bem.

Alfredo tinha estudado alguns perfis na internet, para melhor escolher seu possível alvo. Alguém tem que morrer, dizia ele, mas não pode ser uma chacina, tem que ser só uma pessoa. Ele queria uma morte misteriosa, que à primeira vista pudesse parecer suicídio ou acidente. O narrador tem que se dar bem, não pode despertar suspeitas e nem ter sua foto estampada na capa dos jornais.

Que morte daria mais repercussão, indagou? A de uma estudiosa dos perfis de criminosos, a de uma editora de sucesso, ou a de um dos dois jovens autores? Logo entrei no jogo. Achei que a vítima óbvia era Raphael Montes. Além de especialista em literatura policial, Montes tinha uma coluna semanal no jornal O Globo, o que garantiria, no mínimo, um belo obituário. Alfredo já imaginava a matéria de capa, com a manchete: Quem matou Raphael Montes? E o lide: Escritor e colunista do O Globo tem morte misteriosa em encontro de terror.

O desaparecimento de uma editora, ainda que de uma casa importante, renderia, se tanto, uma nota meio vaga nas colunas sociais, ou no PublishNews, onde parece que Rita de Cassia ainda conserva certa influência. Esses profissionais da edição, embora cortejados, são vistos com certa desconfiança, pois por suposto dever de ofício costumam frequentar festas de socialites, mas também lugares mais suspeitos. Derramar uma lágrima no enterro é de bom tom, mas qualquer espalhafato, ou demonstração de intimidade, pode não pegar bem.

Se fosse para impressionar o mundo da literatura underground, os frequentadores da mercearia São Pedro por exemplo, o melhor alvo seria Santiago Nazarian. Alfredo nem considerou essa hipótese, parecia nunca ter ido àquele reduto da Vila Madalena onde um público jovem se dedica ao culto da

cerveja e da paquera, nessa ordem. E parece imaginar que talento literário se adquire por osmose.

Ilana Casoy entra na categoria de fenômeno editorial. Seus livros sobre serial killers, os nossos e os de além-fronteiras, já são considerados clássicos. Mais do que escrever, Ilana é conhecida pela construção de perfis de criminosos perigosos. Muitas vezes ajuda a polícia ou a defesa, passa horas pesquisando arquivos ou entrevistando delinquentes da maior periculosidade. Não sendo formada em Psicologia, nem em Direito, muitos procuram desqualificá-la, mas seus resultados são espantosos e tapam a boca dos maledicentes e invejosos.

Desafiei Alfredo. Você seria capaz de provocar a morte de uma figura desse porte, dessa argúcia? Ele disse que sim, coragem e ousadia não lhe faltavam, mas ponderou que a morte de Ilana poderia ser atribuída a um dos inúmeros assassinos que ela ajudou a condenar, o que tiraria toda a graça do episódio. Fora de questão. Raphael Montes era o alvo perfeito, essa era a conclusão definitiva quando paramos para almoçar. Até então, tudo parecia não passar de inofensiva brincadeira literária.

Como vocês já sabem, por motivos alheios à minha vontade, essa conversa não teve continuidade. Tão logo recuperado do susto, fui às redes sociais em busca de informações. O que encontrei foi a foto dos alunos e professores do fim de semana, todos com caras felizes e descontraídas. Nada ocorreu de extraordinário, concluí aliviado.

Abri *O Globo* de segunda e constatei que o relato entusiasmado de Raphael Montes também não registra nenhuma anomalia. Ele descreve a alegria de ter participado do “Encontro do terror”. Segundo o colunista, escritores com projetos dedicados a suspense, policial, fantasia e terror se inscreveram para debater os gêneros literários e apresentar suas histórias: “Foi muito bom escutar as ideias desses escritores e perceber a potência de suas histórias, a vontade de contar tramas ágeis, com serial killers, monstros e universos fantásticos, tão raros na literatura brasileira”.

Santiago Nazarian, por sua vez, declarou em seu blog que passou o fim de semana “trancado com uma dúzia de malucos, num sítio afastado, sem sinal de celular e internet”, e que repetiu incansavelmente a pergunta básica que faz a todos os novos autores: “mas o que você quer dizer”? Para ele, é curioso que os aspirantes a autor de gênero sejam tão conduzidos por histórias, mas menos por conceitos e pulsões internas, que é o que garante a densidade do texto. O que ele parecia não considerar é que uma pulsão macabra habilmente disfarçada poderia muito bem ter se infiltrado nesse grupo.

Tomei coragem e liguei para Rita de Cassia, queria dar uma satisfação por não ter comparecido. Não pretendia contar minha história, mesmo inocente estava morrendo de vergonha. Antes que eu pudesse abrir a boca, ela me agradeceu por ligar e foi logo dizendo que tinha ficado encantada comigo. Realmente uma pena que eu tivesse passado mal e ido embora no fim da tarde de sábado. Sem respirar, engatou que meu roteiro tinha sido um dos mais apreciados, que estava louca para vê-lo posto no papel para a edição do livro. Sem saber o que fazer, agradeci e declarei que também tinha ficado muito impressionado com o fim de semana, sem dúvida uma das vivências mais marcantes da minha vida.

Como não acredito no sobrenatural, fiquei cismando com o que poderia ter acontecido. Eu não conseguiria, parece óbvio, ter estado em dois lugares distintos ao mesmo tempo. Não tinha, também, nenhum registro ou memória da participação a que ela se referiu. Só a trama que me foi atribuída soava familiar. Teria eu estado lá, ainda que em pensamento?

Muitas vezes, numa situação difícil de tolerar, como um sequestro, um encarceramento, mesmo um espremido tubo de ressonância magnética, conseguimos nos imaginar num lugar melhor, numa praia, por exemplo. Nas noites de insônia que passei na cadeia, viajei muitas vezes à terra prometida, àquele sítio onde eu poderia relaxar à beira da piscina e conversar com os novos amigos.

Não, o subterfúgio nos protege, mas não nos transporta. Alguém poderia ter tomado o meu lugar? O projeto de conto a que Rita de Cassia se referiu brevemente começou a me soar como familiar. Lembrei-me das conversas no carro e das ideias de Alfredo, que não deixei de considerar um pouco bizarras. Se ele era, como eu, apenas um amante de literatura de gênero, por que não se inscreveu no encontro e pagou a sua parte?

Mesmo eu, que vivo bastante apertado, dei um jeito de juntar o dinheiro, problema de grana não era. Não vi Alfredo na foto do grupo, mas também não me vi, depois de me procurar, meio desconfiado. O sobrenatural, embora não exista, às vezes está muito perto de nós.

Tive um sobressalto quando suspeitei que o amigo tão gentil poderia ter montado uma armadilha para me tirar do caminho. Como Alfredo não foi na van, não precisou revelar sua verdadeira identidade, nem seu RG. Conseguiu se infiltrar anonimamente no grupo, usurpando minha identidade. Essa simples suspeita desencadeou uma explosão de raiva em que desfilaram pela minha cabeça os piores nomes que aprendi desde a infância, mas transcrevê-los aqui seria de péssimo gosto.

O que pretendia, afinal, o maldito Alfredo? Ninguém faz uma coisa dessas, um planejamento tão esmerado, para escrever uma história policial, nem mesmo de terror. Resolvi investigar mais a fundo. Criei um nome falso nas redes sociais e apresentei-me como um jornalista encarregado de fazer uma matéria sobre o tal do “Fim de Semana do Terror”. Entrevistei, por telefone, vários membros do grupo, usei técnicas que aprendi assistindo Mindhunters, uma pequena invenção aqui, outra ali, algumas acareações forçadas. Fui cruzando informações, traçando perfis, e cheguei a algumas conclusões.

Nem tudo foi tão lindo como constou das narrativas oficiais. O medo rondou aquele fim de semana. Nesse tipo de evento é normal, quase faz parte, alguma brincadeira que provoque sobressalto. Quando algo saía do eixo, Rita de Cassia

atribuía a “brincadeira” à editora, que vou chamar de MR. A editora, por sua vez, achava que Rita estava dando algum tempero à aventura.

Na primeira noite, uma sexta-feira, todos se apresentaram em volta da mesa de jantar, e a conversa prosseguiu até à madrugada. Enquanto estavam reunidos, tudo foi curiosidade e alegria. Figuras estranhas adoram descobrir outras criaturas fora do comum. Os chalés, entretanto, ficavam um pouco distantes da sede e bem separados. Para chegar até eles, era necessário percorrer vários metros de uma estrada íngreme de terra, mal iluminada e cercada de mato. Tinha chovido, o caminho estava escorregadio e enlameado.

Uma das jovens autoras, que ninguém quis identificar, por mais que eu insistisse, deu um grito de pavor ao se defrontar, já perto de seu chalé, com um esquilo que parecia uma daquelas bandeiras de perigo que avisam que o mar está bravio. Uma vara comprida atravessava o corpo do animalzinho e, no alto, para que não escorregasse, a boca estava amarrada com uma espécie de raiz, com um nó apertado e perfeitamente simétrico. No chão, raspadas na terra, viam-se duas letras, que poderiam ser R e M, ou então M e R, dependendo do ângulo com que se olhasse. RM, o escritor, ou MR, a editora? Esse foi positivamente o primeiro sinal de alerta. Como brincadeira, era ir longe demais. Podia haver um perverso nas redondezas, e o alarme foi dado.

Todos trancaram bem as portas, mas o susto tinha calado fundo, melhor prevenir do que remediar. Às tantas, ouviu-se forte batida, quase um tranco, na porta de uma das casinhas, onde três autoras custavam a conciliar o sono. A escritora Vera Carvalho, a elegante criadora do detetive Alyrio Cobra, não hesitou em abrir a porta. A figura corpulenta que apareceu à sua frente balbuciou que tinha se perdido, não conseguia achar o próprio chalé. O intruso não pôde deixar de notar a pequena Beretta na mão da escritora, que amavelmente indicou o caminho dos outros chalés.

Ninguém estranha dar com uma cobra num lugar desses, mas quando ela é descoberta morta e eviscerada, enrolada numa árvore e sem as presas e as bolsas

de veneno, surge alguma preocupação. O que teriam feito com o veneno? O que pretendiam fazer com as presas? Se eu estivesse lá, teria perdido o sono com esses sinais. Quando se está em grupo, é gostoso rir do medo dos outros e tratar tudo como brincadeira. Quem ri por último é o mais valente, pois sim.

Durante a noite, de uma das casinhas, saíram ruídos estranhos, uma espécie de reza, com tons agudos que lembravam uivos de animais. Certo é que no café da manhã, o sol já despertado, não se falou mais nisso. A festa continuou, ali só havia escritores valorosos, prontos a zombar das covardes criaturas assustadas com assombrações.

Só quem não estava bem-disposto era Raphael Montes, que acordou enjoado, com dor de cabeça e certa falta de energia. Na véspera, após o jantar, ele tinha tomado um copo de um estranho licor trazido por um dos participantes e acordou verde, mesmo sem saber de onde vinha seu mal-estar. Cusei a imaginar, mas finalmente atinei. Fora eu, ou melhor, o canalha que tomara meu lugar, Alfredo, que começara a envenenar o escritor. Possivelmente havia veneno de cobra, com outros ingredientes nocivos, no copo de licor que o aluno, o discípulo, o admirador, gentilmente lhe oferecera.

A trama que Alfredo desenvolvera no carro, com minha inconsciente colaboração, não tinha nada a ver com literatura. Traficante eu não era, tudo se esclarecera. Mas agora, sem o saber, tinha subido um importante degrau na escala do crime. Tinha me tornado cúmplice, coautor intelectual, de um homicídio cruel e premeditado, cuja pena pode chegar a trinta anos de reclusão.

Na manhã de sábado, cada participante teve de três a cinco minutos para propor uma trama. Depois dos aplausos, todos podiam dar sugestões. As propostas mais mirabolantes apareceram, envolvendo madrastras, incestos, bruxas, monstros, fantasmas e serial killers. Nem a inquisição e o apocalipse ficaram de fora. Sexo, vingança e remorsos também tiveram lugar de honra. Embora fizesse sol do lado de fora, a grande sala meio às escuras criava o ambiente onde cada autor pudesse dar vazão ao seu lado mais sombrio.

Com o grande entusiasmo reinante, ninguém pensou que a invocação de tais demônios pudesse abrir campo à entrada de energias muito perigosas. Se houvesse anjos por perto, teriam saído correndo. Não conheço detalhes das propostas, pois havia um pacto de silêncio em torno de cada trama. A morte era aplaudida, a violência comemorada. Só uma norma ética subsistia: não roubarás a história de outro autor.

A narrativa de Alfredo, que todos achavam que era eu, foi tão estruturada, tão cheia de detalhes, que chegou a levantar suspeitas. Foi Dona Maria, a caseira que trouxe o café, que levantou a lebre. Ela estranhou alguma coisa no tom de voz, no brilho do olhar e no movimento das mãos do jovem autor, e compartilhou a sensação com Rita de Cassia.

A anfitriã deu mais atenção aos aplausos, ia sair uma boa história. Só por dever de ofício levou a questão ao crivo da consagrada Ilana Casoy, que foi condescendente: coitado do rapaz! Monta uma história incrível, vibra com ela, e acaba levantando desconfiança.

Logo depois do almoço, apesar da insistência de Alfredo, Raphael Montes explicou, com sua proverbial delicadeza, que continuava indisposto. Recusou terminantemente o licor, o café e até os comprimidos que lhe foram oferecidos como solução “definitiva” para o mal-estar.

Algumas das mulheres, que demonstravam evidente empatia entre si, e das quais emanava um curioso aroma de flor, entre cítrico e adocicado, ficaram preocupadas com as vibrações que suas sensibilidades captaram. Antes do entardecer, trancaram-se a portas fechadas num dos chalés e resolveram agir.

Fecharam as janelas, se concentraram e fizeram uma prece que só elas conheciam. Praticaram então um estranho ritual. Uma delas tirou da gola da blusa uma pérola, fixada numa espécie de agulha. Dizem que cada uma espetou o dedo médio e deixou correr uma gota de sangue num copo de aguardente.

Aí renovaram seus votos de sempre procurar o caminho certo e ajudar as pessoas em perigo. Tendo ciência de suas vocações fortemente ligadas às piores

experiências do ser humano, preferiram dedicar-se à literatura para, ao liberar as pulsões maléficas, transformá-las em parábolas. O autocontrole vem do exercício constante da meditação, dos compromissos e das práticas compartilhadas com as irmãs em rituais secretos.

Formou-se então, qual um holograma, o rosto de uma figura masculina. Sobre a prática que se seguiu existe um selo absoluto de segredo. O certo é que, pouco depois, Alfredo anunciou que se sentia mal, despediu-se rapidamente e desapareceu.

Raphael Montes logo se recuperou. Acabou atribuindo sua indisposição à falta de sono, ao excesso de trabalho, ou de guloseimas. O escritor e a maioria dos presentes nunca ficarão sabendo da trama macabra e dos sórdidos preparativos urdidos pelo impostor. Como também nunca saberão do ritual que evitou a tragédia e clareou o ambiente.

O domingo foi um dia festivo no sítio de São Roque. Todos sentiam que tinham dado um passo importante na direção de suas carreiras literárias. Só sinto que, quando o livro for publicado, vocês não vão encontrar o conto que eu pretendia escrever.

Enquanto isso, não vou esmorecer. Qualquer hora cruzo com o tal de Alfredo. Como ele disse, alguém tem que morrer.

•
O discurso das
paredes
Pablo Zorzi

O Ford Corcel da família Carlof soltou uma nuvem cinza pelo escapamento quando Ivana estacionou em frente a uma antiga construção na Rua dos Inocentes. Era um prédio de quatro andares que, no ano de 1936, conquistara o simbólico título de “O mais luxuoso da cidade”. Bons tempos. Quarenta anos se passaram desde então, e pouco ainda restava de todo o luxo. Vidraças quebradas, pintura carcomida e fachada em frangalhos retratavam a atual melancolia.

E lá estava Ivana, a garota do interior, em pé na calçada, com o Corcel repleto de caixas que deveriam ser levadas para o quarto andar do apartamento que havia alugado depois de uma discussão que tivera com o pai. Junto dela, roçando o corpo em suas canelas, seu gato Balduíno parecia desapontado com a nova morada.

— Não olhe assim — ela falou com o bichano enquanto pegava as caixas no banco de trás. — Você sabe que vai ser só por um tempo.

O cheiro de mofo impregnado invadiu suas narinas logo que ela deu o primeiro passo dentro do saguão. Direccionou o olhar para as paredes descascadas e analisou as lâmpadas fracas nos corredores.

Logo lhe ocorreu que o corretor de imóveis havia omitido alguns detalhes importantes no momento do fechamento do contrato.

— Esqueça o que está no anúncio. Gostei de você e farei uma nova proposta — o homem usou um timbre amigável quando ela telefonou em busca de informações. — Cobrarei metade do valor. Isso porque está quase impossível encontrar pessoas que se dispõem a subir tantos degraus diariamente. Além do

mais, o prédio precisa de algumas reformas, mas nada muito urgente. O que acha?

Ivana não comentou, mas a verdade é que estava disposta a fazer negócio mesmo sem o generoso desconto. Não tinha muito para gastar com um aluguel num prédio novo, e o contrato com a lanchonete onde trabalhava era em período de experiência. Esperava o final do trimestre para pedir um reajuste salarial. *Sem problemas*. Filha única de um casal de agricultores, Ivana era totalmente livre de pompas. Tinha passado a vida numa fazenda de uma cidadezinha duzentas vezes menor do que aquela. O que poderia ser mais assustador do que isso? Acertaram os detalhes por telefone. O proprietário cobraria o aluguel todo o dia 10 e ele mesmo repassaria a porcentagem para o corretor que fechou o negócio.

Quando venceu oito lances de escadas, chegando ao quarto andar, Ivana sentiu suor escorrendo na testa. Largou as caixas e parou um instante, escorando-se num vão com passagem de ar. Olhou para as portas dos seis apartamentos pelas quais passaria em frente todos os dias a partir de então.

– Balduíno! — chamou olhando para trás.

O gato passou apressado e foi até a penúltima porta, a única que estava aberta.

Ela o seguiu, surpreendendo-se com o que enxergou.

O apartamento não era dos piores. Os dois quartos eram aconchegantes, a sala parecia um picadeiro de circo, e a enorme cozinha deu asas à sua imaginação sobre como decoraria e que móveis precisaria comprar.

Perfeito!

Fez um total de sete viagens, indo e voltando ao Corcel até subir todas as caixas. Um homem baixinho com costas curvadas e mão atrofiada, que vestia macacão e se apresentou como zelador, a ajudou nas duas primeiras viagens. Ele aparentava viver sob o peso de um medo mortal, com voz monótona e rosto fantasmagórico. Foi muito cortês no início, mas logo desapareceu dizendo que precisava limpar os corredores.

No início da noite, tudo estava montado.

Casa nova. Vida nova.

Com a lua brilhando alta no céu, Ivana foi até um supermercado comprar comida para ela e Balduíno. Quando retornou, notou um apartamento com a porta aberta, que dava para ver a sala onde um garotinho com chapéu de vaqueiro brincava com um carrinho de madeira.

– Oi — ela cumprimentou.

O menino sequer se moveu.

Meio sem graça, ela seguiu em frente e entrou em casa.

Naquela noite comeu bolachas recheadas, deu ração e leite para o gato, tomou um banho demorado e foi para a cama.

Demorou bastante tempo para adormecer. O cansaço impediu que relaxasse, e a euforia fez com que sua mente ficasse divagando sobre as possibilidades que a nova vida sozinha e na cidade ofertaria. Logo um quarto de hora ficou para trás, e os motores dos carros na rua da frente estavam cada vez menos barulhentos. O tique-taque do relógio em cima da cômoda era o único som que ouvia. Seus olhos pesaram. Aos poucos o sono a embalou, e ela dormiu abraçada ao travesseiro.

Durante a madrugada, Ivana foi despertada por um barulho que não conseguiu identificar. Algo que mesclava sons metálicos com madeira e que pareciam vir de algum dos apartamentos vizinhos. Ela esfregou os olhos, ligou o abajur e ficou ouvindo. Não podia acreditar que já na primeira noite o conselho da amiga Nazaré se confirmaria. *Morar em apartamento é uma droga. Você nunca sabe que tipo de louco vive ao lado.* Imaginou de onde poderia estar vindo aquilo. A coisa não parava. Não dava para dormir daquele jeito. Ficou irritada. E foi ficando de mau humor. Um profundo mau humor que crescia junto com o barulho. Xingou. Gritou. Socou as paredes ordenando que parassem. Não adiantou. Estava com a cabeça prestes a explodir quando tudo voltou ao silêncio.

Na manhã seguinte, pensou estar sonhando quando alguém deu três batidas secas em sua porta. Ela abriu os olhos sem vontade de levantar. Não queria

atender. Tinha dormido mal. Uma irritação pavorosa tomava conta de seu corpo. Enfiou a cabeça embaixo do travesseiro.

Mais três batidas.

Suma daqui! Teve vontade de gritar.

Raios de sol invadiam o quarto pelas frestas no cortinado da janela. *Suma daqui!* Rabugenta, levantou sem pressa e vestiu um robe antes de atender.

– Me desculpe — O homem de terno pareceu envergonhado ao vê-la com roupas de sono. — Pensei que estivesse acordada. Sinto muito.

Ivana mirou-o dos pés a cabeça. Calculou que devia ter uns 40 anos, olhos claros, barba mal feita, cabelos bem arrumados empapados de gel e rosto atraente, do tipo que certamente não viveria num lugar como aquele.

– Diga logo o que quer. — Ela nem tentou disfarçar a irritação.

– Posso voltar outra hora, se quiser.

Seria bom.

– Não. — Ela fechou melhor o robe. — Pode falar.

O homem começou a falar após uma hesitação.

– Sei que é nova aqui no prédio, por isso vim pedir desculpa pela barulheira de ontem à noite — explicou. — Moro no apartamento ao lado. Sou decorador de ambientes.

Decorador de ambientes?

Ivana enrugou a testa numa expressão surpresa, avaliando que as roupas finas do homem não combinavam com o edifício decadente.

– Por acaso não está decorando o prédio todo, está? — Ela olhou para as paredes mal pintadas.

O homem abriu um sorriso.

– Também não gostou do prédio? — ele tagarelou. — Confesso que parece meio assustador às vezes.

Ivana se privou em resmungar algo indecifrável.

Houve um momento de silêncio.

– Bem, peço desculpas pelo inconveniente. Prometo que não ouvirá mais barulhos. — O homem retomou a palavra. — Tenha um bom dia.

Ivana não respondeu. Ficou na soleira o observando se afastar. De súbito, sentiu-se culpada por não tê-lo tratado melhor. *Ele veio pedir desculpas*. Pensou em chamá-lo de volta. *Que tipo de pessoa eu sou?* Quando ela estava prestes a responder ao bom-dia, o homem reduziu o passo e deu meia-volta.

– Não sei se eu deveria, mas você aceita jantar comigo hoje? — Ele ruborizou no mesmo instante.

As sobrancelhas de Ivana se curvaram.

– Entendo se não quiser — o homem emendou. — A gente nem se conhece.

Isso é verdade.

– Aceito. — Foi o remorso que respondeu por ela. — Sempre é bom fazer amizade com os vizinhos.

Um pensamento surgiu em seguida indagando se deveria mesmo ir. De fato, não conhecia aquele homem. Sequer sabia seu nome, se era casado, se tinha filhos... *Nada*. Ademais, a amiga Nazaré também havia lhe alertado sobre algumas abordagens de solteirões em cidades grandes. Com as mãos nos bolsos do robe, Ivana o mirou dos pés a cabeça mais uma vez.

– Pode chegar às oito e meia. É só bater na porta ao lado — Ele apontou. — Me chamo Bento. — Estendeu a mão.

– Sou Ivana. — Ela retribuiu o cumprimento.

O homem se afastou e entrou no apartamento.

Aquele foi um sábado bastante trabalhoso. Antes que a manhã terminasse, Ivana tinha esfregado o chão, removendo o encardido e o cheiro de mofo, além de ter dado banho em Balduíno, que se sujou com uma meleca estranha no banheiro. Ao meio-dia, tomou sopa instantânea e, sem perder tempo, começou a jogar água nas paredes cobertas por décadas de uma camada de sujeira. No fim da tarde, desceu ao térreo com dois sacos de lixo e os jogou no tambor da rua.

Na volta, viu um homem esguio deslizar sorrateiro na direção do pátio que ficava nos fundos do prédio. Pelas costas curvadas, percebeu que era o zelador. Fazendo uma força que aparentava não ter, ele carregava no ombro um saco escuro estufado. Desconfiada, Ivana esperou um instante e começou a segui-lo. Usando paredes e ramas de capim como esconderijo, percebeu o zelador afobado, olhando para trás a cada nova passada. Quando chegou ao destino, ele abriu uma portinhola e teve o cuidado de olhar para trás outra vez antes de se enfiar lá dentro. O som de um trinco sendo fechado ecoou em seguida.

Que lugar é esse?

Dezenas de pensamentos tomaram conta da mente de Ivana. Ela deu meia dúzia de passos, se aproximando, mas recuou quando sentiu um cheiro fétido saindo de lá. Colocou a mão no nariz, com vontade de vomitar.

Quando subiu ao quarto andar, passou pela porta de um apartamento e observou um velho mal-encarado fumando cachimbo numa poltrona de couro carmim. Estava tão apressada pela ânsia impregnada no fundo da garganta, que quando pensou em cumprimentar, já havia cruzado metade do corredor.

Às 20h40, depois de tentar dormir um pouco, ela vestiu sua melhor roupa e foi ao apartamento de Bento. O local era modesto, mas muito bem decorado. Havia pequenos quadros nas paredes com imagens de pessoas em lugares distintos, além de um grande sofá e uma televisão ligada num noticiário. No canto da sala, a mesa estava posta.

Bento a convidou para conhecer a cozinha, onde serviu duas taças de vinho. Lá conversaram sobre os temperos utilizados no preparo da carne que assava no forno. Ivana acabou por recordar da falecida mãe, que tinha um canteiro atrás de casa com dezenas de plantas.

Minutos depois, foram para a sala, mas mal tinham sentado e Bento correu para o fogão dizendo que o assado estava pronto.

— Não sei se te contei, mas hoje é meu aniversário — ele revelou quando serviu o pernil.

O cheiro agradável de carne assada pairou no ar, mas Ivana não conseguia se livrar daquele odor que sentiu no pátio.

– Mesmo? — Ela manteve a compostura, mesmo com estômago embrulhado.
— Se soubesse, poderia ter trazido um presente.

– Não ter que jantar sozinho já é um presente. — Bento perguntou se podia servir o prato e cortou o melhor pedaço para ela.

Conversaram mais um tempo sobre suas vidas. Bento contou que também havia passado parte da infância no interior, quando o pai trabalhou numa fazenda de gado no Centro-Oeste. Disse que mudou para a cidade quando tinha 14 anos, e que se casou quando completou 21, mas que o conto de fadas durou poucos meses. Não revelou o motivo da separação, mas disse que não teve mais esposas.

– O trabalho rouba boa parte do meu tempo.

Ivana revelou que os pais trabalhavam com plantio de fumo, mas que os lucros das duas últimas colheitas mal tinham dado para pagar as despesas. Como resultado, pediram empréstimo bancário, para que não precisassem vender parte da terra. Nada mudou. No quinto mês de atraso das parcelas, um homem de terno lhes trouxe um papel que dizia que o banco tinha lhes tomado dois hectares como parte do pagamento.

Contou também que as coisas ficaram piores quando sua mãe falecera, quatro meses antes, vítima do grande ceifador de homens, o câncer. O pai, movido por falsas promessas, doara o restante das terras para uma igreja e algum tempo se tornou pastor. Após o luto, quando as coisas pareciam estar entrando nos trilhos, uma ríspida discussão sobre religiosidade fez com que ela decidisse sair de casa para recomeçar a vida na cidade.

Foi aí que começaram a falar sobre vizinhos.

Ivana atentou os ouvidos quando Bento tagarelou a respeito de uma mulher com um garotinho que vivia num dos apartamentos daquele andar. Disse que a criança era criada de maneira inadequada e que a mulher vivia enclausurada no quarto, tomando remédios fortes para tratar uma doença que nem sequer existia.

— Eu vi o menino ontem — Ivana contou. — Ignorou quando cumprimentei.

— Eu vivo aqui há alguns anos e ele ainda me ignora — Bento sorriu. — No fundo, é um bom garoto. É só não mexer no chapéu de vaqueiro que tudo fica bem.

Bento recolheu os pratos quando terminaram de jantar.

Ivana deu outra boa olhada na decoração, matutando se deveria falar a respeito do que tinha visto horas antes no pátio de trás.

Era só um zelador carregando um comprido saco de lixo.

Bento voltou em seguida com outra garrafa de vinho.

— Quer saber? Acho que vai gostar de morar aqui — ele falou quando sentou. — É verdade que boa parte dos apartamentos está vazio, mas, no fim das contas, é um bom lugar.

Ele vai acabar achando que sou louca.

— Há muitos apartamentos vagos neste andar? — Ivana manteve o assunto.

— Apenas um — Bento revelou. — No fim do corredor.

— Pensei que a maioria estivesse. Achei tudo muito silencioso.

— Eu não me acostumaria — ele alertou. — Posso garantir que não sou o único vizinho barulhento, embora seja o menos estranho.

Ivana escorou a mão no queixo, acomodando o cotovelo na mesa.

— Por que diz isso?

— Histórias. — Ele a encarou.

— Do tipo?

— Do tipo que se você ouvir gritos durante a noite, não se assuste. — Bento encheu a boca de vinho. — Provavelmente é só o velho Vilson discutindo com a esposa.

— Vilson é o senhor do apartamento depois da escada? — Ivana se lembrou do velho com cachimbo na poltrona carmim.

— O próprio.

— Também o vi hoje mais cedo — ela contou.

– Ele é meio estranho. Às vezes me pede carona até o centro para receber a aposentadoria, mas passa a viagem toda sem abrir a boca. — Bento fez uma careta. — Ainda assim, fui eu quem decorou o apartamento dele anos atrás. Chegou a reparar?

– Não.

O relógio da sala deu uma batida indicando que era 23h30.

– Quem sabe um dia eu também decore o seu — ele se ofereceu.

– Seria legal, mas não tenho dinheiro para isso. — Ivana abaixou os olhos.

– Entendo. — Ele serviu mais vinho. — Continuando, — Fez uma pausa para beber — Fiquei sabendo que o velho Vilson foi um dos primeiros moradores do prédio. Ouvi que passou anos preso por ter matado a mulher e escondido o corpo nas paredes de casa. Parece que ficou quase trinta anos trancado, até que o libertaram e ele se mudou para cá.

– Mas então ele não tem esposa? — Ivana estranhou.

– Não.

– É que você acabou de dizer que eles discutem às vezes.

– Pois é. — Bento franziu a sobancelha. — Histórias...

Ivana sentiu arrepios.

Conversaram mais um pouco até que uma frase sobre a limpeza do prédio a fez criar coragem para falar do zelador.

– Vi uma coisa estranha hoje à tarde — disse ela. — O zelador carregando um saco pesado para dentro de uma portinha nos fundos do prédio. Ele estava apressado, inquieto. Olhava para trás a todo momento, do jeito que as pessoas fazem quando estão metidas em encrenca.

Bento enrugou a testa.

– Tem certeza que era o zelador? — ele indagou.

Ivana estranhou.

– Um senhorzinho magro com braço atrofiado — detalhou. — Disse que era o zelador quando me ajudou a carregar as caixas da mudança.

Os olhos de Bento se fixaram na toalha de mesa.

– Algum problema? — Ivana perguntou.

– É que esse senhorzinho que você fala faleceu na semana passada.

Agora ele acha que sou louca.

Sentindo repentina falta de ar, Ivana olhou para as cortinas que cobriam a janela. Seus músculos começaram a tremer em curtos espasmos. O ambiente se tornou abafado de repente, como se estivesse envolvido por um saco plástico. Respirou fundo, mantendo a calma. Aquela esquisita sensação foi a mais assustadora de toda sua vida. Uma sensação de medo. De medo real.

Depois daquela história, os assuntos ficaram escassos e o silêncio passou a imperar mais do que devia. Minutos mais tarde, quando o relógio deu doze badaladas, o jantar chegou ao fim. Ivana agradeceu o convite e prometeu que o próximo jantar seria em seu apartamento.

– Já posso começar a pensar na decoração — Bento parou na porta e a observou no corredor. — E juro que não farei mais barulhos.

Não foi difícil cair no sono naquela noite, embora ainda tenha ficado um bom tempo matutando sobre a história do zelador.

O dia seguinte amanheceu nublado, com nuvens cinzentas enegrecendo todo o céu da grande cidade. Era domingo, e Ivana aproveitou seu último dia de folga para acordar tarde. Despertou sem qualquer pressa e ficou meia hora rolando na cama, até que resolveu levantar. De pronto percebeu a ausência de Balduino, que não costumava dormir em outro lugar senão nos pés da sua cama.

– Balduino! — chamou.

Passou toda a manhã e boa parte da tarde procurando pelo gato, que fazia parte da família há anos. Desceu à recepção e revirou todas as salinhas que encontrou, a maioria depósitos de coisas velhas. Foi até o pátio. Encontrou a portinhola fechada com cadeado. Fez força para abrir, tentou bater com uma pedra, mas não adiantou. Saiu bufando e xingando as paredes. Olhou em todos os andares, nas escadas, e até subiu no telhado, passando por uma porta com aviso “Não entre”.

Preocupou-se. Balduino já tinha fugido outras vezes, mas aquele era um lugar desconhecido.

Perto da noite, bateu à porta de Bento. Queria sua ajuda para abrir a portinhola fedorenta do pátio. Ninguém atendeu. Abalada, voltou para casa e sentou-se na cozinha encarando o pote de ração. Chorou, derramando lágrimas sentidas até a hora que deitou para dormir. Pela primeira vez na vida, completamente sozinha.

As semanas seguintes foram de bastante chuva por toda a região. Os noticiários falavam sobre uma colisão de massas de ar para explicar o fenômeno fora de época.

Devido ao trabalho na lanchonete, Ivana passou a acordar mais cedo, antes das 6h. Nos primeiros dias encontrou tempo para procurar pelo gato antes de entrar no Corcel e dirigir até o centro. Trabalhava até às 18h30, mas quando descobriu que podia ganhar mais dinheiro se fizesse horas extras, passou a ficar até mais tarde. Logo sua vida caiu na rotina. Nunca mais viu o zelador ou os vizinhos. Quando voltava para casa, exausta de tanto enxugar pratos e lavar copos, cruzava toda a extensão do corredor atenta à porta de Bento, sempre fechada e silenciosa.

Não demorou para que uma tristeza impregnasse sua alma.

Numa quinta-feira, quase vinte dias depois do desaparecimento de Balduino, Ivana encontrou o zelador na recepção enquanto se preparava para ir ao trabalho. Ela interrompeu os passos no meio do último lance de escadas, engolindo com dificuldade. O homem vestia o mesmo macacão de quando o viu pela primeira vez, mas agora segurava um rodo enrolado num pano e esfregava as lajotas do chão sem muita vontade.

– Bom dia, senhorita — ele cumprimentou quando a viu na escada.

– Bom dia. — A resposta saiu engasgada.

Intimamente sentiu medo.

– Como está a nova vida? — O zelador se escorou no cabo do rodo. — Estive gripado por alguns dias. Fiquei um tempo sem trabalhar.

– Também tive problemas — ela gaguejou. — O pior deles foi meu gato que sumiu.

O zelador forçou os lábios.

– Eu sei onde seu gato está — disse.

Com expressão séria, o zelador saiu do prédio e caminhou até o pátio de trás. Ivana o seguiu. Antes que chegasse à portinhola misteriosa, pegou um molho de chaves do bolso e escolheu uma para abrir o cadeado. O cheiro podre que saiu lá de dentro beirava o insuportável. Ele puxou um saco escuro, remexeu alguns objetos plásticos misturados com restos de comida e então puxou algo para fora.

Ivana caiu no choro.

Era Balduíno, duro feito madeira, com alguns arames aparecendo embaixo da pele e olhos substituídos por duas esferas de vidro que imitavam os olhos. Seus pelos negros não mostravam o mesmo brilho radiante de sempre, apenas um tom fosco e apagado. Um tom de morte. Alguém o tinha... Empalhado.

– O que você fez?! — Ela tomou o gato das mãos dele.

– Não fiz nada, senhorita. — O zelador recuou. — Quando o vi na lixeira, logo imaginei que tinha se cansado de olhar pra ele. Não gosto desse tipo de arte, mas também não julgo quem gosta.

Uma raiva silenciosa ergueu-se em Ivana. Seus olhos ficaram vermelhos, e ela pensou em atacar o homem com a vassoura escorada na parede. Estava perdendo o controle.

– Você vai pagar pelo que fez — gritou, fumegando de raiva.

– Já disse que não fiz nada! — Agora foi ele que engrossou a voz. — Essa é a porcaria de gato que você trouxe quando mudou.

– O gato que eu trouxe?! — Ivana não conseguia parar de gritar. As veias do pescoço saltaram, fazendo desenhos embaixo da pele. — Tá achando que sou louca?! Sei que você o pegou na noite que saí para jantar com Bento — ela bufou.

O cenho do zelador anuviou.

– Bento? — ele indagou, lançando um olhar perturbado.

– Meu vizinho, seu estúpido!

O zelador ficou pálido, enfiou a mão dentro do macacão e beijou a imagem de Nossa Senhora Aparecida no escapulário.

– Entendo sua necessidade de atenção — ele disse. — Uma moça do interior vivendo sozinha na cidade que dá vida a um animal empalhado para ter companhia. Mas achar que foi jantar num apartamento vazio que pertence a um morto? Isso já é demais.

Os pensamentos de Ivana se embaralharam como num quebra-cabeça desarranjado. Ela jogou uma mecha de cabelo para trás da orelha, pensando antes de voltar a discutir.

– Do que está falando? — Seus lábios ficaram trêmulos.

– Do apartamento. Ninguém vive lá há anos, desde que o antigo dono, Bento Montes, matou a esposa e escondeu o corpo nas paredes. — Fez o sinal da cruz e se afastou com semblante amedrontado. — Bento se matou depois de fazer aquilo. Estourou os miolos com um tiro na cabeça. Foi o que os policiais disseram.

As pernas de Ivana amoleceram. Medo e angústia se infiltraram em sua pele. Ela jogou o gato empalhado no chão e procurou as chaves do carro na bolsa. Podia sentir o coração acelerado e as mãos molhadas de suor.

Vazio?

Nos dias seguintes, dobrou o número de horas extras. Trabalhava até tarde. Não queria voltar para casa. Sentia arrepios só de pensar na história. Toda vez que passava pelo corredor, apressava o passo cruzando na frente do apartamento de Bento. Nunca tentou abrir a porta. Sempre que cogitava a hipótese, se lembrava de que a mãe dizia que não se devia brincar com esse tipo de coisa. Quando deitava na cama, não conseguia pregar os olhos. Tudo era motivo para sentir medo: ruídos nos encanamentos, passos no corredor e até o vento

rangendo a janela. Viver daquele jeito tornou-se insuportável com o tempo. Perdeu peso, viu seu rosto afinar, e marcas roxas surgiram embaixo dos olhos.

Certa madrugada, horas antes do amanhecer, um som bem familiar quebrou o silêncio. *Rangidos metálicos com pancadas na madeira.* O mesmo barulho que ouvira na primeira noite. Saltou da cama jogando as cobertas no chão. Acendeu a luz e foi direto para a sala, grudando o ouvido na parede. Descobriu que a barulheira vinha do apartamento de Bento. Ficou sem ação. *Ninguém vive lá há anos.* Correu para o quarto em busca de um crucifixo. *Um suicida chamado Bento Montes.* Encolheu-se no sofá quando voltou à sala. Ligou a televisão, mas nem o filme romântico foi capaz de abocanhar sua atenção. *Matou a esposa e escondeu o corpo.* Passou o resto da noite ali, sozinha, iluminada pelo brilho artificial da TV antiga, ouvindo as pancadas que só cessaram uma hora depois.

Quando a claridade da manhã invadiu o apartamento, ela saiu para a rua em busca de algum telefone público. Encontrou um próximo do prédio. Desgrudou o chiclete colado no bocal e ligou para o chefe, forçando uma voz sofrida e mentindo que estava passando por uma crise de labirintite. O chefe acreditou.

Faltando uma quadra para chegar de volta ao prédio, passou por uma loja de sapatos na esquina e interrompeu o passo ao avistar alguém lá dentro, escorado no balcão conversando com um vendedor. Forçou a visão através de vidraça fumê. *Bento?* Ao lado dele estavam uma mulher com vestido de renda e uma garotinha que corria entre as gôndolas segurando uma boneca de pano. Ivana apertou o cabelo num rabo de cavalo e entrou fingindo ser cliente. Precisava chegar mais perto. Ter certeza que não estava enganada. Não demorou em ser abordada por uma vendedora atenciosa que chegou oferecendo ajuda.

— Estou procurando uma sandália. — Ivana desviou um olhar de soslaio para o balcão. Tinha que dar um jeito de se aproximar. — Não quero nada muito chamativo. — Viu um sapato feminino numa gôndola próxima. — Pode me mostrar aquele modelo?

A vendedora a conduziu para perto do balcão.

Ivana pegou o sapato, olhou para o solado e conferiu a numeração. Pediu se podia provar. Sentou-se numa banquetta macia e torceu o pescoço para enxergar o rosto do homem. Fingiu desinteresse quando a mulher de vestido que o acompanhava percebeu seu movimento, encarando-a com olhos arregalados.

– Você está bem? — A voz da vendedora a fez mudar de foco.

– Desculpe? — Ivana não tinha entendido.

– Perguntei se está bem — a vendedora repetiu. — Seu nariz está sangrando.

Naquele momento, o homem também a encarou. Barba feita e cabelos recém-cortados, mas o desenho do rosto era idêntico ao de Bento. Ivana sorriu quando ele a olhou, mas ele não demonstrou qualquer mudança na fisionomia. Apenas fitou as gotas de sangue no chão, pegou nas mãos da mulher, chamou a garotinha pelo nome e saiu da loja sem se despedir de ninguém.

Ivana passou todo o resto do dia na cama. Só acordou quando a lua minguante já desenhava um sorriso no céu noturno.

Uma dor miserável fazia sua cabeça latejar, como se alguém lhe enfiasse centenas de agulhas direto no cérebro, fruto de um pensamento repetitivo que a atormentava: o encontro com Bento.

Levantou observando a escuridão da cidade pela janela. Procurou pelo interruptor de luz, mas percebeu que o prédio estava sem energia quando o acionou e nada aconteceu. *Inferno!* Tateou na escuridão, agarrando-se nos móveis, até que chegou na cozinha e acendeu uma vela que pegou da gaveta. Olhou para o relógio de parede. 03h40. Arregalou os olhos. Não podia ter dormido tanto sem perceber. Conferiu se o ponteiro dos segundos estava em movimento. Sim.

Sentiu uma pontada na nuca que a fez se contorcer. Preparou-se para acender o fogão. Queria fazer um chá para acalmar a dor, mas passos no corredor a fizeram largar a caixa de fósforos e chegar perto da porta. Os passos eram sorrateiros, cuidadosos, vindos de alguém que avançava sem querer ser percebido. *Bento?*

Ivana ficou de joelhos e olhou através da fechadura, mas não enxergou nada na escuridão.

A xícara de chá fumegava na mesa, iluminada pela chama da vela de cera.

Sentada numa cadeira, Ivana controlava a respiração buscando ouvir qualquer ruído nos arredores, mas nada além do silêncio entrava pelos ouvidos. Bebeu um gole do líquido amarelado com gosto amargo. *Ninguém vive lá há anos.* As palavras do zelador voltaram a inundar sua mente. Bebeu outro gole. Bento havia lhe dito que o zelador havia morrido uma semana antes... O zelador, por sua vez, contara que Bento cometera suicídio. E ainda havia Balduino. Sentiu vontade de chorar. Lembrou-se da mãe, do tempo em que os médicos a diagnosticaram com câncer cerebral, dos meses que antecederam a morte, quando ela falava sobre assuntos estranhos e via coisas que não existiam. Ficou com medo de estar doente também. Seus olhos marejaram.

Ivana chorou por algum tempo, até que as lágrimas secaram. Depois, tomada por uma repentina coragem, pegou um suporte para a vela e foi ao corredor disposta a entrar no apartamento do vizinho. Parou na frente da porta. Colocou a mão no trinco. Antes que exercesse força, a porta abriu.

Sentiu calafrios quando olhou o interior do apartamento.

Espantou a concepção de que estava louca quando se deparou com a mobília. O sofá, a televisão e a mesa com toalha florida. Ergueu a vela na altura dos olhos ao perceber que os quadros da sala não estavam no lugar. Em vez deles, apenas buracos com parafusos saltavam da parede.

Uma onda de medo se espalhou por seu corpo, mas a curiosidade venceu.

Entrou.

A claridade da vela não iluminava distante, mas pelo silêncio ela imaginou que o apartamento estivesse vazio. Atravessou a extensão da sala, indo à cozinha. Tudo vazio. Deu meia-volta e entrou num quarto. Queria descobrir a origem exata dos barulhos noturnos. Encontrou uma cama com dois criados-mudos. Nada fora do comum.

A noite já ia alta e fazia um pouco de frio naquela hora, frescor que não impediu o suor em sua testa. Aproximou-se da cama e sentou-se, abrindo a gaveta de um dos criados-mudos. Não achou nada. Foi até o outro. Descobriu uma caixinha de madeira não maior que uma régua. Havia entalhes embaixo dela. *Bento Montes. Decorador de Ambientes*. Estava trancada por um cadeado daqueles de cofrinhos infantis, o suficiente para impedi-la de abrir. Pegou a caixa e voltou para seu apartamento na ponta dos pés.

Acomodou a vela e a caixinha na mesa da cozinha. Abriu as gavetas da pia, de onde tirou um martelo de bife. Deu quatro pancadas e o cadeado estourou. Com sentimento de dever cumprido, ela soltou o fecho de metal e abriu. Forçou os olhos quando viu que eram fotografias, dezenas delas, todas retratando pessoas normais em tarefas cotidianas.

A primeira mostrava uma mulher de avental lavando roupa num tanque de barro.

A segunda era de uma velha tricotando sentada na frente de uma televisão.

A terceira trazia um bebê dormindo num berço requintado.

Ivana engoliu bile ao chegar na quarta fotografia: um velho com cachimbo sentado numa poltrona carmim. Havia algo escrito no verso. 7 de junho de 1958. *Dezoito anos atrás*. Seu coração começou a palpitar, empurrando as costelas. Sentiu calafrios descendo pela espinha. A chama da vela bruxuleava com seus movimentos. Molhou a ponta dos dedos e foi para a próxima imagem: um garoto com chapéu de vaqueiro brincando com um carrinho de madeira num tapete. Olhou o verso. 16 de setembro de 1961.

Todos os seus sentimentos ficaram aflorados, algo semelhante a desespero.

Guardou tudo e pegou a caixa para escondê-la embaixo da cama, mas ao passar pela sala, sentiu os músculos congelados quando avistou Bento parado na soleira da porta. O zelador franzino estava ao lado, sorrindo, com o gato Balduino embaixo do braço.

– Boa noite, Ivana — Bento falou — Chegou a hora de decorarmos seu apartamento. — Desviou a atenção para uma maleta médica que trouxera consigo.

Ivana gritou desesperada, atirando a caixa contra ele.

Bento caminhou na direção dela, e a vela que Ivana segurava caiu no chão.

Escuridão.

Dois meses depois...

O velho Santiago juntou os lábios em desacordo quando o corretor de imóveis o levou ao quarto andar daquele prédio antigo. Estava ofegante, com os músculos das pernas doendo depois de subir tantos degraus. Olhou para as paredes carcomidas, com tinta descascando, mal iluminadas pela ausência de bicos de luz no corredor.

– Não sei se esse lugar vale o preço do aluguel — comentou.

– Quer saber de uma coisa?! — O corretor colocou a mão em seu ombro antes que chegassem ao apartamento no fim do corredor. — Gostei de você e farei uma nova proposta. Cobrarei metade do valor. Isso porque está quase impossível encontrar pessoas que se dispõem a subir tantos degraus. Além do mais, o prédio precisa de algumas reformas. O que acha?

Entusiasmado, Santiago abriu um sorriso desdentado.

– Acho que conseguiram um novo inquilino — falou com voz animada.

Acelerou o passo, dobrando o pescoço para espiar o interior de um apartamento com a porta aberta. Lá dentro viu uma jovem parada, com olhar perdido, usando um vestido caipira, sentada num sofá. Em seu colo, um gato preto.

Pânico



◦

Depoimento n
Raphael Montes

Bebo o primeiro gole.

Nasci em uma cidade no interior de Minas Gerais chamada Pingo d'Água no ano de 1953. Meu pai era o maior fazendeiro da região naquela época, de modo que minha mãe ficava em casa tomando os devidos cuidados comigo e com meu irmão: costurava as nossas roupas, fiscalizava as empregadas, ensinava-nos a ler, a escrever e a jogar xadrez. Aprendemos também a nos portar bem à mesa e a tratar com cerimônia os convidados. Quando entramos na escola, eu e meu irmão avançamos sem grandes dificuldades os mistérios das letras e dos números e, sem dúvida, éramos os mais cultos do lugar.

Bebo o segundo gole.

Conheci a Lurdinha nos meus 15 anos. Era neta de uma das amigas de mamãe e morava em São Paulo. Vinha todo semestre passar as férias na fazenda dos avós. Pouco a pouco, Lurdinha me alimentou com as maravilhas da cidade grande. Alimentou-me também com essa sensação estranha que é o amor, entranhando-se lentamente em minhas carnes sem que eu sequer pudesse me dar conta.

Bebo o terceiro gole.

Meus pais receberam bem a minha decisão de cursar a faculdade em São Paulo. Eu e Lurdinha já namorávamos havia três anos e, agora que nos tornávamos adultos, não havia por que manter a larga distância que nos separava. Nos anos em que cursei Economia na USP, morei em um apartamento próximo à Paulista, financiado pela mesada que papai depositava na conta-

corrente. Foram mais dois anos até que Lurdinha saísse de casa e viesse morar comigo.

Bebo o quarto gole.

Os pais dela gostavam de mim e ficaram felizes quando falamos em casamento. Depois de cinco anos juntos, já era hora de constituir uma família. Eu e Lurdinha, com o tempo, havíamos estabelecido uma relação especial, desprovida de desconfianças ou medos, pautada no companheirismo diário. Parecia história de novela. Coisa boa mesmo de se viver.

Bebo o quinto gole.

Os gêmeos nasceram quase na mesma época em que a corretora fez sucesso. Um ano antes, terminada a faculdade, e decidido a não voltar a cuidar de fazendas no interior de Minas Gerais, tive a ideia de abrir uma corretora de valores para investir no mercado de ações, um ramo em franca expansão para a classe média naquela época. O boom dos investidores trouxe lucros inesperados e, uma vez que agora éramos quatro, comprei um apartamento maior para a nossa família.

Bebo o sexto gole.

Agora, olhando como tudo aconteceu, parece impossível explicar exatamente como se constrói tamanho império econômico. Lembro-me dos tempos da escola, da festa junina em que conheci Lurdinha, das madrugadas estudando gráficos e derivadas, do apartamentinho em São Paulo e dos meninos no berçário da maternidade. Não sei como cheguei ao que tenho hoje. A vida sorriu para mim. Deu-me uma mulher maravilhosa, filhos saudáveis, um conglomerado empresarial de bases sólidas, uma mansão no Morumbi, algumas casas espalhadas pelo mundo, mas...

Bebo o sétimo gole.

Isto não está certo. Tanta felicidade e sorte tecendo toda a vida de uma mesma pessoa. Basta olhar para o lado. O mundo está repleto de bosta. Criançazinhas estupradas, famílias padecendo de fome, de inveja e de câncer, colegas do

trabalho que querem te ver fodido, assassinos que matam pelo simples prazer de ver o sangue jorrar de um pescoço estraçalhado. Antevejo o dia em que o azar virá me cobrar o seu atraso. Antevejo a minha fortuna ruindo e a miséria a me fazer companhia. Antevejo uma dor me consumindo e me fazendo urrar. Antevejo o sequestro dos meus filhos. Antevejo a minha mulher — falsa por toda uma vida — fugindo para viver com o amante...

Do auge da minha felicidade, antevejo o meu fim e, antes que ele venha, bebo o último gole do café envenenado.

◦

Terra firme

Thais Messori

Foi por medo de avião... A música do Belchior foi a primeira coisa que veio à cabeça de Laura ao abrir os olhos. Acabara de ter um sonho estranho do qual não conseguia se lembrar direito. Algo relacionado à sensação de morte iminente, uma imagem distorcida da qual só conseguia identificar uma parte, os caracteres D14, uma garrafa de uísque. Mas nem disso tinha certeza, os pensamentos ainda estavam embaralhados pelo sono. Apenas a canção antiga parecia clara em sua mente, aquela letra que Laura vivia dizendo ser cafona, horrorosa, toda vez que o pai cantava para ela, brincando com seu pavor de encarar uma viagem aérea. E agora ela estava ali, sentada em uma poltrona nada confortável do Boeing X07, espremida ao lado de um gordo que parecia se achar no direito de ocupar parte do espaço além do que lhe fora reservado. Maldita classe econômica.

Voltou a fechar os olhos. Sentia que havia algo errado. Não, não era apenas a dor de cabeça ou a boca seca. Esses sintomas provavelmente eram reações adversas do remédio para dormir que tomara ao embarcar. Achara que seria uma boa estratégia passar o trajeto inteiro apagada sob o efeito do narcótico, deixando para ser acordada horas depois, quando já estivesse em terra firme novamente, com o toque suave da aeromoça em seu ombro. Mas, por alguma razão, o resultado não foi o planejado. O pai ria quando ela contasse sua pequena desventura, ele sempre achava graça de seu medo. Respirou fundo sentindo os olhos marejarem. Não, ela não contaria nada ao pai. Foi isso o que a levava até ali. Estava voltando para a cidade em que crescera para o funeral dele.

Como podia ter esquecido? Maldito Dormical, amnésia leve também estava na bula.

O jeito agora era relaxar, tentar não pensar no pai, guardar o luto para quando desembarcasse. Sentia que, se deixasse uma brecha para a dor, se começasse a chorar agora, poderia não parar mais. Precisava ficar calma, tinha que manter o controle, enfrentar o resto da viagem. Talvez faltasse pouco. Precisava ficar bem quietinha, esvaziar a mente, logo as aeromoças serviriam o lanche. Horrroso, claro, mas ao menos ajudaria a passar o tempo, a distrair a cabeça. Olhou para a janela ao seu lado, a escuridão lá fora engolia a aeronave fazendo com que o vidro refletisse o que havia em seu interior.

Laura nunca apreciara aviões. Como alguém poderia gostar, afinal de contas? Estar confinada naquele maquinário gigante, sem qualquer chance de escapar caso algo saísse errado. Ainda mais à noite, quando o cenário era bem pior, quando as probabilidades de sobrevivência pareciam estar contra ela. Por isso, toda vez que as circunstâncias a obrigavam a enfrentar uma viagem aérea, escolhia um assento na asa, especialmente num voo noturno. Era possível que fosse apenas uma ilusão boba, mas ver a luzinha vermelha piscando do lado de fora passava uma sensação de confiança, o alento de que tudo estava em seu lugar enquanto ela estava encarcerada na estrutura de metal. Não via a luz agora. Talvez estivessem passando por uma nuvem, não devia haver razão para se preocupar. Não ainda.

O homem ao seu lado roncou. Só então ela se deu conta do que parecia tão errado. Faltava um barulho, o ronco característico das turbinas. Tudo o que ouvia era a própria respiração ecoando em seus ouvidos. Estranho. Já era para terem decolado. Provavelmente já estava há horas no avião. Por quanto tempo dormira? Fez menção de mexer o braço para verificar que horas eram no relógio. Mas o braço não se moveu. Mais uma tentativa. Sem resposta. A pulsação acelerou. O que estava acontecendo? Sentia a veia saltando no pescoço enquanto continuava tentando fazer o movimento. Nada. Pelo canto do olho, conseguia ver

a ponta do relógio em seu pulso, parcialmente coberto pela manga vermelha do casaco. O ponteiro dos minutos apontando para o número três, o das horas escondido sob o tecido.

De repente, um barulho veio da parte de trás da aeronave. Soava como algo pesado caindo no chão. Laura queria ter se virado para trás, verificar o que estava acontecendo, mas o corpo não respondia a seus comandos. O ruído despertou o gordo a seu lado, que acordou sobressaltado. Ele se inclinou na direção da janela, a respiração quente atingindo o rosto de Laura, que continuava imóvel, presa em seu próprio corpo. Podia sentir o homem ali, próximo demais de seu rosto, exalando um hálito que era uma mistura de nicotina e goma de mascar de menta. Segurou a respiração. Precisava se encolher, mandá-lo se afastar, gritar um palavrão. Mas não conseguia se mover nem um centímetro sequer. Por fim, o gordo pareceu desistir da janela e se levantou, saindo do campo de visão de Laura, que fechou os olhos por um instante. Se o corpo permitisse, teria sorrido de alívio.

– A senhora se machucou? — perguntou uma voz masculina vindo da parte traseira da aeronave.

– Estou bem, obrigada.

Era isso, uma pessoa devia ter tropeçado a caminho do banheiro, nada de mais. Voltou a atenção para o próprio corpo, para o que realmente importava. Tinha que se mover, chamar a aeromoça, perguntar onde estava o ruído das turbinas. Bem que podia ser bobagem de sua cabeça, uma ilusão causada pela pressão no ouvido, pelo seu próprio medo. Mas ela precisava se certificar, assumir o controle, escutar alguém assegurando que tudo estava em ordem. Em sua mente, mandou que as pernas se erguessem. Não houve resposta. Buscou projetar o peito para a frente, ajeitar a cabeça, que estava largada em um ângulo desconfortável. Nada. A pulsação voltou a acelerar, a dor de cabeça, antes leve, se transformando em um latejar. Pelo canto do olho, podia ver algumas pessoas se movimentando no corredor entre as poltronas. Andavam de um lado para o

outro, gesticulando, pareciam discutir entre si. Suas vozes chegavam até Laura como sussurros distantes, não era capaz de decifrar as palavras ditas. Devia ser mais uma reação do remédio para dormir, embora ela não se lembrasse de ter lido nada relacionado à audição na bula. Maldita a hora em que tomara o Dormical. Maldito pavor de avião que a levara a buscar uma fuga no remédio. Tudo por causa daquele medo que a dominava desde pequena e que agora fazia sua garganta apertar, sussurrava em seu ouvido que havia algo errado com o avião. Sentia uma urgência em se mover e entender o que estava acontecendo.

Voltou a fechar os olhos, esse era todo o movimento de que era capaz. Acalmar-se, assumir o comando. Relaxar, não deixar o pânico tomar conta. A tensão só piorava as coisas. Talvez estivesse sonhando. Tinha que ser isso, um pesadelo embalado por seu medo de voar, por seu emocional fragilizado pela perda do pai e pelo maldito Dormical. Quem nesse mundo gostaria de ficar totalmente vulnerável diante de seu maior medo? Calma, Laura, vai ficar tudo bem, o pai diria se estivesse ao seu lado. Os dedos formigavam como se ela estivesse a ponto de romper a bolha, como se o estado de letargia estivesse pronto para se desfazer. Sim, iria conseguir. Tudo o que precisava era manter a cabeça no lugar, superar a aflição. Sairia dessa e nunca mais passaria perto de um comprimido. Sentiu os ombros se contraindo ao tentar erguer o braço. Estava perto, só um pouco mais.

O avião deu um solavanco, fazendo a respiração de Laura parar por um instante. O aviso de atar os cintos acendeu acima das poltronas. Deus, por favor, não! Mais um chacoalhar brusco, e ela sentiu o sangue se esvaindo do rosto. O formigamento cessou, estava de novo longe de se livrar da paralisia. As pessoas passavam apressadas pelo corredor, tentando voltar aos seus assentos, provavelmente. Agarravam-se nas costas das poltronas para se manter de pé enquanto o Boeing tremia subindo e descendo no ar com violência. Mas Laura não via ninguém uniformizado, nenhuma aeromoça, nenhum comissário de bordo. Onde estava a tripulação em uma hora dessas? Nem sequer ouvira o

piloto informando que passariam por uma zona de turbulência. Não demorou muito para o gordo voltar ao seu lugar, atando o cinto em um movimento desajeitado enquanto balbuciava uma Ave Maria. Ele virou o rosto na direção de Laura, segurou sua mão. O homem estava com as pupilas dilatadas, sua boca se mexia sem parar recitando a oração. Agora e na hora de nossa morte, na hora de nossa morte. Nossa. Morte. As luzes se apagaram por um instante longo demais. Laura soltou o ar. Era o fim. A hora de nossa morte, o gordo continuava a repetir. Ela sentiu uma lágrima escorrer em direção ao queixo, não podia morrer. Não agora, não daquele jeito. A mãe precisava dela, precisava voltar para casa, abraçar as irmãs, ir ao enterro do pai.

Laura apertou os olhos tentando se agarrar ao fiapo de racionalidade que ainda lhe restava. Era só uma turbulência, já tinha passado por isso antes. A mão esquerda doía esmagada entre os dedos suados do passageiro ao lado. Alguém berrou uma súplica misturada com soluços. Um homem chorava dizendo que não queria morrer. Deus, aquela não era uma turbulência comum, toda a aeronave estava em pânico. Talvez fosse mesmo o fim. Ouvia gritos e invocações a Deus. Um bebê chorava a plenos pulmões. Trezentas almas clamando juntas por suas vidas.

Aos poucos, a situação foi se normalizando, os tremores diminuíram, as orações e gritos cessaram. Laura sentia o corpo inteiro tremer, a garganta apertada. Ainda não estava livre para se acalmar, continuava paralisada. E se sua musculatura estivesse se atrofiando? E se o processo continuasse até que a garganta estivesse totalmente comprimida e ela não conseguisse mais respirar?

O gordo já não apertava sua mão, embora ainda a segurasse. Ela respirou fundo. Podia ser sua única oportunidade de pedir ajuda. Tinha que aproveitar que o homem ao lado estava mais calmo, dar um jeito de se comunicar com ele. Se esforçou para sacudir os ombros. Se ele percebesse o que estava acontecendo com Laura, podia tentar ajudá-la, jogar água em seu rosto ou algo do tipo. Nem um músculo se moveu, gotas densas de suor surgiam em sua testa, escorriam

pelo rosto. O aviso de atar os cintos se apagou sobre as poltronas. Ela não tinha muito tempo. A respiração estava entrecortada, o ar entrando em espasmos, saindo como um gemido. Se ao menos pudesse abrir os lábios, tinha certeza de que conseguiria emitir um som, ele a ouviria, a ajudaria a se livrar daquele estado de letargia.

— O pior já passou — ele disse dando um tapinha em sua mão. — Desculpa se eu te apertei forte demais.

Por favor, não vá, não me deixe aqui sozinha. Laura gritou sem emitir um som enquanto seu companheiro de poltrona desafivelava o cinto e se levantava sem nem sequer lançar um olhar em sua direção. Dois ou três outros passageiros também deixaram suas poltronas, conversando entre si sem a hostilidade anterior, comentando o que sentiram durante a turbulência. Nada melhor do que a proximidade de uma tragédia para unir um grupo. O bebê ainda chorava, mas nesse momento seu clamor era mais comedido.

Laura fechou os olhos, a dor de cabeça explodindo, os ouvidos zumbindo. Estava cansada de lutar para recobrar os movimentos, tinha perdido a batalha contra o corpo paralisado. Talvez não valesse a pena tanto esforço. De qualquer forma, quando aterrissassem e todos tivessem descido, alguém perceberia que algo estava errado com ela. Sim, era melhor tentar ficar calma. Quem sabe o gordo não tivesse razão, a parte perigosa havia acabado. Esse era o tipo de conselho que seu pai daria, mantenha a cabeça no lugar, menina, não deixe nada te abalar. Afinal, por que ela sempre precisava ter tudo sob controle? Pensando bem, podia ser isso o que tanto a apavorava em um avião, a total ausência de controle do indivíduo sobre seu destino diante de uma eventual falha mecânica, humana ou condição climática desfavorável. Mas, francamente, quais eram as probabilidades de ocorrer um desastre? Como o pai costumava dizer, as estatísticas mostravam que as chances de alguém morrer em um acidente de carro eram quase cem vezes maiores do que em um acidente de avião. Ele falava que só ficávamos tão impressionados com os desastres aéreos por causa do circo

que a mídia fazia cada vez que ocorria um. Ironia ou não, o pai agora fazia parte da estatística dos óbitos em acidentes envolvendo automóveis.

Se esforçou mais uma vez para conter as lágrimas. O pai que sempre tinha uma atitude positiva, não gostaria de vê-la chorando sua morte. Ele costumava dizer que, qualquer que fosse a situação, ela devia vestir seu melhor sorriso, erguer a cabeça, e o mundo então seria seu. Laura soltou o ar devagar. Era o fim de uma era. Sorrisos tinham saído de moda em sua vida.

Olhou para a janela. Pelo reflexo no vidro conseguia ver melhor o que acontecia na aeronave. Iria tentar se distrair, procurar ficar bem. Pelo pai. Devia isso a ele. Mas no reflexo, viu um homem sentado na poltrona logo ao lado da que o gordo estava ocupando até instantes antes. Devia ter ido parar ali correndo na hora que a aeronave começou a chacoalhar, aquele lugar estava vazio no momento do embarque. Ele tinha uma garrafa de uísque na mão e, vez ou outra, a levava à boca dando uma golada generosa. Laura nem sabia se era permitido consumir a bebida carregada na bagagem de mão durante a viagem. Bom, ela também não vira nenhum membro da tripulação para repreendê-lo desde que acordara, de qualquer forma. Teve a sensação de que sua sobrancelha tinha se franzido, mas podia ser apenas impressão, uma reação puramente mental. Lembrando agora, o cara da garrafa era o único passageiro que exibia um semblante tranquilo durante a turbulência. Enquanto todos gritavam e imploravam aos céus por suas vidas, ele segurava a garrafa com as duas mãos e ria a cada sacudida da aeronave. Ela sorriu mentalmente, a serenidade dos bêbados sempre a impressionou.

Como se estivesse ouvindo seus pensamentos, o bêbado olhou para Laura de sobrancelhas erguidas. Depois bebeu mais um gole e apontou o gargalo na direção dela sorrindo. Aproveitou que o gordo ainda não tinha voltado ao seu lugar e pulou para a poltrona ao lado de Laura.

— Tudo bem com você? — ele perguntou bem perto de seu ouvido. — Está tão quieta, mesmo com tudo o que aconteceu.

Os olhos dela se arregalaram. Precisava se comunicar com ele. Se o bêbado colocasse um pouco da bebida em sua boca, quem sabe conseguiria quebrar a paralisia. Fez força com o tronco, tentando projetá-lo para a frente, forçou a voz para gritar até sentir a garganta arder. Sem resultado. Apenas a pulsação se acelerando. O bêbado ao seu lado ria dando tapas na própria coxa.

— Ah... Já sei o que você tem — disse erguendo um dedo no ar. — Paralisia do sono.

Então era isso o que estava acontecendo. Talvez ele pudesse ajudá-la. O avião deu um solavanco fazendo o sangue de Laura gelar.

— Epa! Será que a diversão vai começar de novo? — ele disse sorrindo.

O bêbado começou a murmurar a música do Belchior, balançando o tronco de um lado para o outro. E então parou, como se tivesse se lembrado de algo que precisava ser dito.

— Conheço bem os sinais. Minha mulher costumava sofrer de paralisia do sono. — Fez uma pausa, bebendo um gole. — Mas isso foi antes, sabe? — Riu consigo mesmo. — Antes do dia em que ela não acordou.

Laura se debatia dentro do corpo congelado. Se ele sabia o que estava acontecendo com ela, por que não a ajudava?

— Foi um acidente, sabe? A minha mulher, eu... eu não tinha a intenção. Mas você não vai acreditar em mim. A polícia também não acreditou.

Ela sentiu os ombros se contraírem. Ele estava mesmo contando que assassinara a esposa? Aquele não era apenas um bêbado comum. A respiração foi ficando descompassada. As mãos suadas, a necessidade de sair de perto daquele homem crescendo a cada expiração. Onde diabos o gordo tinha se metido? Laura continuava tentando se mover, se soltar de seu corpo, que parecia petrificado como se os músculos tivessem sido desconectados do cérebro.

O homem aproximou o gargalo da garrafa do nariz dela. O cheiro forte de álcool invadindo suas narinas. Laura sentiu a garganta se contrair em um espasmo, como se estivesse prestes a engasgar.

– Já conversamos demais. Agora, fique paradinha aí — disse entre risadas.

Ele aproximou o rosto do ouvido de Laura e sussurrou algo, mas, em sua fala enrolada de bêbado, ela só conseguiu distinguir duas palavras: derrubar, avião.

O homem se levantou sorrindo para Laura e saiu de seu campo de visão. Ela sentiu a cabeça girar, as palavras do bêbado se intercalando com as do gordo. Derrubar o avião... a hora de nossa morte. O perigo era real. Teria sido com isso que sonhara? Só então se deu conta do que a imagem distorcida de seu sonho podia significar. Ela estava no assento F14, com a poltrona do gordo sendo a do meio, a do corredor seria a D14. Seria isso? Fazia sentido, aquele era o lugar em que o homem estava sentado até instantes atrás. Ela tinha que se mover, fazer alguma coisa. Apertou os olhos com toda a força. O estômago contraído como se tivesse o tamanho de uma noz. Acalmar-se. Precisava. Relaxar. Resgatou a imagem do pai, lembrou-se dele a tranquilizando quando ela era pequena e acordava assustada no meio da noite achando que havia monstros escondidos no quarto.

A reação veio tão rápida, que Laura só percebeu que tinha se movido quando o tronco se contraiu em um solavanco, projetando-a para a frente. Estava livre. Agora precisava encontrar o bêbado, alertar a tripulação sobre seus planos. Apertou os olhos enquanto tentava desafivelar o cinto. Com os dedos dormentes, não conseguia acertar o movimento. Tinha que ser rápida, impedir o bêbado. Respirou fundo, se concentrando na tarefa.

Finalmente conseguiu. Sentiu uma fígada na parte posterior da coxa ao se levantar. As pernas bambas, anestesiadas. Precisou se apoiar na poltrona da frente para não cair. Olhava em todas as direções sentindo o coração batendo forte. Seu olhar cruzou com o de uma aeromoça que esboçou uma reação de espanto, mas logo tratou de disfarçar transmutando a fisionomia num sorriso solícito. Nem sinal do bêbado.

Atrapalhando-se com os próprios pés, ela saiu de sua fileira de poltronas. As mãos tremendo. Sentiu um toque no ombro e virou para trás num impulso.

– A senhora está bem? — perguntou uma aeromoça.

– Me escuta — disse segurando os braços da funcionária. — Tem um homem bêbado aqui e ele me disse que vai derrubar o avião.

A aeromoça gentilmente tirou as mãos de Laura de si e franziu as sobrancelhas.

– Tudo bem, calma. Quando foi que ele te disse isso?

– Agora mesmo, logo depois da turbulência, ele sentou do meu lado e... por falar nisso, onde vocês estavam esse tempo todo?

A aeromoça inclinou a cabeça. Os demais passageiros a observavam demonstrando o mesmo espanto.

– Não entendi o que a senhora quis dizer. Estávamos aqui o tempo todo. E não havia ninguém sentado ao seu lado agora.

Laura meneou a cabeça, recuando um passo. Não estava louca. Sabia o que vira, o que ouvira. Um minuto atrás o bêbado estava lá, não era invenção de sua cabeça. Ela estava certa e iria provar. Virou-se para uma idosa que estava sentada na poltrona do corredor da fileira em frente à sua.

– A senhora viu um homem aqui do meu lado, não viu? — Falava gesticulando, as palavras saindo rápidas.

A senhora encolheu os ombros, negando com um gesto de cabeça. Laura apertou os olhos com as mãos. Não era possível.

– Tem certeza? Ele estava bebendo uma garrafa de uísque e...

– A senhora não pode importunar os outros passageiros. Ela já disse que não tinha ninguém ali — a aeromoça a interrompeu. — Agora, volte ao seu lugar e mantenha a calma.

– Não. Nada disso — disse se afastando da funcionária. — Eu preciso encontrar aquele homem, preciso saber.

Com as mãos erguidas, girou o tronco fitando os passageiros. Uns a encaravam de sobrancelhas erguidas, outros de olhos arregalados. Um casal cochichava entre si, uma senhora que devia estar na casa dos 70 a observava com ar de pena, um adolescente sacou um aparelho celular e começou a filmá-la.

– Como vocês podem estar tão calmos aí? — gritou. — Querem morrer, é isso? E se ele tiver uma bomba? Se for sequestrar o avião?

Percebeu que o sinal luminoso do banheiro indicava ocupado. Era isso, o bêbado só podia estar escondido ali. Começou a andar a passos largos em direção à frente da aeronave, o rosto virado para trás encarando a aeromoça. Trombou em outra funcionária que vinha no corredor. Desequilíbrio-se e acabou caindo sobre um passageiro. Ela se levantou rápido pedindo desculpas. Tinha caído sobre o pai do bebê, que a xingou quando seu filho começou a chorar. Ouviu pessoas fazendo comentários maldosos a seu respeito, sugerido que ela tinha surtado. Por que ninguém acreditava nela?

– Senhora, volte ao seu assento agora mesmo. Não nos obrigue a tomar medidas extremas — disse a outra aeromoça com tom de comando na voz.

– Isso, senta, sua maluca. Eu quero dormir — um homem gritou.

A porta do banheiro se abriu. Laura sentiu o coração dar um pulso. Ela tinha que ter razão, o bêbado iria sair dali. Todos veriam, e ela iria cobrar dele uma explicação para o que havia dito. Mas não foi o bêbado quem ela viu se espremendo para sair do cubículo. Era o gordo, que parecia assustado com a confusão. Ela sentiu a cabeça girar, as pernas ficarem bambas. O que estava acontecendo com ela? Teria mesmo imaginado tudo aquilo? Passou a mão no rosto suado. Talvez fosse mais uma reação do remédio. O bêbado não estava em lugar nenhum, podia ser uma alucinação. Era hora de colocar a cabeça no lugar, aceitar que estava errada.

De cabeça baixa, voltou ao seu lugar e afivelou o cinto. Sentia o rosto quente, nunca passara tamanha vergonha. Todos aqueles olhares sobre ela, os sorrisos maldosos, as piadinhas que deveriam estar fazendo a seu respeito. Ao fitar a poltrona à sua frente, ela sentiu a respiração falhar. Finalmente encontrara o bêbado. No compartimento em que ficam as instruções em caso de emergência e revistas, lá estava ele, sorrindo e erguendo uma garrafa de uísque. Sentiu o corpo

inteiro tremer de raiva. Uma maldita propaganda de revista. Tinha feito um escândalo, passara por louca por causa de uma imagem em uma revista.

O gordo voltou a sentar ao seu lado.

– Tudo bem ficar nervosa num avião. É uma situação estressante. Eu mesmo sempre fico com dor de barriga no meio do voo.

Ela forçou um sorriso. Até que ele não era tão ruim quanto pensara no primeiro momento. Uma aeromoça que passava pelo corredor parou ao lado deles.

– Senhor, se ela te incomodar, não deixe de nos chamar. Temos assentos vazios, caso queira mudar de lugar.

Ele dispensou a sugestão com um gesto. O resto da viagem transcorreu bem, mesmo que o gordo ficasse puxando assunto quando tudo o que Laura queria era sumir. Não houve outra turbulência, e ela não viu mais nenhuma pessoa que não estava realmente ali.

Quando pousaram no aeroporto, esperou sentada que os demais saíssem. Não queria ser mais uma vez alvo de seus olhares. Apanhou a pequena mala de rodinhas no bagageiro e se encaminhou para a saída sob os olhares da tripulação. Antes de deixar a aeronave, se desculpou mais uma vez, disse que estava muito nervosa.

Uma garoa fina caía do lado de fora. Laura inalou o ar fresco da noite. Finalmente estava livre, em terra firme. Apesar de todo o medo e da confusão, saíra ilesa do avião. Com certeza voltaria de ônibus para sua cidade, apesar de a viagem ser bem mais demorada. Fitou a escada de metal à sua frente. Lá embaixo, um ônibus cheio de passageiros esperava apenas por ela para dar a partida. Sua estratégia de evitá-los não havia funcionado.

Desceu o puxador da mala e a segurou pela alça. Deu o primeiro passo na escada molhada. Agarrava-se ao corrimão gelado, pontilhado por pingos de chuva. Tinha acabado de pôr o pé no terceiro degrau quando algo chamou sua atenção. Foi só por um instante, mas teve a sensação de que havia alguém atrás dela, pronto para empurrá-la. O estômago se contraiu, e ela se virou rápido para

verificar. Não havia ninguém. Abanou a cabeça rindo de si mesma. Estava enlouquecendo, só podia. Ao virar de volta para continuar a descer, o pé derrapou no piso molhado. Nem mesmo o reflexo de firmar a mão no corrimão foi suficiente para evitar a queda. Rolou escada abaixo junto com a mala, a cada batida do corpo contra os degraus uma nova dor, um novo ruído abafado de osso se partindo. Em meio à dor, as palavras do bêbado voltaram à sua mente, claras desta vez, como se ele estivesse sussurrando em seu ouvido enquanto seu corpo batia desajeitado contra as laterais da escada, contra os degraus. Só então ela entendeu, ele não tinha dito que ia derrubar o avião. O que ele dissera foi: Vou te derrubar do avião. No topo da escada, as aeromoças observavam a cena de olhos arregalados. Uma delas levou a mão à boca para reprimir um grito. Quando Laura finalmente atingiu o solo, já não era capaz de se mexer, a dor a paralisava. Olhou para cima, as gotículas de chuva vindo ao encontro de seu rosto causavam uma sensação agradável, estava em terra firme. Antes de desfalecer, a última imagem que os olhos captaram foi a do frasco do Dormical rolando em sua direção. Havia um código gravado em alto relevo no plástico da embalagem. Com a visão ficando turva, a imagem parecia flutuar diante dela. Tudo o que conseguiu identificar foram os caracteres D14.

◦

Daniel

Antonio Guerrieri

Há males que vêm para o bem. Jamais pensei que fosse concordar com esse ditado. Males sempre vêm para o mal. Mas não. Eu tive outra oportunidade. Eu sobrevivi. E agora tudo vai ser diferente.

Embora seja quase meio-dia, ainda estou esparramado na cama pensando sobre a vida. Elisa entra vestindo uma camisola insinuante. Vejo a barriguinha saliente. Tenho certeza de que serei um ótimo pai.

– Dani, tá na hora de acordar pra vida!

Adoro quando Elisa me chama de Dani. Minha mãe ainda faz cara feia quando minha esposa me chama assim. Para ela, meu nome será sempre Carlos Daniel. Eu odeio nome composto. Prefiro apenas Daniel. Dani, só para os íntimos.

– Tá bom, chega de pensar, pensar, pensar... — Eu me levanto completamente nu e vejo quando Elisa finge uma timidez, mas escaneia meu corpo. A genética sorriu pra mim.

Entro no chuveiro e, enquanto a água escaldante bate no meu corpo, me dou conta do quanto sou feliz. Neste país fodido, é difícil achar um cara com o emprego dos sonhos, uma mulher maravilhosa e, de quebra, um corpo sarado. No reflexo do blindex, admiro os meus atributos físicos. “I am the king of the world!”. Tradução: sim, eu sou foda!

O banheiro está tomado por vapor. Eu faço de conta que é a “fog” londrina. Talvez exagerei na temperatura da água. Elisa sempre briga comigo por isso. Uma vez minha pressão baixou tanto que desmaiei durante o banho. Pelo visto, não aprendo com os meus erros. Me enxugo, enrolo a toalha na cintura e

caminho até a pia. Mas, antes de alcançar o gel pra passar no cabelo, vejo escrito no espelho: “ASSASSINO”.

Mas que merda é essa? Passo a mão nos olhos, como se o gesto fosse apagar o que acabei de ler. Que brincadeira de mau gosto! Claro, só podia ser a Elisa. Ela entrou quando eu estava distraído para me pregar uma peça.

Saio ainda de toalha. Me observo no espelho da sala. Flexiono um pouco o braço, mas sem fazer pose de viado. Grito por Elisa. Ela não vem. Não estou a fim de rodar esse apartamento todo à procura dela. Grito mais alto.

— Tá maluco, é? Não posso nem cozinhar em paz? — Ela chega toda trabalhada na TPM.

— Foi você quem escreveu aquilo no banheiro?

Elisa contrai os músculos da face e levanta os braços, soltando um quase inaudível “o quê?”. Ela não sabe nem do que estou falando.

— Cê tá ficando doido? — ela inicia já com a voz um tom acima do normal. — Tô lá fora preparando as coisas pro almoço. — Ela para e pensa. — Escreveram o que no banheiro?

Desconverso. Se não foi ela, só pode ser coisa da minha cabeça.

— Vai, fala... o que tá escrito no banheiro? — ela insiste. Ela sempre insiste.

Começo a dizer “foi nada, não...”, mas ela passa por mim e dispara em direção ao banheiro. Está determinada. Insistente e determinada. Onde fui amarrar meu bode? Por sorte, o espelho já desembacou.

Chego por trás dela com um abraço apertado. Dou aquele cheiro no cangote, sabendo que ela vai esquecer o meu tom de voz alterado.

— Tô ficando maluco. Tinha nada escrito aí, não — digo de forma carinhosa, beijando o pescoço, dando mordidas na nuca. — Você tá certa. Não devo tomar banho muito quente.

Ela cai na minha. Adora quando a dou razão. Ela se vira já me beijando e desfazendo o nó da toalha. Melhor, impossível.

O almoço está servido. Chego morrendo de fome. O sexo abre meu apetite. Elisa está terminando de servir o famoso espagete à carbonara. Vamos comer na sacada. Como ainda não temos vizinhos, podemos fazer tudo o que quisermos ali. Até sexo. Se bem que não me importaria se vissem nossa performance. Alguém poderia aprender alguma coisa.

Me aproximo de Elisa e agarro sua cintura. Ela olha levemente em minha direção e dá um sorriso.

– Quando vamos colocar essa churrasqueira pra funcionar, hein, Sr. Daniel? — Ela passa o recado de forma carinhosa.

Realmente não tenho mais desculpas. Antes não havia comprado os utensílios necessários, mas agora está tudo ali, à minha disposição: facas, espetos e até um avental.

– Você sabe que adoro sua comida! — Faço cara de safado pra desviar a atenção da minha falta de proatividade. Beijamo-nos rapidamente e sentamos para comer. Uma mesa bem servida tem o seu valor. Elisa sabe que gosto dessas “formalidades”, como ela mesma diz, e faz de tudo para me agradar. Sirvo o vinho. Claro, só para mim. Ela bebe água por causa do bebê.

Elisa viveu na Itália por muitos anos e sabe a receita perfeita de carbonara. Usa o guanciale e o pecorino, no lugar do bacon e do queijo parmesão. Ela também sabe dosar exatamente o tempo de cozimento do ovo. Fica na textura correta. Eu já tentei fazer igual, mas sempre perco a mão. Sou um desastre na cozinha, mas as mulheres estão aí pra isso.

Elisa pergunta várias vezes se está tudo bem. Claro que está. Minha vida está perfeita, e ela deveria ver isso na minha cara. Me sirvo novamente. Dessa vez encho o prato. Chega de etiqueta. Pego meu garfo, prendo alguns fios de macarrão e vou rodando e puxando tudo o que consigo. Ponho os cotovelos na mesa e levo a cabeça até o garfo, para evitar qualquer acidente. Encho a boca. Elisa ri da minha transformação veloz de príncipe a ogro. Eu também não resisto e rio.

E engasgo.

No início me assusto, bato no peito, mas penso que vai passar. Não passa. Levo a mão ao copo de vinho, mas o que vejo é sangue. Estou ficando maluco? Eu largo o copo, e o vinho esparrama pela mesa. Elisa grita, descontrolada, como se isso fosse resolver alguma coisa.

Puxo o ar, e nada vem. O vinho borbulha dentro de mim, bloqueando qualquer passagem de ar. Estou afogando e morrendo aos poucos. Espanco o peito, mas tudo o que sai é um chiado rouco. Quando criança, adorava brincar com folhas de dormideira. Agora, sinto o meu pulmão se fechando como quando tocava nelas. Quanto mais me esforço, mais ele se fecha. Quanto menos ar, maior a agonia. O sangue busca oxigênio, corre para as extremidades. Se pudesse, saía de dentro de mim para buscar o ar do exterior. Sinto meus olhos pulsarem, a cabeça latejar.

Para completar essa morte humilhante, mijo na roupa. Que morte tola! Como ele morreu? Engasgado. Quanta humilhação! Existe alguma morte que não seja tola? Olho ao redor, procurando algo pontiagudo para enfiar no pescoço e liberar o ar. Já vi isso em algum filme. Não acho nada. Já não ouço mais Elisa gritar, embora ainda a veja com a boca aberta. Ouço um apito. É um monitor cardíaco de hospital. E o meu está contínuo. Estou perdendo os sentidos. Que morte tola... Caio no chão e apago.

Estou dentro do carro com Elisa. Ela está descontrolada. Grita e xinga feito uma histérica. Será que bebeu? Cheirou alguma coisa? Ela sacode o meu telefone, como se eu tivesse feito algo errado. Eu não consigo me lembrar. Sei que estava engasgando. Pra mim, os sonhos vinham apenas quando dormimos. Não sabia que ao morrer também sonhávamos. Bem, eu nunca havia morrido antes para saber disso. Sinto o impacto. Meu corpo é lançado para a frente. O airbag se abre e cacos de vidro se esstraçalham para tudo quanto é canto. O meu mundo gira. Literalmente. E eu acordo.

Elisa está com a cara em cima de mim. — Você tá bem? — ela pergunta com receio.

— Pensei que tivesse morrido — respondo quase insatisfeito.

Ela me abraça. O amor é lindo. Estou mijado e posso sentir o cheiro de vômito subindo da minha camisa. Mas ela me abraça.

Eu levanto ainda sem entender o que aconteceu. Tiro a camisa vomitada e caminho até o banheiro. Elisa me segue perguntando se está tudo bem. Perguntando demais. Sempre demais. Não sei se estou sentindo vergonha, medo ou apenas irritação. Provavelmente o meu tom de voz se altera quando digo pra ela calar a boca. Eu quero ficar sozinho, quero tomar um banho, quero que o meu dia volte a ser perfeito.

Acontece que nada mais está perfeito. Começando pela água do chuveiro, que não quer esquentar. Tenho que escolher entre o frio e a sujeira. Odeio ter que escolher entre duas coisas ruins, mas opto pela primeira. Pelo menos não corro o risco de ler mensagens estranhas no espelho. Então percebo que a mensagem que vi mais cedo não era um ataque contra mim. Era um aviso. Alguém tentaria me matar. Quando saio do banho, só consigo pensar que tinha algo na minha comida. Eu fui envenenado! Talvez tenham colocado algo no meu vinho. O vinho de sangue. Era a única explicação.

— Tem mais alguém aqui em casa?

— Que eu saiba, não. Só se você deixou entrar sem me falar.

— Pois eu acho que tem, sim. Alguém colocou algo na minha comida pra me matar. — Estou seguro disso.

— Cê tá me acusando de alguma coisa, Daniel? Porque não vejo mais ninguém aqui. — Ela mexe os braços em várias direções. Não é uma boa atriz. Elisa nota que não estou acreditando nela e vira o jogo.

— Ninguém saiu dessa casa... ninguém entrou nessa casa. — Ela continua, visivelmente alterada. Então explode pra cima de mim. — E cê sabe por quê? Porque estamos os dois trancados aqui desde aquele maldito acidente!

Boom! Ela tocou no assunto. Eu pensei que fosse um sonho. Mas o acidente aconteceu. De alguma forma minha mente não quer falar sobre aquilo. Esse é um assunto proibido entre a gente, e ela sabia. Eu me irrita.

– Cala... essa... boca — digo pausadamente, sem saber de onde saiu tanta ira.

– Para de fugir, cara. Fingir que aquilo não aconteceu só tá piorando as coisas. Cê não tá vendo que tá pirando? — Ela não me obedece.

Por que ela está fazendo isso comigo? Ela me ama. Não deveria me magoar. E o nosso filho? Ele não pode ficar exposto a esse tipo de conversa. Ela deveria apenas se calar.

– Você precisa de ajuda — ela diz com desprezo. — Não vê que tá vivendo uma ilusão? — Ela não vai parar. Estava tudo bem até agora. Apenas eu, ela e o nosso filho.

Elisa se aproxima de mim, séria. — Você pensa que tem o controle de tudo, mas não é assim. Quando eu quiser, eu acabo com essa encenação toda. — Ela olha no fundo dos meus olhos, como se lesse a minha alma. — Eu só tô com você porque te amo... na saúde e na doença, se lembra? Mas uma hora minha paciência vai acabar. — Ela sabe ser enfática quando quer.

– Então é só você fazer como combinamos e não tocar mais nesse assunto de acidente — digo com mais calma.

– Então é só VOCÊ fazer como combinamos, e tratar de acabar com os seus demônios antes que eles acabem com você. — Elisa bate o indicador algumas vezes no meu peito. Ela me dá um último olhar, um ultimato, e sai.

Vou para o quarto e acabo dormindo com as palavras de Elisa reverberando na cabeça. Quando acordo, ouço vozes na cozinha. Levanto e saio me arrastando. Então paro abruptamente. A voz que escuto não é de Elisa. Tem outra pessoa com ela na cozinha. Eu sabia! Me aproximo. Estou de meias, então faço pouco barulho.

– Você consegue! Não é tão difícil assim, é só deixar tudo pra trás... — diz uma voz que não reconheço.

– Eu te amo — Elisa murmura.

– Agora só depende de você!

Puta que pariu! Elisa está me traindo. E com uma mulher. A outra voz é um pouco grossa, mas não tenho dúvida que é uma mulher. Eu corro até o quarto. Entro no closet e vou direto ao cofre. Eu o abro e ali estão exatamente da forma que deixei: as chaves da porta, o celular de Elisa, algum dinheiro e minha arma. Então como ela entrou?

Fecho o cofre e parto em direção à cozinha. Não vou deixar barato. Como a Elisa pode ser sapata? E eu beijei aquela boca imunda. Trepei com aquela vadia. Já demonstro minha indignação antes de chegar. Grito por ela. Esbravejo.

– Cadê você, sua filha da puta? Traidora... — Adentro a cozinha, furioso, e Elisa solta um grito agudo demais:

– Que que é isso, Daniel?

Eu perco o foco. Elisa está sozinha. E eu estou com a arma na mão. Não me lembro de tê-la pegado antes de fechar o cofre.

– Cadê a sua amante? Fala pra mim, fala... — Quando estou com raiva, movimento muito os braços. Minha arma dança na frente de Elisa.

– Cê tá maluco? Abaixa essa arma antes que machuque alguém. — Ela põe a mão na barriga para me convencer.

– Cadê ela? Fala logo! — grito e começo a abrir armários, chutar móveis. Não teria dado tempo de ela sair. Só podia estar escondida em algum lugar.

— Ela quem, Daniel? Não tem mais ninguém nesse lugar. — Elisa tem uma reação que eu não esperava. Ela também começa a abrir portas e gesticula demais. — Porque você me trancou nessa casa. Escondeu a chave. Pegou o meu maldito telefone. — Ela começa a me socar. E a chorar. Eu não sei o que fazer quando alguém chora perto de mim. Guardo a arma na cintura. Uso as duas mãos livres para impedir que Elisa me machuque. Mas ela continua a me bater. Eu a seguro com mais força e dou uma sacudida.

– Eu ouvi a voz de uma mulher aqui com você. — Quando digo isso, Elisa me encara inexpressiva. — Você disse que a amava — continuo, com lágrimas nos olhos —, e ela disse pra você largar tudo. — Eu a solto e me sinto envergonhado. Abaixo a cabeça e me viro pra outra direção.

– Daniel, cê tá perdendo a cabeça. A gente sai daqui, procura ajuda. Eu tô com você, meu amor. Não vou te entregar à polícia. — Elisa põe a mão em meu ombro, mas eu a empurro.

Ela que está louca. Só porque eu a tranquei em casa por alguns dias não quer dizer que eu possa ser preso. Não fiz nada com ela. Eu a amo. Somos parceiros na dança e na vida.

– Você pode sair a hora que quiser — digo sem lembrar ao certo por que estou com as chaves e o celular dela.

Elisa ri, debochada. — Me dá a chave, então! — Ela estende a mão para mim, e eu tenho a certeza de que não darei. Ela vê isso em minha expressão. — Você nem lembra que a gente já teve essa conversa antes — ela começa calma e depois se altera. — Mais de uma vez! — Eu só quero te ajudar, Dani.

É a primeira vez que a gente conversa sobre esse assunto. Por que ela está fazendo isso comigo? Ela sabe que eu a amo, e nunca faria nada para machucá-la. O mundo lá fora é perigoso, é frio, é triste...

– Aqui a gente tá feliz! — Como fazê-la entender que a liberdade é perigosa?

– Feliz até alguém descobrir sobre o acidente. Até eles acharem o seu carro destruído na garagem. Até eles te convencerem que você matou uma pessoa, Daniel. Porque EU não consigo fazer você acreditar nisso!

– Eu não matei ninguém! — me defendo.

– Ah, vai continuar negando? Mas eu te lembro quantas vezes for preciso. — Ela grita cada vez mais. — Você provocou um acidente e fugiu. Fugiu e deixou as pessoas ali pra morrerem.

– Por que cê tá fazendo isso comigo?

– Porque eu te amo, Dani. Mais cedo ou mais tarde, você vai ter que lidar com a verdade.

Talvez eu tenha contado do meu sonho para ela. Elisa começou a usar uns bagulhos fortes depois que perdeu a mãe. Eu já disse a ela pra parar. Ainda mais agora que está grávida. O meu problema é só a bebida. Mas bebo socialmente. Às vezes eu passo dos limites, eu sei. Mas Elisa, não. Ela não é capaz de subir aos palcos sem cheirar nem que seja uma carreirinha. A abstinência já está afetando a percepção dela da realidade. Ela fala de “negação” comigo, mas é ela que está nessa parada de luto. Eu li sobre isso no Google. Quando a pessoa perde alguém importante, ela pode passar por diversas fases até aceitar tudo. A primeira é a negação. “Denial” é até mais bonito. Ela quer transferir isso pra mim. É uma forma de ela não olhar para o próprio umbigo.

– O cara tá todo ferrado no hospital, Daniel. Mas ele quer te ver. — De que cara ela está falando? Como ela sabe disso?

– Vem cá, meu amor. Me dá um beijo, vai — digo. Sexo! O sexo é a única coisa que nos une ultimamente. Na cama a gente se entende muito mais. Basta que eu a faça me querer. Eu estou sempre pronto pra ela, mas mulheres são seres traiçoeiros. Elas conseguem controlar seus impulsos primitivos.

– O cara mexe com essas paradas de igreja e tal — ela continua. — Disse que precisa te ver. Te perdoar. Disse que vai ser bom pra você.— Ela vai falando e aceitando os meus beijos. — Assumir nossos problemas é o primeiro passo. — Eu concordo com tudo. Ela pergunta se eu prometo que vou procurar o cara no hospital. Prometo tudo o que ela quiser nessas condições. A gente transa ali mesmo no chão da sala.

Não tem nada melhor do que fazer as pazes com sexo.

(...)

Percebo quando Elisa olha por cima do meu ombro para confirmar se estou dormindo. Eu continuo fingindo que sim. Ela se levanta e vai em direção à cozinha. Já está de noite.

Eu também levanto. Sei que existe algo que ela está me escondendo. Ouço novamente a voz grave. A outra mulher voltou. Ou nunca saiu. Não estou doido. Pego a arma que ficou jogada junto com meu moletom no chão e passo pela porta de correr em direção à cozinha.

– Tô com medo da reação do Dani. Não sei se ele vai entender — Elisa diz.

– Claro que vai: o amor aprisiona, mas também liberta — diz a voz pesada e arrastada.

Está escuro, mas vejo Elisa de frente para uma mulher um pouco mais alta que ela. Próximas demais. Íntimas demais. A mulher está encoberta pela escuridão. Não consigo distinguir muito sua fisionomia. Apenas o formato do cabelo: curto e escorrido. Levanto a arma e tento acender a luz, mas nada acontece. Elisa está de costas pra mim. Não vejo mais ninguém à sua frente. Mas tenho certeza de que havia alguém ali. Elisa se vira para mim com a lâmpada na mão.

– Elisa... você tá bem? — pergunto com o coração na boca.

– Maria... meu nome é Maria. — Ouço a voz grossa saindo da boca de Elisa.

Abaixo a arma e tenho medo de me aproximar. Eu não acredito em espíritos. Mas é a primeira explicação que me vem à mente.

– O que você quer de mim? — pergunto, me sentindo estúpido. Espíritos sempre querem algo de alguém.

Elisa se aproxima de mim. Não vejo sua íris castanha. Apenas a parte branca dos olhos. Ela retorce os lábios. Minhas pernas tremem. A arma se torna pesada.

Me sinto ofegante, embora esteja imóvel.

— Tô aqui pra te ajudar — Maria diz sem muita emoção, aproximando-se de mim. Depois continua: — Na saúde e na doença... até que a MORTE os separe. — A luz da sala atrás de nós ilumina minha esposa. Elisa contrai o semblante como se algo doesse, e Maria está nas sombras logo atrás dela.

Maria e Elisa são agora pessoas diferentes. Eu consigo lidar com essa informação melhor. Jogo a arma em direção à sala para não assustar minha esposa. Elisa não se move, mas vejo seus lindos olhos castanhos. Ela está perdida. Eu tento ajudá-la.

— Acho que você teve um ataque de sonambulismo, meu amor. Venha aqui... — Estendo a mão, sem querer ir em direção a ela.

Embora Elisa não entenda o que está acontecendo, ela me obedece. Talvez por instinto, talvez por letargia causada pela possessão. Maria se irrita. Ela dá um passo à frente, deixando o seu rosto se revelar na luz da sala. Ela suporta a dor por alguns segundos. Vejo ossos, músculos e vermes. Não escondo meu espanto. Ela retorna à sua posição de conforto na escuridão e sorri, mostrando grandes presas.

Eu puxo a mão de Elisa e fecho a porta de correr. Maria se lança contra a porta, causando um estrondo. Elisa se vira, assustada com o barulho, mas não parece enxergar Maria. Eu, por outro lado, vejo um corpo putrefato. Vermes saem do globo ocular de Maria. Alguns já estão amassados na porta de vidro. Maria abre a boca, tentando falar algo, mas tudo o que se vê são dentes podres e uma gosma que escorre pelo vidro. Ela me encara e dá alguns passos para trás, desaparecendo na escuridão da cozinha.

Corro para acender as luzes da casa. Pego a lanterna que guardo na gaveta da sala. Elisa finalmente sai da apatia. Agora está histérica atrás de mim, fazendo perguntas que ainda não posso e não sei responder: “o que tá acontecendo?”, “o que você viu que te deixou assim?”. Ela me segue até o closet, sem conseguir se acalmar. “Eu não quero morrer!”, “E o nosso filho?” Eu ponho a senha no cofre

e erro. Não consigo me concentrar com Elisa descontrolada. Eu respiro fundo e tento novamente. Nada de o cofre abrir. Eu preciso pegar a chave e sair dali o mais rápido possível. “Fala comigo, Daniel.” Elisa grita cada vez mais alto.

– A chave da porta tá dentro do cofre. Dá pra ficar quieta? — digo e tento novamente a senha. Não abre. Eu soco o cofre, em vão.

– Eu não posso mais ficar aqui com você! — Elisa caminha para longe de mim. Eu tenho um momento de paz. Tento abrir o cofre novamente, e nada.

– Socorro... alguém me ajuda. — Ouço Elisa gritar a plenos pulmões. Ninguém vai nos ouvir. Estamos em um prédio recém-construído. Foi um investimento de risco dos meus pais. O terreno fica em um local ainda sem residências. Elisa provavelmente está gritando da sacada em direção ao breu.

Breu. É tudo o que Maria quer. Corro até Elisa. Tarde demais. Ela tem os olhos brancos novamente. Segura uma faca de churrasco apontada para a barriga. Meu filho!

– Não! — eu imploro. — Não faça nada com eles. A gente pode conversar... o que você quer de mim? — Não tenho outra opção. Preciso ganhar tempo. O interruptor da luz da varanda está a uns dois metros de distância. Eu também não estou certo se o simples fato de acender a luz vai impedir que ela os mate. — Fala comigo... eu faço qualquer coisa que você quiser. — Dou alguns passos em direção ao interruptor.

Elisa abre a boca, mas não é a voz dela que sai. É a voz de Maria: fria e embolada. Exatamente como eu sentia em filmes de terror. Ela está possuída por um espírito, e eu não tenho a menor ideia do que fazer.

– Acabe com os seus demônios antes que eles acabem com você — ela repete o que minha mulher disse mais cedo.

– E quando nossos demônios são mais fortes que a gente? — questiono, e dou mais alguns passos em direção ao interruptor.

– Se você pode criá-los, pode também destruí-los. Comece com o Pedro... encontre o Pedro. — Eu me arrepio. Ver minha esposa desse jeito me assusta.

– Eu não sei quem é Pedro — digo com sinceridade. Mas até que ponto somos sinceros com nós mesmos?

Ela ri. — Pedro é o homem que você destruiu quando entrou naquele carro.

O homem que está internado. Só pode ser ele. Elisa disse que ele queria me ver.

– Tá bom, tá bom... eu vou até o Pedro. Mas solta a Elisa primeiro. — Logo eu, sempre tão cético, argumentando com um espírito.

Maria move a cabeça de Elisa em sinal negativo. Depois aponta para a porta da sala, que se escancara diante de mim, como se explodisse. Eu protejo o corpo, certo de que algo me lançará contra a parede. Nada. Encaro Maria. Se ela pode fazer isso com a porta, o que poderia fazer com Elisa?

– Eu prometo que vou ao hospital... falo com o Pedro... Mas antes você solta a minha esposa — digo, me aproximando cada vez mais do interruptor.

“Agora”, diz a voz gutural de Elisa. Analiso a situação. Tenho poucos segundos para acender a luz da varanda e, caso não funcione, correr até Elisa e salvá-la. “AGORA!”, Elisa grita e pressiona mais a faca. Eu olho para a porta. Mas decido arriscar.

Lanço-me para cima do interruptor de luz. Ouço um grito estridente, e objetos de vidro se estilhaçam ao meu redor. Eu consigo acender a luz da varanda. Olho para fora e vejo Elisa em choque. Ela está sangrando com a faca enfiada na barriga.

De novo sinto o ruído de um monitor cardíaco dentro da cabeça. A respiração fica curta, a vista embaçada, mas eu tenho que chegar até minha esposa. Felizmente a luz acesa expulsou Maria dali.

– O que eu fiz com o nosso bebê? — Elisa olha para as mãos ensanguentadas, enquanto me aproximo. Ela sabe que se esfaqueou, mas não entende o porquê. Ela estava com medo de mim. Mas agora não confia nem em si mesma.

– Não foi você, meu amor. Fica calma. — Como explicá-la sem parecer doido? Eu a conduzo até a sala e a deito no sofá. A maior parte da faca pende para fora.

Elisa, em choque, continua com as mãos no objeto com medo de se ferir ainda mais. Por sorte Maria não teve mais tempo. Eu acredito que não tenha passado pela placenta, mas o que eu sei de medicina?

Ouvi dizer que não se deve retirar objetos cortantes do corpo de pessoas, pois aumenta o risco de hemorragia. Mas vou contra essa orientação. Respiro fundo, me concentro para não tremer e puxo a faca. Elisa grita de dor. Não posso arriscar que Maria termine o que havia começado. Vejo o sangue escorrendo. Retiro a camisa e a pressiono no corte.

Eu não havia notado: estou cheio de hematomas pelo corpo. O que Maria havia feito comigo? Eu penso rápido: a porta continua escancarada. O corredor, porém, é o meu inimigo. Está escuro lá fora. Pego a lanterna e digo rapidamente a Elisa contra o que estamos lutando e sobre a necessidade de não apagar as luzes.

— Espírito? Eu tenho que ir para o hospital. — Elisa tenta se levantar, ainda sem acreditar em mim.

— NÃO! — eu grito e a empurro de volta ao sofá. — Primeiro eu vou lá fora pra acender as luzes. Acredita em mim! — eu imploro. Vejo medo em sua face: não de Maria. Medo de mim!

— A gente tá perdendo a cabeça... eu pensei que podia te ajudar, mas tava errada. A gente tá colocando a vida do nosso filho em risco. — Elisa tem certa razão no que diz.

— Acredita em mim: é um espírito que não suporta a luz!

— Daniel, não existe espírito. — Ela chora, e me corta o coração. — Se eu não for ao hospital agora, nosso filho vai morrer.

Ela está certa. Mas se ela sair nessa escuridão, todos nós vamos morrer. Eu tento convencê-la uma última vez.

— É aquela mulher que morreu no acidente — eu demoro a aceitar que esse acidente de carro aconteceu, mas agora faz sentido. — Eu a vi. Ela quer que eu procure um tal de Pedro... deve ser o marido dela. — Digo tudo de forma

pausada, esperando que Elisa perceba que eu não perdi o juízo. — Você não disse que ele queria falar comigo? Que ele queria me perdoar ou algo do tipo?

— Então vamos juntos pro hospital. Me deixa levantar, vai!

— Confia em mim — digo, mantendo-a deitada. — Eu vou resolver tudo. — Dou um beijo em sua testa, levanto e parto em direção ao corredor. Antes de sair, olho de novo pra ela. — Haja o que houver, não vá pro escuro!

Penso em levar a arma. Mas que diferença fará contra um espírito? Acendo a lanterna e encaro a escuridão. Infelizmente ainda não havia sido instalado o sensor de movimento no prédio. Eu teria que andar até o meio do corredor para acender as luzes.

Dou passos pequenos. Minha lanterna não é das melhores e ilumina uma área muito pequena. Sinto a presença de alguém na escuridão. Depois, ouço um som abafado e cacos de vidro caindo no chão. Levanto a lanterna em direção ao ruído. Na altura da porta do elevador, um vulto desliza pelo teto. A lâmpada está quebrada. Ilumino outras duas lâmpadas mais perto de mim. Todas quebradas. Resta apenas uma última ao fim do corredor. É lá que Maria está.

Mesmo trêmulo, acelero o passo, com a lanterna apontada para o teto. Não posso deixar que Maria destrua minha última esperança. Inspecciono novamente o teto com a lanterna até que a vejo. Ela se prende de cabeça para baixo, agachada como uma aranha. Quando menos espero, ela está olhando para mim.

O feixe de luz ilumina o seu rosto carcomido. Ela protesta com um guincho e muda de direção. É agora ou nunca. Corro até os interruptores. Maria pode estar em qualquer lugar. Bato nos botões como se fosse o final de uma prova do Big Brother. Mas apenas a última lâmpada se acende.

O restante do corredor continua no escuro, porque a filha da puta estourou as outras lâmpadas. Eu quero me mover, mas não consigo. Ilumino todos os lados, procurando Maria. Nem um sinal. Sinto um cheiro pútrido invadindo minhas narinas. Meu estômago se contorce. No segundo que ilumino o piso, o espírito avança e vomita no meu rosto. Balanço a lanterna na minha frente, enquanto

limpo meus olhos com a outra mão. Vou cambaleando em direção à luz, até que escorrego na gosma que cobre o chão. Minha lanterna rola para algum canto. Eu me empurro e rastejo em direção à luz. Sinto a presença de Maria bem atrás de mim. Mas não olho para trás.

– Não fuja de mim, Daniel — diz a voz que parece ser gravada em rotação mais lenta que o normal.

Eu tento ser veloz. Engatinho e escorrego algumas vezes. O fato de estar sem camisa impede o atrito do meu corpo com o chão. Eu me viro em direção à escuridão e vou aos poucos impulsionando o corpo para fora dela. Tronco, barriga, pernas... então algo perfura o meu pé direito. Eu o puxo com força, e a face de Maria invade a luz com um sorriso macabro. Ela tira as presas do meu pé, solta um grito de dor e volta a sumir na escuridão.

Eu rastejo até o final do corredor. O mais distante possível das sombras. Do lado oposto vejo a luz fugir de dentro do meu apartamento. A porta continua aberta. Mas eu não posso chamar Elisa pra me ajudar. Colocaria a vida dela também em risco. Minha perna direita está dormente. Esquadrinho a área iluminada em busca da lanterna, mas ela provavelmente rolou em direção ao breu. Merda. Não tem como as coisas ficarem piores. Mas ficam.

O vulto de Elisa surge na porta. Uma mão pressiona o sangramento na barriga. A outra aponta a arma para mim.

– Fica onde você tá. — Elisa caminha com dificuldade, mas em breve será envolvida pelas sombras. — Eu vou sair por esse elevador e você não vai se mover, entendeu? — ela grita a última frase e balança o revólver na minha direção.

– Por favor, não se mexa, meu amor. Fica aí... eu imploro — suplico, mas ela não me ouve. Ela continua a caminhar e, aos poucos, é tomada pela escuridão. Eu falo de novo sobre Maria. Em vão.

– Você tá doido, Daniel. Tá até falando sozinho... — ela diz, chorando. Ela não pode ver Maria. Apenas eu. — Vou procurar ajuda pra mim e pra você. — Ela

chega até o elevador e aperta o botão.

Eu levanto com dificuldade, me apoiando na parede. Quero que Maria venha até mim e deixe Elisa sair em paz. Mas algo dentro de mim diz que isso não vai acontecer. O elevador chega com um sinal sonoro. Quando as portas se abrem, vejo Maria feliz nas sombras que se formam atrás de Elisa. O espírito sorri para mim. Puro deboche.

– Entra... vai logo! — eu grito, balançando as mãos e pulando em direção à Elisa. E ouço um tiro.

Não posso acreditar. Ela teve coragem de atirar em mim.

– Eu falei pra você não se mexer... eu falei... — Elisa se desespera e abaixa a arma.

O susto é maior que a dor. O tiro passa de raspão no meu ombro esquerdo. Minha concentração se volta para Maria, que toca as partes íntimas de minha mulher e olha para mim com escárnio.

Não tenho muito tempo para pensar. Eu me esforço o máximo que posso e me impulsiono com a perna boa. Um, dois, três pulos e já estou próximo de Elisa. Vejo Maria cravando suas presas em minha mulher e se fundindo nela. Passo o braço direito pelo pescoço de Elisa e deslizo o meu corpo para suas costas em uma chave de braço. Elisa protesta, berra, guincha. Está mais forte do que o normal. Ela se debate, e nós caímos para trás. Uso meu corpo para proteger nosso filho, mas sinto todo o impacto da queda. Meu ombro dá o sinal de que foi baleado. Eu cerro os dentes para conter a dor. Elisa se debate, tenta morder o meu braço, bate o corpo contra o meu. Eu tenho que aceitar a dor e me focar na arma que está em suas mãos. Preciso fazer algo urgente, antes que eu me machuque, ou machuque minha mulher.

O elevador é minha chance. Tenho que arrastar Elisa até a luz que sai de dentro dele. Se eu tivesse força na perna direita e se meu ombro não doesse tanto, seria mais fácil. Reforço a chave de braço sem usar a mão esquerda de apoio, pois devo usá-la para evitar que Elisa atire em mim. Utilizo o máximo de força da

perna esquerda e começo a nos empurrar em direção à luz. Maria percebe o meu plano.

Ela dispara contra as luzes do elevador. Tento atrapalhar ao máximo a mira. Fazer com que ela erre o alvo. Mas no segundo tiro, ela acerta o espelho, que se desfaz em pequenos pedaços no chão. No terceiro tiro ela acerta o quadro de controle do elevador. Eu giro o corpo com dificuldade, para que ela não fique de frente para o alvo. Ela solta o revólver e começa a me arranhar. Ouço o apito que indica que as portas estão se fechando. É o meu fim.

Então eu tenho duas opções. Tentar salvar Elisa, ou me salvar. A porta está para se fechar, quando eu estendo a mão direita para bloqueá-la. Acontece que, para isso, eu solto o pescoço de Elisa, e ela se vira para me atacar. Primeiro me protejo apenas com a mão esquerda. Assim que a porta do elevador se abre de novo, eu uso também a mão direita para me defender dos ataques. Recebo unhas no rosto, no peito. As unhas parecem lâminas penetrando em minha pele. A dor é excruciante.

Elisa avança o rosto contra o meu e morde meu maxilar, arrancando um pedaço de pele e músculo. Ela sorri com minha pele entre os dentes e o sangue escorrendo pela boca. Eu não sinto mais dor, não sinto medo... tudo o que eu sinto é raiva do que aquele monstro fez com a minha esposa. Maria mastiga e engole o meu tecido. Eu urro de ódio e consigo achar um espaço com a perna esquerda. Meto o pé no meio de sua barriga e a empurro. Sei que posso matar o meu filho, mas não tenho outra opção. Forço a perna para cima, impulsionando também o corpo, e viro Elisa por cima de mim, lançando-a dentro do elevador.

Ela bate as costas nos cacos de espelho. Eu me viro e vejo minha mulher gemendo de dor. A luz bate direto nela. Fico feliz com o que estou vendo. “Morre, desgraçada!”, é o que eu consigo pronunciar. Me esforço para ficar de pé. Elisa está se debatendo dentro do elevador. Eu não deixo que ela saia.

Vejo quando o vulto de Maria se desprende da minha mulher e cambaleia procurando uma sombra. Eu entro no elevador, aperto o térreo, mas mantenho a

mão na porta. Estou feliz em vê-la sofrer. Quero que Maria desapareça de uma vez por todas. Então ela se vira pra mim. A pele podre se desprendendo do rosto, os globos oculares vidrados em mim, um líquido viscoso sai da boca que não consegue mais se fechar. “Morre!”, eu a encaro com raiva. Então ela olha para a barriga de minha esposa e sorri.

Eu consigo ler o seu olhar. E não tenho tempo de fazer nada. Solto a porta o mais rápido que posso. Mas ela se lança dentro da barriga de Elisa. Dentro do meu filho. A porta se fecha, e o elevador desce. Elisa está como da outra vez: sem saber o que aconteceu. Ela olha para mim como se eu fosse o culpado. Do nada ela grita e põe a mão na barriga. Parece contração do parto, mas minha esposa está no quinto mês de gestação. Impossível. Elisa se contorce e rasga a própria roupa, tamanha a dor. Ela geme e se debate no chão. Eu observo a barriga da minha esposa crescendo a olhos vistos. Ela grita, pedindo para parar. Eu sei exatamente o que está acontecendo. Maria a está destruindo por dentro. Está usando o meu filho para isso. Vejo pequenas mãos esticando a barriga da minha esposa. Olhar aquela cena me dá um nó na garganta. Eu ponho as mãos por cima da barriga de Elisa. Tento avaliar se ela aguenta chegar até o hospital. Elisa urra, e a bolsa se rompe. Ela se debate e implora pra que eu o faça parar. Não sei o que está acontecendo. Até que vejo um rosto maligno surgir na pele da minha esposa. É Maria zombando de mim. Ela mastigou a placenta e está devorando minha esposa de dentro pra fora. Ela vai conseguir. “Até que a morte os separe”, ouço a voz de Maria em minha cabeça.

O elevador para no sétimo andar. Eu levo a mão à porta e exijo que Maria saia da minha esposa. Está escuro lá fora. Exatamente como ela gosta. Vejo um dedo de criança atravessando a barriga da minha mulher através do buraco aberto pela faca. O dedo se curva e força uma abertura maior, e eu sei que Maria não vai desistir. Deixo a porta se fechar e pego o pedaço de espelho mais pontiagudo que encontro no chão. Choro quando enfio o espelho dentro da barriga da minha esposa e o sinto atravessar meu filho.

(...)

Chego ao hospital com Elisa no colo. Tudo está em câmera lenta. Eu sei que grito, e todos me olham, assustados. Ninguém me ajuda. Seguramente nunca haviam visto um homem sem camisa, todo arranhado e sangrando, puxando de uma perna, carregando uma grávida no colo com um espelho saindo da barriga. Não, é demais para qualquer um. Não sei como cheguei ao hospital. Não me recordo de nada mais depois do meu último ato de desespero. Empurro portas e peço ajuda. Nada. Até que abro uma porta e dou de cara com Pedro. Ouço bips de diversas máquinas, o chiado angustiante de respiradores artificiais.

Ouço também uma mulher dizendo “Nós vamos te ajudar. Não fique com medo.”

Estou dentro do carro com Elisa. Ela está descontrolada. Grita e xinga feito uma histérica.

– Um homem, Daniel... um HOMEM? — Ela me soca, sem se importar se estou guiando.

– Você não devia ter feito isso, Elisa... Não devia.... — Estou desconsolado.

Ela vomita dentro do carro. Uma gosma fétida e abundante sai junto com o restante do conteúdo estomacal. Ela grita e põe a mão na barriga.

– A culpa é sua... cê vai ter que viver com isso, seu gay de merda!

Eu buzino e ultrapasso sinais vermelhos. Talvez se eu chegar ao hospital a tempo, eu consiga salvar o nosso filho. Elisa sacode o celular na minha cara.

– Aposto que o Pedro — ela diz o nome com escárnio — tem um pau enorme que você adora.

– Para com isso, Elisa. Isso não é motivo pra matar o nosso fi... — Ela me corta.

– Eu não vou ter filho de BICHA! — Ela chora. Está arrasada. E eu sei que errei. Sei que a culpa é minha. Mas ela não tem o direito... — O Pedro te chama de “Dani”... que romântico, né? — continua — Ninguém mais te chama de Dani... só o namoradinho. Quero ver quando sua mãe souber.

– Você tá nervosa. Não tá na hora da gente conversar sobre isso...

– Ouve bem, seu moleque: você matou nosso filho... foi VOCÊ que matou nosso filho...

Eu olho para ela com pesar. O que eu fiz? Eu destruí minha família. E então sinto o impacto. Meu corpo é lançado para a frente. O airbag se abre, e cacos de vidro se estroçalham para tudo quanto é canto. O barulho é ensurdecedor. Algo se desprende do carro e acerta meu maxilar. Se não fosse a adrenalina, sentiria o buraco que ficou no meu rosto. Sou apertado e esmagado de todas as maneiras. Até que o carro para. Não vejo Elisa do meu lado. Na verdade, não existe carro do meu lado. Me dou conta que o carro foi partido ao meio com o impacto. Eu ainda estou preso pelo cinto. Levo a mão para retirá-lo, mas ele não se desprende do meu corpo. Puxo um objeto metálico do ombro esquerdo que atravessou o cinto e a minha carne. Cerro os dentes para controlar a dor. Minha perna está presa. Engraçado que não a sinto. Não sinto a perna direita. Empurro um bloco de plástico retorcido de cima da minha coxa e consigo me desprender. Sangue por todos os lados. Retiro a camisa e a rasgo para fazer um torniquete. Tenho que achar Elisa.

Saio ainda tonto, me apoiando no que sobrou do carro. Ouço vozes de pessoas se aproximando. Elas dizem para eu não me mexer. A ajuda está a caminho. Eu insisto, e um senhor me ajuda a chegar até a outra parte do carro. Elisa está lá, com uma barra de metal atravessada na barriga. Eu levanto a sua cabeça e digo que a amo. Eu choro e me agarro a ela. As pessoas tentam me tirar dali, mas eu

não quero. Quero ficar com ela. Quero morrer também. A voz de Elisa ecoa na minha cabeça: “A culpa é sua.... a culpa é sua... a culpa é sua”.

Pisco os olhos e estou na cama do hospital. Vejo minha versão imaginária de pé, segurando o corpo de Elisa. Uma lágrima escorre pelos meus olhos, como um adeus. A imagem desaparece lentamente. Um rosto surge na minha frente, feliz.

– Daniel, você tá com a gente? Dá um sinal se puder me ouvir. — Eu mexo um pouco a cabeça. — Sou a Doutora Maria, tô cuidando de você. Fica tranquilo.

Sinto todas as dores que se podem imaginar: físicas e emocionais. Me recordo dos momentos em que saía do coma, mas não podia me expressar. Sei que amputaram minha perna. Me lembro das piadinhas sobre o meu peso — lidar com obesos dá um trabalho enorme para os funcionários do hospital, eu sei. Então por que me trouxeram de volta? Infelizmente não posso dizer nada, porque tenho um tubo enfiado na garganta.

Não dizem que há males que vêm para o bem? O coma é o paraíso se comparado a esse lugar. Um paraíso criado pela minha mente doentia e preconceituosa. Uma mente cheia de padrões que eu permiti que estivessem ali. Mas algo me trouxe de volta. E eu agora tenho que enfrentar os meus demônios para ser feliz.

Alguém se aproxima da cama e segura minha mão. Eu tenho dificuldade pra girar a cabeça. Mas o vejo de soslaio, e meus olhos se enchem de lágrimas. Pedro está chorando, agarrado à minha mão.

– Dani, me desculpa não estar há mais tempo com você... Seus pais não deixaram. — Ele se sente culpado. — Foi a Doutora Maria que os convenceu... e deu certo! — Ele sorri pra mim.

Se eu pudesse, retribuiria o sorriso. Queria dizer que foi ele que me fez voltar. Sempre que ele conversava comigo, e eu ouvia “Dani”, sabia que havia felicidade fora da minha negação.

◦

Leo, Lucas, e

a Loucura

Mário S Pinheiro

A doutora Castro estava sentada em sua cadeira de couro preto, segurando uma pasta azul em frente ao rosto, mergulhada na leitura de um formulário que recebeu pelo correio. A médica passava a maior parte do tempo em seu consultório de psiquiatria. Não tinha vida pessoal. O trabalho e os clientes, a maioria antigos, eram a sua família.

Ela lia sobre um cliente em especial, que precisava demais de sua ajuda naquele momento, Leonardo, um jovem recluso e solitário de 17 anos. Leo fazia terapia há pouco mais de um ano. Sofria do algo que ela supunha ser terror noturno. Para a doutora, tudo indicava que suas privações de sono eram consequência das trágicas mortes de seu pai e do irmão, Lucas.

O único parente vivo do garoto era a mãe que ela nunca conhecera.

Assim como a psiquiatra, o colégio de Leo havia tentado contatar a mãe diversas vezes, mas ela nunca se fez presente. Então, há três dias, o diretor havia solicitado que o conselho tutelar intercedesse junto à família, para que o aluno fizesse uma avaliação num instituto especializado.

Ela queria prepará-lo para essa situação, já que o jovem era avesso a intromissões pessoais.

Isso pode isolá-lo ainda mais. E já fizemos muito progresso. Pensou. No entanto, Leo não compareceu às últimas sessões e também não retornou suas mensagens.

Convencida de que precisava conversar com a mãe e conseguir informações para fechar um quadro clínico mais robusto, a doutora decidiu realizar uma visita

domiciliar. Pegou sua bolsa, a pasta azul e saiu.

Leo rabiscava num caderninho que balançava em seu colo quando o ônibus parou bruscamente. A caderneta escapou dos dedos e caiu no assoalho. Rápido e nervoso, ele buscou suas anotações, olhando para os lados, checando se algum passageiro notara. Como se alguém naquele ônibus que faz o trajeto entre o centro e a periferia tivesse algum interesse no que o bicho do mato escrevia. De posse outra vez de seu companheiro inseparável, Leo cravou a caneta para concluir seu pensamento.

O motorista do veículo girou a cabeça sobre os ombros e encarou o rapaz com os olhos esbugalhados. Não queria perder tempo, aquela era sua última viagem do dia. As segundas-feiras já são intermináveis, não precisavam da ajuda daquele estrupício. Leo ergueu-se em um salto e enfiou o bloco de anotações no bolso da jaqueta. Apressou-se através dos bancos, encabulado com o olhar dos passageiros ao lado e os risos que vinham do fundo. No degrau para descer, o rapaz encarou o motorista que o ridicularizou sem dizer uma palavra. Leo lançou sobre ele um olhar vazio e distante... O olhar do Lucas.

O motorista então engatou a primeira e pisou no acelerador, obrigando-o a saltar. Assim que o ônibus se distanciou, Leo começou a caminhar por uma estrada de cascalho levemente íngreme e cercada de árvores. Um pé depois do outro. Passos curtos que retardavam seu regresso ao lar, desacompanhado como sempre.

Leo nunca se sentiu sozinho.

Lucas era sua companhia.

Assim que avistou a propriedade, deixou a estrada e seguiu por um curto trecho de paralelepípedos até a entrada. Os portões de madeira verde-musgo, grandes e pesados, estavam escancarados, sustentados por largas colunas de

tijolinhos sujos e desgastados pelo tempo. O número da residência era pintado em um azulejo branco e retangular, logo abaixo da placa que indicava o monitoramento 24h de uma empresa de segurança patrimonial.

Leo nunca se sentiu seguro com aquilo.

Lucas o protegia.

Passando o portão, veio o caminho de terra em declive, margeado por um meio-fio estreito de concreto. À sua esquerda, um barranco tomado pela vegetação e cortado em alguns pontos por trilhas irregulares. Desceu mais alguns passos, parando ao lado de um chalé grande de alvenaria. Leo observou com atenção, no intuito de ouvir algum som que pudesse revelar a presença de alguém lá dentro. A longa espiada no lugar o distraiu por alguns instantes, mas um barulho na vegetação resgatou-o de seu transe. Continuou a descida pela terra batida, passando por um velho fusca enferrujado e encardido, abandonado há anos, com os pneus furados cercado pelo mato que margeava aquele percurso. Uma curva à direita deixou o chalé fora de vista.

O sol já havia despencado atrás das árvores, e a noite chegava rápido nessa época do ano, talvez para fazer companhia ao frio. O barulho na mata parecia perseguir Leo. Todavia, isso nunca o incomodara. Ele hesitou somente quando os olhos encontraram sua casa. A casa do falecido avô, agora a casa da mãe... A casa do Lucas.

A construção grande e rústica ao fim da estrada tinha uma varanda larga e mobiliada por sofás e poltronas de vime com estofado estampado. Apenas um degrau separava o piso de lajota escura da terra batida. Leo saltou sobre ele, empurrou a porta e entrou. Seguiu em direção ao corredor que dá acesso a outros cômodos sem perceber a mulher sentada na sala de estar.

– Leonardo — chamou a mulher.

Ainda antes de sumir de vista, ele se virou.

– Dra. Castro? — Seus olhos reluziram de curiosidade.

– Não esperava me ver aqui, não é?

– Não a essa hora — afirmou, retornando para perto do sofá.
– Vim para conhecer sua mãe. Que horas ela chega?
– Já deveria estar aqui.
– Toquei a campainha e ninguém apareceu. A porta ficou aberta, e tomei a liberdade de entrar. Estava escurecendo, e confesso que fiquei com medo. Aqui é bem afastado da cidade.

O rapaz andou até a porta e olhou ao redor procurando outros visitantes indesejados.

– Não quer se sentar? — a médica sugeriu.

Leo obedeceu. Ele sempre obedecia.

Lucas não era assim.

Sentou-se no sofá do outro lado da mesa de centro, de frente para ela.

A doutora pegou a pasta azul que estava na mesa junto a sua bolsa e se recostou.

– Por que não apareceu mais nas consultas, Leonardo?

– Porque você também está do lado deles. Quer me internar, eu sei.

– Não é uma internação. É um instituto para tratar distúrbios do sono.

– Não preciso dessas coisas — disse irritado. — Nossas sessões de terapia são o suficiente.

– O colégio não pensa assim, você sabe. Eles insistem nessa avaliação.

O comportamento de Leonardo no colégio era encarado pelo diretor com preocupação. O jovem demonstrava alto grau de isolamento, mostrava-se desconfiado de tudo e de todos.

– Eles não gostam de mim por lá — disse com os punhos cerrados. Contudo, sua voz se manteve suave como a de um menino amedrontado.

– Liguei no colégio. Sua antiga conselheira tutelar vem amanhã cedo falar com sua mãe.

– Ela não pode vir aqui — Leo bradou, inconformado.

— Sabia que não ia gostar, por isso eu vim. Solicitei informações suas também — ela abriu a pasta no colo —, e eles me enviaram o seu fichário escolar.

A doutora pegou uma das folhas, e o rapaz desviou os olhos.

O que aqueles velhos sabem sobre mim?

A doutora iniciou a leitura do prontuário.

— Leonardo é um jovem educado e inteligente. Porém, não se relaciona com outros alunos ou professores. É avesso ao contato físico, até mesmo aos cumprimentos formais. Senta-se no fundo da sala, regularmente com os olhos mareados, indicando cansaço e sono. De repente desperta e corre para o banheiro para vomitar, causando risos nos colegas de turma...

Leo se levantou e andou pela sala, interrompendo a leitura.

Colegas! Eles não são seus colegas. São garotos imbecis que merecem uma lição.

Leo sempre os evitou.

Lucas os ensinaria a respeitar.

— Eu não sabia que estava vomitando, Leonardo. — disse a médica. — Não falou sobre isso nas nossas consultas. O que anda tomando? — Devolveu a pasta à mesa. — Drogas são perigosas, você sabe... Eu só quero ajudar. O instituto é uma boa opção.

— Mamãe não quer que eu vá para esse lugar. Preciso ficar aqui e cuidar dela.

— Gostaria de falar pessoalmente com sua mãe sobre isso.

Houve silêncio por um minuto enquanto Leo raciocinava.

— Preciso ir ao banheiro — afirmou o rapaz, desaparecendo no corredor.

A doutora levantou e andou até a porta. Lá fora já estava escuro, o vento chacoalhava as árvores e a temperatura caía rápido. Era sempre assim na região do vinho.

Minutos depois, o jovem anfitrião retornou com um sorriso murcho. Leo gostava da doutora, sabia que ela realmente queria ajudá-lo. Apreciava as

conversas que tinham nas sessões e sentiu falta quando parou de ir. Todavia, ele sabia que o tratamento que ela sugeria poderia ser um risco.

– Gostaria de conhecer a casa, doutora? E minha coletânea de anotações?

Escrever era a única atividade que lhe dava prazer. Ele já falara sobre isso no consultório. O relatório do colégio confirmou que estava sempre rabiscando num bloco de notas do qual não se separava.

A médica concordou. Precisava reduzir a tensão de toda aquela conversa. Seguiu o rapaz e entraram no segundo cômodo à direita. No quarto, havia cartazes do time do Atlético Paulistano colados na parede. Uma estante cheia de medalhas, luvas de goleiro e uma camisa de manga longa vermelha e preta com o número “1” costurado nas costas. Um armário, uma cômoda, e uma cama de solteiro com edredom colorido.

– Interessante — comentou surpresa. — Bonito — disfarçou.

A psiquiatra examinou tudo com o olhar aguçado. Nada ali lembrava seu paciente, exceto os porta-retratos na penteadeira, junto de um antigo despertador de corda. Fotos de Leo na infância. Nenhuma com os pais ou o irmão.

De repente, ela ouviu a porta bater às suas costas e o som da fechadura sendo trancada.

– Leonardo? — Gritou e correu em direção à porta. Forçou a maçaneta seguidas vezes. — Leonardo, abra agora! — ordenou.

– Só quando a minha mãe voltar — falou o rapaz no corredor.

A doutora continuou a chamá-lo insistentemente, batendo na porta. Protestos que com o passar do tempo transformaram-se em pedidos de socorro, todos em vão. A casa ficava longe da estrada, numa área pouco povoada. Era improvável que seus gritos fossem ouvidos por alguém. A médica tentou abrir a janela, mas estava travada. Escancarou as portas do armário para encontrar algo que a ajudasse a sair, mas só havia roupas. Empurrou a cama, subiu na cabeceira e vasculhou as caixas no maleiro. Contas velhas, nada mais. Sentou-se no chão, encostou na parede e abraçou as pernas.

Tudo isso é ridículo, vai acabar logo. A mãe deve estar chegando. Alguém vai aparecer, e pedirei socorro. Possibilidades que traziam conforto.

Contudo, o tempo é implacável, e já no início da madrugada as certezas desmoronavam. O desejo de se libertar foi assombrado pela incerteza. Durante a noite, a doutora socava a porta e, de tempos em tempos, ouvia passos zanzando no corredor, acompanhados de resmungos incompreensíveis. Mas nenhuma resposta às suas súplicas.

A impotência e o medo foram seus companheiros noturnos. A fome e a sede também pressionavam a doutora, quase sobrepujavam seu temor.

Nunca pare de raciocinar. Era o que ensinavam na residência em psiquiatria. “Estudos científicos provaram que o outro pode sentir o cheiro do seu medo.”

— Não posso ter medo agora — a doutora resmungou — Preciso sair daqui, preciso fugir.

A prisioneira levantou rápido. O mais rápido que conseguiu, considerando a fome e as pernas dormentes. Escolheu o maior dos porta-retratos que estava sobre a cômoda. Abriu a gaveta, pegou uma camiseta e enrolou na mão. Depois, socou o vidro, separou um pedaço pontudo e enfiou no bolso da calça. Jogou o resto dos cacos na gaveta e devolveu o porta-retratos ao local original. Duvidosa quanto ao seu plano e apreensiva com a possibilidade de ferir Leo, ela se sentou aos pés da cama.

Tudo era surreal. Não acreditava no que estava acontecendo. Nada daquilo se encaixava na sua rotina ou poderia ter sido previsto... Ou será que poderia?

Foi alguma coisa que fiz? Baixou os olhos, buscando em sua mente algum motivo.

Por que ele está me mantendo aqui?

O barulho da porta sacudindo devolveu a doutora à realidade. Ela hesitou em correr naquela direção. A chave torcendo o ferrolho emitiu um som esperançoso, mas apavorante. Logo o jovem paciente surgiu a sua frente.

— Leonardo! — esbravejou a médica.

– Doutora... Você ainda está aqui?

Seguiu-se um silêncio perturbador.

– Graças a Deus você voltou — disse a psiquiatra, tentando assumir o controle.

— Preciso que preste atenção. Você me trouxe ao seu quarto e me trancou. Não se lembra?

– Esse não é o meu quarto, é o do Lucas. — Deu um passo à frente. — Mamãe não quer ninguém aqui. Só o Lucas pode entrar!

– O Lucas morreu antes de vocês se mudarem para cá. Pense!

O rapaz sacudiu a cabeça de um lado para o outro, mostrando-se nitidamente confuso.

– Isso está errado. Não era para você estar aqui.

– Então me deixe ir. Prometo que nunca voltarei.

– Pare de tentar me enganar. Lucas me alertou que as mulheres são manipuladoras. Assim que sair daqui, vai chamar a polícia.

– Prometo não contar a ninguém se você voltar às consultas, tudo bem? Quero te ajudar.

A doutora, experiente, percebeu a insegurança em seu olhar e continuou pressionando.

– A sua tutora está vindo. O que vai fazer? Trancá-la no quarto também?

Não seria uma má ideia — Leo pensou. Não gostava daquela baixinha troncuda. Ela dificultou sua saída do abrigo quando sua mãe teve alta. Tentaria separá-los de novo.

– Sei que posso convencer a conselheira a desistir do Instituto — disse a médica.

Leo hesitou. A argumentação era convincente. No entanto, havia um problema do qual a doutora não tinha ciência. E seria inviável contar.

– Não, obrigado. Vou esperar minha mamãe. Ela saberá o que fazer.

– E onde está sua mãe, Leonardo? — A psiquiatra perdeu a paciência.

– Lucas vai trazê-la de volta — afirmou ao se virar para sair.

– Não! — a médica o encarou. — Vamos procurá-la juntos. Eu ajudo.

A prisioneira passou por ele, mas assim que pôs o pé no corredor, os braços de Leo a agarraram por trás. A médica pegou o vidro do bolso e o enterrou no braço do rapaz. Leo gritou de dor, mas não largou.

Usando toda a força que lhe restara daquela noite exaustiva, ela jogou as pernas para o alto e empurrou os pés contra a parede. Os dois tombaram para trás. Leo bateu com a cabeça no chão, e seu bloco de notas escapou da jaqueta e escorregou para baixo da cômoda.

Nos segundos em que ficou zozzo, ela se levantou e correu. Saiu pela porta da frente, apavorada, pisou em falso no degrau da varanda e caiu no chão. Ergueu o rosto sujo de terra procurando a saída. Postes de luz distantes demais uns dos outros forneciam pouca iluminação. Insuficiente para guiá-la com segurança para fora da propriedade.

– Volte aqui. — O grito de Leo transbordou da casa.

A doutora se levantou rápido, mas quando começou a correr, ouviu o latido de cães vindo do fim da trilha e avançando pelo negrume da noite. À sua direita, a mata fechada. Atrás o cárcere e seu algoz. Ela disparou para a esquerda e encontrou uma escada de concreto que descia por um barranco. Foi tateando com os pés nos degraus, sem ver quase nada.

– Apareça, doutora! Preciso falar com você.

A voz vinha de fora da casa.

A fugitiva avistou a claridade de uma lâmpada vinda do meio do mato e correu naquela direção. Bateu num banco de madeira chumbado ao chão e caiu novamente. Tornou a se levantar. Mal começou a correr e seu corpo mergulhou em água fria. Quando emergiu, puxando o ar para os pulmões congelados, percebeu que caíra dentro de uma piscina. Desesperada, se empurrou por braçadas até a borda, mas um obstáculo bateu em seu corpo. Aproximou os olhos e identificou o cadáver de um homem desfigurado que estava boiando.

A doutora gritou. Lançou a perna sobre a borda e rolou para fora d'água. Correu de volta e se atirou entre as folhas na lateral na escada. O grito denunciou sua posição. Logo ouviu o barulho do tênis do rapaz esfregando no concreto, descendo devagar os degraus. A médica tremia, vítima do frio e dos pensamentos sombrios que cercavam sua imaginação.

O outro pode sentir o cheiro do seu medo.

A psiquiatra inspirou fundo, segurando a respiração.

Leo parou no fim da escada. O corte no braço gotejava sangue incessantemente. Ele seguiu em frente, sem vê-la, pouco conseguia enxergar.

Aproveitando que o inimigo se distanciou, ela subiu os degraus engatinhando, sem fazer barulho. Ao fim da interminável escalada, chegou ao caminho de terra. Não ouviu mais o latido dos cães, era sua chance de fugir.

Assim que se levantou, sentiu um braço em torno do seu corpo. Um pano úmido foi pressionado contra o seu rosto, cobrindo as vias respiratórias. A doutora reconheceu o cheiro, e tentou se desvencilhar, mas logo ficou sem fôlego. O vapor do éter inundou os pulmões e mergulhou na corrente sanguínea, rumo ao cérebro. O corpo parou de se debater. Leo segurou a mulher pelos braços e a arrastou para dentro da casa. Entrou no quarto e a colocou na cama.

Mais calmo, passou sua mão no rosto dela, afastando os cabelos da boca e dos olhos.

— Desculpe — disse o rapaz. — Não queria te machucar, mas lá fora é perigoso para você.

Leo estava aturdido, as coisas saíram do controle. A mãe não retornava, e ele não sabia o que fazer. Temia que só Lucas pudesse trazê-la de volta. Era a única opção.

Leo se levantou e foi até cozinha no fim do corredor. A prisioneira jazia ali, inconsciente. A porta do quarto ficou aberta, como ela desejou a noite toda. Em questão de minutos, ele retornou, segurando um vestido florido com botões grandes da gola à bainha. Tirou a roupa molhada da doutora, exceto as peças

íntimas, e a vestiu com o vestido. Revirou a última gaveta da cômoda, até que encontrou um meião esportivo de cano longo. Do antigo uniforme de goleiro do Lucas. Amarrou uma das pontas do meião no pulso esquerdo da mulher, juntou os braços, e amarrou a outra extremidade no direito, atando os dois. Não podia se arriscar a outro ataque como aquele. Ela quase conseguira escapar.

Leo foi muito displicente.

Lucas não cometia esses erros.

Novamente o jovem saiu. Minutos depois, voltou com um sanduíche num papel-tolha. Duas fatias de pão de forma recheadas de queijo e presunto e um copo de achocolatado. Ajeitou tudo sobre o criado-mudo, pegou a roupa da médica, saiu e trancou a porta.

Leo entrou no lavabo do corredor. O braço escorria sangue, e ele o enfiou embaixo da torneira. Pressionou o corte com a blusa úmida da doutora para estancar o fluxo. Caminhou até o sofá, sentou-se e recostou a cabeça no encosto.

Foi então que Leo viu a bolsa da psiquiatra esquecida sobre a mesa de centro. Curvou-se para a frente e despejou seu conteúdo. Na maioria, itens de maquiagens e higiene pessoal. Porém, um pequeno aparelho eletrônico chamou atenção. Um gravador portátil, igual aos dos jornalistas.

Leo o segurou perto do rosto e vistoriou o painel. Abriu o compartimento e achou uma fita cassete no interior do aparelho. Nela havia uma etiqueta colada com o nome “Leonardo”. Fechou a tampa e rebobinou a fita. Em seguida colocou o gravador na mesa e o deixou tocar.

A voz da doutora espalhou-se pela sala.

“Segunda feira, 23 de março de 98. Paciente Leonardo C. Monteiro.

Possível distúrbio pós-traumático. Foi um caso amplamente divulgado pela mídia.

Leonardo vivia com o pai, Oliver Monteiro, a mãe Tamara, e seu irmão Lucas, filho do primeiro casamento do Sr. Monteiro. Casaram-se quando o menino tinha 5 anos.

Na noite de 5 de outubro de 94, por volta das 23h, Lucas, com 17 anos, entrou no quarto da madrasta e tentou violentá-la. O pai chegou em casa, ouviu a mulher gritando e correu para o quarto. A esposa estava seminua, e o filho segurava uma arma. O Sr. Monteiro se atracou com ele para desarmá-lo. Durante a luta, o revólver disparou, atingindo o pai. Tamara foi até o marido para socorrê-lo. Lucas, desesperado, correu para o térreo e se trancou no escritório. Leonardo, com 12 anos, ficou escondido em seu quarto. Pouco depois, outro disparo foi ouvido e Tamara ligou para a polícia pedindo socorro. A polícia chegou, arrombou a porta do escritório e encontrou Lucas caído no chão, sem vida. A Sra. Monteiro permaneceu internada por onze meses, com sintomas de luto patológico. Agia como se a tragédia não houvesse acontecido. Leonardo ficou em um abrigo para menores nesse período. Depois se mudou com a mãe para casa que foi dos avós.”

A gravação parou por três segundos, e reiniciou.

“Quarta feira, 25 de março de 98. Leonardo. Primeira consulta.

Avançamos pouco hoje. O rapaz se esquia das perguntas pessoais. Não citou a mãe nenhuma vez, mas fala como se o irmão ainda estivesse vivo...”

Leo desligou o gravador bruscamente e se levantou.

– Ela gravou tudo — bradou inconformado, passando a mão na cabeça. — Que idiotice...

Furioso, ele jogou no chão objetos que estavam sobre o aparador da lareira e apoiou as mãos na parede com a cabeça baixa. Permaneceu imóvel por algum tempo.

De repente, se virou com os olhos faiscantes, foi até o gravador e o arrancou da mesa.

– Leonardo, você sempre foi um idiota — gritou a plenos pulmões. — Um fraco que nunca teve coragem de fazer o que era preciso. Vamos consertar essa porcaria.

Pegou as roupas molhadas e saiu pela porta da frente.

Não se ouviu nada por um quarto de hora.

A doutora entreabriu os olhos. Um ruído vindo de fora da casa a despertou. Não sabia por quanto tempo dormira. Na fresta da janela de madeira, não viu nenhuma claridade.

Ainda é madrugada, concluiu.

Logo se deu conta dos pulsos amarrados sobre o corpo, e se assustou ao perceber que usava um vestido e não a sua roupa. Voltou a atenção mais uma vez para o barulho no quintal. Alguém estava cavando um buraco, então o medo retornou.

Com esforço, ergueu o tronco e jogou as pernas para fora da cama. Viu o sanduíche e a caneca no criado-mudo. Lançou as mãos amarradas sobre ele e revezou as mordidas no pão com longas goladas no achocolatado. Estava faminta e com sede. Mastigava sem despregar os olhos da porta. Não terminou o banquete, se levantou e correu para a maçaneta.

Trancada.

Olhou para a janela. O barulho da pá fincando na terra parou.

Seus olhos buscavam qualquer coisa que pudesse ajudá-la, e viu embaixo da cômoda o bloco de notas que havia caído. Com as mãos amarradas, ela se

abaixou, pegou o bloco e abriu na página com um marcador cartonado:

Existem muitos motivos para matar uma pessoa.

O amor é o mais justificável deles.

– Meu Deus! — murmurou a psiquiatra, virando a folha para ler a página anterior:

Pode-se aprisionar alguém deitando o seu lado e fazendo amor.

E pode-se libertá-lo com um único tiro na cabeça.

A doutora não teve coragem de ler o resto.

Leo sempre falou que gostava de anotar seus pensamentos. Contudo, ela nunca insistiu em ver, esperava que ele mostrasse espontaneamente. O rapaz nunca apresentou sintomas de distúrbio de personalidade.

Tenho que fazer alguma coisa.

Não houve tempo para planejar. Antes que se desse conta, a porta do quarto abriu e o garoto entrou. Leo ficou ali parado, olhando para ela. Usava uma camiseta branca com um logo esportivo, um short branco e tênis preto. Parecia pronto para participar de um treino. Em nada lembrava o jovem. Aquelas roupas não eram suas.

A doutora foi enfática. Seu plano era trazê-lo de volta à realidade.

– Chega disso. Exijo que me solte. Como se atreveu a tirar a minha roupa, Leonardo?

– Lucas — ele gritou. — Lucas. Olhe pra mim, não está vendo?

– O Lucas morreu, deixe-o partir. — Aproximou-se dele. — Você matou sua mãe, Leonardo?

– Lucas, já disse. Não entendeu ainda? Tenho que te lembrar.

Agarrou os pulsos amarrados da mulher e a empurrou na direção da cama.

– Pare, por favor. Se fizer isso, nunca mais se livrará dele. Eu posso te ajudar.

O rapaz ignorou a prisioneira.

– Olhe pra mim. — As pernas indo forçosamente para trás. — Me deixe ir, não vou contar a ninguém, prometo.

Leonardo agarrou seu pescoço e a derrubou na cama. Segurou com uma das mãos o nó e esticou os braços dela acima da cabeça.

– Esqueça o instituto — ela gritou. — Ficamos com as sessões.

– Não haverá mais sessões, doutora — afirmou olhando fixo em seus olhos.

– Você não é como ele, Leonardo. Não cometa os erros do seu irmão.

O rapaz vacilou, mas não a soltou, impulsionado por uma motivação inegociável: proteger a personalidade oculta. O jovem esticou seu corpo sobre o dela e se encaixou entre suas coxas. Sua mão apertou demais o pescoço, e a médica foi ficando sem ar, perdendo a consciência. Apenas o tinido do ponteiro de segundos do despertador ecoando em seu tímpano. Logo parou de se mexer.

Preocupado, ele afrouxou a mão, e a mulher abriu os olhos devagar.

– Me desamarre, querido — disse carinhosamente. — Quero cuidar de você.

Quero cuidar de você.

Com as duas mãos, ele desatou o nó. Assim que se viu livre das cordas, a mulher lançou seus braços em torno do rapaz e lhe deu um longo beijo.

Leo empurrou o corpo para trás e caiu no chão. Correu para fora do quarto, invadiu o lavabo e vomitou no vaso sanitário. Enxaguou a boca e voltou. A mulher estava recostada na cabeceira da cama, com os olhos despreocupados. Ele se aproximou.

– Feche a porta do quarto, Lucas — ela protestou em tom áspero. — Quantas vezes já disse. Seu irmão pode passar no corredor. Ele não pode nos ver assim.

O rapaz esfregou o rosto, irritado. No entanto, precisava continuar fingindo ser Lucas.

– O Leo sempre soube. Desde a primeira vez que você dormiu no meu quarto.

– Bobagem, é uma criança! Não entende dessas coisas. Quando chegar a hora certa, eu vou ensiná-lo, como fiz com você.

– Já te avisei sobre isso. Deixe o Leonardo em paz.

– Vai me ameaçar de novo com a arma? — Ela se levantou. — Quer causar outro acidente?

– Não foi acidente. Você pegou a arma da minha mão e atirou no meu pai.

A mulher sentou-se ereta na cama e fechou o rosto.

– Seu pai estava descontrolado, você contou sobre a gente. Ele começou a dizer que iria tirar você e Leo de mim. Ameaçou me bater. A culpa foi sua, não devia ter pego a arma.

– Você entrou no quarto do Leo aquela noite. Não podia deixar que fizesse o mesmo com ele, Tamara.

– Mãe! — disse furiosa. — Não gosto quando me chama assim, eu sou sua mãe. Amo meus filhos e quero o melhor para vocês. — Fez uma pausa irritada. — E com quem o Leo vai aprender?

A indiferença do falso enteado a fez continuar.

– Eu dei tudo a você. Mostrei o que é o amor. Como meu pai me mostrou quando eu ainda era menor do que seu irmão. Aqui mesmo, neste quarto.

– Chega! Não vou mais ouvir essa história... — Tem um cara morto na piscina. Sabia?

– Ele veio entregar uma intimação do colégio. Eu disse que não receberia, e o homem ameaçou voltar com a polícia. Então me liberei dele. — Deu de ombros.

Leo sacudiu a cabeça. Estava cansado de proteger a mãe, e enojado pelo que teve que fazer para trazê-la de volta. Cansado das mentiras que contou e das que ainda viria a contar.

– Está clareando, mãe — afirmou olhando a janela. — Você precisa ir para o seu quarto.

Tamara olhou para o despertador na cômoda, marcava 5h40min.

– Por que me deixou ficar aqui até essa hora?

– Você demorou para... voltar. A doutora estava aqui, na casa.

– Aquela cretina está aprontando alguma. — Levantou-se depressa. — Com o que ela anda enchendo a sua cabeça nessas consultas? Você gosta mais dela do que de mim, não é?

– Mãe, a doutora não pode estar aqui quando a tutora chegar. Entende isso? Tem que ser você. Esqueceu que aquela mulher vem aqui hoje cedo?

Tamara encarou o rapaz com o sorriso malicioso que lhe era peculiar.

– Não me esqueci da baixinha enxerida — disse alisando o vestido. — Você fez o que te pedi na noite passada?

O rapaz assentiu com a cabeça, desviando os olhos para o chão.

– E onde está?

– Ali atrás — respondeu, apontando para o quintal depois da janela.

– Vou me arrumar para receber a visita ilustre. — Deu um beijo no rosto do filho e saiu. — Vá descansar um pouco — ordenou já se distanciando no corredor.

Em seu quarto, Leo demorou a adormecer. O remorso por omitir a verdade sobre o irmão todos esses anos mais uma vez o impedia de dormir. Enfim, a fadiga sobrepujou seus princípios, e caiu em sono profundo.

O sol surgiu tímido entre as árvores.

Uma mulher pequena, enfiada num conjunto de saia e colete ainda menor, desceu destemida pelo caminho de terra com seu sapato alto. Tão alto quanto possível para disfarçar sua diminuta estatura.

Chegando à varanda, apurou-se. Passou a mão no cabelo e ajeitou a tiara de pano. Bateu na porta duas vezes com força. Ninguém apareceu. Logo, decidiu procurar outra entrada. Seguiu pela varanda, desviando da mobília, e virou à esquerda.

Uma pá de aço de cabo longo atingiu a cabeça da tutora, abrindo um talho da fronte ao nariz. O sangue espirrou nos braços de Tamara. A última imagem registrada na retina da baixinha foi aquele sorriso malicioso.

Rapidamente, a proprietária do lugar segurou a intrusa pelos braços, arrastou até o fundo da casa e jogou no buraco que o filho cavou. Retirou o cadáver da piscina e fez o mesmo. Em pouco tempo, a sepultura estava cheia de terra.

Tamara foi para o banheiro. Regozijou na água do chuveiro, que escorreu avermelhada por seus braços. O último vestígio humano da conselheira tutelar foi sugado pelo ralo. Limpa e com a pele úmida, vestiu o roupão e foi para o seu quarto. Desabou na cama e adormeceu.

O sono dos justos. O sono que sucede o êxito.

O silêncio veio de novo.

Leo entreabriu os olhos. O visor do radiorrelógio marcava 13h22. Ele saltou da cama. Escovou os dentes evitando encarar o espelho no gabinete, tinha vergonha do seu rosto. Não importava quantas vezes o esfregasse com água e sabão, continuava imundo.

Ainda assim, a imundice necessária para proteger a mãe. A única pessoa que lhe restara. Talvez, a maior vítima de todos.

Leo a procurou pela casa toda e não a encontrou.

A doutora começa a atender às 14h.

— Já saiu — lamentou em voz baixa.

Lembrou-se da visita agendada e correu até o quintal. Encontrou o buraco tampado, cheio de folhas por cima. Voltou para a sala e um arrepio correu em sua espinha.

E se a doutora chamar a polícia e contar o que aconteceu? Ele não merecia ir preso por proteger a mãe.

Leo foi até o piano de cauda no canto da sala, levantou a tampa e pegou uma arma que estava escondida. Saiu da casa usando calça jeans, uma camiseta e a jaqueta do dia anterior. Nuvens carregadas esconderam o sol. Leo avançou pelo caminho de terra, dobrou a curva, passou pelo fusca, e continuou até chegar ao chalé. Parou diante dele, como no dia anterior. Respirou fundo. Não podia hesitar. Avançou pela passagem, abriu a porta e entrou.

Na sala havia dois sofás e uma mesa de centro cheia de revistas velhas. No canto, um bebedouro, uma garrafa de café e copinhos descartáveis, um açucareiro e adoçante. Não perdeu tempo ali, seguiu para a próxima porta, bateu suavemente três vezes e abriu.

A doutora vasculhava um armário de ferro. Caixas estavam espalhadas no chão, e pastas suspensas largadas sobre sua cadeira de couro preto.

– Bom dia, Leonardo — disse a psiquiatra, com um sorriso no rosto.

– Fazendo faxina, doutora? — indagou com a mão nas costas, segurando a coronha da arma enfiada no cinto.

– Mais ou menos. Não encontro meu gravador portátil. Não sei onde larguei.

A psiquiatra tirou as pastas da cadeira e largou nas gavetas abertas.

– Já tem algum cliente aí fora? — ela perguntou.

– Não — Leo respondeu, cobrindo a arma com a jaqueta. — Nunca tem ninguém.

A doutora fez um sinal para o jovem. Ele entrou e apoiou as mãos no espaldar do divã. Não falaram nada por um tempo, até que ela decidiu quebrar o gelo.

– Que coincidência. — Sentou-se na cadeira. — Estive em sua casa ontem à noite, mas não tinha ninguém. Esperei algum tempo, depois fui embora.

– Como chegou na minha casa?

– De taxi acho. Nunca me lembro do caminho que faço. Saio com a cabeça no trabalho.

– Eu gostaria de retomar as sessões — ele afirmou. — Não deveria ter fugido daquele jeito.

– Que ótimo! — ela sorriu. — Retomamos amanhã no fim da tarde. Traga sua mãe com você quando ela sair do trabalho.

– Minha mãe nunca deixa a propriedade. Ela trabalha lá.

– Entendo, como quiser. Espero que se sinta à vontade aqui. Não vou mais insistir naquelas perguntas.

– Não, tudo bem... A senhora queria saber se me sinto culpado pela morte deles.

Leo baixou os olhos, mas depois a encarou.

– Fui eu que liguei para o meu pai naquela noite. Disse que os dois estavam brigando e pedi para ele voltar... Se não tivesse feito isso, nada daquilo teria acontecido.

– Obrigada por dividir isso comigo. — A médica recostou-se na cadeira. — Foi um acidente, mas Lucas se sentiu responsável pelo que aconteceu. Nada disso foi sua culpa.

– Lucas só queria me proteger.

– Conversamos amanhã então?

O jovem se afastou, pronto para se despedir.

– Ah sim — lembrou a doutora. — A conselheira tutelar foi na sua casa hoje de manhã?

– Não sei, dormi. Minha mãe não gosta de mim por perto quando resolve suas coisas.

– Bom, ela afirmou que insistiria — comentou a médica. — Disse que criaria raízes na sua casa até obter a autorização para o Instituto.

– Tudo bem! Fiz um buraco bem grande para enterrá-la.

– Brincadeira sem graça, Leonardo! — protestou a médica.

Leo deu meia-volta para sair. Porém, antes de transpor o vão da porta, olhou fixamente para a psiquiatra e afirmou: – Existem muitos motivos para matar uma pessoa.

Fez-se um silêncio.

– O amor é o mais justificado deles — emendou a médica. — Eu li isso em algum lugar.

– Até amanhã, doutora.

– Até amanhã, Leonardo.





Água-Viva
Santiago Nazarian

A morte de Leonardo DiCaprio foi um grande baque para mim. Parece engraçado, eu sei, mas na época foi um drama, o drama que eu podia viver na época. Imagine uma garota de quinze anos, já com quase oitenta quilos, que ainda acreditava no amor e já acreditava no amor como algo inatingível — como um Leonardo DiCaprio. Ele me deu a ilusão de que seria só questão de tempo, eu tinha tempo, de força de vontade, ou nem tanta força assim, apenas a vida desembrulhando seus acasos e merecimentos. Aos quinze eu tinha de acreditar que um dia mereceria. Haveria tempo, eu emagreceria, estaria no lugar certo na hora certa, com a pessoa certa, e todos meus problemas e inseguranças se revolveriam assim, com ele.

Por isso fui das pioneiras a puxar o couro de “ele cabia na tábua”. Franzino, em seus vinte e poucos, Leonardo (como Jack) ainda passava por um menino com quem eu poderia cruzar a qualquer momento. Já Kate Winslet (como Rose) parecia velha demais, feia demais, gorda, para ele. Que ela largasse o noivo rico e se encantasse com o Leo-clandestino me parecia não só plausível, como inquestionável; que ela o deixasse morrer congelado no mar ocupando sozinha todo o espaço da tábua-jangada era imperdoável. Se eu tivesse um menino daqueles para mim, quando eu tivesse um menino daqueles para mim, nunca faltaria espaço para ele. Pois eu seria magra. E flutuaríamos juntos num oceano de possibilidades.

Só que eu nunca emagreci, pelo contrário. E os meninos que encontrei pela juventude estiveram longe do DiCaprio — eu longe de ser uma Kate Winslet.

Cedo demais eu havia almejado um padrão inalcançável, então tive cedo demais que me conformar com o que sobraria para mim: o terceiro de um trio de amigos, moleques quebrando recordes pessoais, bêbados de fim de festa; conheci o sexo masculino com o que o sexo masculino tinha a oferecer de pior. E isso nem foi o suficiente para me fazer desistir.

Poucos anos depois, conheci outro Leonardo — longe de ser um astro de cinema, era magro, de óculos e japonês, mas não por isso menos inalcançável. A gente se aproximava dia a dia na faculdade, eu me deixando encantar por uma beleza não tão óbvia, me deixando enganar por uma nova beleza que poderia ser minha. Era calado, não tinha muitos amigos, sentava-se na primeira fila e prestava atenção nas aulas. Sorria para mim. Formamos dupla eventualmente, quando todas as outras duplas estavam formadas — não lamentamos. Pela primeira vez eu estava com quem gostaria de estar, com quem achava que poderia estar, com quem eu merecia. Fomos para a biblioteca, para a praça de alimentação, para minha quitinete. Leonardo era delicado e simpático comigo, escutava minhas sugestões, ria das minhas piadas, embora escondesse o sorriso, ajeitasse os óculos e tentasse resgatar a objetividade da tarefa em mãos — para mim era lindo, e cada sorriso contido bastava. (Tiramos nove, por sinal.) Satisfazia-me com isso, cada migalha, e sonhava, tentava não sonhar, apenas vislumbrava, imaginava, questionava como se daria um relacionamento de fato. O que ele via em mim, o que veria, o que faríamos juntos, como faríamos; como contaríamos a netos com olhos levemente puxados como, em pleno início do século XXI, nos conhecemos ainda na faculdade, recebemos nota nove, e ainda estávamos casados na segunda metade. Bobagem.

Não demorou para ele me revelar sem alvoroço, quando havíamos conquistado uma leve intimidade, que ele era gay. Foi um misto de alívio e decepção em partes iguais — talvez mais alívio. Eu não precisaria mais sofrer na ansiedade de querer, eu não teria o risco de sofrer por amor; ele não me trocaria por outra, pois nunca seria meu. Ele não seria meu por incapacidade própria. E, ainda que eu

não tivesse consciência do clichê, acreditava que não haveria melhor amiga para um japonês gay do que uma menina gorda. Eu havia encontrado meu platônico perfeito.

“A morte de Leonardo DiCaprio também foi um grande baque para mim”, foi a declaração dele que selou de vez nossa amizade. Quando o Titanic afundava, ele ainda tinha catorze, um japonês nerd e assexuado (se isso não é um pleonismo), que dedicava todo seu tempo ao Playstation. Aquele romance transatlântico foi a grande constatação de sua (homo) sexualidade: como eu, ele se colocava no lugar de Kate Winslet, com sua vida afetiva determinada pela sociedade, até o Leo-clandestino se infiltrar e salvá-lo da morte. Mas essa é uma leitura que faço agora, não foi assim que elaboramos; na época, selávamos nossa amizade apenas constatando um crush adolescente em comum e o gosto por blockbusters açucarados.

DiCaprio foi o único, o único crush que nós dois tivemos em comum, porém meu Leonardo sempre compartilhava novos comigo: um colega do terceiro ano, um professor da faculdade, um amigo do primo; como jovem gay, não faltava a ele paixões inatingíveis — a cada mês surgia uma. Intimamente eu achava que nenhuma delas seria impossível, mas não deixava de desmotivá-lo: Ele não é; não vai rolar; tome cuidado que você vai acabar apanhando. Sua homossexualidade enrustida o desmotivava mais do que eu — havia todo um país-família-sociedade-patriarcado-opressor a lhe negar — assim eu podia consolá-lo, sorvendo dos amores platônicos que ele despejava sobre mim.

Então, mais de uma década depois, passaríamos o carnaval juntos. Ou eu passaria com ele. A gorda e o japonês — rejeitados da folia, eu acreditava. Mataríamos uma saudade de já um par de anos. Eu uma freelancer típica, solteira, morando com os gatos. Leonardo de luto com a morte dos pais, passando uma longa temporada na casa de praia da família. Eu em vários telefonemas perguntando se ele estava bem, se precisava de alguma coisa, até vir

o convite para visitá-lo. Peguei um ônibus no começo da tarde de sexta e o encontrei de noite saudável demais.

Ao que parecia, nesse luto sabático, ele estava vivendo não só da herança, como de fotossíntese. O menino-magro-nerd-japa com que estudei na faculdade agora era um moreno atlético, tatuado, de cabelos compridos, uma barba rala por fazer, que me envergonhava por eu ter algum dia vislumbrado qualquer possibilidade. Se antes eu identificara uma beleza tímida, que tinha de ser interpretada, que parecia só minha, ou que só eu poderia ver, agora ela era óbvia demais. Lindo demais, de maneira nada sutil, já avançado na casa dos trinta. Aparentemente, não usava mais óculos, dera um jeito com lente ou cirurgia. Porém, de forma estranha, se tornara impreciso até chamá-lo de japonês. Ele era mestiço, eu sabia, com apenas um lado oriental, mas esse sempre fora o lado mais evidente. Agora era difícil encaixá-lo com exatidão entre o índio-cigano-latino-chinês, ou quaisquer olhos rasgados por quem nos rasgamos. Ele me serviu um drinque forte de vodca, me falou das festas de carnaval do fim de semana, fiquei tentando localizar meu antigo colega pelo tom de voz, as expressões faciais.

“Pensei hoje em ficarmos por aqui, ouvindo música, tomando bons drinques.” Aquilo me parecia uma boa ideia, concordei com ele. Eu precisava de tempo, de privacidade, intimidade, para reencontrar meu antigo amigo. Ainda não tinha certeza de que eu não entrara na casa errada, tinha uma sensação incômoda que não conseguia localizar. Aquela nova versão de Leonardo me oprimia, e acrescentava: “Um casal de amigos me ligou e também está vindo. Estão numa praia aqui perto, então não sei se vão dormir aqui, mas você pode ficar no meu quarto comigo”.Soube no mesmo instante que a noite não terminaria bem — queria sair imediatamente dali. Já não me sentia à vontade com ele e me sentiria menos ainda com estranhos. Leonardo não precisava de mim. Eu precisava dos meus gatos, meus livros. Tarde demais para pegar um ônibus de volta, menti que

só havia vindo passar a noite, teria de voltar no dia seguinte, mas o dia seguinte já era demais, seria tarde demais. Eu queria voltar anos antes, anos depois.

Da varanda observávamos a avenida, os “foliões”, os turistas tão pálidos quanto eu, os surfistas tão integrados ao cenário como Leonardo. Aparentemente, a morte dos pais o havia libertado. Agora ele era o típico homem com quem ele mesmo sonhava — ou com quem qualquer um sonharia, qualquer um que sonhasse com homens. Estava aprendendo a surfar, a tocar violão, fazendo ilustrações para HQs, correndo toda tarde na praia, deixando a vida seguir em frente e aproveitando uma adolescência tardia em grande estilo. “Você não está me acompanhando”, dizia ele olhando para meu copo. Eu tinha medo de ficar bêbada logo e dar vexame. Tinha esperança de que o vexame fosse dormir cedo demais no sofá. Se eu bebesse apenas o suficiente, poderia atingir o objetivo de simplesmente apagar.

O casal de amigos chegou antes disso. Por casal entenda-se dois meninos. Ou um homem e um menino: Giovani e Luca — o primeiro com nossa idade, nossa verdadeira idade, com entradas avançadas no cabelo e uma barriguinha saliente; já Luca era o típico gatinho recém-saído da adolescência com quem homossexuais de meia idade gostam de se divertir. Eles estavam juntos, nem tão juntos; quando os olhares de Leonardo e de Luca se cruzaram, ficou claro que os dois se encontravam pela primeira vez, e que haviam encontrado uma melhor opção, poderiam-gostariam de formar um novo casal. Éramos quatro, e, como mulher, eu me sentia sobrando ali; quadrada demais, redonda demais, para um triângulo amoroso homossexual.

“Então, tem aquela rave de que te falei, aqui perto”, Giovani, o mais velho, propôs, “se animam?”

Leonardo tirou a carta do luto, que não chegava a convencer. “Não estou muito no pique de festa. Pensei em ficar por aqui mesmo, tomando uns drinques, ouvindo música, vendo o movimento da varanda. Se vocês quiserem ir, de boa.”

“A gente trouxe uma coisinha para animar...”, acrescentou o mais novo, tirando do bolso um saquinho plástico com pílulas. Aquilo deixou a noite em aberto, e Leonardo foi servir amendoins picantes e drinques para os novos convidados.

Sentávamos todos na varanda bebendo e mordiscando, vendo o movimento passar e ouvindo marchinhas de carnaval. As marchinhas eram nossas, ou de Leonardo, a ideia dele de um carnaval cool: um carnaval vintage — para mim de fato era. Alalaô, Maria Sapatão, a Pipa do vovô não sobe mais. Não sei se agradava aos outros convidados, que tinham planos de ir para uma rave. No intervalo entre as músicas, ouvia-se dos vizinhos funk e sertanejo universitário. Começava então A cabeleira do Zezé.

“Sabe que quando eu era criança eu odiava essa música?”, disse Giovani. Eu me perguntava se hoje ele havia deixado de odiá-la. “Eu tinha o cabelo mais compridinho do que a maioria dos meninos...”

Luca riu: “Você tinha cabelo comprido?”, como descrente de que o namorado pudesse algum dia ter sido jovem, não ter sido careca, ou não ter tido entradas avançadas.

“Eu tinha. Loiro, liso e comprido. Muitas vezes até passava por menina...”

“Devia ser uma gracinha...”, caçoou Luca, num elogio dúbio. Devia.

“E sofria bullying com essa música?” Leonardo provocou olhando para o mais novo, os dois cúmplices em praticar bullying com a infância de Giovani.

“Não sofria exatamente bullying, não com essa música... Mas tinha medo, era como se a música estivesse me denunciando, porque no fundo a gente sabe, né? A gente sempre sabe que é gay...”

“Eu não sabia...”, disse Leonardo. Como ele me contou, a descoberta dele se deu só na adolescência, com o afundamento do Titanic.

“Quantos anos você tinha?”, perguntei a Giovani para participar da conversa.

“Sei lá...”, ele deu de ombros. “Não teve uma idade específica, sempre que tocava essa música, a infância toda, desde que me lembro do carnaval... Sempre que tocava essa música eu achava que seria descoberto. Que iriam olhar para

meus cabelos compridos, que não eram coisa de menino, iriam escutar a letra e descobrir tudo...”

“Por que não cortou o cabelo de uma vez?”, colocou Luca.

“Ah...”, o outro divagou, então voltou-se para Leonardo. “Você não sempre soube?”

Leonardo meneou. “Não... Acho que não... Acho que demorou para eu me reconhecer como gay, porque sempre bastou eu ser encaixado como japonês.”

“Você é japonês?”, perguntou o mais novo, confirmando minha própria impressão, de que agora Leonardo afastava qualquer estereótipo oriental facilmente etiquetável.

“Mestiço... Eu me achava diferente, mas achava que era esse o motivo... Eu era japonês... Me encaixava nessa categoria particular. Ser japonês e gay era too much. Se os outros me achavam diferente por esse motivo, por que eu me acharia de outra forma? Bom, e afinal, será que todo mundo não se acha diferente de algum modo?”

Nisso, os meninos todos olharam para mim, que era diferente deles. Esperavam que eu concordasse dizendo: eu sempre fui a gordinha; então foi isso que eu disse, até porque era verdade. “Eu sempre fui a gordinha...” E isso lhes bastou.

Estava acostumada que em rodas assim costumava surgir um baseado, que eu sempre recusava por ter medo do que poderia provocar em mim. Dessa vez não surgiu, os meninos foram tirando do bolso as pílulas, mesmo que a rave não tivesse sido decidida. Mãos estendidas, pílulas repartidas, uma foi oferecida a mim. “Não, fico louca com essas coisas; sério, vocês não iam querer me ver pendurada no lustre...” Eles riram por cortesia. Eu recusei por hábito. Nunca havia usado nenhuma droga ilícita.

Enquanto eles seguiam com a conversa numa linguagem própria, eu pensava o quanto eles agora estavam integrados. Se foram diferentes na infância, excluídos na adolescência, agora na idade adulta dominavam seu território, encontravam sua “tribo”. Já eu, continuava deslocada — não seria apenas pelas

circunstâncias? Em tantas reuniões de meninas — meninas plus size, meninas sem curvas — eu me sentia à vontade. Sentia-me à vontade cozinhando com minha avó, costurando com minha mãe, visitando as senhorinhas do Lar São Francisco. Costumava também me sentir à vontade com Leonardo, é verdade, costumávamos ser excluídos juntos. Bem, provavelmente esses três rapazes ainda tinham seus momentos, muitos momentos, em reuniões de trabalho, reuniões de família, de se sentirem rejeitados. Tinham toda a sociedade para considerá-los inadequados, e apenas aproveitavam uma noite de carnaval juntos para se sentirem em seu elemento. O que eu fazia lá para atrapalhar?

“Tem uma água?”, pediu Luca. “Vou dar um tempo na vodca.”

“Arregou já, Luquita?”, caçoou Giovani, enquanto a playlist de marchinhas entrava em Chiquita Bacana.

“Não gosto de misturar... O álcool corta um pouco a trip da bala.”

“Em que bula você leu isso?”, perguntou Giovani, massageando os ombros do menino, que pareceu se esquivar levemente. Leonardo lhe estendeu um copo d’água.

“Sabe que o álcool foi inventado como um veneno, né? A primeira função do álcool era o suicídio?”, elaborou o menino.

“Como assim?”, perguntou Leonardo, seu lado japonês sempre exigindo as confirmações científicas.

“Vi num documentário do Discovery. Que o álcool foi descoberto em momentos de falta de comida, e tal, quando os homens da caverna morriam de fome. Eles descobriam que a carne podre poderia levar à morte e achavam que as frutas podres faziam a mesma coisa. Mas descobriram que as frutas podres provocavam uma sensação agradável, por causa da fermentação, do álcool, o vinho...”

“É uma boa teoria”, disse Leonardo generoso pela beleza, pela idade do menino, e incapaz de deixar de corrigir as inconsistências. “Mas eles

provavelmente comeram as frutas fermentadas por causa da escassez, para sobreviver, não pelo suicídio.”

“Isso é uma bobagem”, protestou Giovani. “Se era um momento de escassez, não tinha como eles deixarem carne e fruta sobrares a ponto de apodrecer...”

“Bem, eles não tinham geladeira....”, argumentou Leonardo dando razão a seu preferido.

“Eu quero saber é quem fez essa bala, que está demorando para bater...”, protestou Giovani.

“Eu acho que já está começando”, disse Luca com um olhar vidrado, como se tentasse escutar uma chaleira apitando dentro de si mesmo.

“Quando começar de verdade, você não vai ter dúvidas”, disse Giovani.

A música dos vizinhos foi ficando cada vez mais alta e logo havia bloquinhos, carros de som e minitrios elétricos em frente à casa. Leonardo teve de desistir das marchinhas. Não adiantava agirmos como os rejeitados da folia, se a folia se empunha porta a dentro. Eu me sentia bem tonta, bebericando mais e mais espaçadamente, deixando o gelo derreter e o drinque esquentar em minhas mãos. Os meninos, apesar de toda a bebida, ou talvez exatamente por isso, estavam cada vez mais agitados, falando alto, gesticulando, rindo e devaneando com conversas que iam além da descoberta do álcool nos tempos das cavernas. Eu ensaiava me retirar para o quarto, o que eu queria fazer, o que seria a coisa gentil a se fazer, deixar o triângulo assumir sua verdadeira forma e os meninos fazerem o que é que meninos gays fazem numa sexta de carnaval.

“Gente, acho que vou me deitar. Acordei cedo hoje, peguei estrada, esse álcool está me derrubando...”

“Como deitar? Fica com a gente”, disse Leonardo com sinceridade. “Você não vai conseguir dormir com essa música alta...”

“Tem certeza que não quer uma bala? Toma metadinha...”, ofereceu Giovani. “Eu vou tomar outra, porque a minha ainda não bateu. Leonardo?”

“Naaaaah, aqui tá batendo”, disse Leonardo se alongando como um gato despertando para a caçada.

“Eu tô me sentindo meio estranho...”, disse Luca. “Eu não devia ter misturado com álcool....”

“Você quase não bebeu, moleque”, caçoou Giovani. “Calma que às vezes demora mais de uma hora para bater legal.”

Então, em seu alongamento, Leonardo tirou a camiseta, e tivemos todos a certeza de que para ele estava batendo de fato. “Por que não damos todos um pulo na praia?”

A proposta era bem razoável, numa noite de carnaval, numa casa a poucos metros do mar, porém a súbita seminudez de Leonardo pegou todos desprevenidos: seu corpo moreno, liso e perfeito, alongando-se na porta da sala. Não sei se eu já o havia visto sem camisa — havia uma lembrança em minha mente, que provavelmente era uma imagem criada por mim mesma. Um Leonardo magro, meio desencaixado, com uma leve barriguinha, pele pálida, espinhas nas costas, pelos esparsos, uma trilha mais espessa descendo do umbigo até a virilha, e uma cicatriz de apendicite. Não era nada próximo do corpo que eu avistava agora: torneado, definido, depilado, colorido e hidratado. “Já tá bem loco, hein, Leo?”, disse Giovani para afastar nosso momento de estupefação.

“Que louco que nada.” Leonardo se esticava, deixando à mostra axilas mais lisas do que as minhas. “É carnaval, a gente está a poucos metros da praia, não tem sentido a gente ficar trancado. Vamos dar um pulo na água.”

“Deve estar cheio de farofeiro”, disse Luca.

“A praia tem 12km. É só andar um pouquinho saindo aqui da Barra que ela fica só para nós.” Ele saiu em direção ao quarto já se despiando do resto das roupas. Meus olhos cruzaram os de Luca, e ele parecia vidrado com a visão lá dentro. Uma leve inclinação e uma rápida espiada e pude ver pela porta aberta o corpo de Leonardo nu, de costas, com a marca de bronzeado da sunga.

“Você tem uma sunga para emprestar?”, perguntou Luca aceitando de vez a proposta.

“Claro. Quer uma, Giovani?”

“Acho que não estou na pilha de entrar na água não, Leo...”

“Biquíni você não tem, né?”, perguntei para mostrar que ainda fazia parte da brincadeira.

“Do seu tamanho não...”, Leonardo respondeu rindo.

Logo ele emergia do quarto como um coadjuvante dos X-men; um macacão apertado de surfista marcando todo seu corpo. “Vamos?” Jogou uma sunga para Luca.

“É festa à fantasia?”, caçoou Giovani.

“A água deve estar fria”, Leonardo justificou. “E se não posso usar esse wetsuit aqui, onde mais? Custou uma grana.”

Assim caminhávamos os quatro pela avenida, em direção à praia. Luca travado, parecendo segurar um vômito; Giovani ainda faceiro, massageando os ombros do namorado; Leonardo com um sorriso incontrolado, em passos elásticos, como se um leve orgasmo circulasse por todos seus membros, com uma prancha enorme embaixo do braço. Não deixava de ser exótico no carnaval, mesmo no carnaval, mesmo na praia, a fantasia de surfista, numa noite de carnaval. Depois de poucos passos, ele teve de parar. “Espera um pouco aí, gente”, o sorriso ainda aberto, “deixa eu pegar um pouco o fôlego.”

“Não quer deixar a prancha em casa, Leonardo?”, sugeri. “Acho que não vai dar para pegar onda a essa hora...”

“Você vai fritar com esse macacão”, colocou Giovani. O suor já escorria da testa de Leonardo.

“Deixa, é só a gente chegar na água e já melhora. Preciso mesmo de um mergulho.”

Seguimos até a praia, atraindo a atenção ao redor. Era noite de carnaval, todos estavam bebendo, namorando, se divertindo, mas não deixavam de prestar a

atenção num quarteto com uma menina gorda, um surfista de macacão e prancha, um casal de homossexuais; Giovani ficou alerta e tirou as mãos do ombro de Luca.

Pisamos todos na areia e eu tirei as sandálias. “Meu deeeeeus, como essa areia está gostosa”, Leonardo contorcia os dedos do pé descalço.

“Ai, eu queria é que essa porra estivesse batendo para mim como está batendo para você”, disse Giovani.

A praia era uma aglomeração de barracas de bebida, fogueiras com churrasco, rodinhas de violão, alto-falantes gigantescos, cães desgarrados e casais (heterossexuais) se amassando pelos cantos. Fomos driblando uns, outros, desviando de bolas de futebol e tentando não pisar em garrafas de cerveja deixadas na areia. “Olha, é seguir para lá, onde acabam as casas, que não têm mais ninguém.”

Avistávamos uma longa faixa de areia que seguia em meia-lua para muito além da vila. Leonardo estava certo, mesmo em noite de carnaval, alta temporada, a aglomeração na areia se restringia à área em frente à vila, com os bares e restaurantes. Ainda nos dias de hoje só era preciso um pouco de determinação para encontrar um Brasil não colonizado. As famílias foram diminuindo, o cheiro de maconha aumentando, logo só havia um casalzinho aqui e outro ali. A iluminação pública terminava e a praia ganhava a proteção das estrelas.

“Não é melhor pararmos aqui?”, perguntei, já perdendo o conforto do silêncio e receando a praia deserta.

“Só mais um pouquinho, lá na frente. A gente fica com a praia só para nós.”

Conchas estalavam sob meus pés, e eu temia quando viria um caco de vidro. Passamos por um velho pescador que jogava redes ao mar. Mesmo numa noite de carnaval, o pescador trabalhava. Mesmo numa noite de carnaval, o pescador precisava comer. Numa noite de carnaval, os peixes continuavam vindo até a praia. Até numa noite de carnaval os peixes precisam morrer.

Enfim estávamos com a praia só para nós. Leonardo titubeou olhando ao redor, considerando prosseguir, e eu aproveitei a deixa para me sentar. Luca se sentou ao meu lado. Giovani certificou-se de que estávamos sós: “Preciso mijar”, e deu uma corridinha para a linha da vegetação. Ouviam-se sons diversos ao longe, grupos de bêbados cantando, as ondas quebrando; chamas de fogueiras marcavam pontos dispersos. Leonardo colocou a prancha no chão e se alongou novamente, dessa vez mais empenhado, um braço, o outro, as laterais. O suor lhe escorria em filetes pelo rosto. “E aí, quem se anima a entrar?”

Virei para o lado e olhei para Luca, travado, o olhar perdido; parecia que, ele sim, havia acabado de perder os pais. “Você está bem?” Voltei-me para Leonardo. “Ele não parece bem. Não é melhor a gente voltar?”

“Vamos dar um pulo na água, Luca, que você melhora!”

“Eu tô bem, gente, só quero ficar um pouco quieto”, disse o menino com cara de enjoo.

Leonardo deu de ombros e sorriu para mim. “Então, água?”

“Demorô!”, respondeu Giovani voltando correndo, tirando a camiseta e a bermuda. Aparentemente, esvaziar a bexiga despertou todo seu ânimo. Rapidamente ele estava só de cueca, e foi o primeiro a se jogar na água.

“Kkkk. Acho que agora bateu para ele”, admirou-se Leonardo e sorriu para mim tão largo, tão lindo, que tive pena. Ninguém poderia sustentar uma felicidade assim na vida real, não aos trinta e três, não após a morte dos pais. Mesmo que eu me esforçasse, meu sorriso de volta para ele era só melancolia, as sobrelhas franzidas, e antes que eu pudesse contaminá-lo com minha desmotivação, ele se virou e correu com o amigo em direção à água.

Voltei-me para o menino cabisbaixo ao meu lado, Luca. Não sabia como interagir com ele. “Posso ajudar de alguma forma?” me pareceu a pergunta mais delicada. Ele apenas sacudiu com algo que ficava entre um “não” e uma demonstração de frio. Voltei meu olhar ao mar e vi Giovani jogando água

empolgado; Leonardo sobre a prancha decidido a vencer as ondas. Luca tirou a cabeça de entre os joelhos e se jogou olhando as estrelas. Saco.

Eu sabia que aquilo não ia dar em boa coisa. Ou eu achava que não ia dar em boa coisa. Mas eu não soubera-achara isso a vida toda? Que eu estivesse sempre certa era apenas uma constatação da agressividade da vida. E se a vida é agressiva, não dá para vivê-la eternamente protegida. Levantei-me. Tirei a carteira, o celular do bolso. Passei-joguei para Luca. “Cuida das minhas coisas?” E segui para o mar com os meninos.

A água estava fria. Eu estava de roupa — bem, de bermuda jeans e camiseta -, e aquilo logo se revelou uma péssima escolha. A roupa se grudava em mim, eu receava o quanto ficaria transparente, o quanto me desvalorizaria, mesmo que não houvesse roupa que me valorizasse diante daqueles meninos. Ainda assim, entrava na água como qualquer mulher, como se um homem esperasse por mim. E avisei ao longe os meninos entretidos consigo mesmos.

“Leonardo!”, eu gritei sem conseguir me conter. Ele me ouviu de cima de sua prancha e acenou para mim, sempre sorrindo, sem se alarmar. “Vem cá!”

Vem me pegar, eu queria dizer de volta. Estou na água. Entrei por você. Me ajuda. Mas ele seguia desbravando ondas e queria que eu o acompanhasse — uma parceira de aventuras, a quem nenhum cavalheirismo era reservado. Era a isso que a amizade entre uma menina gorda e um japonês gay levava.

O mar estava denso, frio, salgado, opressor, tudo como deveria estar. Afinal, o mar para mim sempre foi incômodo, como areia entre minhas coxas. Uma felicidade destinada a outros — ou uma mentira, uma mentira que nos contam por toda a vida. Que na praia a vida é mais feliz. Que é doce morrer no mar. Sempre que eu mergulhava, queria voltar para um banho quente. Mas insisti, insisti a vida toda, por Leonardo.

Uma onda oportuna o trouxe para perto, e ele me deu a mão. “Vem aqui comigo”, ele me puxava para a prancha. Eu dava impulsos e tentava subir junto a ele. A prancha virava, ele caía na água, subia novamente e tentava me puxar.

“Acho que não cabemos nós dois aqui, Leonardo.” Ele riu. “Acho que já vimos essa história antes...”

Ele remava sobre a prancha com os braços, indo mais e mais para o fundo. Eu me resignara a ficar apoiada até o peito, como DiCaprio na tábua do Titanic, sem forças para me puxar mais para cima. Sem alcançar o fundo, meus pés batiam na escuridão das águas, despertando em mim imagens ancestrais de quando eu nem havia nascido, de filme de tubarão. Leonardo parou de remar e se virou com as costas na prancha, olhando para o céu. “Olha isso, essas estrelas estão absurdas...” Eu virei o olhar para cima, sem deixar de bater perna. As estrelas estavam bonitas, ok. Nada de absurdo. Já havia visto céus melhores no Observatório Alma, no Deserto do Atacama. Me perguntava o quanto do “absurdo” das estrelas vinha do que Leonardo havia tomado, mas não ousei cortar seu barato. Só comecei a ficar com medo da distância em que estávamos. “Não é melhor a gente voltar?”

Leonardo continuou deitado, em orgasmo. “Deita aqui comigo”, balbuciou.

Virei-me em direção à praia, batendo perna, puxando a prancha, abstando-me de dizer a ele que, de fato, não cabíamos os dois na prancha, ainda mais deitados, olhando as estrelas. O chamado de Giovani veio para confirmar que eu tinha razão:

“Ei!”, ele gritou lá do raso. “Vocês estão muito pro fundo.”

Leonardo não respondeu, então tive de insistir. “Leonardo, levanta daí. Precisamos remar de volta.”

Ele se virou para mim, sonolento. “Tá. Calma. Não está acontecendo nada de mais. Vamos voltar.”

Foi quando ouvimos o grito.

Leonardo levantou o tronco instantaneamente. Olhou para mim, como para confirmar que eu também havia ouvido, que a coisa era séria, que havia ecoado um grito. “Giovani?”, ele gritou.

“Ai! Porra!” Do raso Giovani respondeu. “Alguma coisa me picou!”

Eu e Leonardo cravamos nossos olhares novamente um no outro. “Picou?” Que verbo fora do lugar. O que significava? Uma abelha avançando para alto mar, o corte de um caco de vidro no fundo do mar, queimadura de água-viva, mordida de tubarão? Mantive o olhar em Leonardo como se ele pudesse me responder, como se ele pudesse ser o intérprete para os termos do amigo. Então outro grito. Mais alto.

“Giovani?!”, gritou Leonardo de volta. “Isso é alguma piada tosca?”

Não houve resposta, e virei o corpo para tentar localizar Giovanni atrás de mim. “O que está acontecendo?” perguntei como para reforçar a deixa para Leonardo me acalmar.

“Não sei...”, ele sussurrou, tenso. “Giovani! Para com essa porra!”

Seus olhos então se esbugalharam — tanto quanto olhos orientais podem se esbugalhar — ele inspirou boquiaberto por um instante e começou a me puxar alucinadamente para a prancha. “Sobe! Sobe, por favor! Sobe na prancha!” A prancha virava, ele se desequilibrava, voltava para a prancha e me puxava. Eu lutava contra meu peso, meus peitos, arrebatava meu sutiã, tentava subir e o puxava também. “O que foi?! Leonardo? O que é?!”

Enfim subi e me encaixei na prancha com ele. Ficamos os dois agarrados, ele sobre mim, os dois com olhos na água, eu esperando para ver uma barbatana dorsal. “Leonardo?!”

Ele se manteve em silêncio, como para me silenciar. Eu mantive o silêncio com ele. Permanecíamos olhando a água desesperados, esperando o pior, e o pior seria um tubarão. Até que Leonardo teve coragem de gritar novamente: “Giovani?! Giovanni, que porra é essa?!”

Ninguém respondeu. A água em que flutuávamos estava escura e tranquila, nenhuma perturbação até a areia — mas a areia agora estava bem distante.

“Para onde ele foi?”, perguntei sem querer saber.

“Não sei...” Leonardo parecia realmente chocado, talvez com as emoções ressaltadas pela química em seu sangue. “Porra... para onde ele foi?”

Giovaniiiiii?!”

Permaneci deitada com as costas na prancha, com Leonardo sobre mim, agora, sim, podia contemplar as estrelas. Acho que vi uma estrela cadente. Desejei que todos os gays pudessem desejar as mulheres não desejadas pelos homens normais...

Em cima de mim, meu amigo ofegava.

“Leonardo... Deve ser besteira. Ele está chapado e deve ter tido alguma viagem...”

“Mas cadê ele?”

“Eu não sei... Pode estar se afogando. A gente precisa voltar e dar uma olhada...”

“Pssiu, pera!” Ele pediu silêncio e ficou a escutar. Só escutávamos as ondas do mar, e ao longe os sons indistintos do carnaval que pareciam formar uma faixa única, fora de tom.

“Se ele foi picado por alguma coisa, precisa da nossa ajuda”, elaborei. “Pode ter se machucado, está chapado. Vamos voltar à praia para ver se ele está bem.”

Leonardo bufou. “Tudo bem, espera aí...”, sussurrou, com o corpo ainda sobre mim, os pés e mãos na água, tentando remar de volta. Seu corpo era rijo, uma tábua de salvação em si, a quem eu queria me agarrar. A protuberância de seu membro se encontrava exatamente na forquilha de minhas pernas, como se tivéssemos sido feitos para isso. Como se Deus reafirmasse: Sim, veja, é esse o encaixe natural homem-mulher. E não era? Naquele momento, naquele instante, na maior das dúvidas, eu e Leonardo poderíamos nos encaixar e gerar um descendente...

“Cuidado!”, ele então sussurrou, recolhendo mãos e pés e jogando ainda mais o peso do corpo sobre mim.

“Cuidado com o que, Leonardo? Vamos voltar para a praia!”

Os olhos dele varreram as águas ao nosso redor, e eu tive medo do que ele via. Barbatana, escamas, tentáculos, sangue ou qualquer fera assassina que estava ali

conosco. Eu não queria ver. Apertei-me mais firme a ele, senti seu cheiro salgado de mar, de suor, de neoprene. Seu corpo parecia mais quente do que humanamente possível. Insisti: “Leonardo, por favor, nos leve para a areia.”

Ele soltou meu aperto. E seu olhar antes de medo agora se tornava de espanto, de estupefação, como se olhasse um oceano de estrelas cadentes. Eu olhava para os olhos dele e queria ver só os olhos dele.

“Água-viva!” ele exclamou. E formou uma tábua mais compacta e rígida sobre mim. “Água-viva!”

Aquilo começava a ficar ridículo. A grande ameaça da noite era uma água-viva? O grande perigo era termos uma queimadura? Tentei trazer Leonardo de volta à objetividade. “Leonardo, você está de macacão, se uma água-viva encostar...”

“Pssssiu”, ele me interrompeu como se as águas pudessem me ouvir, como se as águas estivessem vivas, como se tivéssemos de nos esconder delas. “Olhe...”

Era difícil olhar alguma coisa deitada com as costas na prancha, ele sobre mim. Se eu tentasse me virar, poderíamos nos desequilibrar. Enxerguei a linha da água e apenas isso.

“Não estou vendo nada, Leonardo. Vamos remar para fora daqui.”

“A água está tomada! São centenas, milhares delas!”

E parecia que eu podia ver nos olhos dele, as pupilas dilatadas, milhares de águas-vivas refletidas como fogos de artifício, transparentes, fosforescentes, de todas as cores, abrindo e fechando seus tentáculos. Talvez elas nem estivessem no mar de fato, mas certamente estavam nos olhos queimantes de Leonardo. E eu fiquei com medo do que podia acontecer com a gente em alto-mar.

“Giovani!”, gritei. O menino tinha que estar vivo e ouvindo, para nos resgatar. Nenhuma resposta. “Precisamos voltar, Leonardo...” Tentei virar meu corpo para olhar novamente o mar.

“Cuidado! Não podemos tocar na água. Está tomada de águas-vivas! Meu Deus! De onde veio isso?!”

“Leonardo, você deve estar alucinando. Aquela coisa que você tomou...”

“Aquilo é ecstasy, não estou tendo alucinação. Você não está vendo?”

Tentei me virar novamente para olhar a água, mas a prancha balançou e Leonardo comprimiu seu corpo sobre mim. Começou a chorar.

“Leonardo... Isso é ridículo. Se tem água-viva...”

“TEM ÁGUA-VIVA! Eu não estou louco!”

“Mesmo assim, a gente precisa remar de volta. A gente já está muito longe da praia. Melhor sofrer algumas queimaduras do que morrer afogado...”

“Não... Elas pegaram o Giovani, você não viu? Ele deve ter morrido em choque! Tantas delas...”

“Para de besteira, Leonardo. Ninguém morre por queimadura de água-viva.”
Eu não estava totalmente certa sobre isso.

“Morre, sim, morre, sim! Pode ser uma caravela, uma vespa-do-mar! Elas produzem uma neurotoxina que pode, sim, ser fatal. Pode provocar uma reação anafilática, uma reação alérgica intensa que pode levar ao afogamento...”

Eu não ia contestar um japonês com esses fatos científicos. Ainda mais que Leonardo estava totalmente fora de controle, chorando sobre mim. Tentei ancorá-lo de volta à realidade. “Então precisamos pensar no que fazer...”

Eu ainda ouvia a música ao fundo, os sons do carnaval. Estávamos numa praia movimentada, em alta temporada, não é possível que não pudéssemos ser resgatados. Porém em praias movimentadas, em noites de carnaval, é que mais gente morre afogada, turistas desavisados. Principalmente gente que bebeu demais, que tomou drogas, e inventa de sair com a prancha de surfe em plena madrugada. De repente, se eu gritasse alto, alguém poderia ouvir, trazer ajuda, um barco. Luca, na areia. Ele ainda estava lá, não estava? “Lucaaaaa!” Arrisquei. Sem resposta.

“É tudo culpa minha, eu sei”, choramingava Leonardo. “Desculpa, eu não queria que fosse assim...”

“Deixa de bobagem. Você não tem culpa de nada. A gente só tem de pensar em como sair daqui...”

“Por que eu fui tão egoísta? Eu só pensei no que eu queria, no que era importante pra mim. Eles morreram por causa disso...”

“Do que você está falando, Leonardo? Ninguém morreu. O Giovani, ele deve estar...”

“Meus pais! Meus pais morreram por minha causa. Não aguentaram viver com um filho gay, eu sei.”

“Leonardo, seus pais morreram num acidente de carro. Você está alterado por essas pílulas...”

“Eles morreram depois que eu contei pra eles. Não suportaram. O acidente foi consequência, eu sei...”

Ele se desmanchou de chorar sobre mim novamente. Eu virava a cabeça, tentava olhar a praia, ver algum dos meninos; estávamos mais e mais longe na noite escura. Eu pensava em enfiar as mãos na água e ensaiar alguma remada, mas ainda tinha medo das águas-vivas.

“Leonardo... Lembra do Titanic? Como a gente conversou tantas vezes, tantas vezes, que o Jack cabia na tábua com a Rose? Que era o tipo de idiotice que só acontece em filme? Que se eles viviam o grande amor de suas vidas, podiam ter se esforçado o mínimo para ficarem juntos?”

“Hum...” Ele apenas gemeu. Havia parado de chorar. Senti seu corpo todo tensionar sobre mim.

“Essa é uma dessas horas. De não fazer nada idiota. Qualquer um que visse nossa história agora diria: que idiotice, estavam numa prancha a poucos metros da praia. Por que não nadaram, não remaram, mesmo que fossem queimados por algumas águas-vivas? É isso que as pessoas pensariam. Não tem por que a gente não fazer isso. Seria idiotice a gente se afogar.”

E enquanto eu falava, sentia a respiração de Leonardo mais e mais profunda sobre mim, como se ele adormecesse. Mas seu corpo se retesava. Endurecia. A

protuberância entre minhas pernas parecia maior, mais pronunciada. Eu me perguntava se era isso mesmo — Leonardo estava tendo uma ereção?

“Vamos voltar para sua casa. Tomar um banho quente. Descansar. A gente pode ouvir mais marchinhas. Tomar uma saideira. De repente você até toma outro ecstasy, tranquilo, em casa. Está frio. Estamos no meio do mar...”

Leonardo levantou o olhar para mim e sorriu. “Você está certa.”

“Estou. Então, vamos remar...”

“Calma...”, ele sussurrou, acariciando meus cabelos. “A gente já volta. Vamos aproveitar um pouco a noite aqui. Olha esse céu...”

Agora ele voltava com o papo de céu e eu tinha certeza de que havia uma ereção entre minhas pernas. “Leonardo, para de bobagem...”

“Bobagem, por quê?” Ele beijou meu pescoço... mordiscou. “Você não sempre quis isso? É como o Jack e a Rose. Eu estou tão duro...”

“Eu sei, estou sentindo.” Eu começava a ficar preocupada. Aquilo estava longe de uma fantasia erótica minha.

“Foi o destino que trouxe a gente aqui. Para mostrar que eu consigo. Pode ser a bala batendo, mas agora posso te comer, não quer? Vai, você sempre quis...”

“Leonardo...” Ele estava cada vez mais duro e pesado sobre mim. Eu queria sair imediatamente dali.

“Fica quietinha. Se eu fechar os olhos, acho que eu consigo...” Senti a mão dele entrando por minha bermuda jeans.

Lembrei-me então de todos os homens da minha vida. Os terceiros de um trio, os bêbados de fim de festa, os apostadores para os quais eu era a décima da noite. Leonardo era como eles, chapado demais, zoados demais, choroso, impotente, perdido comigo numa prancha de surfe: a última mulher sobre a Terra — ou jogada ao mar. Comigo ele podia ser homem. Podia provar algo a si mesmo. Ou podia apenas se divertir. Se fracassasse, ninguém iria saber. Ninguém iria morrer.

Pode ter sido um ato heroico ou uma reação involuntária. Apenas dobrei o joelho esquerdo e o acertei bem nas bolas, enquanto eu rolava para a água.

Caí na água fria, o oceano profundo, sem um solo para me dar suporte e todo um universo desconhecido ao meu redor. E enquanto Leonardo gemia, eu constatava: era verdade. Elas estavam lá. Águas-vivas. De todas as cores, tamanhos, o oceano era praticamente um sagu. Foda-se. Agarrei a prancha e bati pernas, remei com os braços. Tentáculos passavam por mim, na minha camiseta larga, sentia um leve ardor na perna, então no braço, mas seguia em frente.

“Desculpa...” Leonardo gemia. “Desculpa, querida...”

“Cala a boca, Leonardo!”, gritei, e continuei batendo perna, puxando a prancha, rebocando-o para a praia.

O mar era o tecido daqueles pesadelos em que você não consegue chegar a lugar algum. Em que o universo só existe para te conter — e o universo só existia para me conter. O universo só existia para me negar: era uma massa pesada e queria que eu fizesse parte imutável dela. Imóvel, a cada braçada. Mas a cada braçada eu estava mais perto, não muito longe no universo, mas o suficiente.

Foi um esforço tremendo, ao menos para mim. Chegamos à areia e eu desabei, buscando ar. Meu corpo todo doía, o pulmão, os músculos não acostumados ao exercício. Leonardo permanecia na prancha, chorando.

“Vocês estão bem?” Levantei o olhar e vi Giovani parado diante de nós.

“As águas-vivas...” Balbuciei.

“Pois é...”, ele respondeu. “Me queimei feio. Tá ardendo horrores.”

A adrenalina ia baixando, a respiração voltando ao normal, e a dor generalizada ia ganhando foco. Eu sentia queimaduras nas pernas, nos braços, mas nada que superasse o alívio de estar de volta em terra firme, longe de Leonardo.

“Vou ver se tem uma farmácia aberta para eu passar alguma coisa”, disse Giovani, “e comprar mais um drinque. Quer vir?”

Eu ainda tentava recuperar o fôlego. “Acho que vou ficar um pouco aqui...”

Giovani nos olhou incerto. “Está tudo bem mesmo? Quer que eu traga alguma coisa?”

“Está tudo bem, Giovani”, disse incisiva, e ele se afastou. Olhei para o lado e vi uma água-viva morta na areia, levantei-me e caminhei até Luca, que continuava com a cabeça entre os joelhos. Peguei minha carteira e meu celular com ele, sem a menor paciência para perguntar novamente se ele estava bem, se precisava de alguma coisa. Acendi a tela do celular e não havia nenhuma mensagem, nenhuma novidade, ninguém perguntando onde eu estava, por que eu não respondia. Minha grande noite de terror havia durado poucas dezenas de minutos.

“Você está bem?” Ouvi a voz de Leonardo vindo do mar. Luca levantou o olhar e sorriu: um sorriso chapado, débil, não menos feliz. “Tô óóootimo. Tá batendo.”

Leonardo sorriu de volta para ele e se sentou ao seu lado, massageou seus ombros. Luca gemeu de prazer. “Noooossa... Você tem a pegada, né, Leo?” Leonardo riu. E os dois seguiram se pajeando, massageando, rindo e flertando. Quando olhei novamente, os dois se beijavam.

Eu tinha as pernas queimadas, os braços queimados, tremia de frio, com a camiseta branca molhada grudada sobre meu corpo, meus seios, meu sutiã perdido no mar. E o único lugar para onde eu poderia voltar era a casa de Leonardo, seu quarto, sua cama. Foi quando ouvi a voz:

“Olha só, duas bichinhas...”

Levantei o olhar e vi um grupo de moleques caiçaras, cafuços, com pedaços de pau na mão. Pareciam ter entre treze e dezesseis anos, as costelas à mostra, peles morenas de sol, sorrisos tortos de escárnio. Estavam longe de um Leonardo DiCaprio — terceiros de um trio, bêbados de fim de festa, adolescentes batendo recordes. E completaram: “Imagina se vão dar conta de toda essa fartura...”



Praia Nudista

Léo Mandu

— Agora você vai ficar com medinho?

Caio olhou para amiga de modo sério, tentando demonstrar confiança. A garota seguiu na tentativa de extrair alguma resposta.

– Nem adianta colocar essa cara de Vin Diesel em “Velozes e Furiosos”. Sei que você está querendo dar para trás... Eu te conheço de outros carnavais, Caio Braga!

O rapaz passou a mão na cabeça, puxando os cabelos para trás, como se fosse fazer um penteado no estilo *samurai*. Olhou para fora do carro, abrindo o vidro da janela do carona. A maresia entrou trazendo o gosto de sal, que era saboreado em cada respiração.

– Ô bonito, não fica fazendo o pensativo! Eu estou falando com você!

Caio olhou de volta. A incerteza ainda estava em seus olhos.

– É sério que me aventurando aqui, nessa praia, eu vou esquecer ele? — perguntou em tom choroso.

A amiga mordeu a bochecha por dentro ao ver que os olhos do rapaz ficaram marejados. Teria de ser mais compreensiva e, ao mesmo tempo, persuasiva se quisesse tirá-lo daquela dúvida.

– Bebê — passou a mão nos cabelos alourados, fechando levemente os olhos —, sei que você e o Ronaldo construíram uma história linda ao longo desses três anos, que ele te entendia, que você queria casar com ele, que queriam ter filhos... Mas... ACABOU! — Verbalizou e ficou olhando para Caio, como se esperasse as primeiras reações dele, antes de prosseguir.

– Dalila Tenório, a consultora amorosa! — desdenhou, com a voz fraca, deixando a primeira lágrima cair, enquanto mantinha a visão travada, observando o mar ao longe.

A garota deu uma palmadinha no ar, como se matasse um mosquito, soltando um “Ah”, em sinal de repúdio com a declaração do amigo.

– Agora mudou? Vai fazer o maluco? — Manteve o olhar, esperando nova reação. — Olha, não estou falando que é fácil lidar com o término do namoro, mas é hora de seguir em frente! Há quanto tempo você tá nessa?

– Sei lá... Uns dois meses?

– DOIS MESES, PORRA! — Gritou dando uma nova palmadinha no ar, desta vez como se quisesse tirar Caio de um feitiço — Já deu! Vocês foram e voltaram um monte de vezes, ele nunca sabe o que quer. Vai continuar fodendo o seu juízo com essa porra de “eu não vejo um futuro para nós”, aí você fica sempre esperando por ele. Ele se diverte e, quando cansa, estala o dedo e você volta! CHEGA, CAIO! QUAL É?!

O rapaz, pela primeira vez, parecia ouvir de fato o que a amiga falava.

– Cara, você é um dos moleques mais interessantes da faculdade. Notas altas, bonitão, olhos azuis, joga polo aquático, é voluntário no instituto do câncer, ajuda os alunos burros... E aí fica se fazendo de princesa, no castelo, pra esse moleque que nem sabe quem ele é? — Dalila balançava a cabeça em revolta. — Ah. não! CHEGA! Você vale mais que esse perdedor! Se valoriza, cara!

Caio olhou para o teto do carro, enxugando as lágrimas.

– Tá... Desculpa! Se viemos aqui para ir na praia, nós vamos! É que... — Parou o olhar, em visível reflexão. — Sei lá, Dali... eu não sei se sou vagabundo!

A garota riu.

– Amor, todo mundo tem um por cento de vagabundo, já dizia o *Safadão*! Então para de fazer a Madre Teresa pra mim, que lembro muito bem daquele carnaval no Rio. Foram quantos de uma vez só?

O rapaz por um momento soltou um sorriso que misturava vergonha e alegria.

– Foram três... Mas eu estava chapado, o cara era lindo e parecia com o Leonardo DiCaprio. — Fez uma cara travessa enquanto lembrava. — No final das contas, ele quem chamou os outros dois amigos...

Dalila coçou a nuca, levantando os cabelos, lembrando da cena.

– Viado, mas aquele negão tinha uma bunda! Todo trabalhado no suor! Eu fazia a hétera fácil, fácil, pelo resto da vida, só para ficar com ele.

– Mas não deixou de dar uma apalpada, né?

Os dois riram de uma maneira que pareciam estar naquela energia desde que haviam chegado. Dalila sabia que precisava dar um tempo para Caio decidir o que faria, mesmo que já estivessem estacionados, no alto da praia, por mais de trinta minutos.

– Vamos deixar esse Ronaldo filho da puta de lado e arrumar um novo Leonardo DiCaprio para chamar de seu?

Caio fez que sim com a cabeça, ainda indeciso.

– E quem sabe ele não vem com um brinde para mim?

As risadas continuaram enquanto eles, por fim, saíram do Celta azul-marinho, duas portas. O cheiro do mar e o barulho das gaivotas faziam a moldura daquele início de tarde na Praia do Rochedo. A maioria dos banhistas amava o lugar e vinha das mais diversas partes do estado do Rio de Janeiro. Gostavam das águas quentes que destoavam do restante das praias do litoral fluminense, mas, principalmente, eram os cenários paradisíacos que rendiam fotos com certas curvas, que atraíam os novos visitantes.

Caio Braga e Dalila Tenório, dois amigos inseparáveis, seguiram numa conversa animada enquanto desciam a trilha rumo ao complexo de praias, tentando extravasar a ansiedade de visitar um lugar tão peculiar. Após trinta minutos, encontraram uma placa:

Parque Municipal de Arcádia

Praia do Rochedo — Praia de Nudismo / Naturismo

Prática de nudismo exclusivamente na praia, sem caráter de obrigatoriedade
— *Lei CMF 195/97.*

Dalila olhava a placa como uma criança olharia para um presente de natal. Excitada, soltou um risinho abafado enquanto tirava a parte de cima do biquíni.

— Sério que você não vai nem avaliar como as outras pessoas estão? — provocou Caio.

— Amor, não rodei 60km para ver como o povo se porta. Virei naturista! Bota essa mixaria para fora e tira logo uma foto minha. Quero quebrar o *Instagram* hoje!

Dalila, sensualizando, posicionou-se, totalmente nua, atrás da placa, deixando a nudez parcialmente escondida, revelando apenas parte do quadril esquerdo. Caio fez algumas fotos e as mostrou logo em seguida para sua ávida amiga, que gostou de todas. Dalila guardou suas roupas na mochila e seguiu confiante para encontrar a branca e fina areia da praia, quando deu um pinote, voltando de uma vez só.

— Bebê, bora! Cadê?

— Eu não vou tirar a roupa, Dalila!

A morena bateu uma palma aguda, como se quisesse novamente matar um mosquito, em reação à resposta do amigo.

— Gente, como assim? Vai ficar na praia igual a um crente de short e camisa?

— Tá... Eu vou ficar de sunga, tá legal?

— Sunga? — Balançava a cabeça negativamente, enquanto via o universitário se despir. — Você devia ter pego a trilha da direita e ido para a outra praia com a dondoca de buço preconceituosa.

Caio viu a praia por completo pela primeira vez. O lugar era lindo. O Sol batia intenso no mar azul e cristalino. A praia tinha uma quantidade razoável de naturistas, mas não chegava a estar cheia. De onde estavam, observavam todos, confortáveis com seus corpos, mesmo não estando num padrão rígido de beleza. A maioria eram homens, de todas as idades. Havia apenas dois quiosques,

improvisados com gazebo branco, que vendiam de tudo. A visão dos rochedos, que batizavam a praia, fechava o cenário.

Cercando a faixa de areia, uma muralha natural se erguia, o ambiente perfeito para a prática do nudismo. Caio observou até o final dos rochedos que se estendiam pela esquerda. Perto do rochedo principal, apontado para o mar, ele pode avistar um caminho onde os banhistas subiam, logo sumindo do ângulo de visão, seguindo uma trilha mais abaixo. Sentiu a curiosidade pulsar. O calor batia a pino, digno do alto janeiro, no Rio de Janeiro.

– Vem, Caio! Tira logo essa sunga! — Chamava a amiga, acomodada no meio da praia, visivelmente constrangendo-o.

– Nem vem! Tô ótimo assim! Não vou ficar me mostrando para nenhum tarado nudista — disse em resposta a Dalila, assim que tomou o seu lado. Abriu o guarda-sol e sentou-se totalmente à sombra.

– Branco feito um fantasma, gente! — Dalila besuntou Caio de protetor solar. — Não quero ninguém com insolação do meu lado! — Jogou os cabelos para trás como uma pantera do seriado dos anos 70 faria. Deitou-se de bruços, exibindo o corpo moreno torneado, revelando a tatuagem no cóccix, onde lia-se: “Made in Brazil... Bitch!”

Foi quando o avistou.

Tinha um peitoral ligeiramente definido, liso e de ombros largos. Era moreno claro, de coxas grossas e peludas. Andava com dificuldade pela areia, carregando, em uma das mãos, um par de chinelos, e na outra, uma mochila.

Não estava nu.

Talvez esse fator tenha chamado a atenção de Caio. No segundo seguinte, teve certeza de que não era isso. Era, especificamente, o short. Aqueles de futebol, com tecido mole e textura fina, deixavam Caio louco. Um short branco com uma cruz de malta vermelha na barra da perna direita. Pendurada na cintura, uma chave de carro, que realçava a marca da anca musculosa. Devia ter seus vinte e

poucos anos de idade. Passou na frente de Caio como quem procura alguém ou um lugar para ficar.

Olharam-se.

Rápido. Por um segundo. Talvez dois, na verdade. Uma nova olhada. E Caio confirmou suas suspeitas. Seu radar estava acionado e nunca falhava.

O homem passou, cruzando a faixa de areia, rumo a um dos quiosques. Pediu um guaraná natural e sentou-se em cima dos chinelos na areia, furando o copo com o canudo enquanto olhava o mar.

– Garoto! Fala comigo! Alô, Marte, Terra chamando!!! — convocava Dalila, o tirando do estado de hipnose. Ela estava de pé ao lado de uma mulher linda que lembrava uma índia, de cabelos longos negros, com uma pena azul usada como brinco. Dalila olhou na direção que o amigo encarava o cara de short branco. — Adoooooro! — riu travessamente. — Sabia que a praia ia te fazer bem, bebê! Assim você esquece de vez aquele seu ex-namorado problemático! Escuta: essa daqui é a Ingra, a menina que combinei de encontrar. Lembra que comentei com você?

– Oi, Ingra! — A garota, totalmente nua e depilada, respondeu com um sorriso.

– A gente vai dar uma volta, tá, amigo? Vou ver se consigo encontrar a Russa. Aquela piranha velha tá fazendo a maluca comigo! Pega o dinheiro aí. Vou tomar uma caipirinha.

– Você vai demorar? Vai ficar por onde?

– Gente! Posso me divertir com a Ingra? Bebê, deixa meu cavalo andar, beleza? Não vou sumir, tá legal? Volto já! E se eu demorar, você faz o fã da Ivete e “*Vai buscar Dalila, Vai buscar Dalila ligeiro!*” — Levantou os braços para o ar como quem faz uma coreografia, rindo.

Caio deu cinquenta reais para a amiga e a viu se afastar para o quiosque mais distante, cheia de mãos e intimidade com Ingra. Voltou o olhar buscando o cara de short branco.

Ele tinha sumido.

Caio presumiu que certamente o cara devia ter escutado a conversa da amiga “*Porra, a Dalila só me fode!*”. Procurou por todos os lados. Poderia ter ido para o rochedo, mas não conseguiria ter desaparecido tão rápido. Olhou pelas barracas ao redor; banhistas; perto da trilha... nada. Foi quando notou que os chinelos e a mochila dele estavam no mesmo lugar que havia sentado. “*Deve ter ido para o mar!*” Caio franziu a testa e cerrou os olhos, tentando encontrá-lo. Todos pareciam muito iguais àquela distância. “*Merda!*” Decidiu que ia esperar até ele voltar.

Dez, quinze, vinte... trinta minutos e nada!

“*Caralho, será que o cara morreu?*”

Foi quando o viu novamente.

Se fosse uma cena de cinema, ela estaria em câmera lenta. A visão daquele homem de short branco saindo do mar era uma versão atualizada, para o século 21, da Bond Girl de Ursula Andress. Já na areia, ele tratou de secar a água espremendo o short contra o corpo. Caio constatou que era somente o short que usava, sem mais nada por baixo. O volume solto revelava um desenho que denunciava: era grande. Mas o que tiraria, de fato, o fôlego de Caio ainda estava por vir.

Sentou-se ao seu lado.

Não exatamente ao lado. Talvez uns cinco metros de distância. Agitava a mão no cabelo, tirando o excesso de água, espalhando as gotas contra o sol. Caio observava de rabo de olho: “*Tanto lugar para sentar e ele escolheu sentar aqui? Ele tá a fim! Preciso puxar um papo, mas onde está a minha coragem? Perdi a prática?*”. Caio tentava pensar num assunto. Respirou e atacou:

– É uma surpresa encontrar um botafoguense aqui na praia! — Sorriu, olhando para ele, apontando a cruz de Malta no short que o rapaz usava.

“*Ele sorriu, porra!*”

– Botafoguense!? Olha... na verdade, eu sou vascaíno mesmo.

A cara de Caio derreteu.

“Caralho, por que eu puxo assunto sobre uma coisa que não conheço... A porra da cruz não é do Botafogo?”

– Putz! — Caio coçou a cabeça em visível vergonha. — Jurava que a cruz era do Botafogo. Foi mal.

– Tranquilo. O Botafogo é uma estrela... uma estrela solitária. — E sorriu levantando-se da areia. Parecia pronto para ir embora. Olhou o mais direto que pôde para Caio, estendendo a mão. — Sou o Abel, prazer! — Sentou-se mais próximo dele.

O universitário quase pulou de alegria.

– Sou o Caio, prazer também! — E apertaram as mãos, olhando-se de modo intenso.

Abel sentou-se mais próximo dessa vez, cerrando os lábios como quem segura um sorriso. Parecia tão cauteloso quanto Caio. Os dois iniciaram um papo sobre amenidades. Possuíam muitas características em comum. Caio, com sua curiosidade frustrada por não cursar Jornalismo e, sim, Engenharia de Produção, perguntava tudo o que podia ao já declarado futuro marido, e cada vez mais constatava: Abel era um príncipe. Convicto de suas certezas, do que achava certo e errado, aquele homem moreno de olhos verdes o encantava. Conversaram sobre tudo, começando sobre como haviam parado naquela praia, passando sobre o que faziam nas suas vidas profissionais, sonhos, gostos musicais que dominavam seus celulares, últimos filmes bons que tinham visto no cinema... até os assuntos da atualidade, como a desesperança na política e a eleição presidencial que se aproximava, em que o corrupto Sasá Aluísio disputava com o tirano e evangélico, ex-general do Exército Brasileiro, Flávio Mascarenhas.

– Cara, por favor não me leve a mal. — Abel pareceu tomar coragem. — Sou evangélico!

Por um momento, Caio puxou o ar:

– Uou! Sério? — O universitário tentou se segurar, mas foi mais forte do que ele. — Nunca pensei que ia encontrar um cara evangélico por aqui.

Abel sorriu, abaixando a cabeça.

– Por quê? É proibido a gente curtir uma praia de nudismo? — Os dois riram.

– Você tem que combinar que não é o esperado pelo menos... Com tanto ódio dos seguidores do Mascarenhas, você até passa a desacreditar nas pessoas. Como elas podem ser manipuladas por um cara assim?

Abel cerrou os lábios e elevou as sobrancelhas, franzindo a testa em visível desconforto. Um pequeno silêncio. Caio avidamente buscou a expressão facial do recém-conhecido, procurando interpretar as entrelinhas.

– Caralho, não me diga que você é um “*mascarito*”?

– Não!!! — Foi a resposta mais sonora que Abel tinha dado naquela tarde. — Pelo amor de Deus! Não mesmo! Esse cara precisa se tratar. — Os dois riram por alguns instantes. — Mas devo confessar que boa parte da minha família e do pessoal lá da igreja vai votar nele.

Caio não conseguiu segurar sua expressão facial de incômodo.

– Cara... então você tem uma grande missão à frente! Como eles não conseguem ver que uma pessoa tão preconceituosa não pode ser nosso presidente. Porra, o cara não está nem aí para os negros, para as mulheres, para os ga...

O universitário olhou para Abel, como quem mensura se podia, de fato, seguir em frente na explanação do seu pensamento.

– Pode falar, meu amigo! Eu não sou um “*mascarito*”. Esse cara pisa na cabeça dos gays como se nós fôssemos a escória do universo.

Caio entrou num estágio de felicidade extrema ao ouvir o termo “*nós*” declarado com tanta naturalidade por Abel. Era o que faltava para sua confirmação.

– Isso! Ele faz com que eu me sinta um lixo só por causa da minha natureza.

Os dois pareceram respirar aliviados.

Estavam num pequeno jogo de xadrez onde cada um fazia questão de deixar bem claro os movimentos das suas peças. Caio evidenciou sua natureza e

possíveis intenções. Abel caminhava no mesmo sentido. Os dois pareciam encantados. Seguiram na conversa, falando dos seus últimos relacionamentos. Caio contou sua história com Ronaldo, que era segundo-tenente da Marinha, e de todas as complicações que levaram ao fim do relacionamento. Abel dividiu um pouco, sobre o seu relacionamento de seis meses com um rapaz, também evangélico, que morava em Porto Alegre.

– Olha... eu tô impressionado! — Caio concluiu enquanto beliscava mais um pedaço do peixe frito que eles haviam pedido num dos quiosques. — Mas alguém sabe sobre você? Quer dizer, sobre sua natureza?

Abel fez um tímido não com a cabeça.

– Ninguém. Também não acho que agora seja necessário. Com meu último relacionamento, eu não tinha coragem de contar. Agora que estou sozinho, não vejo necessidade de fazer isso de forma gratuita... deixa eu ter alguém primeiro e saber que é o cara certo. Quando esse cara chegar, e eu sentir que posso brigar com o mundo, levo ele para almoçar lá em casa.

“*Esse cara sou eu!*” Na hora, a música do Roberto Carlos entrou com toda a força na cabeça de Caio. Ele sorriu por dentro.

– Abel... Não posso negar, você é um *Pokémon* raro! — Os dois gargalharam, de maneira intensa, por um longo minuto.

A tarde chegava ao fim, e o céu demonstrava tons de alaranjado e rosa. O universitário sabia que precisava dar mais um passo à frente, mas não sabia exatamente como. Mas foi Abel quem tomou a iniciativa:

– Cara... Gostei de você! — E olhou nos olhos de Caio. — De verdade.

Caio não sabia exatamente o que dizer, resolveu apenas sorrir. De alguma forma, Abel tinha expectativa de uma outra resposta e ficou olhando em espera.

– Eu também! — respondeu enfim, abrindo um sorriso no rosto de Abel. — E penso que a gente pode... — Sentiu seu celular vibrar. Leu o nome na tela: Ronaldo Botelho. O coração por um minuto parou. Era o ex-namorado. Olhou para Abel à sua frente, e deixou claro seu desconforto.

– Tudo bem, Caio?

Desligou a chamada. Mesmo com uma expressão de quem havia tomado um azedo suco de limão, mentiu, dizendo que estava tudo bem. Abel sentiu o clima.

– Queria muito que a gente pudesse ir dar uma volta... Como você falou que é viciado em sorvete, como eu, conheço um lugar que tem uma taça enorme de sete sabores e...

– Acho que não vai rolar. — O rosto de Abel, com a cortada de Caio, pareceu desmoronar — E no mais, tem minha amiga, a Dalila, que não vejo desde que chegamos. Tenho de voltar com ela, as coisas dela estão todas aqui... fica complicado.

– Poxa... sério? — Abel parecia desapontado.

Caio fez um falso convicto sim com a cabeça.

A ligação de Ronaldo deu um estalo na sua cabeça que não havia percebido, ele estava se apaixonando e se rendendo novamente. Fazendo planos de viver para sempre com Abel, comprar um apartamento, casar, ter filhos... não era para isso que ele estava ali. Não era para encontrar o novo amor da sua vida. Estava cometendo os mesmos erros que havia prometido para Dalila não cometer novamente. Estava totalmente rendido para um estranho que conhecia há apenas algumas horas. Não seria um bobo apaixonado mais uma vez. Não se renderia.

– Sério! — Era difícil para ele, naquele momento, emular indiferença, mas era exatamente isso que decidiu fazer. — Estou preocupado com a Dalila, acho que ela vai demorar, e só saio daqui com ela.

Abel arfou.

– Tá bom. — E olhou o mar. — Mas não queria perder o seu contato. Nossa conversa foi muito boa. — Caio fez mais um tímido sim com a cabeça, tentando demonstrar o máximo de um falso repentino desinteresse. — Vamos trocar WhatsApp? Ao menos para a gente se encontrar um dia desses...

– Pode ser! — Era sua escolha. Se realmente estava interessado em construir uma nova história, ou cortar tudo naquele momento. Decidiu passar um número

falso.

Abel pareceu esperar que Caio pedisse o seu contato, mas isso não aconteceu. O universitário estava decidido, não cederia.

– Bom, então a gente se fala, tá legal? Vou indo! — Ele se levantou. — Um prazer enorme te conhecer. — E abraçou Caio.

O universitário, assim que se soltou do abraço cheiroso e caloroso de Abel, já estava arrependido. Viu aquele cara simpático ir embora aos pouquinhos, caminhando paralelo à linha do mar, rumo ao Sol. Sentiu uma dor no peito.

Que merda é essa? Eu só conheço esse cara há algumas horas e já estou sofrendo de amor? Para! Eu não vim aqui para isso! Via os últimos passos de Abel se perderem na areia, afogados pelo mar... Lá ia ele rumo à trilha que dava acesso à saída da praia. Será que dá tempo de correr e tascar um beijo nele? Meeeerda!!! Quero me matar. Filho da puta do meu ex! Sempre me assombrando como um fantasma! Será que, se eu jogar a porra do meu celular na água, Iemanjá me devolve alguma coisa boa?

Caio tamborilava os dedos na lateral da cabeça, surtando. *Quer saber: FODA-SE! Para com essa porra de paixão e de amor eterno! Isso não importa! Vou esquecer esses caras! Esquece Ronaldo, esquece Abel... Esquece a porra toda!* Não precisou de nenhuma injeção de adrenalina para saber o que ia fazer. Passou o olhar por toda a praia, procurando Dalila pela última vez. Nada.

Aquela maluca me deixou aqui, sem levar as coisas dela?

Voltou ao quiosque, observando a faixa de areia ficando vazia aos poucos. Pediu duas ices, era tudo de que precisava para estar completamente chapado. Por um momento, observou o vendedor: magricela, apesar dos músculos desenhados, tinha a pele torrada do sol e cara castigada como uma uva passa. Sorriu para ele, jogando um charme e pedindo para deixar os seus pertences com ele enquanto ia até a trilha do Rochedo. O homem concordou, devorando o corpo de Caio com os olhos. O universitário viu o volume saltar no meio das pernas do ambulante. Sorriu.

– Lá no Rochedo é tranquilo? — Perguntou ao seu novo admirador.

– Fica na atividade! Só vai lá quem sabe o que quer... — Olhou para os lados como se buscasse uma outra pessoa. — Tem muito doido lá. — Pegou os pertences de Caio, guardando-os numa caixa.

O rapaz deu dinheiro pela guarda dos pertences. Pronto para agradecer e bater em retirada, lembrou-se de perguntar até que horas o ambulante estaria ali.

– Pode ficar tranquilo, eu durmo aqui! Daria muito trabalho se tivéssemos que montar e desmontar o quiosque todo dia.

– E é seguro pra você?

Caio tinha certeza de que o homem iria colocar o pau para fora, mas ele enfiou a mão dentro do short e mostrou um pequeno revólver preto de calibre 22.

– Tenho como me garantir. — Sorriu como se estivesse mostrando uma pick-up para uma garota mercenária. — Quer ver minha arma de perto?

O universitário achou a dualidade do convite desconfortante e ao mesmo tempo ousada demais. Decidiu apenas sorrir e, como Dalila diria, *fez o maluco*, agradeceu e foi em direção à trilha do Rochedo.

Pronto para subir, mas ainda sem coragem total, observou um casal jovem de homens, conversando em francês, dirigindo-se para o Rochedo. Estavam vestidos e deviam ter acabado de chegar à praia. Caio os deixou passar à frente, vendo toda a cena deles tirando as roupas enquanto se alisavam. Um deles fitou o universitário com uma expressão curiosa. Subiram a trilha. Caio estava louco para experimentá-los e praticar a língua... francesa, que havia aprendido no ensino médio, com tanto afinho, mas não podia subir daquele jeito covarde, de sunga.

Tomou coragem.

Apoiou as duas mãos na cintura, passando os polegares por dentro da sunga, e espreguiçou-se encurvando o tórax para a frente. Não era musculoso, mas sabia usar o que tinha. O pau, dentro da sunga, instantaneamente deu um salto quando

viu que era observado pelos franceses no meio da trilha. Ficou, enfim, totalmente nu.

Um sentimento libertador.

Caio sentia o vento e a areia da praia o tocarem como seu corpo nunca havia sido tocado. Partes que raramente haviam vivenciado o ar livre agora estavam soltas, devotadas a seu bel prazer. O garoto fechou os olhos e sorriu, com toda aquela liberdade que o cercava. Deixou a pequena peça de roupa que lhe restava na barraca, com o ambulante, que voltou a devorá-lo com o olhar e subiu o mais rápido que pôde para alcançar os franceses.

Anoiteceu por completo.

Ao chegar ao topo do rochedo, a vista do mar era uma das paisagens mais lindas que havia presenciado na vida. Parou um segundo para respirar e contemplar a vastidão daquele lugar ao anoitecer. A cidade ao fundo, em silêncio, brilhando em suas luzes. Logo foi captado por uma outra visão: a trilha, após o Rochedo, descia para uma espécie de vale, de onde era possível visualizar um amontoado de gente andando de um lado para o outro, em rodas de sexo e orgias, das mais variadas formas. O cheiro de suor, esperma e sal se misturava de uma forma intensa. Encontrou os franceses se divertindo com se estivessem na *Disneylândia*. Simplesmente ignoraram Caio e desceram em direção à primeira rodinha, onde se juntaram, como dois bezerros desmamados, a uma mulher gorda que chupava dois homens negros ao mesmo tempo. Caio sorriu presenciando a cena e passou a mão entre os cabelos, avaliando em qual brinquedo andaria primeiro naquele inusitado parque de diversões.

Desceu inebriado pelo cheiro do prazer. Passava entre os corpos nus, se esfregando e molhando-se no suor. Beijava quem queria. Parava para observar algumas cenas mais bizarras: viu uma dupla penetração em um rapaz magricela que se contorcia de dor e prazer; uma fila de homens que se pegavam, formando um trenzinho, onde todos pareciam prontos para um gozo coletivo; uma mulher gritava, como se alguém lhe golpeasse com uma faca, mas, na verdade, era

prazer. Ela se agarrava ao que podia, ainda mais quando o homem que a penetrava olhou-a intensamente e gritou: *Aguenta!*, começando, na sequência, a girar, lentamente, a mão.

Observou que sempre havia os menos favorecidos, que não eram bonitos, ou ao menos possuíam um corpo em dia, e que ficavam alijados à função de espectadores. Aproveitou para fazer sua boa ação do dia e liberou o corpo para que qualquer um desses chegasse ao seu lado e o chupasse, na parte que mais tivesse desejo. *Pode vir, magricela esquisito, eu deixo você tocar! Isso, pode ir lá embaixo. Não tem problema... Se você souber usar sua língua bem, eu não me importo... Aí... Aí... Isso... Assim... Bom!*

Era o inferno.

Era o paraíso.

Os corpos se iluminavam pelo luar que os tingia de azul. Caio sentia-se bem onde estava. Entorpecido, recobrava a consciência, rapidamente, quando acabava de gozar e, por um segundo, se perguntava o que estava fazendo, mas o próximo toque o chamava de volta. Pela terceira vez, estava preparado. Não sabia há quanto tempo estava ali, mas sabia que não queria ir embora tão cedo.

Chega, esquisitos. Eu quero os meus franceses... Os dois ao mesmo tempo.

– A Russa está mais lá embaixo, vamos, vai começar!

Caio foi esbarrado por duas mulheres que passaram de mãos dadas e desceram ainda mais a trilha pelo vale estreito entre as pedras. A maioria parava naquele primeiro local, onde Caio ficou inicialmente. O nome Russa, o fez lembrar do que Dalila havia comentado. Ela organizava orgias que varavam a noite na praia, numa cabana à beira-mar, localizada após a trilha do Rochedo.

Decidiu descer um pouco mais e achar o tal lugar. A trilha era mais apertada e úmida. Caio se esgueirava por entre as pedras, em vários momentos se ralando. Seguia intenso. Passou por uma pedra solta e quase torceu seu pé.

Putá que pariu! É muita vontade de foder!

Ao contornar a pedra como um todo, ele chegou a uma fina faixa de areia formando uma nova praia. Na extremidade oposta, dentro de uma pequena mata, que remetia a um manguezal, havia uma choupana com duas tochas à frente, onde o casal de mulheres entrou. O universitário limpou o suor do rosto e conferiu que ainda possuía duas camisinhas, da cartela inicial, que não esquecerá de levar para sua aventura nudista. Como um zumbi sedento por carne, cruzou a prainha até chegar bem perto da entrada da construção artesanal. Esta parecia ser maior internamente do que olhando de fora.

Lá dentro, o sexo continuava solto. Um lampião, no topo da estrutura, iluminava em amarelo o ambiente, que, apesar do vento frio vindo do mar, tinha uma temperatura morna como numa sauna. O cheiro de orgasmo voltou a excitar Caio, que segurava seu saco com as duas mãos para esconder o volume que voltou a se formar. A luminosidade, por um instante, o deixou acanhado. Vergonha essa que fugiu, num piscar de olhos, quando um homem de quase dois metros, forte, com peito e pernas torneadas e cabeludas, tascou-lhe um beijo como se este fosse o convite que faltava para entrar na brincadeira. A barba cerrada daquele homão roçava no pescoço de Caio e arrepiava seus pelos da nuca. O barbudo circundou seu corpo, enchendo-o de lambidas, posicionando-se bem atrás dele, encaixado, segurando sua cintura e movimentando-se de forma intensa. Caio delirava de prazer. Com olhos entreabertos, pôde observar uma mulher loira, sentada numa cadeira alta, como se fosse uma rainha. Era a Russa.

Devia ter mais de 50 anos e possuía os cabelos minguados, descoloridos. Sobre a cabeça, uma coroa de flores, numa alusão a musa de alguma festa do vinho. A cara estava vermelha e esgaçada pelo sol, descascando como uma cobra velha. De pernas arreganhadas, ela enfiava um consolo preto e extremamente grosso na vagina, contorcendo-se de prazer enquanto via os “súditos” urrarem, numa catarse erótica.

Cada um usava um adereço. A maioria, máscaras de animais que pareciam espécimes empalhados. Caio viu lobos comendo ovelhas, veados sendo

devorados por leões, zebras se oferecendo para elefantes... *Viva Baco!* Caio estava, novamente, em êxtase quando sentiu um cuspe atingindo sua bunda, sendo esfregado com um líquido quente que escorreu por toda sua perna. Sentiu vontade de se virar e ver o que era exatamente, mas estava tão bom, que somente fechou os olhos em profundo prazer. O homão começava a deslizar com a cabeça do pau em sua porta. Caio lembrou-se da camisinha. Abriu-a cuidadosamente com a boca e a deu para que o parceiro, em pleno furor, colocasse. Escutou o látex sendo esticado sentindo a primeira estocada. Sorriu em meio a dor. Segurou na cintura do parceiro, apertando-o com força. Sentiu o líquido quente tomar toda a extensão interna das suas pernas. *Deve ser algum tipo de lubrificante que ele exagerou na mão.* O homão seguia nas estocadas, lentamente, ganhando velocidade aos poucos. Caio, em meio ao tesão, se contorcia de prazer, pedindo mais, de forma sedenta.

Sua boca foi tapada.

Não pela mão do barbudo, mas por uma espécie de cinta de couro com uma bola macia ao meio: uma mordaca, como ele tinha visto algumas pessoas naquela choupana usando. *Caralho... Agora virou 'Instinto Selvagem'?* O sexo seguia intenso. Caio delirava de prazer, quando viu, claramente, algumas mulheres serem carregadas por homens fortes com máscaras de bode.

Tratavam-se de cinco mulheres encapuzadas com um saco de pano preto, que foram dispostas, no meio da choupana, sobre esteiras de bananeira. Estavam de bruços, ajoelhadas e com a bunda empinada, convidando qualquer um para penetrá-las. Lembravam bonecas e, ao mesmo tempo, escravas sexuais. Mantiveram-se imóveis. Os bodes tinham os paus todos em riste, e dois deles iniciaram estocadas nas mulheres.

Caio, em pleno furor, sentindo as socadas do seu parceiro cada vez mais intensas, observou quando um dos franceses foi carregado para o meio da choupana, da mesma forma que as mulheres, sendo colocado ao lado delas, ganhando, por fim, um igual saco preto, que cobriu sua cabeça.

Agora você não me escapa!

Colocou a mão para trás, alisando a bunda do parceiro e a apertando no fim, como quem diz *chega!*, afastou-se do dele, desvencilhando-se em pleno coito interrompido. A mordaca o incomodava, mas a bunda daquele francês era o seu foco. Era a hora de inverter o jogo. Sentia o ânus arder devido ao tamanho que tinha suportado. Parou em frente ao francês de bunda empinada e o penetrou de uma só vez, sendo recebido sem nenhuma reclamação pelo parceiro, iniciando um vaivém intenso.

Caralho... Eu não quero nunca mais sair daqui!

Sentiu o líquido quente novamente saindo em intensidade de seu ânus e escorrendo pelas pernas. Passou a mão na bunda, sentindo o líquido e trazendo a mão próximo à luminosidade amarela do lampião. Era um líquido escuro.

Putz, que merda é essa? Eu tô me cagando?

Sentiu o cheiro. Não parecia fezes.

Sangue.

Caio se assustou, na mesma hora saindo da traseira do francês. Era sangue descendo por suas pernas.

Caralho! Que merda é essa? Esse sangue é meu?

Não sentia dor ou qualquer incômodo que não fosse natural de uma relação qualquer. Estava eletrizado, querendo saber o que se passava. Buscou o homem de barba, na tentativa de entender o que estava acontecendo, quando seus olhos foram capturados pelo olhar do francês. Estava tombado de lado, numa posição esquisita, como se fosse um boneco de pano. Não se mexia. Caio pôde ver, sob o capuz, um pedaço do seu rosto. Inerte. Pensando que pudesse estar acontecendo algo, devido a uma possível asfixia, puxou o capuz rapidamente. Seus olhos estavam abertos, estatelados, e a boca, entreaberta. O universitário pensou que o homem estava desmaiado, mas no segundo seguinte, um fato mudou suas convicções: um filete intenso de sangue começou a sair da boca do francês. Com dois dedos, verificou a pulsação do parceiro no pescoço.

Morto.

Seu primeiro instinto foi olhar para o lado e pedir ajuda de alguém que, talvez, pudesse ouvi-lo. A mordaca. Com toda agilidade que pôde, colocou as mãos atrás da cabeça, no afã de se desvencilhar do acessório.

Dor.

Mais um berro abafado na choupana, como se fosse de prazer. Caio voltou as mãos à sua frente e as viu repletas de sangue. Havia acabado de se cortar por algum tipo de lâmina na mordaca. Tentou mais uma vez. Novo urro. Quem havia colocado a mordaca não queria que Caio conseguisse tirá-la.

Desesperou-se.

Respirando ofegante, olhou para o lado.

Não teve tempo de reagir.

Sentiu somente a faca entrando em cheio. Um homem-bode havia acabado de esfaqueá-lo, e olhou para a feição de Caio, que se contorcia de dor e se perguntava o que estava acontecendo. Sentiu tudo ao seu redor girar em intensidade. Nova facada. Mais uma vez na lateral do abdômen. O ferimento ardia, e, por instinto, o universitário empurrou, violentamente, o bode para trás. Caio se desequilibrou e caiu ao chão também.

“Made in Brazil... Bitch!”

Foi tudo o que ele conseguiu ver no cóccix de uma das mulheres encapuzadas jogadas em meio a choupana.

– DALILA! — urrou, de forma incompreensível, puxando o capuz da cabeça da mulher.

Dalila.

Pálida e com olhos talhados. Devia estar morta há muito mais tempo que o francês. Em meio à loucura, Caio compreendeu: todos estavam sendo mortos pelos homens com máscaras de animais, e ele seria o próximo. Entrou em pânico. Olhou em volta buscando ajuda. Os urros continuavam, mas não eram de prazer. Os homens-bode esfaqueavam as pessoas violentamente. Cortavam seus

pescoços, apunhalavam suas costas, mutilavam partes de seus corpos. O sangue jorrava a cada jugular encontrada, tingindo as máscaras dos animais. Caio passava a mão pela cabeça em desespero, se arrastando com as costas ao chão para não perder a visão do que deveria se defender.

Os urros de dor, misturados com gritos apavorantes, continuavam, enquanto gemidos de prazer ainda eram ouvidos: havia pessoas vendadas e amarradas, em partes da choupana, que continuavam fazendo sexo com homens mascarados, que, quando respingados pelo sangue, pareciam se excitar ainda mais. Olhou na direção do trono da Russa e a viu com um chicote na mão açoitando um negro usando uma máscara de boi.

– O PODER, EM MIM, TE ORDENA! — E a chicotada era desferida com toda intensidade. — O PODER, EM MIM, TE ORDENA! — Uma nova chicotada, ainda mais intensa, e o homem-boi sucumbiu, cambaleando à frente. A Russa pareceu não se importar e montou o homem, que, mesmo naquela condição, mantinha o pau ereto. Iniciou a cavalgá-lo, enquanto ele se revirava entre o prazer e a dor.

Caio chorava em pânico. Não sabia para onde correr. Não sabia o que fazer. Começou a sentir seu corpo fraquejar. O ferimento das duas facadas ardia cada vez mais. Seguiu se arrastando, procurando a saída, em meio a corpos que caíam e à lama de sangue que se formava misturada com a areia. Foi quando viu o homem do quiosque, caído, com um olhar paralisado, certamente morto. Estava embaixo da bunda de uma mulher gorda que acabava de tomar uma série de facadas e mantinha-se firme na luta contra seu agressor.

Porra, a arma! Caio se arrastou fazendo o mínimo de movimento possível, para não chamar a atenção. Era sua chance.

Chegou até o homem do quiosque buscando a arma em sua cintura. Moveu aquele corpo molenga, sem vida, de um lado para o outro. *Não tá aqui! Merda, não tá aqui!.* Sacudiu o corpo, como se aquele homem tivesse engolido o revólver e bastasse sacolejá-lo para que ele cuspsse a arma. Não havia nada.

Caio intensificou o choro, como uma criança. Arrastou-se para longe, ouvindo os últimos gritos de vida da mulher gorda.

Eu vou morrer aqui! Porra, eu vou morrer aqui!

Aos pés do homem. Lá estava ele. O revólver. Num ato de adrenalina, levantou-se sem pensar, ficando visível para os homens-animais. Empunhou o revolver atirando no primeiro que apareceu em seu encalço: o homão de barba. Os jogos de tiro no vídeogame, haviam servido de alguma coisa. Acertou em cheio: bem no peito do homem, que cambaleou para trás.

Se haviam pessoas que não sabiam exatamente o que estava acontecendo naquela choupana, a partir do tiro, não havia mais como ter dúvida. Gritos de horror se espalharam por todos que estavam vivos e em condições de emitir algum som. Caio estava em transe e arregalou os olhos, varrendo com sua vista tudo à volta, na busca da sua próxima vítima. Encontrou: a Russa!

MORRE, PIRANHA!

Não sabia quanto de munição ainda possuía, mas mesmo assim, decidiu que, se fosse necessário, gastaria tudo com aquela que devia ser a responsável por aquela mórbida orgia.

Um. Dois. Três.

O primeiro tiro havia abatido a mulher e acertado em seu rosto, mas, ainda assim, Caio continuou se aproximando dela e, pelas costas da mulher, desferiu mais dois disparos.

O alvoroço só aumentou. Cada uma tentava salvar sua vida do jeito que podia. Caio, cambaleando, viu a saída. Assim que saiu, a primeira coisa que sentiu foi um calor e uma luminosidade intensa. Não sabia explicar exatamente o que estava vendo, e só teve certeza quando se esquivou de um dos homens-bode com o corpo coberto pelo fogo, como se fosse uma tocha viva.

Havia cinco ou sete pessoas “dançando”, com o corpo repleto de chamas. Era um insano balé mortal. Alguns outros mascarados, que se arrastavam para fora da choupana, eram incendiados da mesma forma. Caio se esquivou de um outro

homem-bode incendiado e tombou na areia. Arrastou-se até uma das árvores de onde podia ver toda a cena macabra e então pode entender.

Existiam homens de terno e gravata e mulheres com vestidos floridos na praia. Não entendeu como eles haviam chegado em tão grande número, mas logo conseguiu identificar que, pelas suas feições, aparentavam ser pessoas de bem, e, o mais importante: essas pessoas estavam ateando fogo nos pervertidos da choupana.

Caio respirou aliviado.

Isso! Acabem com todos eles! Matem esses filhos da puta desgraçados!

Os urros das pessoas pegando fogo eram os mais assustadores que Caio havia escutado naquela noite. O cheiro de carne carbonizada era perturbador e impregnava toda a praia. Apesar da cena insólita e do ferimento, o universitário se acalmava aos poucos: estava vivo! Puxou o ar com mais força que pôde, pelo nariz, ainda com dificuldade para respirar devido à mordaca. Pressionou o ferimento no abdômen, tentando estancar o sangue. As lágrimas desciam sem cerimônia.

Acabou, Caio! Daqui a pouco a polícia está aqui e tudo fica bem! Acabou... Acabou!

Um dos homens de terno, que estava parado em frente à choupana, tinha um objeto na mão, que Caio tentava identificar. Foi quando se deu conta de que precisava pedir ajuda aos salvadores, para que tirassem sua mordaca, e assim poderia explicar o que havia acontecido com ele naquele lugar.

Foi quando viu uma pessoa saindo se arrastando da choupana com uma mordaca semelhante à sua. Era uma garota, e estava muito ferida nas costas, com olhos graves de quem pede ajuda. Caio finalmente conseguiu chegar perto dos salvadores, chamando a atenção de uma mulher com um coque e vestido florido. Ele estendeu a mão em claro pedido de ajuda.

O homem que Caio havia avistado, com um objeto na mão (um livro, como agora ele conseguia identificar), ergueu as mãos ao céu, lendo uma das páginas

da obra com uma imponente voz:

– *Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo.*

A Bíblia.

Caio urrou em desespero quando viu os salvadores ateando fogo na garota indefesa que saía da choupana. Seus olhos se arregalaram. A mulher de coque caminhou, com uma feição de poucos amigos, em sua direção.

– *E condenou à destruição as cidades de Sodoma e Gomorra — a voz do homem pregador seguia frígida e inabalável —, reduzindo-as à cinzas, e pondo-as para exemplo aos que vivessem impiamente.*

Caio empunhou novamente o revólver, atirando na direção dos salvadores, porém sem nenhum resultado, a não ser o barulho do tambor que girava freneticamente em busca de munição. Deu passos para trás sem saber o que fazer. Caiu de costas na areia e seguiu, na mesma posição, se arrastando em direção ao mar.

Parou.

Por um segundo, sentiu um alívio. Viu Abel. O homem com quem havia conversado a tarde toda, que o deixara louco com aquele short branco, que o havia encantado, estava parado em sua frente, agora vestido com um impecável terno azul-claro. Era um dos salvadores.

Os dois se olharam por um segundo.

O homem com a Bíblia parou do lado de Abel e falou em seu ouvido, de forma leve:

– Faça, meu filho! Livre esse nosso mundo dessa gente... Por favor, faça!

Caio sentiu o gosto, a frieza e o cheiro da gasolina assim que o líquido respingou em seu corpo, lançado por Abel. As chamas atingiram o universitário, instantaneamente, e por completo, iluminando a praia e enchendo aquela noite com mais urros de agonia e dor.



A casa das bonecas

Jéssica Milato

Tudo era como um sonho. Alícia ainda estava extasiada com a grande casa de bonecas rosa no quintal de sua família adotiva. Por anos ela esperava ter um lar — desde que começou a ter noção de tempo e espaço —, e agora finalmente ela tinha um. Estar no orfanato não era tão ruim. Ela tinha amigas, e as “tias” a tratavam muito bem.

Para os sete anos, Alícia era uma garota muito esperta. Já sabia ler e escrever com maestria e adorava passar horas lendo as fábulas de Monteiro Lobato e contos de fadas adaptados, pois os originais dos Irmãos Grimm não eram propícios a sua idade e acabariam com toda a fantasia que ela criava em sua cabecinha imaginativa.

Foram longos meses até que finalmente ela pudesse morar com Adriano e Mércia. Um casal adorável e financeiramente estável — requisito principal para a adoção. Eles não tinham filhos biológicos devido à infertilidade de Mércia, mas nada que tirasse deles o sonho de serem pais. Mesmo com a demora no processo de adoção, essa foi a escolha deles.

Adriano era um cirurgião pediátrico renomado. Medicina sempre fora sua paixão. Crianças eram seu ponto fraco em todos os aspectos. A inocência delas o encantava. Confiavam nos adultos sem pestanejar. Para ele, tudo tinha o ar do jogo “Mestre Mandou”, e essa posição de mestre o excitava muito. Ele podia sentir a dopamina sendo liberada de seu corpo cada vez que uma criança — principalmente menina — o chamava de doutor. Ele era o dominante e, por ter esses pensamentos peculiares, conheceu Mércia em um lugar nada convencional.

Era junho de 2015. Mércia estava se encaminhando para uma festa *secret vip*. Era a segunda que frequentava em menos de um mês. Foi nessa festa regada a sexo e sadismo que conheceu Adriano. A máscara usada por ela na festa chamou a atenção do médico. Era um rosto de boneca. Não uma simples boneca, mas sim uma boneca angelical. Infantil. Adriano não se conteve e, naquela noite, acabou com Mércia amarrada em sua cama. A partir daí, não se separaram mais.

Mércia trabalhava como professora das séries iniciais. Lecionava com prazer, pois era apaixonada por sua profissão. Fez magistério e depois entrou para a faculdade de Pedagogia. O fato de não poder gerar uma vida em seu próprio ventre acabou deixando-a amarga. E foi na festa na qual encontrou Adriano que ela começou a liberar seus instintos. Estava perto do balcão de bebidas quando sentiu uma presença atrás de suas costas, a qual eriçou todos os seus pelos. O lugar exalava sexo, porém o cheiro do homem que naquele momento estava colado em seu corpo fez com que ficasse excitada. As mãos do desconhecido percorreram sua pele quase toda despida, ali mesmo no balcão. Mércia transaria com ele ali, na frente de todos. As máscaras escondiam seus rostos, o que naquele momento era o que menos importava. Adriano sussurrou algo em seu ouvido, e ambos foram para o quarto da boate. Mércia fez menção de tirar a máscara, mas Adriano pediu para que ela ficasse, pois tinha fetiche em bonecas, e ela estava perfeita como uma. A música *Try*, da Pink, tocava ao fundo, trazendo mais sedução ao momento. As mãos grandes de Adriano tiraram o vestido colado da sua acompanhante em fração de segundos. Ávidas, acariciavam os seios firmes e pequenos de Mércia.

– Adoro seus seios. Cabem perfeitamente em minha boca — falava enquanto vagarosamente os sugava.

Aquela noite ficou marcada para ambos. Satisfizeram seus mais loucos desejos sexuais. Mércia largou tudo e, em poucos dias, estava morando com o médico. A vida de ambos agora era tudo o que sempre sonharam. Tinham um ao outro, uma boa casa, dinheiro, sexo, luxúria. Porém, Adriano queria mais.

Construíram uma casinha de bonecas no quintal. Toda rosa, com direito a floreiras na janela. Todos os dias, eles iam à casinha e faziam amor em cima do tapete felpudo lilás. Adriano gozava repetidas vezes, sempre que pedia a Mércia para vestir a máscara de boneca do primeiro encontro. Mas Adriano não estava satisfeito. Mércia fazia tudo o que seu amado pedia. Ela adorava encenar para ele. Cada vez que ele a penetrava, pedia para que ela ficasse imóvel como uma boneca. Foi nessa posição de vulnerabilidade e dominação que ele teve a ideia de comprar uma boneca inflável para apimentar a relação. Quando a Amábile — nome carinhoso que deram à boneca — chegou, Adriano teve uma decepção. Ela era adulta demais. Com seios fartos e traços de uma mulher já formada. Tentaram usá-la algumas vezes, mas ele sempre brochava.

Foi então que Mércia teve outra ideia. Maluca, mas que após cinco minutos de conversa foi aceita de bom grado pelo seu amado. Compraram, então, uma casa na cidade vizinha. Ele pegou alguns plantões na cidade, e Mércia, umas poucas aulas particulares. Ficavam metade da semana em uma cidade e metade na outra.

Ser cirurgião pediátrico tomava muito tempo, e Mércia percebia que seu marido tinha pressa. Ele precisava se aliviar, e ela já não o satisfazia mais como antes. A ideia era simples: eles precisavam estabelecer uma rotina conhecida por seus vizinhos nas duas cidades. Isso seria o álibi ideal. O plano estava traçado. Mércia sequestraria Larissa e a daria de presente para seu amado. Larissa era uma garotinha magricela, de olhos amendoados e cabelos negros como a noite. Havia acabado de completar oito anos. O presente perfeito, segundo a concepção de Mércia.

– Tia, aonde vamos?

– Dar uma voltinha na outra casa da titia. Você sabia que lá tem uma casa de bonecas rosa? Você quer brincar nela?

Larissa assentiu. Qual menina não amaria uma casa gigante de bonecas?

O caminho foi feito ao som de músicas de novelas infantis. Ambas sorriam e conversavam, dizendo o quanto aquilo seria legal. Cada qual na sua percepção.

Enquanto isso, Adriano estava tendo um plantão daqueles. Apendicite, postectomia e amigdalite. Ele estava dando um fim a tudo isso, com suas mãos treinadas. O cansaço já tomava conta de seu corpo. Tudo o que ele queria era ir embora para poder estar dentro de sua mulher.

Já em casa, Mércia mostrava tudo a Larissa, que olhava maravilhada. A casa tinha tudo o que uma criança adora: doces, piscina, brinquedos e uma casa de bonecas.

– Tia, posso ir lá?

– Claro, meu amor.

Saltitante, a criança, com sua inocência, entrou na casa e passou um bom tempo brincando. Já passava das sete, quando o telefone de Mércia tocou. Era a mãe de Larissa:

– Mércia, boa noite. Me desculpe ligar a esta hora. Larissa saiu de casa dizendo que iria te visitar. Como moramos no mesmo bairro, a deixei ir sozinha. Estou preocupada, pois até agora ela não chegou. Ela está com você?

Mércia olhou pela janela: a menina sorria e mandava beijos a ela.

– Oi, Telma. Como assim, ela iria à minha casa? Eu não estou na cidade. Hoje não fui praí — respondeu, sem resquícios de arrependimento.

A mãe, do outro lado da linha, desandou a chorar. Mércia a consolava. Mal sabia aquela mãe que nunca mais veria a sua pequena boneca novamente.

O carro estacionou, e a esposa dedicada foi aguardar o marido à porta.

– Tenho um presente para você — sussurrou bem ao pé do ouvido, o que já o fez ficar com o membro ereto. Ele nada respondeu e ela apenas riu de forma sedutora. Adriano a virou de costas e a fez apoiar-se no encosto do sofá. Sem mais delongas, penetrou-a ali mesmo. Selvagem, bruto e forte. Em seguida, ele foi para o banho, mas antes pediu para que a esposa preparasse o seu presente.

Larissa foi chamada e, com muito esmero e cuidado, foi banhada na banheira do quarto de hóspedes.

– Minha mãe sabe que eu estou aqui? — Larissa pergunta, encantada com as bolhas de sabão.

– Claro, minha boneca. Ela disse que você pode ficar o tempo que quiser.

– Eu queria morar aqui — diz inocente.

– Se é isso que você deseja, pode ficar.

A menina sorriu enquanto uma bolha de sabão flutuava no ar. Era a primeira vez que ela tomava banho de banheira — e seria a última.

Mércia colocou um vestido de festa na pequena, que rodopiava sem imaginar que em breve toda a sua vida mudaria. Adriano aguardava no quarto, quase não contendo a ansiedade. O seu presente estava no andar de baixo rindo e falando pelos cotovelos. Em breve, estaria gritando em seus braços, e isso o deixava ainda mais alucinado.

Mércia começou a subir as escadas, segurando as pequenas mãos da garotinha. Assim que chegaram ao topo da escada, pararam em frente à porta onde Adriano a aguardava. Mércia beijou a testa da menina e pediu a ela para que fosse uma boa garota.

– Seja boazinha. Papai está te esperando.

A porta se fechou às costas da menina. E o monstro passou da perversidade de seus desejos para o horror da realidade. Do outro lado, Mércia apenas ouvia gritos, mas naquele ponto já havia deixado a sua humanidade para trás.

Monstros. Eram feitos um para o outro.

(***)

Meses se passaram até que o caso do desaparecimento de Larissa — sem solução — fosse abafado. Mércia continuava com sua vida de professora, enquanto seu marido, muito mais revigorado, fazia seus plantões intercalados. Todos os dias, Adriano visitava sua pequena no porão. Ela era sua válvula de escape. Sua medicação para o estresse. A menina, por outro lado, havia perdido o brilho. Os olhos, antes amendoados, agora possuíam o vermelho do choro

constante. A alegria, antes tão presente, agora não era encontrada em nenhum lugar. Não havia mais alma naquela vida tão vazia.

Certo dia, Adriano, de sua casa, entrou na parte obscura da internet e lá descobriu que não era o único com gostos peculiares e que ele poderia transformar sua pequena Lolita em uma boneca, literalmente. Começou, então, a estudar minuciosamente o que deveria fazer. O fato de ser cirurgião o ajudou muito a entender todo o processo de criação de uma *Doll*. No início, Mércia foi contra. Já seria loucura demais, até mesmo para eles, mas desta vez foi ele quem a convenceu, após transarem no jardim. Larissa havia acabado de completar nove anos quando as primeiras transformações foram iniciadas. O porão, antes escuro e sujo, agora havia se transformado em um centro cirúrgico clandestino. Adriano comprou alguns materiais; outros, ele acabou furtando dos hospitais nos quais trabalhava. Seu primeiro teste foi em uma macaquinha. Ele não poderia testar os experimentos em sua pequenina sem ter certeza de que não a perderia. Todos os dados e estatísticas foram minuciosamente estudados até que ele estivesse confiante.

Mércia acompanhava tudo de perto e o ajudava com a transformação e cuidados pós-cirúrgicos da *Doll*. Foram exatos dois anos até que a boneca estivesse pronta para uso. O feito foi comemorado com uma festinha particular onde Larissa foi utilizada pelo casal.

Quando a menina — já não mais tão menina — completou treze anos, Adriano começou a se incomodar com as formas que iam aparecendo em Larissa. Os seios volumosos e os pelos pubianos em crescimento não davam mais à menina o ar infantil que fascinava seu criador. Larissa, por outro lado, já sem emoções, não desfrutava de sua adolescência e das formas de mulher que seu corpo ia adquirindo.

Então Adriano sentiu a necessidade de ter outra boneca. Mércia de pronto aceitou, pois sentia-se enciumada em ter que dividir o marido com uma adolescente, com curvas mais acentuadas que as suas. Desta vez eles não

poderiam simplesmente sequestrar mais uma garota. Eles queriam sentir adrenalina, queriam de uma forma mais legal — assim pensavam.

Foi quando Mércia propôs adotarem.

Viajaram por vários orfanatos, até que, no mais pobre de uma cidade do interior, Adriano se encantou pela menina mais radiante que viu: Alícia era o nome da pequena, que na ocasião tinha seis anos. Seus cabelos loiros levemente cacheados, olhos verdes e bochechas rosadas chamaram a atenção de Adriano.

O cadastro foi feito, e as visitas de adaptação começaram. Mércia e Adriano deram o endereço da segunda casa, pois assim que a liberação definitiva saísse, eles a venderiam e se mudariam para a casa a qual era o seu ninho de amor e atrocidades.

Alícia adorava passar o fim de semana com os prováveis pais. Adriano e Mércia a levavam para passear, tomar sorvete, ver estreias de filmes infantis no cinema e lhe davam muitos brinquedos e roupas, que encantariam até mesmo um adulto mais desprovido de dinheiro. Eles sabiam que, comprando a menina com coisas as quais ela nunca teria se continuasse no orfanato, as chances de conseguirem a adoção aumentavam em 70%, pois a vontade da criança seria levada em conta.

Alícia, como qualquer outra criança, se encantava a cada ursinho ganho. Sempre levava de volta para o orfanato mimos para as amiguinhas e as coordenadoras. Para todos, lá, o casal era perfeito.

As visitas foram se tornando mais frequentes, e o amor da menina pelos futuros pais também. Então, assim que completou sete anos, Alícia ganhou uma festa feita por eles no orfanato, com direito a decoração e bolo de chocolate. E passada uma semana, a adoção foi liberada, e novamente o orfanato teve uma festa daquelas. Alícia se despedia das coleguinhas na maior felicidade. A adoção era um sonho realizado.

— Promete que vem me visitar? — Júlia, sua melhor amiga, perguntava em meio às lágrimas.

– Prometo. Em todos os seus aniversário e festas de fim de ano — a menina declarava, sem saber que aquela seria a última vez que abraçaria sua amiga.

– Vamos, meninas, a festa é para comemorar um momento de alegria. Enxuguem essas lágrimas e vão comer um pedaço de bolo — Lúcia, a coordenadora, falava com os olhos marejados, igual às meninas. Alícia estava no orfanato desde que nascera. Sua mãe, uma prostituta e usuária de *crack*, tentou abortá-la por diversas vezes, sem sucesso. Para o espanto de todos, a menina nasceu saudável e sem nenhuma sequela. Assim como sua mãe, a menina era linda, mas acabou sendo deixada no hospital para adoção. Uma escolha sensata de uma mãe egoísta. Durante toda a sua vida, a menina recebeu carinho de pessoas desconhecidas, mas estava crescendo sem um lar. O que começou a pesar com o passar dos anos, pois ela percebeu que, quanto mais velha ia ficando, menos chances de ser adotada tinha.

– Vamos, Alícia? — Mércia a chamou com uma voz açucarada.

Para Alícia, todas as mães eram seres angelicais que possuíam superpoderes.

– Vamos, mamãe. — Corou ao responder de modo íntimo.

– Vamos, querida. Nossa casa nos espera — disse Adriano, depositando um beijo casto na testa da pequena.

O carro já não era desconhecido à pequena, porém, conforme iam andando, o caminho até então conhecido por ela ia ficando diferente.

– Vamos passear?

– Vamos para a casa nova. Você vai adorar — Adriano respondeu, pedindo à Mércia para entregar um embrulho a menina.

– Eba, presente!

– Você gosta de bonecas, pequena? Eu e o papai adoramos.

– Eu adoro boneca. São tão lindas. — Rasgou o papel sem conter a euforia.

Pouco mais de uma hora depois, já estavam em casa.

Adriano entrou primeiro, já correndo para a parte favorita da casa.

– Aonde o papai vai?

– Ele precisa ir ao escritório. — Suspirou. — Por falar nisso, precisamos conversar sobre limites. Tem partes nesta casa aonde você está proibida de ir. O escritório do papai é um deles. Fique tranquila, que na hora certa você o conhecerá, mas isso não será agora. Estamos entendidas?

– Sim, mamãe.

– Agora vá brincar. No quintal tem um presente para você e para a sua nova boneca.

Alícia correu para ver qual seria o seu presente. Ao ver a imensa casa rosa, riu e gritou euforicamente. Enquanto isso, Adriano retornava do porão com cara de quem já “havia brincado” com a sua boneca.

– Precisamos dar um jeito de tirar logo as cordas vocais dela. A *Doll* gritou tanto que não sei como você não ouviu.

– Amor, a menina não aguentará passar por mais um procedimento.

– Da forma em que está não dá, Mércia. Eu quero uma boneca perfeita, e bonecas não gritam.

– Precisamos tirar Alícia de casa quando você for fazer isso — exigiu.

– Já conversou com ela? Não quero que ela desça até lá.

– Já.

– Estou louco para brincar com ela. Você viu como ela é linda? Reparou em seu rosto angelical e em sua pele macia? Só de pensar nela já fico... — Pegou a mão da esposa e colocou sobre sua calça.

– Você prometeu esperar. Ela em breve estará pronta, mas isso não será agora — argumentou.

– Você está certa. Vou me lavar e desço para o jantar.

Sentados à mesa, pareciam até uma família tradicional. Falavam sobre trivialidades, desenhos, serviço... tudo na mais santa paz. Alícia tomou banho e vestiu seu pijama de unicórnios. Recebeu beijos calorosos na testa e ganhou até a leitura de um clássico infantil: *Chapeuzinho Vermelho*, em sua versão original de

Perrault. Com a promessa de ganhar uma história diferente todas as noites, ela adormeceu.

A madrugada já adentrava quando o silêncio foi quebrado.

Alícia, de início, achou que estivesse sonhando, porém o barulho foi se intensificando, e ela teve a certeza de que estava acordada. O choro parecia o de uma menina. Mas ela era a única menina da casa, não era? Alícia desceu as escadas e foi seguindo o choro baixo. Como seus pais não ouviram? O medo tomava conta da menina, porém a curiosidade falava mais alto. Ela precisava descobrir se era mesmo alguém chorando ou um gato miando. A luz da cozinha estava acesa, e Alícia se esgueirou até que pudesse ver o seu pai pegando algo na geladeira. Ela não queria ser vista. Não podia. Ele, então, colocou no microondas a mamadeira que pegara. Alícia não era mais um bebê para tomar leite na mamadeira. Então, possivelmente, aquela mamadeira não seria para ela. O microondas apitou indicando que o tempo de aquecimento havia terminado. Ela então correu e se escondeu atrás do sofá da sala.

Será que eles teriam adotado um gatinho para ela?

Adriano fez seu caminho à meia-luz. Seguiu em direção ao local que era proibido à Alícia. Pegou a chave que escondia embaixo do capacho e entrou, deixando uma criança curiosa para trás. A pequena decidiu, então, voltar para o quarto. O choro já não era mais ouvido, e amanhã ela ganharia seu bichinho.

Alícia foi acordada com grandes mãos percorrendo seu pequeno corpo. Para ela, era apenas um carinho singelo de seu novo pai. Adriano já não pensava o mesmo. A luxúria era visível em seu olhar. O carinho tinha conotação sexual. O fato de ele saber que seria o único a desfrutar da sua pequena o deixava ainda mais excitado.

Suas mãos faziam movimentos suaves que para a menina não passavam de um carinho fraternal. Ela nunca fora acalentada assim. No orfanato, ela tinha que dividir o tempo e a atenção das funcionárias com as outras crianças.

– Bom dia, papai — falou, assustando Adriano, que pensava que a pequena ainda dormia.

– Bom dia, boneca. — Recuperou-se, dando um beijo na testa da garota. — Achei que estivesse dormindo.

– Eu estava, aí acordei com você me fazendo carinho. — Soava sincera.

– E você gosta desses carinhos?

– Eu gosto. Lá no abrigo a gente não recebia tanto.

– Aqui você sempre receberá carinho. Sabia que o papai também gosta de receber carinho?

– Você quer que eu faça em você? — perguntou inocente.

– Quero, só que não será hoje. Agora papai precisa ir trabalhar. — Deu um selinho na garota e saiu apressado.

Manter o controle não era tarefa fácil. Tudo o que ele mais queria era poder usar aquela criança até que ela se tornasse mulher em seus braços.

Cinco minutos depois, Alícia desceu e encontrou sua mãe sentada à mesa. Havia diversos tipos de bolos e pães sobre a mesa. Um desjejum farto como jamais havia presenciado.

– Bom dia, mamãe.

– Bom dia, boneca. Dormiu bem?

Por um segundo, Alícia cogitou em contar à nova mãe que durante a noite ouviu alguém chorando e que viu o papai esquentar uma mamadeira e ir ao porão, aí se lembrou de que, se falasse, iria estragar a surpresa do novo animalzinho de estimação. Preferiu omitir.

– Dormi, sim. A cama é muito confortável.

Conversaram sobre o serviço de Mércia, sobre o quanto Adriano era um médico dedicado, e a nova mamãe quis saber como era viver num orfanato. Alícia já se sentia, literalmente, em casa. Passou a tarde brincando na casa rosa de bonecas. Parou apenas para fazer as refeições, as quais eram levadas por

Mércia. A mulher, apesar de tudo, sentia-se afeiçoada à menina, mas seu esposo era a prioridade em sua vida. Mataria ou morreria por ele.

Perto das cinco da tarde, Mércia recebeu uma ligação de Adriano, dizendo ter batido o carro e estar indo para o hospital para realizar os exames de praxe.

– Alícia! — gritou Mércia.

– Oi, mamãe.

– Vou precisar sair. Seja uma boa menina e não faça bagunça. Papai sofreu um acidente e preciso ir vê-lo no hospital — jogou as palavras toda de uma vez.

– Posso ir junto?

– Hospital não é lugar para crianças. Prometo que ligo em breve.

Mércia deixou a casa correndo em direção à garagem. Alícia ficou parada vendo sua mãe arrancar com o carro. Ela estava sozinha. Entrou em casa devagar. Pé ante pé, como se não quisesse fazer barulho ou ser descoberta. Estava sozinha e veria qual era o animalzinho que seus pais estavam escondendo no porão.

Seria um gatinho? Um cachorrinho?

O coração parecia querer saltar do peito.

Ela pegou a chave do esconderijo já não mais secreto e colocou na porta. Ponderou em abrir ou não. Estragaria a surpresa? E se os seus novos pais descobrissem, a devolveriam para o abrigo?

Um gemido veio de dentro do porão.

Abrir ou não abrir?

Essa oportunidade de estar sozinha em casa poderia nunca mais aparecer. Alícia a destrancou e se deparou com a escuridão. Não era aquilo que ela esperava, embora não soubesse bem o que veria ao girar a maçaneta.

O gemido se intensificou.

Alícia ficou com medo, mas não recuou.

Tateou toda a parede perto da porta em busca de um interruptor.

A sala escura cheirava a hospital. Ela se lembrava bem do cheiro, pois quando quebrara o braço teve que ficar dois dias internada. A luz encobriu a escuridão assim que ela encontrou o interruptor.

Alícia deu um pulo para trás ao perceber que o porão parecia uma sala de emergência de hospital. Curiosa, passou a percorrer todo o espaço. Seu novo pai era médico. Não havia nada de anormal em ele ter um “hospital” no porão. Assim ela pensava. A pequena continuou caminhando, atenta a tudo que via.

Alguns aparelhos pareciam bem bizarros. O gemido retornou, desta vez com um fraco pedido de socorro. Alícia se assustou e derrubou um objeto cromado no chão.

– Me ajude — a voz misteriosa pediu.

Não era um animal que estava preso lá, isso era fato. A voz era de uma garota.

– Tem alguém aí? Me diz onde está para que eu possa te ajudar — perguntava sem resposta.

Alícia começou a procurar o local de onde vinha a voz. A menina estava presa em algum lugar. O tempo ia passando, e a garota não encontrava de onde vinham os gemidos e os pedidos de ajuda. Foi quando viu a mamadeira da noite anterior em cima de um balcão ao fundo da sala. A garota caminhou até lá e notou um caderno aberto. *Projeto Lolita Doll*, lia-se no topo. Alícia leu o que conseguiu, não acreditando naquilo que estava no papel. Seus novos pais não seriam capazes de tal atrocidade. Era algo desumano.

Como transformar uma criança em boneca? Lembrou-se da história que leu no orfanato, onde um boneco queria ser um menino de verdade, e não ao contrário.

Seu coração palpitava, e o suor nas mãos dava sinais de nervosismo. O estômago embrulhava a cada linha que lia. Ela precisava achar a menina e fugir de lá. Ela seria a próxima, se continuasse naquela casa. Eles iriam fazer experimentos com ela. Por isso não ficaram na cidade onde estavam seu antigo lar e suas amigas...

Projeto I — Larissa — Fase final de experimento;

Projeto II — Alícia — Início imediato;

Projeto III — Encomenda (menina negra de até 06 anos);

O desespero começou a tomar conta do espaço. Tudo o que ela queria era sair dali com a garota que estava presa. Será que eles tinham feito com ela tudo aquilo que estava descrito no caderno? Como ela andaria?

O baque atrás de uma parede a fez ficar estática. O seu tempo estava acabando, e ela tinha duas opções: achar a menina e fugir, ou fugir e deixar a outra garota para trás.

Escolheu a primeira opção.

Foi até onde o barulho estava mais alto e descobriu uma porta que estava camuflada. Girou a maçaneta, e o que viu a seguir seria o motivo de seus piores pesadelos. As anotações do caderno eram verídicas. Nada do que estava escrito lá era ficção de uma imaginação perturbada.

A garota sequer parecia uma garota.

Alícia não conseguiria sair de lá carregando a menina. As lágrimas caíam sem medo. Ela era apenas uma criança para carregar um fardo tão grande, mas sua consciência não a deixaria tranquila se ela cogitasse a ideia de deixar a outra para trás. Sentou-se no chão e chorou copiosamente. O sonho de ser adotada e ter uma família fora todo por água abaixo. Não era isso que ela esperava. Ela só queria ser amada e ouvir histórias para dormir. Pior do que ver a boneca humana que estava à sua frente era saber que se tornaria uma.

Ela precisava dar um jeito de fugir. Correr sem rumo. Virar uma criança de rua. Denunciar. Mas quem acreditaria numa criança? Pediu mil perdões à outra

menina e fechou a porta novamente. Ela não tinha o que fazer. Não poderia se colocar em risco para salvar alguém que não tinha mais *salvação*. Ajeitou a sala, tentando deixá-la exatamente como a encontrara. Deu as costas para a sala do horror e apagou as luzes. Deixou as chaves exatamente onde estavam, embaixo do capacho escrito “*Lar doce lar*”, bem a tempo de escutar o carro estacionando na garagem. Seu rosto denunciava choro e horror. Ela precisava de uma desculpa convincente e rezava para que a garota não contasse a ninguém que tinha entrado alguém no local. Os olhos brancos da boneca humana denunciavam sua cegueira e o fato de não responder ao que Alícia perguntava deixava claro que também era surda.

– Bonequinha, papai chegou!

Esse apelido. Agora ela entendia a fascinação do casal por bonecas.

– Papai! — Correu em direção a ele com a maior máscara de felicidade que poderia encenar.

– O que aconteceu? Parece que andou chorando. Aconteceu algo? — Mércia enfatizou.

– Só estava com saudades.

– Vai tomar um banho, então, que a senhora está encardida. Deixou marcas por todo o chão.

Ao terminar de falar, Mércia acompanhou com os olhos até onde as pegadas iam. Alícia não tinha notado que seus pés estavam sujos por brincar descalça. Sua sentença de morte estava assinada.

– Me desculpem. — Soa sincera, pedindo mentalmente que eles não assimilassem o chão sujo à sua entrada frustrada no porão. — Você está bem, papai? — Mudou o assunto.

– Estou, sim, boneca. Não foi nada grave. Mamãe te deixou sozinha aqui à toa. Não é Mércia? — diz com tom irônico.

– Tudo bem, vamos parar de lenga-lenga e vão os dois para o banho — Mércia ordenou.

– Você já tomou banho de banheira Alícia? — Adriano questionou.
– Não — a pequena respondeu sorrindo.
– Pois sua mãe lhe dará um. Com bastante espuma e sais de banho. Quero você bem limpinha.

Alícia aceitou o banho de bom grado, achando que o pequeno deslize jamais seria descoberto.

Mal sabia que aquele seria seu primeiro e último banho de banheira.



Provas e expiações

Pietra von Bretch

Dias Atuais.

O ser humano pode ser um poço fundo e enlodado de iniquidade quando opta pela escuridão. Há algum tempo, eu poderia dizer que a luz e a bondade existiam e corriam forte de sinapse a sinapse em homens, mulheres e crianças, mas hoje minha opinião é antagônica. Incluo-me no rol... Enlameada, iníqua e metida em merda até o pescoço.

Após uma subida levemente íngreme na estrada, o motorista deparou-se com os faróis altos e os giroscópios azuis de dois veículos à frente. Viu que a pista encontrava-se interditada por ambos os lados e não teve outra maneira, a não ser diminuir as marchas e a velocidade.

– Nico, trate de acordar. Tem Polícia na jogada — disse o condutor, chamando o colega que, àquela hora da madrugada, roncava como um porco e fedia a gim barato.

– Mas que porra é essa nesse fim de mundo? Caixinha de fim de ano, cacete? — o loiro de cabelo ensebado provocou.

Zeca Batata parou o caminhão de frete e esperou. Nico moveu-se lentamente em direção ao porta-luvas a tempo de ser interceptado pelo amigo.

– Comeu merda, parceiro? — A pergunta saiu como um rosnado. — Tá de boa. A gente desenrola e segue viagem.

A luz branca azulada os cegou no instante em que pararam. Todavia, no meio da névoa provocada pela noite, na medida em que a distância entre eles e os policiais diminuía, perceberam a aproximação de dois sujeitos. Em dado momento, emparedados ao motor do pequeno caminhão baú, os homens da lei dividiram-se entre a direita, junto à porta de Nico, e para a esquerda, ao encontro de Zeca. A lanterna de *led* dos tiras direcionadas para os rostos era desconfortável aos olhos e os mantinham cegos. Ambos estreitaram os olhos, salientando as rugas nas testas e os pés de galinha, sem sucesso e nem tampouco conforto.

– Habilitação e documento do veículo — ordenou a voz seca do homem junto ao indivíduo que chamavam de Batata pelo corpo disforme e redondo.

– E você... — Apontou o feixe luminoso para a cara de sono do carona. — Habilitação.

O motorista recorreu ao bolso traseiro da calça jeans surrada e foi advertido pelo policial, agora sob a mira de uma arma.

– Eu odeio surpresas, então desce — disse ríspido. — Desce agora dessa porra de caminhão.

– Mas eu só... — Nico tentou justificar algo, mas foi interrompido.

– Foda-se! — retrucou agressivo. — Desce AGORA!

Do outro lado, Nico estava mais preocupado em salvar a própria pele do que em dar o bote. Levou a mão esquerda, áspera e calejada, ao console central: — Só tem documento aqui, doutor.

O cidadão não queria confusão com a polícia. Já tinha passagem e não queria dar o desgosto à família de vê-lo preso mais uma vez.

Os vidros estavam abertos, e assim que Batata saiu do veículo, Nico sentiu no pescoço a picada fina e dolorosa do que julgou ser um inseto noturno com

ferrão. Espalmou a mão na tentativa de esmigalhar o bicho, mas não conseguiu pegá-lo a tempo.

Zeca saltou e, assim que pôde ergueu os braços. O homem a sua frente ainda mantinha lanterna e pistola a centímetros do rosto do sujeito. Não era momento para negociar nada. Entregaria os documentos e daria o fora dali em minutos. Pronto para a revista, o tira o posicionou de pernas abertas, e pouco antes de investigá-lo minuciosamente, um estampido oco foi ouvido. Batata tombou de “cara” no asfalto. Um par de olhos verdes congelantes somente observou a cena. Não moveu um único músculo.

De costas para o homem deitado e apagado na maca de metal, um ser de cabelos vermelhos mexia em objetos metálicos. O cidadão alto, exibindo falsas curvas, espetou uma agulha na dobra do braço do sujeito, conectou o dispositivo a outro com várias vias de infusão, e posteriormente a um frasco de soro. Dentro do recipiente plastificado mantido no alto de um gancho fincado na grossa madeira, o fluido não era transparente, mas amarelado.

Nico e Batata foram levados por desconhecidos para um celeiro abandonado, localizado em algum lugar no interior do estado. A construção, toda de madeira e telhas vermelhas envelhecidas e empoeiradas, era sustentada por espessas vigas. Havia apenas uma entrada formada por duas enormes portas e trancadas com cadeado. Não havia janelas, apenas frestas deixadas pelo tempo na parte lenhosa das paredes superiores. A luminosidade, outrora advinda apenas do luar, cedeu espaço a luzes artificiais baixas, situadas no fundo da antiga tulha.

Noutra enorme viga de sustentação de madeira, em frente à primeira, um segundo homem, este totalmente nu, era mantido de pé por grossas correntes atadas e apertadas ao redor do pescoço. Os grilhões seguiam abaixo da cintura e prendiam as mãos do sujeito por trás da madeira e os pés.

- Quanto tempo? — perguntou quem estava junto à mesa de Mayo.
- Aqui, meia hora. O outro ali, a qualquer momento.
- Tem certeza que quer continuar aqui dentro? — reagiu, com um tipo de emoção quase imperceptível na voz.
- A mesma certeza que eu tenho de que o Sol vai nascer amanhã — respondeu decidido.

Quando a escuridão se apossa de você, não existe meio de sair dela. A alma perde o prazo de validade. As emoções se esvaem, e somente o ódio é mantido. É a mola que impulsiona. Não existe sentido ou razão, a não ser o mal absoluto.

Nico abriu os olhos lentamente e sentiu uma enorme dor de cabeça. Praguejou mentalmente. As imagens que percebia, aos poucos, eram escuras e embaçadas. Todas, a tirar pelo marrom que predominava. Sentia cheiro de terra molhada, algum tipo de vegetação que sua mente reconhecia e estrume. Tentou pela primeira vez se mover, inutilmente. Piscou os olhos várias vezes, a fim de criar imagens nítidas, e o que enxergou após a décima tentativa o fez crer que estava tendo um pesadelo. Encontrava-se nu e acorrentado em um lugar parecido com um estábulo, e diante de si a imagem profetizada do demônio: um ser com a cabeça de um bode e o corpo humano o observava a menos de um metro, com os braços cruzados na altura do peito. Gritou a plenos pulmões, mas nenhum som foi ouvido. Sua boca fora fechada e costurada com algo grosso que repuxava seus lábios até nos movimentos mais sutis. Os detalhes não eram depreendidos por ele, mas era óbvio, até para um ignorante, que os lábios foram selados.

O desespero veio junto com a onda de adrenalina que o fez lutar em vão. O híbrido mitológico girou sobre os calcanhares e se afastou dele. Um sussurro no

ambiente o aterrorizou:

– A heroína que você injetou estava vencida — sussurrou junto ao ouvido do homem.

Não se lembrava de ter “viajado” naquela noite, mas tudo aquilo só podia ser fruto de uma puta *bad trip*, uma onda muito errada.

A luz forte de um foco cirúrgico foi acesa a cerca de três metros de onde estava preso. Enxergou um vulto à esquerda. E ainda uma espécie de estrutura metálica e um corpo inerte, redondo, sobre ela. Havia um homem ali. Apavorou-se ao constatar que o coisa-ruim permanecera e preparava-se para realizar o inimaginável. Subitamente, ouviu-se um urro agonizante depois que algum líquido foi jogado em cima do indivíduo.

Zeca Batata despertou do efeito do narcótico ao qual fora exposto direto na boca do inferno. O corpo inteiro ardia, a pele queimava, e ele não conseguia mexer um único dedo para sair correndo ao encontro do bálsamo que fosse para a injúria. Em suas veias corriam fármacos que impediam que qualquer tipo de movimento muscular fosse esboçado, todavia, o sensório e os sentidos permaneciam inalterados. Dor sem alívio era o que ela desejava causar, e assim o faria.

– Bem-vindo ao inferno, desgraçado! — proferiu a voz por trás dos chifres. — Espero que tenha gostado das boas-vindas. Não se preocupe, e só água, embora cuidadosamente levada ao ponto de fervura.

Ele poderia jurar que tinha ouvido o bicho soltar uma breve risada. Então a criatura se aproximou e disse cinicamente:

– Mas imagine o que outras belas substâncias podem fazer com esse corpo frágil e degenerado. — Continuou a aterrorizá-lo. — Imagine ácido sulfúrico ou uma gota inocente de etorfina na pele?

– Eu estou sonhando. Você não é real. Isso não é real! — Começou a ciciar baixinho, com os olhos fechados. Porém, por mais que tentasse, não era possível ignorar o ser.

– Humm, a primeira fase começou. Aconteceu com seu amigo ali também. — A entidade, com o que lhe pareceu brevemente ser uma mão enluvada, ergueu-lhe a cabeça e pescoço para apresentar-lhe a outra vítima atada ao tronco. — NEGAÇÃO.

Os olhos de Batata arregalaram-se ao dar com o corpo de Nico desnudo e aquela boca costurada. O cenário era digno de um filme de terror. O colega o olhou sem a capacidade de proferir uma única palavra, contudo o pavor era visível em cada parte de seu corpo.

– Você sabe como se castra um cavalo, peão? — o ser questionou. — É claro que não!

Virando as costas para o homem deitado, o bicho buscou na mesa de mayo, armada na altura do abdome, um instrumento alongado de aço. Voltando, serpenteou o artefato entre as pernas do infeliz, que perdeu o ar ao berrar repetidamente por socorro.

– Pode continuar — debochou, — Seu medo me alimenta, mas posso garantir: ninguém vai ouvir você.

Sem que houvesse prenúncio, o ser então fincou o aço fino na virilha do homem de cabelos raspados. O berro veio seguido de forte náusea e suor. Na extremidade oposta, o costurado debatia-se violentamente contra as correntes, na tentativa não de ajudar o colega, mas de fugir o mais rápido possível. Algo

dentro de sua mente insignificante ligara o alerta vermelho. Ele seria o próximo deitado na mesa daquele que seria o seu carrasco.

– Pode fechar a infusão — determinou ao vulto que fora visto anteriormente por Nico. — Feche as algemas e as correntes. E me passe as seringas.

Um homem encapuzado aproximou-se de Nico e cumpriu as ordens. Algemas foram fechadas nos punhos e tornozelos, mantendo as pernas abertas e braços junto ao corpo, enquanto grossas correntes envolveram pescoço e quadril. Batata resistiu para mexer algum músculo, mas o corpo não obedecia; ainda que inocentemente, pensava que poderia escapar do destino traçado.

– Por que vocês estão fazendo isso?

– Não... Esse ainda não é o momento em que você faz essa pergunta. *Timing* errado. Você deveria tentar responder: como se castra um cavalo? Eu, se fosse você, me preocuparia com essa questão.

O chupa-cabras, impassível e distante de qualquer emoção, voltou-se novamente à mesa e trouxe algo escondido atrás do corpo.

– Cavalos são seres dóceis e, ao mesmo tempo, temperamentais — elucubrou. — Ganharam o meu respeito, aquelas criaturas maravilhosas.

O tom tornou-se grave e mais alto: — Mas seres como você não merecem nada além do sofrimento eterno.

E foi com essas palavras que a entidade, na visão dos dois bastardos, desceu um martelo de cutelaria direto nas bolas do desgraçado, com o braço direito e força total. O bramido foi tão intenso quanto a dor infligida e a hipotensão que rasgou aquele corpo dos pés à cabeça. O sujeito empalideceu ao mesmo tempo em que a “cabeça de bode” fincou uma agulha na perpendicular do pescoço acorrentado de Zeca Batata.

– Não são permitidos desmaios nesse jogo! — caçoou.

Lágrimas de horror molharam a face de Nico; em sua vil existência jamais havia presenciado tal barbaridade. O vulto assistente do demônio parecia engolir diversas vezes a saliva segurando o vômito. A ele havia sido dada a chance de

sair dali antes de toda a barbárie começar, mas ele havia insistido em ficar, talvez para ver o quão longe poderiam ir juntos. Os testículos do homem foram esfaqueados, e agora, já com os movimentos em recuperação, ele se contorcia de dor; a injeção de adrenalina impedia o desfalecimento e potencializava, exponencialmente, a agonia.

Quando conseguiu falar de novo, depois de alguns minutos, urrou de ódio junto a seu agressor: — Seus malditos, filhos da puta, eu vou matar vocês. Vou acabar com a raça dos dois. Covardes, desgraçados!

– Impossível matar quem já está morto — replicou com secura o dono do martelo e cutelos.

– Pode nos dizer como pretende fazer isso, castrado? — perguntou com deboche o homem de preto mascarado que até agora apenas colaborara com a carnificina.

– Me solta e arranco sua cabeça, seu fodido!

O assistente do demônio, sem pensar, desferiu um soco direto nas ventas de Zeca. O estalido e mais gritos deixaram claro que o nariz fora quebrado. O alarido foi substituído pelo silêncio quando Batata entrou num estado de torpor. Como se nada tivesse acontecido, o outro algoz sinalizou:

– Acho que atingimos a segunda fase. RAIVA.

Então a cabeça de bode contornou a maca metálica, segurou outro instrumento e dirigiu-se a Nico. O pobre diabo ainda não sabia se o capiroto era deste mundo ou não, mas a cada mirada o cheiro do medo de Nico podia ser farejado pela criatura. Ele se aproximou lentamente com a veste negra que cobria o corpo humano; usava luvas, porém não era possível saber se seus pés e suas mãos eram de origem humana ou animal. Com um menear de cabeça, pediu ao homem de preto que o assistia que, com uma tesoura de aço inoxidável, cortasse os pontos cerzidos nos lábios de Nico. Abriu, então, um por um, deixando as linhas para trás, na pele repuxada do loiro.

– Quem são vocês? — foi o primeiro questionamento que deixou seus lábios após respirar várias vezes pela boca como se fosse impossível fazê-lo pelo nariz enquanto estivera lacrado.

– Irrelevante, Observador — o chupa-cabras respondeu plácido.

O homem estava fora de si e começou a gritar de maneira ensandecida, proferindo xingamentos e ameaças vazias. Debateu-se, enquanto suas órbitas saltaram para a frente banhadas em ódio, e cuspiu diversas vezes na face animalesca do carrasco, a milímetros de distância. A ação foi seguida da reação. Fria e calculada. A tesoura usada para desfazer os pontos foi cravada do lado esquerdo da barriga do homem, logo abaixo das costelas. Ele soltou um grito grave; se pudesse se curvar o faria.

– O ferro — disse o carníface ao cúmplice.

Virando para o preso, falou: — Você deveria ter só observado, mas sucumbiu, e agora é a hora de pagar.

O comparsa trouxe um vergalhão grosso, com cerca de quarenta milímetros de diâmetro e trinta centímetros de comprimento. O pânico invadiu os olhos de Nico, que começou a berrar desesperadamente. Aquilo poderia ser utilizado como arma para esmigalhar o crânio de um ser humano, mas o chupa-cabras tinha outras intenções para o item.

– Você cheira a carne morta — provocou o homem de preto antes de sacar um largo e pesado martelo

Duas marteladas. Uma em cada joelho. Os gritos foram elevados ao quadrado. As pancadas só tinham um objetivo: fazer com que o infeliz não fosse capaz de mover as pernas. A próxima etapa estava prestes a começar, enquanto ele uivava de dor e ouvia os xingamentos de Zeca. As correntes que atavam os pés de Nico foram soltas, mas ele não podia usar as pernas para nada; as patelas estavam esfareladas, e os meniscos, destruídos para sempre.

Sem conversa fiada, o homem-bode sentou-se no chão enquanto o parceiro, por via das dúvidas, segurava o que havia sobrado das pernas frouxas do sujeito.

Sentiu o cheiro de urina e viu que a sua segunda vítima havia se mijado. Visualizou as bolas e um pênis murcho largados ao léu. O sorriso de lado era uma das únicas demonstrações ao mundo exterior de sua psicopatia. Vê-los sofrer o fazia realizado. E aqueles eram mais que especiais em seu mundo de sombras, tortura, terror e sofrimento. Sem outro pensamento, penetrou o traseiro do homem com o vergalhão, cuja ponta estava vermelha pelo fogo.

Paulo era o nome do homem de preto. Paulo tinha a plena certeza de que a gritaria, o choro e a agonia que vieram, na sequência, poderiam ser ouvidos do outro lado de Italva, pequeno município do Rio de Janeiro onde estavam. Não, eles não eram monstros ou demônios como os entorpecentes na corrente sanguínea, infundidos compulsoriamente, faziam crer.

– O outro — a criatura pediu a Paulo retornando à cama da morte onde Zeca Batata não parava de se debater. — Devia ter pensado duas vezes, peão.

Outro vergalhão, um pouco mais fino e avermelhado, rasgou as entranhas do castrado, que berrou e compôs, juntamente com seu companheiro de estrada, uma sinfonia de horrores. O cheiro de sangue e carne queimada, a carne humana cauterizada, inundou o ambiente. O antigo estábulo nunca mais seria o mesmo.

– Por quê? — perguntou Zeca em meio a sangue e lágrimas. — Por que está fazendo isso conosco? Pelo amor de Deus, eu imploro, *solta* a gente!

– Finalmente chegamos à fase da BARGANHA — disse o bicho ruim enquanto Paulo aplicava uma injeção de adrenalina na jugular de Nico, prestes a desmaiar.

– Nós não sabemos quem vocês são — continuou. — Não vimos o rosto de vocês.

– Não seja por isso.

O chupa-cabras levou as mãos à lateral da cabeça e puxou a máscara de bode, uma carcaça de origem animal talvez, e revelou-se. Na garganta, um dispositivo alterava a voz natural para o gutural ouvido até então. Dedos finos arrancaram o pequeno chip do pescoço e jogaram-no ao chão imundo. Nico, já reanimado,

esticou pescoço e cabeça o quanto pôde para enxergar o que estava acontecendo, enquanto Batata esbugalhava os olhos ao descobrir que vinha sendo torturado por horas por uma mulher ruiva. E que conhecia aquele rosto de algum lugar.

– Eu não sei quem você é — mentiu já se sentindo fraco. — Por favor, me deixe ir. Pode ficar com ele se quiser, mas me deixa sair. Eu tenho família...

– Mulher e dois filhos — interrompeu. — Eu sei. Luciane e Tibério são os nomes deles, não é? Um belo casal, concorda comigo? Darlene é o nome daquela pobre mulher que você chama de esposa. Deveria ter vergonha, José do Patrocínio da Silva; conhecido vulgarmente como Zeca Batata.

Todas as palavras eram proferidas com total frieza pela ruiva, que parecia não se importar com as tentativas de transação do indivíduo.

– Seu traidor, filho da puta. Seu desgraçado de merda! — Berrou Nico ao ouvir a negociação de Batata.

Nico esbugalhou os olhos quando viu o rosto real de seu algoz. Sentiu-se tonto não pela dor que ainda sentia, mas por saber exatamente com quem estava lidando.

– Nicodemos dos Santos — vociferou a ruiva. — O Observador! Achei que o destino não nos uniria novamente... — cínica, continuou. — Mas olha qual foi a minha surpresa quando vi o anúncio de frete de vocês dois no jornal.

Sorriu com malignidade nos olhos: — Acho que sabem por que estão aqui hoje! Antes que eu esqueça, permita-me apresentar P.J., meu terapeuta. Se não se importam, ele prefere manter-se no anonimato.

Sabem o que era mais impressionante? Batata considerava tão natural e corriqueiro as selvagerias que executava que nem sequer, por um momento, lhe passou pela cabeça que seu calvário era parte de uma vingança planejada, por meses a fio, por uma de suas vítimas do passado. As atrocidades, sempre

acompanhadas pelos olhos fiéis e curiosos de Nico, saíam pelos poros e eram tão comuns quanto beber um copo d'água.

A vida funcionava como um jogo de xadrez para aqueles filhos da puta e para mim, uma mulher marcada a ferro e fogo e que não tinha nada a perder. Zeca Batata era como um peão. Levava sua vidinha medíocre olhando e andando apenas para a frente; limitado, saindo de seu caminho insignificante apenas para cometer as barbaridades, que tiveram início há muitos anos. Nico, o leal escudeiro, sempre fora uma torre habitada por um observador. Enquanto Zeca se divertia, ele apenas observava. Em um dia quente de verão, a rainha foi pega de assalto.

— Deixe-me aguçar a memória dos dois selvagens. Seropédica. 2007. Universidade Federal Rural. Perto das nove da noite, dois homens atacam uma estudante de veterinária que estava a caminho do alojamento e a violentam no estábulo. Hã?! — levantou a voz e marchou até Batata com ódio nos olhos, agarrou o tarugo introduzido e empurrou adiante, tirando urros alucinados do sujeito.

— Você não pode fazer isso! — protestou Nico. — Isso é sequestro! Tortura!

A mulher virou a cabeça na direção do bastardo e seguiu até o tronco onde estava preso. Arrancou a tesoura fincada na barriga e começou a golpeá-lo em outros locais do corpo enquanto bradava:

— E vocês podem estuprar e matar dezenas de mulheres, garotos, crianças de rua ao longo de sete estados? — A cara estupefata de Nico merecia um Oscar; ela sabia de tudo. — Eu conheço toda a merda da vida de vocês dois!

Paulo se aproximou da ruiva e disse algo em seu ouvido que a fez parar as estocadas. Nico só não estava banhado em sangue porque uma das pontas da tesoura era redonda.

– Ele tem razão! — disse aos dois. — Os terapeutas costumam ter razão e te trazem de volta à realidade.

Não havia razoabilidade ou bom senso naquelas palavras, apenas a loucura, a psicopatia que fora amadurecida da vulnerabilidade, da violência, do escárnio, da vergonha em ter sido violada em plena juventude. Os sonhos murcharam de um dia para o outro como corpos largados em rios congelantes. A vida foi sugada para um buraco negro; sem escalas ou retornos. A confiança desapareceu como areia fina entre os dedos.

Março de 2007. 20h57.

Fui interceptada por dois homens em uma área escura do *campus* de veterinária da faculdade, perto dos cavalos. O primeiro homem, mais baixo e gordo, me cantou com as frases mais chulas. O segundo, mais alto e loiro, que fedia a álcool, a tudo observava, estava na retaguarda. Quando me vi sozinha e ameaçada por aqueles desconhecidos, corri o mais rápido que pude, mas de nada adiantou.

Um deles me agarrou por trás, pela cintura, e me arrastou para dentro da casa onde ficavam os cavalos. Meus braços ficaram livres, e o cotovelo voou em alguma parte do corpo daquele monstro. E doeu, pois ele aliviou o braço e

consegui sair. O outro, porém, veio em seguida e virou as costas da mão no meu rosto. Senti gosto de sangue na boca. Não caí e, com muita raiva, parti pra cima dele com tudo. Dei dois socos bem dados; as aulas de defesa pessoal precisavam servir para alguma coisa. Mas não serviram... Sentime capturada novamente, e daí pra frente as coisas não ficaram boas.

Levei dois socos fortes, um no rosto e outro no estômago, que me fizeram baixar totalmente a guarda. Perdi o ar. O maior deles, o loiro, literalmente me arremessou em uma das vigas de madeira que sustentavam o lugar. Bati a cabeça, fiquei tonta. O moreno ergueu meus braços com os punhos presos e encostou uma faca na minha garganta. Ordenou que eu continuasse a lhes bater, cheio de sarcasmo e coragem.

Não sei o que passou em minha na cabeça, mas cuspi sangue na cara dele, xinguei, busquei ar para então gritar. Furioso, ele me jogou no chão, e fui chutada, não sei quantas dezenas de vezes. O outro sujeito somente observava a cena. Esse é o momento em que você pensa: “Pronto! Acabou! Eu vou morrer aqui e ninguém vai saber”. Eles não paravam de chutar. Virei o corpo para o lado como uma concha e tentei proteger a cabeça, mas quando finalmente pararam, eu estava à beira da inconsciência pela dor. Acho que nessas horas deveriam canonizar a adrenalina, porque é a única salvação para você não apagar e tentar lutar.

O moreno rasgou minha saia com uma faca e minha camiseta com as mãos. Entrei em desespero. Debatí-me, virei para o lado, tentei escapar, estava muito machucada, mas ele conseguiu me imobilizar. Implorei com os olhos para o homem loiro que se divertia com a mão no pau, e de nada adiantou. O filho da puta que estava em cima de mim puxou meus braços acima da cabeça e enfiou um pano com cheiro de graxa que tirou do bolso direto na minha boca. E passeou com a faca pelo meu pescoço. Rosnei como um bicho. Lutei como uma fera capturada. E agora, violentada.

Engasguei com os gritos contidos pelo pano, com sangue descendo pela garganta. Chorei pela dor, pela violência, por perceber que eu tinha sido subjugada por aqueles dois animais. O observador também me estuprou e foi pior que o primeiro. Foi ele quem me virou de costas e penetrou por trás. Eu nunca tinha feito aquele tipo de sexo antes. Acho que desmaiei pelo desespero e pela dor que aquilo causou. Quando a maldita consciência voltou, o outro estava em cima de mim, fazendo o mesmo.

Setembro de 2007.

– Não me rendi, mas quis morrer ali. A agressão, a violação sem consentimento, a dor excruciante que senti, a vergonha, a culpa e o medo. Desejei morrer para que tudo aquilo passasse. Não passou. Eles batiam no meu corpo e no meu rosto o tempo inteiro para que eu não apagasse. Foram sádicos. Queriam que eu visse, que eu sentisse o que estavam fazendo. Desgraçados covardes. Estupraram-me várias vezes. Não sei quantas. Não sei quanto tempo fiquei ali à mercê dos dois. Perdi a consciência muito tempo depois. Quando acordei, estava ensanguentada, nos braços de alguém, à beira do abismo. Você me encontrou ali, e se não tivesse encontrado, eu não estaria escrevendo essas memórias agora.

– Isso é tudo? — ele perguntou calmamente.

– Por enquanto é. — respondi ao psicólogo após, finalmente, seis meses depois do abuso que sofri, ter conseguido escrever a respeito. — Quase não consigo ler isso em voz alta.

– Mas leu. Tudo a seu tempo. — Aguardou como sempre fazia — Como se sente agora?

– Com raiva, ódio. Quero que eles paguem pelo que fizeram.

– As provas materiais não existem mais, Kelly. Quando não quis prestar queixa, sabíamos que isso poderia acontecer.

– Deve haver outra maneira... — divaguei comigo mesma, encolhida no sofá, agarrada a uma almofada.

– Talvez exista...

Dias Atuais.

Ano: 2017.

– Voltando ao que interessa. Estamos todos DEPRIMIDOS? — A mulher soltou uma risada demoníaca e deu várias voltas entre um e outro. Ambos em total silêncio. Sabiam quem ela era. Sabiam o que tinham feito e que morreriam ali como indigentes — Que MA-RA-VI-LHA! Quarta fase alcançada!

Paulo corria os olhos pela cena premeditada e sabia o que viria a seguir. O que nenhuma das outras três pessoas naquela sala sabia eram as razões pelas quais ele sugerira a Kelly, há dez anos, vingança. Nada era ao acaso. Ao sair da reitoria da universidade, na data do ocorrido, Paulo passara de carro pelo local onde o estupro estava em andamento. Desceu do veículo e viu por entre as frestas da madeira o que aqueles homens faziam àquela jovem, mas não teve coragem para

intervir e defendê-la. Ficou paralisado, acovardou-se assombrado pelo passado onde também fora vítima de violência sexual pelo padrasto bêbado.

Ajudá-la naquela empreitada era o seu *pay back* à vida e ao ex-marido da mãe, que já era falecido, e sua redenção para com a mulher. Após o abuso, há dez anos, na escuridão desértica da universidade, Zeca Batata atirou nas costas da jovem com a intenção de matá-la, o que teria de fato ocorrido, se não fosse pela intervenção do terapeuta. Assim que os carrascos a deixaram sangrando junto ao feno dos animais para morrer como um, Paulo correu até ela como uma flecha disparada e socorreu-a, chamou os paramédicos do *campus*, que a levaram direto ao hospital da cidade. Alguns minutos a mais e a vida daquela jovem teria terminado no estábulo.

– *O gran finale* nos aguarda.

O humor da ruiva agora oscilava entre a loucura e a depressão, esta ainda escondida nos confins dos mares mentais do monstro que os dois estupradores criaram.

O terror era explícito aos olhos de Zeca, que começou a se debater junto às correntes, arrancando sangue de cada local onde as ataduras alcançavam a pele.

– Vamos acabar logo com isso, não é mesmo?

A ruiva sacou um enorme cutelo do bolsão praticamente invisível junto à roupa preta e, em um único golpe, arrancou as bolas e pênis de Zeca. Não satisfeita, pegou os órgãos banidos do chão e enfiou-os na boca do loiro. A essa altura, Zeca implorava pela própria morte, pedia a algum tipo de deus que o tirasse daquele inferno. O cenário arrancou risadas da mulher.

– Eis que é chegada a colheita. Quem semeia o caos colhe a destruição — disse após largar Nico desacordado no pau de arara. — O inferno é aqui e será até o dia da sua morte! — Com essas palavras, a vingadora capou também seu carrasco.

Com o olhar satisfeito, após completar sua obra-prima, girou sobre os calcanhares em 360 graus algumas vezes e murmurou quase que para si mesma:

— ACEITAÇÃO.

Os dois estupradores estavam inconscientes, e P.J. se apressou para checar os sinais vitais e se certificar de que permaneceriam vivos. Kelly, entretanto, continuou estática. O prazer desaparecera como um raio no horizonte, e até então ela não compreendia o porquê. Capturara, como justiceira, dezenas de pedófilos e maníacos; a satisfação sempre fluía por seus átomos ao final dos trabalhos. Mas agora não.

– P.J, preciso que se comprometa em manter o meu legado — ela disse visivelmente farta de tudo que vivera até ali. — A caça, o pagamento, a expiação.

De frente para aquela que era sua companheira rumo à redenção, tomou-lhe as duas mãos, unindo-as às dele na frente do corpo, e disse:

– Continuaremos juntos, minha cara. — Ele tirou a máscara que lhe cobria o rosto e abriu-lhe um sorriso discreto. — O mundo fica mais limpo cada vez que estamos nas ruas.

– Eu estou cansada...

Ele a interrompeu: — Vamos dar um tempo. Deixar as coisas com o Antenor aqui no sítio, minha rainha.

– Xequemate.

Sem aviso prévio, Kelly puxou uma arma que descansava destravada e agulhada na cintura de Paulo, apontou para a própria cabeça e puxou o gatilho. O cúmplice e fiel escudeiro entrou em parafusos. Como ele não conseguira identificar a tendência em sua paciente mais ilustre? Largado de joelhos ao lado do corpo, Paulo chorou em prantos por sua covardia, pela incompetência que latejava e por perder a única que dera sentido a sua existência.

Eu os fiz sofrer, os fiz pagar com dor e agonia pelo que fizeram a mim e a outras pessoas, mas ao final.... Nada mudou. Eu continuava vazia, seca e morta por dentro. O ódio que sentia por aqueles dois malditos e pelo monstro que eu me tornara estava aceso em meu peito como uma pira. A sensação não era melhor. Era a mesma ou pior. Eu os tinha subjugado, mas nada apagaria minhas lembranças, o pesadelo e a dor latente, irradiada ano após ano. Eu não possuía poderes para mitigar o passado.

Chorei por dentro pela impossibilidade de fazê-lo por fora. Eu não era uma rocha como pensava. Era uma mata queimada, vazia, sem vida e estava enfastiada. A rainha cairia, e o rei manteria o jogo. Impossível para os jogos de xadrez que costumava jogar com Paulo, mas factível na vida real. Xeque-mate.

No dia seguinte, o Sol não apareceu. O tempo estava encoberto por nuvens carregadas. Paulo pediu a Antenor, o caseiro, que levasse o corpo de Kelly para a casa principal, e este o fez com pesar nos olhos pela senhoria que a morte levava tão prematuramente. De volta ao estábulo, P.J. aplicou nos músculos de Zeca Batata e Nico um barbitúrico que os manteria inconscientes por algumas horas.

Com a ajuda de Antenor, juntara os cacos humanos em cima da maca metálica, acorrentou-os e abriu, entre as grossas camadas de feno e vegetação, um alçapão que dava para o subsolo. A rampa de madeira facilitava o acesso. Os dois homens percorreram um longo corredor e depois um menor, perpendicular ao primeiro, até chegarem a uma enorme porta metálica, cuja abertura se dava através de senha em teclado numérico.

Após digitar o código, a porta se abriu. Dentro, o cenário era composto por gaiolas e celas, divididas por um largo corredor central. No interior de cada uma delas havia homens e algumas mulheres, sujos, fedidos, ensanguentados e sem identidade. No peito de cada um, o número pelo qual seria reconhecido era tatuado. Murmúrios, gritos e xingamentos eram ouvidos todas as vezes em que o mundo exterior adentrava o Purgatório, como Kelly costumava chamar. Antenor empurrou a maca até a alcova onde Nico e Batata passariam o resto de seus dias esquecidos, extintos. Alguém viria e cuidaria dos ferimentos até deixá-los “saudáveis” o suficiente para as rodadas.

Um novo jogo começaria. EXPIAÇÃO. De quinta a domingo, pessoas das mais variadas classes sociais iam, discretamente, até o espaço onde eram localizadas as estações para jogar ou, simplesmente, assistir. Aquelas aberrações, castradas e mutiladas, eram o gado, e os jogadores, os açougueiros. Os prisioneiros eram “antigos” estupradores, molestadores, psicopatas violentos e pederastas. Em cada estação, os escolhidos do dia eram preparados pela organização e estariam à mercê dos expectadores. Violações, humilhações, divertimentos perversos; tudo era permitido, desde que não matasse a peça. A morte em vida. A expiação dos pecados e atrocidades. Esse era o legado de Kelly Antunes da Silveira.

Redenção



~

A hora da morte, amém

Ilana Casoy

Não se encontravam havia um ano e meio. Ele vai morrer, ela veio se despedir. Parece que vai ser um filme tocante, mas vai ser um inferno.

Pela janela do táxi, a cidade de Madrid se apresenta em imagens rápidas, mas sua cabeça se concentra nos momentos que virão. Ele está doente, ela quer entender a extensão disso. Eles têm projetos costurados há algum tempo e uma história de sonhos compartilhados em andamento. Todo o trabalho conjunto foi elaborado e construído por quase uma década. Tanta parceria! Sem contrato, na confiança. O táxi para diante de um prédio antigo, conservado, com sacadas e balcões pendurados pela fachada. Ela desce com uma mala única, cheia de expectativa, e aperta a campainha, tensa, envolvida pelo seu casaco Prada.

Ele abre a porta, se abraçam. Ele está magro, ela pode sentir seus ossos grandes e ao mesmo tempo frágeis. O paletó Armani que ele usa lhe cai como uma luva, apesar da magreza evidente. Os cabelos dele estão mais longos que da última vez, presos em um rabo de cavalo preciso. Ele a examina dos pés à cabeça. Os olhos de ambos se enchem de lágrimas. Sorriem, felizes pelo reencontro, enquanto ele a pega pelo braço e a faz entrar em seu estúdio.

O lugar é lindo, todas as fotografias dos trabalhos geniais expostas pelas incontáveis paredes. As pessoas que perambulam pelos corredores e salas são apresentadas, funcionários madrilinhos engomados que olham para o grande cineasta com respeito. Ou são os olhos dela?

Os dois conversam, colocam as novidades em dia. Ele conta como a esposa foi embora depois do seu diagnóstico médico terrível. Ela pergunta. Quer ouvir dele

sobre o destino que o aguarda. Ele detalha. Restam seis meses, talvez um ano. E chora enquanto conta. E ela chora. E riem também de Deus e do Diabo. Ele explica que Deus não ri. Ela não ri, mas ele acha graça da dor dela. Mudam de assunto rapidamente e passam ao prático. Ela quer oficializar a parceria. Ele muda de assunto e mostra a arte gráfica do dossiê do documentário. Ela prende a respiração, se encanta. Jamais compreendeu a estética dele, como consegue criar sensações nos outros a partir da imagem. Ela é o texto, ele é a imagem. Ela leva as palavras a sério, ele brinca com elas, torcendo seu significado, desde o grego até o chulo.

O dia passa, a conversa segue, chega um novo amigo. Funcionários correm “delapracá” com papéis a serem assinados. Gerentes de banco em seus ternos baratos desfilam pelas mesas de reunião. Ele a apresenta. Ela sorri, orgulhosa dele. Seu amigo cresceu. Não é mais o jovem que conheceu, com futuro incerto. Mostra também os dossiês de outros trabalhos, cada fotografia de chorar e rir, de perder o fôlego, de suspirar. São os dossiês nas paredes, com texto e futuro. A cada tempo ele levanta, vai ao banheiro e volta apressado. Está agitado e intenso no movimentado escritório. Sorri, por vezes sem jeito. Ela sorri de volta, tentando diminuir a falta de intimidade que a distância cria sempre. Mais uma vez ele se tranca no banheiro. Ela franze as sobrancelhas, inquieta. Quando ele volta, a pergunta é inevitável. E é então que a cortina se abre e começa o show macabro.

Ele diz que se droga, que não aguenta a notícia do próprio destino. A explicação é completamente racional, sobre seu déficit de atenção e de como não é dependente da droga. Ela olha, sem saber o que responder. Ele explica como a cocaína, em seu cérebro estragado, o relaxa e o estraga ainda mais. Que está se matando, mas não tem outro caminho. Mostra como milhões de pensamentos o perseguem e o rodeiam. Fala sobre centenas de assuntos ao mesmo tempo, querendo convencê-la de que ficará bem. Ela só viu cocaína no museu. E nos

filmes. E nas novelas. Não sabe o que dizer. Sente o desconforto subir pelas faces. Ele percebe, se irrita, não se conforma.

Um produtor amigo no escritório a tudo assiste, mas se afasta em silêncio, se recolhe. Dois monstros começam a argumentar, a tempestade se anuncia. Ele quer que ela não se incomode. Ela diz que aceita, mas se incomoda. Ele diz que ela não pode se incomodar com o que não é da vida dela. Ele diz que a morte é dele, mas ela responde que a morte dele faz parte da vida dela. Ele se sente invadido. Ela concorda, não vai partilhar a morte dele, mas chora. Ele levanta, inquieto, bate na mesa, explica de modo infantil a sua necessidade de se drogar. Sempre explica como é único e diferente em todos os seus problemas. Entra em uma conta maluca, quantos por cento da população tem déficit de atenção, quantos continuam assim na vida adulta, mais da metade se suicida porque não é compreendida. Os gênios não são compreendidos. Ela sorri, desesperada. Sabe que essas voltas que ele dá apenas tentam explicar o absurdo de si mesmo.

Ele está se matando, se destrói há muito, a vida o machuca. Antes se cortava espalhadamente pelos braços. E pernas. E ombros. Depois, se arrancava sangue de forma a nem poder pedir socorro, pois o internariam pela gravidade dos ferimentos. Por fim ela cede, afinal ele vai morrer. Tem o direito de escolher a velocidade de seu passeio. Ela o convence que aceita sem concordar, mas seu coração está pequeno. Vai assistir de camarote o amigo se destruir. E vai, ao aceitar, concordar, mesmo que não diga. Assim, ele tira de alguma gaveta um prato de prata, um canudo de prata, antigos cartões de crédito recortados com cuidado. Sempre a elegância. Ela começa a buscar na memória quantas vezes não viu. Ele diz que não havia o que ver, que faz pouco tempo. Ela sorri porque, de algum modo, ele sempre se destruiu. Mudou o nome da droga, nunca o autoflagelo.

O terceiro amigo se levanta. Até ali calado, agora defende a posição dela, tenta segurá-lo, mas sem efeito algum, e ele prossegue, olhando-o decepcionado. O

terceiro amigo levanta as mãos em desajeito, e sai antes que a discussão acabe porque percebe que sobra.

Ele e ela seguem duelando palavras. Ele se droga, ela observa. Nunca tinha visto tão de perto, ao alcance da mão, ao alcance do nariz. Ele oferece, ela não quer. Ele faz cara de quem acha que ela está perdendo o melhor da vida. Ou da morte. As mãos dela se contorcem no colo. A conversa segue, as mãos dele ligeiras entre a droga e as teclas do computador, fazendo tocar as músicas que escolheu para o momento de sua morte. O som da seleção final preenche a sala. Ela nem conhece o que ele diz vanguarda. Ela escuta, ele ri da ignorância musical dela. A droga o faz melhor e pior, melhor outra vez, mais uma vez pior. Ela assiste o ritual assustador a que ele se submete cotidianamente. Diazepans, lorazepans, cocaína, aspirina, pastilhas para garganta, beta bloqueadores, sal de fruta. E tudo mais uma vez. Ele explica cada detalhe, como a cocaína é pura demais, como fica taquicárdico e “se salva” de um ataque, como os “zepans” tiram o excesso, a aspirina afina o sangue, e assim vai.

Nem é tão tarde, mas ela está exaurida. Altivo, ele veste o casaco Armani, elegante, e quase fraco é forte e a acompanha até o hotel. Ela, de casaco Prada e arrastando os pés, entra no quarto de hotel e chora. Ele adentra, a enlaça com força, se desculpa. Promete tudo que não poderá cumprir. Ela balança a cabeça, não pode acreditar, mas aquiesce. Ele desliza os dedos pelo rosto dela, desenha o dia seguinte, faz planos para a continuação do trabalho enquanto alisa os cabelos dela. Ela recosta em seu peito, vencida, e se deixa levar pela cantilena eterna das palavras dele. Ele despe o Armani, ela despe o Prada. Seus corpos nus se enlaçam e desenlaçam, em uma dança mórbida que explode em prantos e gemidos. Ele a quer, havia muito, ela nem desconfiava. Ele vai partir, ela vai ficar. Ela cede e concede, deixa o desejo transpor a racionalidade necessária. Ele faz confissões de gravador, juras impossíveis, promessas falíveis. Ao amanhecer, se despedem. Em algumas horas darão sequência ao trabalho inacabado.

Ela está pronta, muitas reuniões pelo dia. Arruma a bolsa, não esquece o livro para ler enquanto ele estiver ocupado. Se arruma, se apruma, muitos ditos serão falados.

Ao fechar a porta do quarto, o telefone toca. É ele, não está bem com o que consumiu no dia anterior. Pede que ela vá mais tarde, não consegue acordar, não consegue enfrentar os fatos que o consomem. A realidade cai sobre ela, que sai caminhando para qualquer lado. Ele vai morrer, é a ideia que com cuidado começa a se assentar. Um calafrio percorre sua espinha. E o projeto conjunto? Onde está? Só de pensar que não sabe onde está todo o trabalho de anos, um arrepio frio e fino percorre sua espinha.

Ela anda pela cidade, a esmo, lembrando o dia anterior. Tenta resgatar os sinais que não leu antes. Ele a amava mais, ela não sabia. Sempre enxergou como amizade, ainda que cheia de amor e entrega, pensamentos alinhados, mesmos planos de mudar o mundo, de viver a vida, de encarar a morte sem medo, do bem e do mal. Tenta ver o que passou despercebido. Ele é tão mais jovem, uma esteira de atrizes a tiracolo todo dia, sets de filmagem, câmera, ação, sexualidade à flor da pele, sedução, glamour, vaidade resolvida. Ela madura, estabilizada, arredia às luzes das cenas dirigidas, leituras inesgotáveis, silêncios estendidos. Entre eles uma relação intelectual, já plena, sem sustos. Aquela explosão de desejo inesperada é um erro, ela sabe, mas a compaixão traz descontrole, ou seria o compadecimento? Ela caminha cada passo se desnudando da santidade pretendida, não pode negar o acontecido, não pode esquecer o desejo naquele momento arrefecido.

As horas passam lentas, e ela se segura nas paredes da dor que cresce. E do medo. Ele jurou que não morreria enquanto ela estivesse ali. Pode-se confiar em um suicida? Ele pediu — Fica. Ela olhou para o chão, perdida. Viu as sombras tomarem conta do olhar dele, disfarçou, seguiu. Pagava o preço, ela sabia.

Ela espera na calçada dele, olha a janela, fechada, imóvel. Chora mais uma vez, arrependida. Espera. Depois toma coragem e sobe a escada escura. Nenhum funcionário engomado se apresenta. O vazio a impacta absurdamente. Onde estão as pessoas de ontem, os gerentes de banco, as secretárias? Ela bate à porta tímida, hesitante. Ele abre, assombrado pelo que sobra de si mesmo. Ela questiona, desconfortável — é dia útil, onde estão todos? Ele diz que os dispensou, não tem condições. Ela duvida, desconfia, ainda sente o perfume das pessoas de ontem andando pelo palco da vida dele. Personagens? Ele ri, desesperado. E repete, como repetirá todos os dias — vou morrer, vou me matar, vou controlar, vai ser a hora que eu quiser, tenho ódio, tenho tantas coisas pra fazer, odeio Deus, o Diabo não existe, nada existe, pare de ser feliz, acorda!, vou morrer. E grita, e chora, e cheira, e mais um “zepam”, a cabeça dói, aspirina, a taquicardia, o cor-de-rosa, a garganta arde, o amarelo, mais uma carreira, o nariz sangra, ele abaixa e levanta a cabeça. Dá para ver que está sorrindo. Agora explica os deuses gregos, falam de Zeus, da tesoura da Moira, da deusa Fortuna, da sorte nos pés, e dos assassinos, e do mal e do bem, e do nada. Riem de novo, ele melhora, mas logo revela mais do que ela queria. A verdade dele, implacável, vem à tona em poucas palavras ali cuspidas.

O banco veio cobrar, a situação é limite, a empresa vai acabar. Deve aluguel, deve impostos, o funcionário sumiu com o material, a ex-mulher sabotou os computadores, ele não encontra os papéis, está ilegal no país, não tem para onde fugir. Ela se revolta, ele nunca falou, tenta achar uma saída, o raciocínio tão veloz que estonteia. Tantas mentiras, ela fala, exasperada. Tem que haver uma saída. Ele grita — não há!, não há! O caminho chegou ao fim, não há saída. Talvez não, mas como fazer? Os braços dele desabam ao longo do corpo, sem força. Abaixa a cabeça e chora. E diz do seu orgulho, de como ela não o ajudou em nada. Ela devolve o olhar espantada, nem lembra. Para ela, ele sempre veste Armani. Ele sabe os detalhes da conversa dela com outros, de que quem empresta dinheiro ao amigo perde o amigo. Ri do que julga absurdo, ela nem

tem resposta. Não lembra dele um dia ter pedido ou precisado. Ele, sempre o Deus entre os mortais, inalcançável, inigualável.

De um ato ele tira o testamento, dizendo o que deixa para ela. Todos os deuses do Olimpo saíram da sala, restaram os dois em uma ridícula conta percentual, agora não mais do déficit de atenção, mas do que sobrara do olhar dele sobre o mundo dela. Se digladiam com palavras, o texto dela não corresponde a expectativa dele, ela está assustada, ele não percebe o medo dela, ela julga que ele percebe, ela nada sabia. Nem antes, nem agora. Mas as verdades vêm em chicotadas, ela chora, ele chora. Agora está tudo escancarado, desencantado. Ele mostra a sua mesquinhez, ela se vê manipulada. Uma mala verde está largada, no canto da sala. É o material deles, as fitas, os filmes. Ele grava algumas coisas em um HD, estende a ela. Ela pega, coloca na bolsa, não ainda agradecida. E a mala? Ele promete, vai duplicar no dia seguinte e entregar a ela, mas ela vai assinar, não vai? Do jeito que ele quer? Não há saída, olho por olho, dente por dente. Ela suspira, controla o temperamento, precisa de tempo, precisa do material. Ele sabe, ele usa a sua urgência, ela sabe.

A seleção da morte ainda toca no alto-falante da sala, os comprimidos estão espalhados pela mesa junto às lágrimas e aos sorrisos. Alguns deuses mitológicos se entreolham por trás das cortinas. Ele veste o Armani, ela veste o Prada, ele a leva para jantar. E novamente o manto de ilusão cai sobre os olhos dela. E novamente ela o enxerga inteiro, possível. E agradece, comovida. Bastou um pouco do velho amigo se mostrar como ela via. Se mostra, porque ela não vai aguentar. E ele percebe, e remenda, e sorri vago. E giram mais uma vez pelo desejo mais que humano, se agarram nos pés de Moira sôfregos e desesperados, se perdem no labirinto de si mesmos, suspiram, recomeçam. O projeto tem futuro. Dessa vez quando ele pede para ela ficar, ela sustenta o olhar dele, não tão certa da resposta sempre pronta.

Entre esperanças presas na caixa de pandora e Deus e o diabo na Terra do Sol, mais um dia passa. Acertam seus textos nos intervalos de lucidez, pequenos, mas contundentes. Os rituais de autoviolência recomeçam sem fim. Ela já entende a taquicardia, já estende a mão com a aspirina, o jogo das garrafas de energéticos e água com efervescentes em geral. Ele prossegue, na sua destruição infinita, sorrindo, desafiando o que pensa que existe. Ela chora no banheiro, mas não de piedade, e sim de impotência. Ele revela o ápice da sua viagem, como experimentou todos os caminhos de sonhar e de sentir, como quis dançar com a morte, como se induziu ao coma, como tudo fugiu de seu plano e controle. Descreve sua própria divina comédia, com detalhes e cores que sabe dar com palavras. Ela escuta atenta, construindo cada quadro. Ele, o texto. Ela, a imagem. Papéis trocados. Não há o Diabo, mas esteve no glacial inferno. Explica o engodo de Dante, mas sem conter o espanto explica sobre a universalidade de cada um do outro lado. Ou do mesmo lado. Ela tenta acompanhar a história, ele tem pressa de contar. Vai morrer. Não compreende, se revolta. Ódio. Ela o aquieta, racionaliza, tenta aplacar a explosão, não consegue nunca. É a loucura que se instala? Dessa vez toda palavra é dano, todo gesto é áspero. Nada dá certo. Ela sai dali cabisbaixa.

Dessa vez ele não veste o Armani, não a acompanha. Ela, de Prada, anda os míseros metros até seu hotel como quem vai para o cadafalso. Ouve mensagens entrando em seu celular, fuma um cigarro último, se dá de presente alguns minutos a mais de ignorância. Está exausta de sentir, fraca de saber.

Já no quarto, vê as palavras que vão erguer seu muro de medo nas próximas horas. Ele diz: não posso continuar. Elegantemente pede desculpas. Diz que amanhã não vai sair da cama, que despertará apenas para tomar novamente os comprimidos para dormir. É demais para ele. Ela está dispensada. É demais para ela. Ele vai dormir todo o dia e toda a noite. E ela ficará só, ali, sem porquê. Ele avisa que ainda não vai morrer, apenas porque prometeu, mas que desligará os

telefones. Interromperá seu contato com o mundo. Ela chora. Nunca ficou assim tão só. Não sabe o que fazer. Ele é mais forte quando é mais fraco.

Ela escreve para ele o que ele não vai ler. Usa o que sabe para tentar levantá-lo, arrancá-lo das garras da depressão instalada. Ela pede qualquer sinal, ele não dá. E a mala verde? Ele não responde. Ela passeia, ele dorme. As ruas de Madri estão cinza, o frio gela seu corpo, o medo a sua alma. Os passos arrastados caminham por lugares sem importância, os cafés insossos descem mornos por sua garganta. Ela não sabe o que fazer e não tem a quem perguntar. Quem iria entender?

A angústia vai construindo dentro dela garras de metal. Elas apertam. Ela liga para ele mais uma vez. Ele não atende. Mudo. Ela caminha pelas ruas até chegar à janela dele, espreita, é dia. Nada. Ela volta, se recolhe, pensa, repensa. Nunca viu depressão assim, repleta de uma autodestruição tão poderosa. Não está acostumada a ser desligada. As horas passam, os pesadelos se acumulam. Levanta, vai até a rua, espreita novamente a janela. É noite. Tudo escuro, sem um som, nenhuma fresta. Volta cabisbaixa e enfrenta a própria solidão e o medo. Imagina cenas a granel de possibilidades mórbidas. Imagina desde o escárnio até a dor máxima.

O vê estendido, cheio de vermes, finalmente morto. Se vê chorando, sem saber a quem chamar, porque maior solidão que a sua é a dele. Mas quando a piedade de si e do outro começa a crescer, troca a fantasia. Agora ele ri, com o amigo do primeiro dia, da idiota que chora pelas ruas de Madri. Ele é ator, ela é ingênua, a experiência é perfeita. Será tudo mentira? O ódio cresce dentro dela, que chegou com ele vestindo Armani, gerentes de banco fazendo reverências, diretores de TV bebendo vinho. Discursos sobre mulheres traídas que finalmente podem encontrar o amor. Em poucos dias a história muda. Drogas, remédios, falência, falsificação de receitas médicas, irmão torpe, pai pedófilo.

Ela tem menos percentual, mas tem de agradecer a oferta, porque entendeu tudo errado. Assina assim, ou não tem nada. Ele diz que ela foi contaminada pelo dinheiro. Ela percebe o sentimento de culpa crescer por ter dado certo na

vida. Ele diz que ela é mimada. Agora está de castigo, cheia de nervos. Ele vai tomar de tudo, mas vai manter a promessa, não vai se matar. Deve morrer de rir da mulher que veste Prada e anda por Madri perdida, chorando. E ela chora mais, ao pensá-lo morto. E desenha uma vingança, peça por peça, em sua lógica perfeita. Os véus caíram, ela enxerga finalmente quem é quem e o que é preciso fazer. Vai plantar gérberas coloridas na basura em que as cinzas dele forem jogadas. Vai desafiá-lo chorando, em pé. Ele não estará, mas ela seguirá.

Trinta horas se passaram. Ele quer estender o silêncio. Ela ameaça ir embora. Ele negocia. Ela pressiona. Ele a deixa entrar, mas não sorri. A maior virtude dela é a paciência. Ele sabe. Ela senta. Ela espera. Ele também espera no escuro, no silêncio da mesa de trabalho. Nenhum funcionário. Nada. Ela espera. Ele espera. Uma voz bem fraca reclama da invasão. Uma voz bem forte reclama da exclusão. Uma voz bem fraca fala de sua dor. Uma voz bem forte fala de sua dor.

Vagarosamente as dores se encontram em uma só conversa. Ele fala, ela escuta. Ela fala, ele escuta. Eles riem. Ele é o mestre, ela ouve. Ele conta Dante, Kafka, Nietzsche, Sócrates. Ele explica o teatro, os processos de criação de personagens. Ela bebe as histórias. Os olhos de ambos brilham mais uma vez. Ela sai para o sol, que ele não enfrenta. Compra comida, abastece o corpo e volta. Ela bebe vinho, ele se droga. Mas não se mata, se controla, quando passa mal, se salva. Se o coração dispara, se a garganta se destrói, se o nariz sangra, se a cabeça dói. E se o aneurisma explodir? Ela ouve todas as teses. Ele explica todas as possibilidades. Ele chora a injustiça sobre si. Ela chora a injustiça sobre ele.

Ele, em um segundo, resolve viver. Levanta e diz que vai finalizar os projetos. Ela sorri, aliviada. E a louca conversa recomeça, e entra Aristóteles, e entra Scheler, e entra Heidegger, e entra Milton. As portas do intelecto estão

escancaradas. Discutem a maldade, a bondade, a desesperança, a compaixão, o compadecer. Ele explica o conceito filosófico, ela o psicológico. Ele olha para ela, como que descobrindo um conhecimento que não imaginara. Ela olha para ele, humilde. Sabe que sabe menos, mas se orgulha de conquistar a atenção perdida.

Sem aviso, ele pega a câmera e filma a dor dela. Ela sorri para o filme, mas seus olhos a desmentem. Ele sabe que vai morrer. Ela sabe que seguirá sem ele. Ela pergunta — para que me filmar se você não vai viver para ver? Ele responde — para você se ver pelos meus olhos. Ela aquiesce e canta o samba da fita amarela. Ele roda em volta dela, diretor e estrela flertando com a sombra da despedida que se instala. Ela ri leve e solta, ele ri, confortável em seu papel de sempre. Ele dirige a dor dela, ela interpreta a necessidade dele. O tempo passa, inexorável.

Cansam da brincadeira mórbida e discutem mais as teorias do mundo. Ele fez a página dois do dossiê, ela prende a respiração quando vê. Agora a muralha entrelaçada de mãos e pedras dá lugar aos olhos marejados do injustiçado, em cores. Ela vai pedindo que ele grave no seu pendrive cada pedaço dele. Ela quer levar tudo, cada lembrança, cada criação, cada pensamento. As imagens do texto dela. Hoje ele está generoso, olha sorrindo, vai concordando e gravando. Ela coleciona as memórias que ficarão. De vez em quando olha para a mala verde ali, encostada em um canto, esquecida por enquanto. Ele acha ridícula a necessidade dela de gravar tudo, mas não se impacienta. Agrada a criança que existe nela. Complacente, paciente, indulgente com a tola felicidade momentânea dela.

Mais uma vez ele filma o sorriso dela na pequena reunião de despedida. É a última vez, a última noite. Ele cheira o pó, ela bebe. Ele pede que ela conte ao

produtor amigo a história do trabalho deles, desse encontro de ideologias. O terceiro ouve e observa, entende, vai ajudá-los a prosseguir com o projeto idealizado. Produtor experiente, vai vender o material, ele promete. Não demora muito a perceber que aqui há mais que um roteiro, mais que imagens impossíveis já captadas. Saem pela sala rindo e planejando, a câmera rodando nas mãos do diretor. Ele filma a ela e a si próprio. Despede-se e sorri. Falam das gérberas da vingança dela. Falam da morte como falam da vida. E o produtor amigo vai embora, testemunha apenas da loucura galopante ali instalada.

Do silêncio que se aloja, cortante como faca afiada, vem a ventania súbita pelas frestas da mente avariada. Ela precisa ver quem ele é. Ele precisa ver quem ela é. Ela vai até ele, para se despedir. Ele a olha, espantado, entendeu que ela ficaria. Ela sorri sem jeito, levanta os ombros, sabe como é, o voo é agora de manhã, não lembra?

O olhar dele agora é furioso. Ele levanta, cresce, grita a própria humilhação, a inveja, a cobiça. Ela abaixa a cabeça, estremece, nunca viu dor e ódio tão poderosos. Ele esmurra a mesa, quebra coisas, grita. Ela se abaixa entre os cacos de vidro dos copos jogados contra as paredes, se esquiva do computador agora escangalhado. O suor desce pelas têmporas dele, o cabelo escapa do elástico, rebelde e incontrolável. Os braços se agitam buscando alcançar o que pode machucá-la. Ela se encolhe, se envergonha da dor dele e da sua própria sanidade. Ajoelhada, com a cabeça entre os braços, se protege como pode. Sente que ele se aproxima a passos largos, até que a pega pela nuca. Ele a levanta do chão com facilidade e a empurra porta afora, sem piedade.

Aos tropeções, descem escada abaixo pela madrugada de Madri e andam pelo meio da rua, as mãos dele apertando seu pescoço magro, até um caixa eletrônico que ali aguarda o pérfido desfecho da violência escancarada. Ele grita que ela saque todo dinheiro dela, naquele momento. Ele dará a ela a mala verde, a deixará ir embora, mas precisa da cocaína e não tem mais como pagá-la. Ela obedece, mostra o saldo da conta e a zera. Agora olha para ele como os

personagens que escreve, com desprezo e uma certa piedade, enquanto as notas de dinheiro se acumulam uma a uma na pequena janela mecanizada.

Enfim, percebe o poço de loucura em que ele vive. Se dá conta de que ele não a deixará ir embora. Vai romper para esmagá-la, vai moer seu coração. Ela se apavora, sabe que naquele lugar de dor ela já esteve, não quer voltar. Pensa rápido e, com mansidão, diz as palavras planejadas para o último caso. Olha para ele como ele quer ser visto, aplacando o selvagem que a encara. Ele hesita, ela estende o monte de notas. Ele as pega, conta, sente o aroma delas e sorri, aliviado. Ela o abraça, se faz arrependida. Recosta a cabeça em seu peito, submissa. Ele a abraça, aliviado. Sente que ela percebeu a injustiça.

Os dois caminham agora de mãos dadas, como namorados, admirando a Lua que insiste em iluminar a rua deserta. Ela fala de um novo futuro, da parceria. Não precisa acabar assim, pode ser um recomeço. Ele hesita, perturbado. Não sabe se acredita. Ela insiste na ideia, emocionada. Só agora entende o que se passa e não sairá assim, sem ajudá-lo.

Entram na sala destruída, já exaustos. Ele anda de um lado para o outro, abalado. Em três passos rápidos a alcança, sôfrego, desesperado e aliviado. Ela resiste, e o empurra. Tenta escapar, mas ele a enlaça. E dá o ultimato final. Se ela sair, ele se mata ali mesmo, naquele momento.

Ela suplica, agora também desesperada. Beijam-se cheios de fogo e desejo, a adrenalina correndo nas veias de forma desbragada. Ela o afasta com carinho e respira fundo, controlada. Afaga os cabelos dele sem pressa, desfazendo com os dedos os nós recém-formados. Ela diz que não sai, não pela ameaça. Precisa dele, também sente um amor acorrentado. Sente o bafo dele quente, respira em cima, afogueada. Devagar, deita-o em seu colo, aninhando-o como a mãe de um filho quase morto — shhh, shhh — ela repete, diminuindo a velocidade. Com o mantra sonoro e os afagos pacientes e repetitivos, ele adormece, sem forças, finalmente acalentado.

Com cuidado, ela o desenlaça. Pé ante pé, vai até os restos na escrivaninha desarrumada. Olha tudo em volta, decidida. Localiza o que precisa, concentrada.

Observa-o dormindo ali, de lado. O manipulador finalmente entregue em suas mãos, desavisado. Pega o canudo de prata e alisa o metal frio com delicadeza. Posiciona sua ponta perto do ouvido dele, de forma precisa, calculada. E o enterra veloz, firme e forte, perfurando o cérebro dele até o outro lado. Ele tem um espasmo, abre os olhos, ato reflexo mecânico, incontido. Ela observa sem dor alguma, sem remorso. Pronto, está acabado.

De modo simples, retira o canudo prateado. Duvida que acharão qualquer rastro disso, mas quem se importa? Lava o objeto com esmero e o guarda no bolso do casaco.

Abre a gaveta da cocaína e coloca o recipiente sobre a mesa. Espalha um pouco do pó em carreiras desfeitas sobre o tampo bagunçado. Recolhe suas coisas, pega também a mala verde, mas quando vai sair a porta está trancada. Ela volta, vasculha os bolsos dele e encontra logo as chaves emaranhadas no dinheiro dela. Quase esquece ali. Sorri para ele, com escárnio, e segue porta afora, triunfante a cada passada. Ela se vai, aliviada.

No portão de embarque do aeroporto, aguarda quieta. Vaga os olhos pelo salão, falta pouco, ela sabe. Levanta-se, com discrição, rumo ao banheiro. É ali que joga no lixo a arma do crime arquitetado. Assiste calmamente a chamada de seu voo e o embarque de quase todos passageiros. Antes da última chamada, vai ao telefone público e disca 112. Rapidamente passa o endereço da emergência. Está feito.

Mostra seu bilhete e documento, refeita. Rola a mala verde pelo caminho, sem sentir o peso de nada. Amém.

~

Leão tatuado

Vera Carvalho Assumpção

“Diz-me, se puderes, o que é a coragem.”

Platão

A noite estava garoenta e fria. As ruas da cidade recendiam umidades. O trânsito seguia mais atravancado do que o normal. No táxi, agarrada à bolsa, Beth sentiu o celular vibrar. Abriu a bolsa, pegou o aparelho e olhou o visor. Trinta e sete ligações não atendidas de Joca. Jogou o aparelho de volta na bolsa. Apertou-a um pouco mais. Estava a caminho de casa.

Quando Beth se mudou para a casa de Joca, num beco da comunidade do Buraco Quente em São Paulo, o bar ao lado possuía um letreiro de neon que ela precisava adivinhar o nome por haver letras que não acendiam. Adepta do feng shui, ela vivia reclamando para que aquele letreiro fosse consertado, afirmando que as letras apagadas eram um mau presságio. Ninguém atendeu seu pedido. Ela já havia se acostumado a muitas coisas na vida e presumiu que se acostumaría às letras apagadas da placa, se não abandonasse Joca ou não enlouquecesse antes. Não se habituou e continuou por lá. Em breve faria um ano, e o mau pressentimento só havia aumentado. Agarrada à bolsa, ela antevia aquele letreiro de letras falhadas e seu coração aumentava o descompasso.

A garoa atrasava o táxi e, na mente de Beth, passavam imagens da vida, imagens de como fora parar numa casa naquele beco que tinha um portão enferrujado na entrada e era um corredor de paredes descascadas. Há pouco tempo aquelas comunidades se chamavam favelas, e os barracos eram de madeira e papelão. Agora as casas eram de alvenaria. No beco havia diversas portas de entrada para casas onde constelações familiares habitavam. Ao lado da dela vivia um casal de evangélicos com duas filhas. Gente certinha que saía com

Bíblia todos os domingos. Na rua da frente, bares vendiam todo tipo de drogas. Nos últimos tempos, a casa de Joca, com entrada no meio do segundo corredor, ficava menor e mais sem graça a cada dia. Por ali, o que Beth via aumentar era a população. Gente que nascia ali e gente que vinha de regiões Nordeste e Norte do país. Também havia gente da cidade que perdia emprego e, por falta e opção, acabava por ali. Ela fazia um tipo diferente, era alta, grandona, olhos claros e tinha cabelos louros. Sua mãe, para sobreviver no Nordeste, desde cedo aprendeu a só trepar com gringos que pagavam bem. Queixava-se que eles tinham o pau ensebado, mas compensavam com grana. Criou a filha e ajudou muita gente da família à custa deles. Nunca deu para saber qual gringo era o pai de Beth.

O táxi seguia pela garoa. Beth percebia a proximidade do letreiro de letras falhadas. Vivera os melhores dias da sua vida e tinha uma barra pesada pela frente.

Três quadras antes de avistar o letreiro, pediu que o táxi parasse. Pagou e desceu. Faria aquele trecho a pé. Mesmo embaixo da garoa, preferia caminhar antes de enfrentar o que tinha de ser enfrentado. Puxou o capuz do casaco para não molhar os cabelos e caminhou devagar. Havia ido parar naquele beco de uma comunidade de São Paulo, depois de sair da sua cidade e desistir do emprego bem remunerado de babá, numa mansão de Maceió. Tudo por causa de Joca.

Joca tinha 18 anos quando conheceu Beth, 19 quando começaram a ficar juntos. Beth era babá. Viu Joca pela primeira vez na espera do hospital, quando sangrava de um aborto que ela mesma provocara e ele gemia com o braço quebrado numa luta de gangues. Conversaram por um bom tempo até serem atendidos. Sanadas as dores, passaram a se encontrar com frequência. Ela tinha 30 anos, mas aparentava menos. Era sabido que Joca, garoto bonito de olhos azuis, abdome reto, braços e pernas musculosos, estava envolvido com gangues da pesada. Beth se desmanchava de desejo e perdoava tudo. Em todos os

momentos de folga o procurava. Na época, Beth era casada com o funcionário de um hotel, que trabalhava em horários regulares. Quando um dia ele se sentiu mal e foi mais cedo para casa, encontrou Beth e Joca engalfinhados na cama. Diante do olhar pasmado do homem, com maestria, Joca pulou da cama, deu-lhe um tiro certo no coração e, em pouco tempo, se livrou do corpo.

Apavorada, sem saber nem mesmo onde o corpo do marido fora parar, Beth pediu demissão do emprego, embrulhou suas roupas e, com o firme propósito de tirar Joca da cabeça, embarcou num ônibus para São Paulo. Dias depois, se virando como pôde, encontrou um novo emprego de babá.

Três meses depois, Joca chegou à São Paulo com seu charme e uma nova tatuagem. Um imponente leão tomava conta de seu braço. Beth dormia no emprego e cuidava de duas crianças e dois cachorros. Joca havia alugado a casa na comunidade próxima ao emprego de Beth. Ela combinou com a patroa a folga de uns poucos dias para ficar com Joca, imaginando que isto a ajudaria a superar a obsessão. Ele, no entanto, a encheu de culpa, e convenceu-a a ir morar com ele. Disse que jamais viria para São Paulo se não fosse por ela. Ela sentiu que o tesão por ele não havia diminuído. Pelo contrário, a nova tatuagem, o leão com o olhar de rei da selva, parecia atraí-la ainda mais.

— Beth, o cara mal chegou na cidade e anda por aí metido com drogas — disse o vigia da rua que a paquerava. — Você merece coisa melhor.

Beth estava viciada no corpo de Joca, na sua pele, na sua boca, e estava cansada de cuidar daquelas crianças insuportáveis e dos cachorros bravos demais para o gosto dela. Mudou-se para a casa que Joca alugava na comunidade Buraco Quente.

Passou a trabalhar como cozinheira, que era o que mais gostava de fazer. Preparava quitutes nas casas da parte rica do bairro. Deixava refeições caprichadas para serem servidas ou congeladas. Retornava todas as tardes para preparar jantares especiais para Joca, para beijar Joca, para alisar o leão tatuado no braço de Joca, para trepar com Joca, para se desmanchar nos braços de Joca.

Com a garoa atravessando suas roupas e começando a esfriar seu corpo, recordou-se da exata noite em que tudo aquilo começou a mudar.

Era final de tarde, e ela estava em casa bebendo cerveja e preparando jantar para Joca. A cozinha era pequena, mas ela a havia equipado com os objetos necessários. Ele tinha uma caminhonete pequena e fazia serviços gerais. Beth sabia que, paralelamente àquele trabalho, ele continuava a comercializar droga, como já fazia na cidade de onde vieram. Com isso pagava o aluguel, comprava cerveja e cigarros. Quando chegava, contava a ela sobre as casas de pessoas ricas onde passava seus dias pintando paredes, desentupindo encanamentos e trocando fios elétricos. Ele não falava sobre o comércio paralelo, onde fazia as entregas. Falava de mansões magníficas com piscinas. Falava de cozinhas onde ele instalava prateleiras de granito. Falava de casas de bonecas para crianças.

Ela ouvia bebendo cerveja, servindo o jantar, esfregando as pernas nas pernas dele por debaixo da mesa, e alisando seu peito firme, na expectativa da trepada que viria. Tentava não pensar que ele observava aquelas casas como algum tipo de informante.

No dia em que tudo começou a mudar, Joca havia chegado animado, contara que esteve consertando a bomba de uma piscina que parecia de cinema. Contara que o dono da casa tinha uma empreiteira que fazia obras para políticos. Eram negócios onde rolava muita grana. O cara tinha dois filhos pequenos, e a esposa havia morrido fazia pouco tempo.

Beth estava no fogão mexendo o molho de tomate e observando os capeletes cozinhareem na água borbulhante. De tempos em tempos, observava a torta de limão que assava no forno cuja massa ela havia aberto com seu rolo de mármore. Gostava de utensílios de cozinha de primeira.

Enquanto falava, Joca beijou-a, abraçou-a por trás. Para Beth, o toque de Joca era o paraíso. Ele enfiou a mão embaixo da saia dela e rapidamente chegou ao ponto certo. Ela pensou em mandá-lo parar, pois aquele macarrão precisava ser

mexido e cozinhava em poucos minutos, mas quando ele começava com aquelas carícias, não havia como pará-lo.

Joca gostava de dar prazer a ela, ou talvez soubesse que esse era seu melhor talento. Ele ficou de joelhos e foi acariciando suas pernas, enfiando a mão por dentro de sua calcinha, enquanto ela mexia o macarrão, até que ela não aguentou mais. Largou a colher, desligou o fogo, escorreu o macarrão e rolou com ele pelo chão.

Por sorte, não demoraram muito. Ela lavou as mãos antes de voltar para seu capelete, que havia passado um pouco do ponto, mas ela jogou água fervente por cima enquanto Joca abria uma garrafa de vinho e servia dois copos. Ela ajeitou o molho e serviu.

Enquanto comiam e bebiam, ele voltou a falar da casa em que estivera.

— Além de todo o luxo da casa, tem uma garagem com três carros. Três carros de luxo — ele repetiu com os olhos brilhando. — E só um homem morando na casa com dois filhos pequenos.

— Do que morreu a mulher? — ela perguntou depois de mais um gole no vinho.

— Morreu de câncer. Ainda não deu tempo de arrumar outra. — Joca parou de mastigar, sorriu. — A casa é num condomínio. Lugar de gente fina, com grana. O cara tem empreiteira. A casa tem obras de arte pelas paredes. A mulher tinha joias caríssimas.

Ela levantou as sobrancelhas, bebeu vinho.

— Nós merecemos um pouco desta grana — ele falou.

— Todo mundo acha que merece.

— Os empregados do condomínio sabem muito sobre o que o cara tem. Ou adivinham. Na casa há quartos trancados que ninguém sabe ao certo o que tem dentro. Acreditam que é grana. Se um pouco dessa grana desaparecesse, ele não iria dar falta.

— Você acha que pode chegar lá e se servir?

Joca balançou os ombros. Deu uma garfada no capelete.

– Você tem mão para cozinha. O capelete está ótimo!

Os dois terminaram de comer e seguiram bebendo vinho. Enquanto ela colocava os pratos na pia, ele tirou os sapatos e as meias. Depois despiu a camiseta. Ele ainda era o garoto esbelto, lindo e enxuto. Os cabelos castanhos tinham reflexos louros, e seu olhos azuis eram iluminados. Ele poderia ser modelo, ela pensou observando o olhar de superioridade do leão em seu braço.

– Marco Aurélio precisa de uma babá, e precisa para ontem. — Ele voltou o olhar para ela. — Ele disse que está procurando e as que apareceram não se prestam ao cargo.

Ela manteve o olhar fixo nele. Alguma ideia estava se formando naquele cérebro. E ela não queria acreditar. Tirou a torta de limão do forno e serviu dois pedaços.

– Você é qualificada para ser babá, já trabalhou no cargo com sucesso — ele falou.

– E ele aceitaria um faz-tudo maluco e sua namorada mais velha trabalhando para ele?

– Não me chame de faz-tudo — a voz dele ficou irritada.

Ela fez uma longa respiração e bebeu mais vinho antes de dar uma garfada na torta.

– Quero ser mais! Vou ser mais! Vou ser um cara rico! — ele falou com firmeza. — Vou ser dono de uma casa do lado rico do bairro.

– Vamos chegar lá — Ela esticou o braço e afagou seu peito.

– Marco Aurélio vai gostar de você. Já conversei a seu respeito com ele. Apesar de trabalhar muito, ele me parece solitário. Quando vir uma mulher bonita como você, vai se animar.

– Não sou a juvenzinha que coroas ricos querem — Ela começava a entender o que ia pela cabeça de Joca.

– Você é sexy. — Ele revirou os olhos, sorriu. — Uma mulher sexy cativa um homem. — Ele comeu a torta, elogiou antes de continuar: — Temos de agir

rápido. Deve ter um mulherio em cima do homem, e logo ele cai por uma delas.

– E daí?

– Esse cara é muito rico. Não teve de trabalhar como nós para conseguir a grana que tem. Ligou-se a políticos, e a grana veio. Você caindo nas graças dele, vamos conseguir um pouco do que ele tem.

– Você está me assustando — Ela retesou o corpo.

– Por favor — Ele fitou-a com seu olhar de água do mar. — Dê um trato no velho, sem se apaixonar. Informe-se sobre ele, informe-se sobre a grana dele. Eu faço o resto.

Ela continuava com as sobrancelhas levantadas, o corpo retesado. Largou o resto da sobremesa no prato. Bebeu mais um copo de vinho.

– Amanhã dou o cano na casa em que cozinhou e vamos lá. — Ela relaxou o corpo. — Fiquei curiosa para conhecer o tal homem.

Assim começou o que mais parecia uma brincadeira. Naquela noite, Beth e Joca transaram sorrindo com as possibilidades do que fazer com a grana.

No dia seguinte, Beth entrou na caminhonete de Joca.

– Marco Aurélio acredita que você é minha irmã mais velha — disse ele enquanto dirigia. — Represente bem.

– Como é que é? — Beth se assustou com a ideia.

– Decidi que as coisas dariam mais certo com ele pensando que você é minha irmã.

Beth manteve os olhos fixos na ponte que atravessavam, entrando no bairro do Morumbi. Logo se embrenharam por ruas em que mansões se sucediam. Chegaram à porta do condomínio e apresentaram documentos. Lá dentro ela avistou casas luxuosas com jardins caprichadíssimos onde palmeiras e árvores floridas balançavam com a brisa mais fresca do que no resto da cidade.

Pararam na entrada da garagem. Lá, três carros, que Beth não sabia a marca, brilhavam. Um homem alto, que vestia calças jeans e uma camiseta polo azul-claro, com um jacaré debruado no bolso do lado esquerdo, cabelo curto e

grisalho, apareceu na garagem. Ele tinha a barriga um pouco avantajada, mas um sorriso jovial se abriu em seu rosto.

– Você deve ser a irmã de Joca — ele falou estendendo a mão.

– Sim, sou eu — Beth respondeu, se sentindo encantada.

– Espero que vocês se acertem — Joca falou. — Vou terminar meu trabalho.

Marco Aurélio fez um sinal positivo para Joca e convidou Beth:

– Vamos entrar?

Seus olhos eram amistosos quando gesticulou para reforçar o convite e acionou o botão do controle remoto para fechar a porta da garagem.

– As crianças estão na escola, mas vou levar você para conhecer a casa e mostrar onde vai passar seus dias.

Beth sentiu uma estranha emoção diante da frase “onde você vai passar seus dias”.

– O período escolar termina esta semana — ele explicou. — Preciso de alguém que passe o dia com as crianças. Só vai ter de dormir aqui uma vez ou outra, quando eu estiver fora da cidade.

Seus dentes eram muito brancos e alinhados. Beth sentiu vontade de beijá-lo e passar a língua naqueles dentes.

Ele conduziu-a por toda a casa até chegarem à cozinha.

– Seu irmão disse que você adora cozinhar.

– É o que mais gosto de fazer na vida.

– Pode fazer suas receitas aqui quando quiser. Temos cozinheira e ela faz o trivial. Não me lembro a última vez que comi algo especial. — Ele sorriu, e Beth mais uma vez sentiu desejo de passar a língua nos seus dentes, de morder seus lábios carnudos.

Se era possível se apaixonar por uma casa, ela estava se apaixonando, especialmente pela cozinha. Enquanto falavam sobre a morte da esposa dele e a experiência de Beth como babá, ela idealizou todos os pratos, bolos e tortas que poderia fazer naquela cozinha.

Uma hora depois, o ônibus deixou as crianças, e ele abraçou-as com carinho. Apresentou-as e elas levaram Beth para conhecer seus quartos.

Combinaram que Beth começaria no dia seguinte e no final da tarde, quando saíram na caminhonete, Joca falou:

- O cara é boa gente, não?
- Marco Aurélio é legal. Gostei das crianças — disse ela.
- Ele falou sobre a empreiteira dele? Você já descobriu o quarto fechado com grana?
- Ainda não apliquei o questionário. — Ela forçou o sorriso.
- Muita grana... O cara tem grana demais!
- Preciso de um tempo para intimidades. — A voz dela saiu ríspida.
- Não fique zangada. É um jeito fácil de melhorarmos de vida.
- Gostei das crianças — ela falou para não dizer que estava gostando do pai.
- Não são crianças mimadas.

Pararam numa lanchonete e enquanto comiam hambúrgueres e bebiam cerveja, Joca falava sobre o que fariam com o dinheiro. Uma caminhonete nova para ele, uma cozinha bem equipada para ela.

- Logo que você tiver todas as informações, montaremos nosso plano.

Ela mastigava e bebia. Não conseguia se animar com a ideia.

Enquanto Beth se afeiçoava mais e mais à Marco Aurélio e à casa, e preparava pratos especiais, Joca começou a passar as noites acordado fazendo planos sobre onde se refugiariam quando tivessem bens valiosos, coisas que ele já tinha um amigo receptor a quem entregar e com quem iriam dividir os lucros.

Depois de sair do táxi, caminhando na garoa gelada, Beth mais parecia uma alma penada. Recordava as últimas noites que passara com Joca, a cada uma delas com olhos mais alucinados de droga e com menos sono, fazendo planos com o dinheiro de Marco Aurélio.

O trabalho que Joca fazia na casa de Marco Aurélio terminou. Beth continuou na sua função.

A primeira noite em que Marco Aurélio a convidou para jantar, ela ligou para Joca e avisou que chegaria mais tarde.

– Vá em frente, maninha,— ele falou, mas começou a perceber que as coisas estavam ficando diferentes.

Ao retornar, ela falou onde haviam jantado, mas não falou dos toques de mãos, do vinho que beberam e muito menos dos beijos que rolaram.

Nas noites seguintes, ao retornar, ela distraiu Joca com sexo. Sempre funcionava.

A cada dia, Beth e Marcos Aurélio ficavam mais íntimos. E Joca começou a perceber que as coisas não estavam seguindo como ele planejara. Quando a deixava no trabalho pela manhã, não havia como ignorar o brilho dos olhos de Marco Aurélio. Ele ficava esperando para tomar café com ela antes de sair. Quando havia oportunidade, eles se acariciavam e se beijavam.

– O cara está apaixonado por você, maninha — Joca falou numa das tardes quando dirigia voltando para casa.

Com o olhar fixo no para-brisa dianteiro, Beth sorriu sem responder.

– É a hora de dar o golpe, começaremos a tirar pequenas coisas de valor.

Ela provocou uma tosse e não respondeu.

– Se você estiver apaixonada, engula a paixão. Apresentei você ao cara para tirarmos vantagem. Se não for isso, mato vocês dois.

Apesar de ele ter dito a frase com voz muito serena, ela estremeceu. Tinha visto ele pegar um revólver, que ela nem sabia que ele carregava, e atirar em seu marido quando eram amantes em Maceió. Sabia que não era uma ameaça boba.

– Você nunca perguntou, mas vou te contar. O corpo do seu maridinho foi cremado no meio de pneus velhos. Você se mandou para São Paulo sem falar com ninguém. Por lá pensaram que vocês dois haviam fugido juntos por conta de aluguéis atrasados.

Ela ficou em silêncio. Jamais perguntara como ele havia desaparecido com o corpo de seu marido. Naquele momento se recordou dele e pela primeira vez

sentiu tristeza por sua morte.

— A esposa do seu patrão tinha muitas joias. Quem a conheceu disse que ela não saía de casa sem anéis de brilhante e pulseiras de ouro. — Joca colocou a mão na perna dela e apertou-a com força. — Você já vasculhou o quarto da morta?

— Não!

— O que é que você faz naquela casa? — Ele apertou um pouco mais a perna.

— Você está me machucando — ela falou tentando tirar a mão dele da sua perna.

Beth havia perdido a fé e o tesão em Joca. Não poderia dizer como aquilo havia acontecido. Um final de tarde, ao chegar em casa, ela olhou Joca nos olhos e sentiu uma pressão negativa que vinha de dentro do seu corpo, fruto das drogas que ele usava cada dia mais e que provocavam um estranho vazio. Seu corpo e sua boca já não funcionavam dando-lhe o tesão que sempre deram. Quanto mais ele fazia planos para pegar joias e grana da casa de Marco Aurélio, quanto mais ele se drogava, mais ela o detestava. E pior, ele não parava de ameaçá-la.

Na casa de Marco Aurélio, ela cuidava das crianças. Fazia bolos e tortas para as crianças e começou a preparar pratos especiais. Voltar todas as noites para a casa de Joca estava a cada dia mais difícil e apavorante. Ele queria que ela pegasse joias e grana, e ela não tinha coragem de vasculhar a casa e muito menos furtar alguma coisa. Como ela não trazia o que Joca queria, ele a ameaçava. Ameaçava ir à casa de Marco Aurélio, matar os dois e quem mais fosse preciso.

Caminhando na garoa, Beth lembrou-se de que há três dias não retornava para casa. No primeiro dia ela avisou que não iria dormir em casa. No segundo, desligou o celular. E só estava retornando porque se sentia apavorada com a possibilidade de Joca ir à casa de Marco Aurélio e cumprir as tais ameaças de matar os dois.

Dias antes, a tia das crianças as levava para passar o final das férias na praia. Sem as crianças, Marco Aurélio não foi ao escritório. Viveram três dias de puro

gozo. Começaram por shoppings chiquérrimos que ela não conhecia e nem imaginou que pudessem existir. Foram a restaurantes maravilhosos. Por fim, foram a um motel de luxo, onde passaram a maior parte do tempo.

Ele foi chamado para uma urgência do trabalho, e ela saiu dos lençóis de seda do motel para o pavor do retorno a Joca. Não permitiu que Marco Aurélio a levasse para a casa. O que poderia acontecer se Joca a visse desembarcando de um dos carrões de Marco! Esperou até que a noite chegasse. Foi até o quarto da esposa de Marco Aurélio e remexeu as gavetas. Ocorreu-lhe que se levasse uma joia valiosa, Joca a perdoaria. Mas desistiu da ideia. Não queria uma joia roubada. Queria fazer parte da vida de Marco Aurélio. Queria participar da vida daquela casa. Queria sair do domínio de Joca. Ele já estava ganhando uma boa grana no tráfico de drogas. Precisava convencê-lo de que iria ganhar muito mais sem precisar dela, sem precisar que ela o ajudasse a roubar a casa de Marco Aurélio.

A cada passo que dava, mais se sentia apavorada com as possibilidades que o destino poderia apresentar. Estava ali, caminhando na garoa, relembrando as delícias que vivera com Marco Aurélio, intercaladas ao medo do que teria de enfrentar. Por uns raros momentos acreditava que iria convencer Joca. Apertava a bolsa e rezava. A cada dia que passava ela percebia que ele se drogava com mais frequência, e isso tornava suas reações imprevisíveis.

Beth avistou o letreiro de letras falhadas. Esforçou-se para manter a respiração num ritmo normal. Com a garoa, a rua estava deserta. Abaixou a cabeça, esgueirou-se pelas sombras. Percorreu o beco e entrou em casa. Joca estava na cozinha com um dos seus amigos traficantes. Os dois voltaram-se para ela com olhos vidrados. Sobre a mesa havia latas de cerveja e copos.

– Onde você esteve? — Joca levantou-se da cadeira e agarrou-a pelo braço.

O cara que estava na outra cadeira se levantou, bebeu toda a cerveja que havia no copo, fez uma medida com o corpo e saiu sem se despedir.

– Tive de ficar com as crianças.

– Não fala merda! Liguei lá! As crianças viajaram com a tia! — A voz de Joca era pausada, exalava ódio.

Ela olhou para os sapatos molhados, sem responder.

– Temos um plano, nós dois. Seu compromisso é comigo. — Com a mão livre, ele bateu com força no próprio peito. — Se você se apaixonar e furar nosso plano, mato os dois. Mato os dois! — ele repetiu frisando cada sílaba.

Beth puxou o braço que ele apertava e tentou chegar até a geladeira. Precisava de um copo de água.

Ele não soltou o braço. Agarrou-a com mais força, arrancou seu casaco, olhou-a de cima abaixo.

– Roupas novas! O filho da puta está presenteando?

– Vestido que você nunca reparou — ela balbuciou. Não gritou com medo de que o coração saísse pela boca.

A respiração dele era trepidante. Seu olhar cheio de droga era feroz.

– Vim para esta cidade atrás de você. Vim porque você é gostosa. Sou seu dono. Você tem de me obedecer! — Ele mantinha a mão apertando o braço dela e ia aumentando a força.

O medo estava se transformando em pavor. Ela se esforçava para não se contorcer de dor no braço. Sabia do que ele era capaz.

– Você sempre esteve metido com drogas, mas agora se transformou num zumbi drogado. O que está usando para ficar tão louco? — ela perguntou.

– Louco por você! Você sempre gostou de transar comigo. Agora o filho da puta é melhor do que eu? Não foi esse o combinado. Temos um acordo. Se você não cumprir sua parte, mato vocês dois como matei seu marido. — Ele olhou para o teto e deu uma risada, como se tivesse uma ideia melhor. — Como seu marido, não! Seu maridinho nem sentiu a morte. Eu dei um único tiro, e ele se foi. Vocês dois, vou picar em pedacinhos! Arrancar unhas, dentes. Quero ver vocês implorarem para morrer!

Ele falou e empurrou-a até encostá-la na pia da cozinha. Abaixou a calça que estava usando. Ela conseguiu livrar o braço, se encolheu, fechou as pernas, mas ele avançou sobre ela, levantou sua saia, forçando-a a abrir as pernas. Rasgou sua calcinha. Esfregou-se nela, mostrando uma ereção poderosa. Penetrou-a à força. Machucou-a. Ela não gritou. Num gesto instintivo, passou a mão sobre a pia e encontrou seu rolo de mármore. Conseguiu agarrá-lo. Com a força da humilhação de ter sido violentada, bateu com o rolo na cabeça de Joca.

Por alguns segundos o mundo ficou paralisado. Quando voltou a se movimentar, ela viu os olhos azuis se arregalarem um pouco mais. Ela se afastou, e ele deslizou devagar até o chão. A mancha vermelha de sangue aumentou rapidamente ao redor da cabeça dele.

– Joca — ela gemeu. — Puta que pariu!

Depois de alguns minutos em que não conseguiu se mexer, Beth ajeitou as próprias roupas e se sentou. Precisava pensar. Na sua mente aparecia o letreiro de letras falhadas. O mau presságio se realizando. Mil hipóteses rolaram em sua cabeça, até que seu olhar se voltou para o leão tatuado no braço de Joca. A figura imponente voltou-se para ela. Ela estremeceu com a possibilidade de Joca estar vivo se movimentando. O olhar de Joca continuava voltado para o teto. Era o leão tatuado que saía de sua pose imponente e abria os olhos, fitando-a. Aquele olhar pôs ritmo aos pulos do seu coração e à sua respiração. Um sorriso zombeteiro se fez na face do leão.

Beth se levantou da cadeira. Vestiu o casaco molhado, puxou o capuz sobre a cabeça. Lavou as mãos. Da mesma forma que havia chegado em casa, pegou a bolsa e saiu, esgueirando-se pelas sombras. Saiu do beco, saiu da rua. Caminhou na garoa sem rumo, por um longo tempo. Pensava coisas absurdas que nada tinham a ver com o momento. O que acabara de acontecer mais parecia um sonho.

Aos poucos, a garoa deu lugar a uma chuva de verdade. Ela procurou a marquise de uma loja para se proteger. Na vitrine da loja havia um relógio de

neon que foi se tornando ilegível por causa da água que escorria pela vidraça, lembrando a Beth o letreiro de neon com letras falhadas que sempre lhe trouxera um mau presságio e que agora a chamava. Ela foi para a calçada. No meio da chuva, depois de esperar um tempo, ela viu um táxi. Fez sinal. Foi muita sorte estar vazio e o cara parar. Pediu que a levasse até a entrada do beco.

Desceu do táxi fazendo o estardalhaço necessário para ser notada. Cumprimentou a única pessoa que estava na porta do bar em voz alta e mais uma vez falou com quem estava jogando sinuca sobre as letras falhadas do letreiro de neon. Atravessou o beco fazendo barulho ao andar, enfiando os pés nas poças de água e até se lembrou de uma música e cantou. Destrancou a porta e fez todo o barulho possível. Entrou em casa. Joca continuava com o olhar fixo no vazio, e o leão tatuado voltou-se para ela e deu uma piscadinha. Só então ela deu um grito que abalou a comunidade.

A primeira a vir socorrê-la e entrar na casa foi a evangélica, sua vizinha. Viu a tragédia e abraçou Beth.

— Vamos lá para a minha casa — falou. — Você precisa de um copo de água com açúcar. Joca estava se envolvendo demais com traficantes. Vi um deles sair da sua casa há mais ou menos uma hora.

Deixando-se levar com docilidade, Beth aceitou a ajuda. Foi para a casa da vizinha e bebeu o copo de água com açúcar.

~

Hécate

Saulo Pinheiro

Ressaca... Não era uma ressaca de cinco cervejas, era como se, além de ter bebido três garrafas da cachaça artesanal do Centro Acadêmico de Química da Universidade, ele tivesse entrado no Skyflyer do parque de diversões — um brinquedo que era uma espécie de máquina de lavar roupa com humanos. *Não percam, diversão 360° que você nunca viu igual!* Mas, nenhuma gota de álcool tinha sido ingerida, tampouco estava vindo do parque.

Um verdadeiro besouro emborcado no chão, Ted tentou se levantar em vão duas vezes. O carpete já estava pinicando, como se os ácaros, num desejo carnívoro, tentassem se alimentar daquele corpo moribundo. Hora de acordar. Na terceira vez, ele conseguiu, com esforço. *Se na terceira não rolar, desista!* Esse era seu lema. Estava de pé, apoiado na parede do corredor como se esta fosse uma amiga que apara o bêbado até a porta de casa. Deu quatro passos pesados encerrando a parede com a lateral de seu corpo e quando sentiu segurança de que já estava de pé, e de que assim permaneceria, questionou-se: *Que merda de lugar é esse?*

Estava apoiado em um papel de parede florido, amarelo nas flores e azul no fundo. Deduziu que estava do lado onde provavelmente ficam os quartos, já que, logo à frente, do lado oposto, podia ver algo que lembrava uma janela. Várias tábuas estavam pregadas pelo lado de dentro, como se o pior carpinteiro do mundo tivesse feito o trabalho às pressas, ou como se alguém tivesse muita necessidade de conter um perigo externo. *O que tem que ser contido? O que está acontecendo? Onde estou?*

A madeira embaixo do carpete rangia a cada passo trôpego que dava com seu coturno pesado. Estava no segundo andar de uma casa. *Ou seria o terceiro? Mas que diabos de casa é essa? O que estou fazendo aqui?*

O carpete que o acolhera ia até o fundo do corredor, desaparecendo na escuridão. No teto não havia lâmpadas, mas alguma claridade entrava pelas frestas das tábuas.

Sua visão alcançava dois metros à frente. Atrás dele, o corredor era escuro, mas parecia ter uma parede logo perto, como se fosse o fim. Já à sua frente a escuridão era contínua, era para lá que ele tinha que ir.

Seria como andar pelo trilho do metrô. *Espero que não surja uma luz no fim desse túnel, até mesmo por que parece que um trem já me atingiu*, pensou ele. Riu da própria piada e tossiu, sentiu um gosto de sangue. *Sangue?* Pigarreou um pouco, e, em vez de sair catarro, saiu... *Sangue?* Mas ele não estava ferido, nem doente, nem doía. Enjoou. Parou. E como se um fantasma tivesse lhe dado um soco no estômago, curvou-se e regurgitou sangue pesado.

Tentou segurar aquele princípio de vômito, e o sangue saiu pelo nariz também. O resto foi expelido pela boca. Não completamente, mas o suficiente para descer pelo seu queixo. Tentou engolir o restante do refluxo, mas o vômito empacou, preenchendo a garganta. Tentou respirar pelo nariz e aspirou mais sangue. Desesperou-se! Estava claramente se afogando. Quanto mais desesperado, mais vontade de respirar tinha, e puxava mais uma dose.

Rodava perdido no corredor estreito, apoiava-se em uma parede com uma mão, enquanto a outra, esticada, pedia ajuda para ninguém... — *Quem sabe não é com jeito, é na força mesmo. Nem força, nem jeito*. Tentou vomitar, fracassou. Enfiou o dedo dentro da boca, de nada adiantou, seu indicador foi o mais fundo que conseguia, estava enfiando o dedo em um pote de doce de leite em que não cabia toda sua mão. Tirou-o de dentro da garganta coberto de sangue. *Olhando aqui na minha vareta, parece que o seu nível de óleo está ótimo, senhor*.

Rodava com os braços abertos. *Não percam, diversão 360° que você nunca viu igual!* Tentava aspirar o ar com a boca, mas uma placa grossa de sangue estava no meio da garganta. O nariz estava completamente preenchido pelo sangue que insistia em não sair, apenas entrar, entrar em seus pulmões. Caiu de joelhos, ficou de quatro com as mãos fechadas no pescoço. Este seria o fim de Ted: morrer afogado em si mesmo! Quando já estava ficando roxo, seu corpo, em um forte espasmo, cuspiu toda aquela excreção, como se tivesse sobrevivido a um afogamento. Deixou-se cair por completo, batendo no chão com seu rosto, e, logo após, girando a barriga preguiçosamente para cima. Estava exausto. Era um besouro novamente.

Será que estou morto? Será que é um pesadelo? Por Deus, que seja um pesadelo. Tem que ser! Eu vou ficar aqui deitado e vou acordar em minha cama. Sim, farei isso!

Fechou os olhos com força, a lógica era: quanto mais força fizesse ao apertar os olhos, mais rápido voltaria a dormir. Mas era real... Ele não iria acordar em lugar nenhum, aquilo estava acontecendo.

Entretanto, era muito verdadeiro: a textura do carpete, o cheiro de casa velha, a poeira, o sangue, sua calça jeans, sua jaqueta, sua blusa (que era) branca... Ele teria que encarar aquela estranha realidade. Sorte que ele era Ted! Se tinha alguém que poderia suportar aquilo, era ele. Ele era Ted, o... o... *Quem eu sou?* Sabia seu nome, porém não se lembrava de quem era, como se seu passado tivesse sido apagado, mas era pior. Ele tinha uma sensação de que nunca tinha existido, como se acabasse de nascer, dentro daquela casa, sua manjedoura. Um recém-nascido com 30 anos. Quem era Ted? Ted do quê? E por que estava ali, em cima de uma poça de sangue que, meu Deus, quase o matara segundos atrás. *O que está acontecendo, pelo amor de Deus?!*

Então sentiu algo vibrar perto das costelas. *Vruuuumm. Vrummmm. Um celular!* Por que não pensou nisso antes?! Talvez estivesse muito ocupado tentando sobreviver a um afogamento. Agora era só atender a ligação e pedir

socorro. Estava com a passagem de volta para o mundo real ali nas suas costelas, a vibração veio acompanhada de uma música cujo autor logo identificou: Chico Buarque. Seu nome era Ted e ele sabia quem era Chico Buarque. *Parabéns Ted, você acaba de ganhar um milhão de dólares!*

... que a saudade é o revés de um parto

a saudade é arrumar o quarto

do filho que já morreu

VRRRRRUUUMMMM

Começou a se revistar desesperadamente antes que o toque parasse. Achou. Aceitar. Click. Botou o telefone na orelha desesperado. Era um náufrago que tinha acabado de encontrar o resgate.

– Alô, pelo amor de Deus, me salvem — disse ele. Não importava quem estivesse do outro lado. Era alguém, já era alguma coisa. Era o socorro!

– Polícia Militar, emergência.

Polícia Militar, emergência? Nunca tinha ligado para o 190, mas tinha plena consciência de que não era assim que funcionava. Não interessava, interessava que ele sairia dali. Iria para casa. *Onde eu moro?*

– Graças a Deus” Meu nome é Ted e eu estou numa espécie de casa velha ...

– Calma, calma. Qual é o endereço?

– Eu não sei. — Correu para janela com o vigor de quem nunca tivesse se afogado com o próprio sangue. — Um momento. — Tentou ver pelas frestas das tábuas se identificava algo que desse alguma pista de onde estava. Olhava parecendo um cachorro feroz tentando morder alguém do lado de fora. Estava realmente no segundo andar. Por um buraco, conseguiu ver quatro casas, com grandes gramados nas entradas, sem cerca em volta. Parecia um bairro suburbano de Nova York, como via em filmes da Sessão da Tarde. Não tinha a

mínima ideia de onde estava. Havia três carros estacionados ao longo da rua e uma bicicleta encostada atrás de uma cerca. *Minha bicicleta! Aquela é a minha bicicleta!*

Ele era Ted, tinha uma bicicleta e conhecia Chico Buarque. Com esses requisitos já podia se inscrever em qualquer programa de paquera na TV, mas não era o suficiente para recuperar sua identidade, nem ajudava muito a polícia em sua busca. Tentava se lembrar de quem era, quando, lá no fundo de sua consciência, escutou uma voz que parecia repetir incansavelmente a mesma coisa...

– ... está? ...você está? Onde você está? — perguntava a policial com insistência.

– Droga, eu não sei. Eu vi minha bicicl...

– Calma, garota. Diga onde está, mais alto...

Garota?

– ... Tá, tá, sussurre alto bem perto da boca do telefone.

– Alô? Quê? Com quem você está falando?

Era uma espécie de linha cruzada. *Não era possível! Claro que era possível seu animal, você acha mesmo que a polícia te ligaria para te salvar?! Larga de ser cagão, você só acordou num lugar desconhecido, com uma puta dor de cabeça, as janelas dessa casa estão tampadas como se o ataque zumbi estivesse acontecendo, e você quase morreu engasgado com sangue. Nada demais.*

Logo após a sugestão da policial, ele escutou apenas um *shhhhhhhh* misturado com um som de quem está procurando alguma coisa com muita pressa dentro de uma gaveta, depois um baque surdo como se o telefone tivesse caído do outro lado, e a ligação findou no famoso *tu tu tu tu...*

Ele olhou novamente para o celular, mas a tela estava preta.

– QUE MERDA! — berrou Ted. — Que merda é essa? Merda, merda, merda! — Jogou o telefone no chão. Então recorreu ao mais primitivo dos pedidos de socorro. — Socorro, socooooooooorro, SOCOOORRO! — Gritava como quem

perdia a lucidez e não como alguém que precisasse de socorro. Estava com a passagem comprada para o sanatório, e o voo estava (pode apostar) no horário. Gritava para todas as direções: para as tábuas, para o corredor escuro, para a parede negra... Foi quando aconteceu. Cortou o grito abruptamente. *SOCORR*. Um rugido gutural veio do andar de baixo. Como se um leão tivesse acordado com um humor terrível. Uma descarga de adrenalina subiu da sola de sua bota até a cabeça, sentiu o sangue circular gelado por seu corpo. Silêncio.

Será que as tábuas eram para conter... isso?

Ficou imóvel por cinco longos e silenciosos segundos, quando alguma coisa lá embaixo começou a subir pela escada. Degrau por degrau. TUM... TUM... TUM... *Uma escada? Onde tem uma escada aqui? Para onde eu vou?* Pensou. Parou de pensar e correu em direção à escuridão do corredor a sua frente. Agora estava totalmente no escuro. Já era noite. Os passos realmente estavam vindo de trás dele, ou pior, atrás dele. *Não é possível!* Mas a barreira do impossível já tinha sido quebrada há algum tempo. O melhor a fazer seria correr, e rápido. A cada passo que a coisa dava subindo as escadas, ele sentia o seu corpo tremer. Pela cadência dos passos, não era um bípede, era um quadrúpede. Agora subia os degraus mais rápido, já tinha o farejado. Fosse lá o que fosse, era melhor se apressar, Ted, o ciclista!

Ted foi arrastando a mão pela parede do corredor, correndo o mais rápido que podia, cuidando para não cair. Ele não estava necessariamente correndo. Estava tateando a parede afobado, às vezes de lado, às vezes de frente, num ritmo patético, e, para completar, estava chorando.

Jesus, me salve, por favor. Por que isso está acontecendo? Por quê? Faça parar! Eu não quero morrer...

A coisa estava mais perto. Mais veloz. Ted podia sentir, ela já tinha entrado no mesmo corredor escuro. Mas agora ele não escutava mais os passos, ela estava silenciosa, e com fome, continuava apressada e comeria Ted vivo, ele podia sentir. Instintivamente, sentia que a besta estava em seu encalço. Exalava um

cheiro podre, de hálito podre, um cheiro de esgoto, de mortos, de carne, um bafo de morte.

Meu Deus, meu Deus, meu Deus!

Mijou-se enquanto corria. Não percebeu, e se percebesse, não ficaria com vergonha. Ele estava tentando salvar sua pele, porra! Porém, sem querer, um sentimento de raiva explodiu dentro dele. Estava mijado de medo, literalmente, e sem saber por que estava com raiva. Ele ainda estava com muito medo do monstro, aquela raiva estava totalmente deslocada. A boca da coisa estava mais perto, percebeu o cheiro podre bem próximo de seu pescoço, muito próximo, próximo até demais.

Putá que pariu, é agora. Vai ser agora, ele vai me morder, e eu vou morrer. Eu não quero morrer, não quero. Por Deus, não quero.

Encolheu os ombros e enfiou a cabeça para dentro do corpo. Queria proteger a jugular, ainda correndo, pressentia que estava prestes a levar uma mordida que arrancaria um pedaço de carne grande, sem o matar de imediato. Sentiu um frio na nuca, seu corpo já estava preparado. Escutou a boca do monstro se abrindo implacavelmente, os lábios repuxados deixando os dentes à mostra, a língua podre esticada, uma baba pesada e quente pendendo dos caninos... era o seu fim. Adeus, Ted da bicicleta que sabe quem é Chico Buarque.

CLANKKK

Sentiu uma dor pesada na cabeça. Não parecia ser uma mordida, e a dor não era na parte de trás, como esperava. Era em sua testa. *Quê?* Tinha batido a cabeça em alguma coisa de concreto, madeira, *sei lá*. Uma pressão entrou em seu crânio, parecendo que ia esmagar a cabeça, e depois se abriu como um *Big Bang*. Sentiu uma intensa dormência. Quando caiu, não caiu no chão, caiu em uns degraus e foi escorregando até o andar de baixo. *Quantas escadas tem nessa casa?* Eram apenas uns quinze degraus, de uma escada de madeira, a parte de trás de sua cabeça fez questão de cumprimentar cada um dos quinze.

Acordou minutos depois, sentiu vários cortes na base do crânio e um galo grande, parecia um chifre do meio para direita de sua testa.

Meu Deus... Caralho, pensou. Na situação em que se encontrava, não tinha mais o pudor de escolher as palavras que usaria com Deus na mesma frase. Se até agora Deus não o havia ajudado, não seria agora que o amaldiçoaria.

Abriu os olhos, respirava com dificuldade, não se arriscou a se mover. Não estava mais na completa escuridão. Conseguia ver um teto de madeira com uma viga bem pesada. Uma lâmpada amarela iluminava o local. Girou o corpo até ficar de lado. Viu uma velha máquina de lavar, uma grande estante de madeira repleta de velharias, das quais algumas estavam cobertas por lonas, eletrodomésticos, ferramentas, cobertores empoeirados... Coisas que ninguém mais queria. Parecia estar em um porão. E era isso mesmo.

Um porão... um porão? Eu estava no segundo andar e caí no porão? Pelo menos estou vivo.

Não sabia se ficava feliz ou triste por estar vivo, mas pelo menos não estava mais sendo perseguido por aquela coisa. O único cheiro que sentia era o de madeira velha. Espirrou uma vez, e logo se lembrou de que qualquer barulho poderia atrair aquilo novamente. Da segunda vez, segurou o espirro. Sua cabeça inteira doeu. Agora, sim, parecia que ia explodir.

Tentou se levantar, não conseguiu. Levantar e cair era uma constante. Desta vez, entretanto, Ted estava muito ferido: um corte que sangrava na cabeça; osso do cotovelo direito trincado; dois dedos da mão esquerda quebrados; uma fratura exposta no pé; duas costelas provavelmente quebradas; e tinha mordido a língua com força. Estava vivo por um milagre. Que sorte!

Foi se arrastando em débeis movimentos até alcançar o corrimão da escada, onde se apoiaria para iniciar a difícil tarefa de se levantar. Rastejava sem pressa. Era um soldado moribundo, rastejando para não ser atingido por balas em uma guerra. *Médico, médico, o soldado zero dois está gravemente ferido. Não desista zero dois, você vai voltar para casa e ganhar uma medalha, nunca vi um homem*

com tanta vontade de viver. Quando alcançou o corrimão, finalmente conseguiu se erguer, levantou a cabeça e viu, no final de tudo, uma luz saindo de baixo de uma porta. Quem sabe essa porta seja finalmente meu passaporte para o fim.

A claridade que passava por debaixo da porta foi reduzida por uma sombra. Ele tremeu. Era alguém... Ele não sabia se pedia ajuda ou não. Poderia ser o monstro. Resolveu esperar, imóvel. Então a maçaneta foi forçada, um soco na porta foi dado, POW. Um corpo se jogou contra a porta para arrombá-la. POW. Mais uma vez os mesmos movimentos se repetiram, desordenadamente. Alguém queria muito entrar. Juntou os cacos de sua força e rastejou até chegar a uma prateleira, puxou uma lona que protegia umas coisas como se fosse um mágico em seu truque final. *Tcharam*. Sem se preocupar com a pequena chance de tudo virar em cima dele, e soterrá-lo com os entulhos mais variados, descartados pela classe média. Porém, o que aconteceria? No máximo o mataria, o que era uma opção bastante reconfortante no estado em que se encontrava. Deu sorte e, por milagre, absolutamente nada caiu sobre ele enquanto mantinha os olhos fechados para se proteger da nuvem de poeira que descia. Só então cravou os olhos nos objetos procurando a coisa mais semelhante a uma arma que pudesse encontrar.

Fez uma varredura com o olhar, escolhendo e descartando o que botaria no seu carrinho de compras. *Porta-retratos? Não. Bola de basquete? Não. Caixa de ferramentas? Talvez. Um martelo seria uma boa.*

POW

Essa foi por pouco. A porta está quase se abrindo. *Urso de pelúcia? Não. Caixa com livros? Não. violão? Não. Um pé-de-cabra? Bingo!* Levantou-se esquecendo-se de que estava machucado, mas a perna e o cóccix fizeram questão de o lembrar. Caiu de quatro, levantou-se novamente, agora com cautela, e alcançou o pé de cabra, que estava com uma ponta enferrujada. *Seja lá o que for,*

pode até me matar, mas vai pegar uma puta infecção e morrer depois. Vamos juntos para o inferno, meu amigo.

POW

A porta se abriu, e uma manada de aranhas inundou o recinto. Péssima escolha o pé de cabra. Eram milhares... Ted pegou a lona e se cobriu, estava finalmente protegido por seu cobertor espanta-monstro, mas não adiantou. Sentiu-se esmagado pelo peso das aranhas caminhando sobre a lona, gritou de medo. Estava sufocando. Na iminência de ser soterrado, percebeu que a pressão das aranhas contra seu corpo diminuía, já era possível sentir os passos de algumas dezenas de aranhas retardatárias. E quando não havia mais nenhuma sobre a lona, sentiu o cheiro podre. Aquele cheiro de carne morta, de morte, o monstro. Segurou o pé de cabra com toda força, e descobriu, cautelosamente, a cabeça.

A porta estava aberta, podia-se ver um cômodo que parecia ser uma cozinha. O cheiro ficou mais intenso e parecia vir de cima, do outro lado. Olhou para o teto, e no canto direito do porão, lá estava ele, ou ela.

Todas as aranhas estavam concentradas numa nuvem negra, que aos poucos foi tomando um formato humano. Algumas aranhas caíram pela cabeça do ser, e gotejaram até formarem fios de cabelo negro, outras se encarregaram de dar contorno e forma àquele humanoide. Os seios, as curvas, as coxas, até que uma menina de uns 16 anos estava completamente formada por aquele DNA aracnídeo. As aranhas aos poucos se transformaram em escamas, e, por fim, em pele. Era uma pele branca, inchada, o corpo estava tatuado por vasos sanguíneos estourados. Parecia um mapa com todas as estradas e ruas vicinais do Brasil. A garota, com pés e mãos grudados ao teto, olhava fixamente para Ted. Seus olhos eram completamente negros... Sorriu para ele, com o olhar ainda vidrado, quando uma presença demoníaca se apossou de seu rosto adolescente. Mostrou

os dentes afiados, como se sua arcada fosse composta apenas por caninos. Começou a girar a cabeça, sem, contudo, mexer seu corpo.

Crack crack crack crrrrrack

Era possível ouvir o estralar das juntas, enquanto seu corpo permanecia de cabeça para baixo, colado ao teto. Sua cabeça girou até ser a única parte do corpo voltada para o “lado certo”. Ao realizar esse movimento, aparentemente indolor, manteve seu sorriso canino e seu olhar negro fixados nos olhos de Ted. Uma baba preguiçosa e putrefata escorria do canto de sua boca, pendendo como um elástico. Se escapasse dessa, nunca mais dormiria.

CRACK.

A cabeça finalmente alcançou a posição desejada. Encarava Ted de igual para igual. *Não percam, diversão 180° que você nunca viu igual!*

– Ted! Ted! Ted... Você voltou, meu amor. Eu te esperei por um mês e achei que você não voltaria mais. Sua putinha está com saudade. — Uma língua do tamanho de uma gravata, vermelha como o sangue que brotou da boca de Ted, se esticou demoradamente, espalhando podridão no porão. — Achei que você não vinha mais me comer meu amor, meu amorzinho.

Sentia-se preso em um pesadelo. Seu corpo ferido toda hora martelava a realidade em forma de dor. Uma fratura é uma fratura. Mesmo com todo pensamento positivo, ela vai doer, e vai continuar doendo.

– Own! O que foi, meu amor? O gato comeu sua língua? — Novamente ela mostrou a língua, soprando um bafo podre que saía de dentro de sua garganta. — Você não está aqui para me comer? Para me foder?

Ted continuava sem saber o que responder. Seu coração estava disparado. Não segurava mais o pé de cabra com força. Provavelmente não conseguiria sequer levá-lo. Estava com medo, tremendo de medo, mijado de medo. A menina-aranha perdeu a paciência com a falta de resposta do outro lado, e gritou com uma voz grossa, voz de demônio, arranhando a garganta, machucando as cordas vocais, se é que um demônio possui essas coisas.

– POR QUE VOCÊ ESTÁ AQUI, SEU FILHO DA PUTA?

O grito fez as paredes tremerem como se uma bomba tivesse explodido no quintal lá fora. Ted saiu do transe e respondeu quase chorando.

– Não sei, eu não sei...

– Ah, você sabe. Sabe, sim, meu amor — disse começando a se mover, mas não com a leveza de uma aranha... Cravava as unhas das mãos e dos pés como um alpinista crava seus machados de escalada no gelo. Furava o teto com as unhas como se fossem garras indestrutíveis. Foi se aproximando, e Ted se arrastou para trás, até estar com as costas totalmente encostadas na parede. — Você lembra do meu nome?

– Júlia. — O nome saiu naturalmente, apesar de não ter sido em razão de um processo natural... Ele não parou, tentou lembrar, lembrou e respondeu. Ele simplesmente sabia. Quando falou o nome dela, seu corpo se encheu de desejo, estava excitado, mas pelo nome, e não por aquele demônio.

– Sim, meu amor, Júlia. A sua Júlia. Para sempre sua. — Ela desceu pela lateral da parede e posou, no chão. — Eu juro que se você não lembrasse o meu nome eu morderia seu rosto e deixaria você sangrar até morrer. Agora uma outra pergunta... Quem é você?

– Eu sou o Fernando, Fernando Moraes. Eu te dou aula de violão. Quartas, sextas e...

– ... Sábados. Mas foram só quatro sábados, né, meu amor. Não precisávamos de mais. Mas chega de falar de aulas, essas aulas nunca foram o foco dos nossos encontros, não é? Quando você vai me comer novamente? Eu quero tanto, tanto... — Ela abriu a boca, tremendo a língua em espasmos contínuos e erotizados.

Definitivamente ele não conseguia imaginar como seria fazer sexo com um demônio daqueles. Era nojento. Ele queria vomitar.

Começou a respirar mais rápido, estava hiperventilando, sua cabeça começou a trabalhar mais rápido, seu HD preenchia-se de memórias, e ele, enfim, começou

a se lembrar.

– Você está lembrando, meu amor? — Ela ficou há centímetros de Ted, Fernando. Sua língua grossa e pegajosa lambeu-o do queixo até o nariz, sem pressa de completar o movimento. O odor pestilento havia desaparecido. Estranho. — Lembra do nosso último encontro? Para onde você me levou mesmo? Foi tão lindo.

Ele se lembrou.

Lembrou-se de tudo.

– Vamos, eu quero escutar da sua boca. Pode ser estranho que você repita a nossa história para mim. Eu estive lá. Ah, eu estive! Mas eu adoro quando os casais contam histórias de como se conheceram. Cada um tem uma versão. Começa com a sua, vai. Pra mim.

Encolheu os joelhos, abraçando as pernas. Naquele momento ele já tinha deixado de ser Ted. Agora era Fernando quem falava.

– Eu lembro da primeira vez que eu entrei na sua casa. Sua mãe viu meu anúncio em um orelhão. Fernando, professor de violão, método intuitivo 99764433. Me ligou. Ela achou curioso por ser uma nova técnica. Você não queria fazer aula, e ela te obrigou, eu percebi logo que te vi. Nunca vi uma cara tão amarrada. All-star, um short jeans e uma blusa preta dos Sex Pistols. E o mais impressionante, você sabia de fato quem eram os Sex Pistols! Eu sentei no sofá, e sua mãe disse: “Esse é o Fernando, filha. Ele é o professor”. Você respondeu afiada: “Eu sei quem ele é, mãe. Fernando, o professor de violão que você contratou para não ter que lidar com a filha estranha que não se maquia, não quis festa de 15 anos, nunca apresentou namorado e que provavelmente gosta de meninas”. Eu achei engraçado, mas não ria na frente da sua mãe. Eu precisava da grana. Sua mãe disse alguma coisa, e saiu. E eu disse: “A gente tem muito em comum, eu não gosto de me maquiar e também gosto de meninas”. Foi uma piada idiota, eu sei, mas quebrou um pouco o gelo. De primeira toquei *God Save the Queen*, dos Pistols, e, naquele momento, você viu que eu não era um

espião contratado pela sua mãe. Depois eu toquei *Pretty Vacant*. Você cantou o refrão comigo enquanto eu tocava, éramos Johnny Cash e June Carter do Punk Rock na sala da família tradicional brasileira. *Oh We're so pretty, we're so pretty*

...

– *We're so Vacant*. — Emendou o monstro cantando com seu sorriso de tubarão. Agora um vestido azul com rosas amarelas estampadas caía sobre seu corpo adolescente. Um All-star vermelho no pé direito e um verde no outro.

– Você estava ótima. Eu não sentia nada por você, ainda, mas eu gostava da ideia de quebrar a carranca de adolescente mimada da classe média. Para mantermos as aulas, você precisava aprender a tocar uma música que a sua mãe gostava, *Pedaço de Mim*, do Chico Buarque, mas eu te ensinava punk rock inglês. O que não me exigia muito como professor... Parecia estar ensinando a turma infantil do colégio a tocar, era muito fácil. Os mesmos acordes de *Parabéns para Você* ou *Cai Cai Balão* davam para fazer um punk pesado. Era bem essa a ideia da minha metodologia intuitiva. O aluno aprende a tocar a partir das músicas que gosta. Eu estudei as bandas, trouxe curiosidades, tocamos juntos, trocamos ideias, e, no final, você começou a aprender a tocar qualquer coisa no seu estilo. Como consequência, ficou aberta para aprender outras coisas, e quando você menos percebeu, estava tocando Bossa Nova, e gostando. Na terceira aula você já era como uma prima mais nova para mim. Eu não estava apaixonado, mas também não queria fechar essa porta. Tinha alguma coisa ali que mexia comigo. Mas nunca passamos disso, não é mesmo?! Eu não teria a chance. Até a ocasião fazer o ladrão. Vivíamos em mundos diferentes. Eu era um artista frustrado, com um método que estava me dando um dinheirinho, por tempo limitado, como tudo que eu tinha feito na vida. Eu tocava na noite, bebia, pegava umas meninas ali e aqui, nada muito sério, sexo como uma atividade fisiológica. Mas quando estávamos juntos, eu e você, entrávamos em outro mundo. Era o nosso momento. Sendo bem brega... era mágico.

– E por que você fez isso comigo? Eu só queria ser feliz, eu tinha tanto para fazer na minha vida! — Não era mais um monstro, era Júlia. Júlia, do vestidinho florido e All-star. Mechas rebeldes e loiras caíam nos ombros, olhos azuis anunciavam que a qualquer momento um sabre de luz Jedi sairia por ali matando qualquer um. Ela se sentou no chão e ficou frente a frente com Fernando.

– Eu não queria, Julia. Eu não queria, eu juro! — Começou a chorar.

– Continua, por favor. Não para. Eu quero ouvir da sua boca, *eu preciso*. — Lágrimas foram descendo por suas bochechas rosas.

– Um dia, eu estava bebendo por conta de um pé na bunda que eu tinha levado. Eu e minha garrafa de Jack Daniels no meio daquela sala gigante do matadouro...

– Matadouro? — perguntou ela.

– Eu te falei sobre ele. Não?

– Não. Ou melhor, não lembro.

– Aquela casa abandonada em que eu ia para fumar maconha e compor.

– Hum... conta pra mim de novo.

– Depois que a mãe de um *brother* meu morreu, ele pegou a grana da herança e fugiu daqui pra viajar o mundo. Botaram tábuas de madeira na janela, cercaram com madeirite, e deixaram a casa lá para apodrecer, até alguém do Governo se tocar e mandar um trator. O que poderia demorar anos. Como ele foi embora rápido, deixou a casa mobiliada, com tudo dentro. Vida nova, não queria nada que lembrasse o passado. Onde eu estava? Eu comecei a falar da casa e me perdi.

– Você, sua garrafa de Jack Daniels na sala...

– Ah, sim. Eu escutei alguém batendo na porta da frente que eu improvisei. Eram duas da manhã. Achei estranho. Podia ser algum amigo meu bêbado, mas nenhum amigo iria lá no Lago Norte tocar a campainha às duas.

Eles continuavam no porão, com uma luz amarela. Mas a lâmpada tinha desaparecido. As vigas de madeira do teto também se foram. O cenário estava

desaparecendo como Marty McFly antes de voltar para o presente.

– Era você, Júlia. Você entrou e me deu um abraço apertado. Vi sua bicicleta presa de qualquer jeito no poste antes de fechar a porta. Eu te ajudei a pagar aquela bicicleta. Você pediu dinheiro emprestado. Na verdade, eu paguei por ela, era mais minha que sua.

Eles riram.

– Você estava de vestido azul e amarelo, com tênis de cores trocadas. Parecia um anjo que Deus me enviou para me abraçar. Para me salvar. Não que eu corresse algum perigo, mas a ideia de me matar já tinha passado pela minha cabeça algumas vezes. Estávamos novamente no nosso mundo. Aonde fôssemos, sentiríamos a mesma coisa. Conexão. Entramos e fomos para a sala. Sentamos no sofá, e você contou que tinha brigado com sua mãe, que ninguém te entendia, só eu, essas coisas. Você deitou no meu peito, e em alguns segundos você me deu um beijo. Olhos apertados, um beijo gostoso de gente grande. Sua língua se aconchegava na minha, rolava de um lado para o outro, como uma coreografia que a gente ensaiou perfeitamente. Era música. Minha mão desceu do seu rosto para o seu peito, e você parou. Voltei a te beijar, você correspondeu, tentei novamente agora com a mão por dentro do seu vestido, e você se afastou. Se afastou deixando um espaço para mais uma pessoa sentar entre nós naquele sofá.

Uma estante toda desapareceu. O violão, o porta-retratos... Uma fileira completa de utensílios esquecidos já não existia mais.

– Você disse que tinha se arrependido. Que iria embora. Eu não queria acreditar. Não era possível que aquele momento iria acabar ali. Eu estava sozinho nessa? Você não sentia o mesmo por mim?! Eu, um homem de 34 anos, apaixonado como uma menininha de 16 anos, por uma menina de 16 anos. Não, você ficaria ali! Eu já tinha muitas frustrações na minha vida... E se você contasse para sua mãe? Eu nunca mais te veria! Vamos ficar juntos para sempre. Não fiz nada direito na minha vida, pelo menos eu tenho que acertar em alguma coisa. Eu disse para você ficar, você não quis, eu te segurei, mas não era pra te

machucar. Eu não queria. Se você pelo menos retribuísse o que eu sentia, nada disso teria acontecido. Eu te dei um beijo. Mas agora só eu te beijava. Por quê? Por que você estragou o que estava sendo mágico minutos antes? Não era mais a Júlia que eu conhecia. Mas ainda era. Entende? Então você foi má. Mordeu minha língua. Desgraçada. Você arrancou metade dela. Eu me engasguei com minha língua decepada. Tinha muito sangue! Quase morro asfixiado! Fiquei desesperado, mas aos 47 do segundo tempo eu vomitei minha língua. Você correu para a porta de vidro que dava para a piscina...

O corrimão da escada desapareceu. Umas caixas velhas também.

– A porta não abriu, e você correu para dentro da casa. Eu peguei a garrafa de Jack, dei um gole que ardeu minha boca, adormecendo tudo, caíram lágrimas dos meus olhos, eu não iria chorar, eu iria rir por último. Fui atrás de você e desliguei a chave de energia de casa. Estávamos no escuro, cegos, mas você estava na minha terra. Eu era o cego caolho. Você percebeu o que tinha acontecido e parou de chorar e gritar. Eu segui seu cheiro, sua trilha. Eu estava mais perto, você era uma presa fácil. Abri a porta do armário de utilidades, e lá estava você, agachada. Puxei você pelos cabelos, e você segurava uma coisa com força. Era seu celular. Olhei para o aparelho, e você estava ligando para a polícia. Para a polícia, Júlia? Por quê? Eu não era um bandido. Fiquei furioso. Antes de você gritar, eu te dei um soco na boca que fez você cair! Joguei uísque em cima do celular e o esmaguei com minha bota! Quando eu virei, você correu esbarrando nas coisas que davam para a cozinha. Fui atrás. Eu só queria o seu amor! Por que você fugia? Era para ser recíproco. Corri e cheguei até você, você procurava uma faca, quando percebeu minha presença na cozinha, correu e escorregou no chão úmido. Tentando se equilibrar, deu um passo firme, e, quando foi pegar impulso com o outro pé, bateu a cabeça no batente da porta, que estava aberta, e saiu rolando escada abaixo. Uma armadilha inesperada. Quando eu fui pegar a garrafa lá embaixo, numa caixa de garrafas de Jack, cortesia da pressa do meu amigo em fugir, esqueci a porta aberta, jamais

imaginei que estava acionando uma ratoeira. Eu já tinha batido a testa ali várias vezes. Nunca entendi por que aquela porta era tão pequena... Você estava muito machucada, estava quebrada. E agora, desacordada. Mas eu ainda te amava. Você arrancou minha língua, mas eu ainda te amava. E para não ter mais problemas como esse, nós fizemos amor ali mesmo. Você acordou no meio de tudo, mas eu já estava te amando. Dentro de você. Quando eu acabei, te amarrei. Eu queria mais, quando abri suas pernas você se mexeu, tentei uma segunda vez e você desviou. Se na terceira não rolar, desista! Usei mais força. Quem sabe não é no jeito, é na força? Joguei uísque entre suas pernas e finalmente consegui.

A escada desapareceu, as ferramentas também. Os dois se encontravam em uma sala escura.

– Eu não queria te matar. Eu não te mataria, nunca. Jamais! Subi para a cozinha, para pensar. Eu já estava cansado demais para uma terceira. Por que você não parava de chorar? Fechei a porta e sentei no chão. Não percebi quando dormi. Acordei sentado no chão da cozinha, às seis da manhã, com a garrafa do meu lado. Fui despertado pelos seus gritos. Os vizinhos podiam escutar. Apesar de eu insistir para que você calasse a maldita da sua boca, você não me obedeceu. Fui obrigado a descer lá e a enfiar uma faca na sua boca e jurar que cortaria sua língua se você desse mais um pio. E você deu. Eu tenho palavra, Júlia. Eu sou um homem honrado. Me ferrei muito no mundo da música por ser honesto, mas eu tinha minha palavra. Ah! Eu tinha. Quando eu fui cortar sua língua, você pulou em mim com toda a energia que te sobrou. Na confusão, a lâmina desceu até seu pescoço, bem na jugular. E te cortou profundo. Por que você fez isso? Você se suicidou! Eu tentei de tudo, subi, peguei uísque, panos, mas você sangrou muito. Muito. Eu tentei te salvar, eu fui um herói. Você morreu ali nos meus braços, meu amor.

Naquele momento os dois estavam sozinhos. Os três: Fernando, Júlia e um ursinho de pelúcia com algo escrito no peito... TED.

– Eu te enterrei naquele porão mesmo. Te visitei, eu levei flores. Em uma das minhas últimas visitas, eu senti um cheiro podre vindo de você. Vi em algum lugar que cal ajudava na decomposição de corpos. Ajudou! Os sacos de cal ainda estão lá, caso precise de mais um pouco. Depois a polícia veio bater na minha casa, para fazer algumas perguntas. Eu era suspeito pelo seu desaparecimento, eles disseram...

O ursinho desapareceu.

– Não precisa mais. Pode parar, meu amor. Você já fez o bastante! Você foi lindo. Muito obrigado, mas agora eu tenho que ir... Finalmente! Adeus. — Ela acenou e se foi.

Júlia desapareceu.

Fernando ficou.

Sozinho.

Estava em um quarto escuro. Paredes maciças e uma porta de ferro com uma janelinha no chão para a passagem de comida. Fernando estava nu e sem ferimentos, deitou no chão frio, e sua pupila congelou. Mas não tinha morrido. Ficou nessa posição fetal por muito tempo, até seu corpo definhar e seu coração parar de bater, o que demorou mais uns trinta anos para acontecer. Ele não teve a sorte de morrer antes, como os outros.

Uma droga chamada hécate, desenvolvida pelos soviéticos na Guerra Fria, foi usada contra espões americanos que eram pegos em áreas de tensão. A droga fazia as pessoas experimentarem o maior medo de suas vidas e reviverem momentos de sofrimento pelos quais passaram ou causaram a outros, de forma brutal. Porém, o propósito não era a tortura. A droga abria todas as *gavetas* do cérebro, era possível tirar confissões com uma facilidade incrível. Esse era o objetivo principal, a parte do sofrimento e das alucinações foi uma pitada de

criatividade de um cientista que não ia muito com a cara de americanos. Uma vez aplicada, a pessoa vivenciava uma série de alucinações macabras, e, passado esse primeiro efeito, ela era interrogada por um investigador, que, dentro das alucinações, poderia ser uma voz, um objeto ou poderia até mesmo tomar a forma de um monstro.

Passado o efeito, o cérebro da pessoa simplesmente travava, mas os órgãos vitais e a circulação continuavam em ótimo estado. Alguns efeitos colaterais eram permanentes. Mas, em alguns casos, algumas pessoas conseguiam *voltar* menos perturbadas.

Os americanos acabaram descobrindo essa droga e a replicaram em laboratório. Até hoje eles a utilizam em algumas prisões de forma secreta. Guantánamo é uma delas. Com o tempo, os americanos evoluíram a droga, deixando-a mais potente, e abreviaram seu nome para HCT. Digamos que os cientistas americanos não simpatizavam muito com suspeitos de terrorismo.

O novo presidente americano estreitou os relacionamentos com o governo do Brasil após um candidato simpatizante da tortura ser eleito presidente. O presidente brasileiro deu aval para as forças armadas fornecerem informações sigilosas do território brasileiro para os americanos. Durante uma conversa, em um encontro diplomático, não demorou para a HCT aparecer no assunto. O presidente brasileiro correu para autorizar um pacote com novas medidas para controlar a criminalidade. Conversou nos bastidores com senadores e deputados para aprovarem uma lei em que métodos mais ousados de interrogatório pudessem facilitar a solução de crimes, em troca eles ganhariam participação com os lucros do HCT. O Congresso aprovou, com facilidade, esse pacote de leis com medidas controversas, como a liberação do porte de armas e a autorização da esterilização forçada de estupradores, entre outras, mesmo com os defensores dos direitos humanos fazendo um auê.

Passado o lado burocrático, qualquer forma de tortura era aplicada. E o HCT foi tirado dos depósitos americanos e vendido rapidamente para o governo

brasileiro de forma sigilosa. Era caro, entretanto havia verba para isso. No início, era um mito entre os policias, uma droga que realmente estava ajudando nas soluções de vários crimes. Era usada nos presídios em criminosos que cometiam crimes de ocultação de cadáveres, por exemplo. Mas a moda pegou. E com o tempo começou a ser usada em delegacias, em suspeitos de crimes hediondos. Principalmente nas situações em que ninguém se importaria caso o suspeito desaparecesse, ou fosse achado em alguma esquina largado no chão.

Famílias ricas, que tiveram seus entes queridos usurpados por assassinos frios, pagavam para a polícia manter essas pessoas vivas sofrendo alucinações enquanto o corpo aguentasse. Alguns aguentavam trinta anos.

Júlia foi encontrada em uma casa abandonada no Lago Norte, em Brasília, a partir das informações de Fernando. Teve um enterro digno, no jazigo da família. Até hoje dona Helena, usando suas últimas economias, paga para manter Fernando com vida. Ela arruma o quarto da filha todos os dias para manter um pedaço de Júlia vivo.

~

O Monstro de
Mariana
Ibrahim Cesar

*Preparai a matança para os seus
filhos por causa da maldade de seus
pais, para que não se levantem, e
nem possuam a terra, e encham
a face do mundo de cidades.*

– Isaías, 14:21

Sei bem que os deixei apreensivos ficando tanto tempo sem falar. Mas as ideias corriam de mim, em todas as direções, as palavras pareciam ser meras peças associadas arbitrariamente a sons guturais que nada significavam. Não conseguiria me expressar, nem que tentasse. Não era bloqueio, não era falta — pelo contrário: era excesso, era abundância; eu transbordava. Tentavam todos sempre tirar algo de mim e me enchiam de perguntas, das quais eu nem mesmo tomava plena consciência, quando muito lhes dava um olhar cansado, desinteressado, e os observava em silêncio, mexendo suas bocas com aqueles sons, e não sabia se devia sentir pena ou desespero. Meu diagnóstico era estresse pós-traumático. Não podiam estar mais errados.

Enquanto todos me perguntavam maravilhados como havia sobrevivido, apenas lamentava silenciosamente ter sido poupada, estar ali, novamente em meio às pessoas. Acordei assustada, cada toque me repelia, todo o corpo se retraía e suas vozes eram como agulhas em meus nervos. Era apenas mais um dos enfermeiros checando o soro e o fio conectado a mim, monitorando meus sinais vitais. Preciso colocar as ideias em um ponto, algo que faça algum sentido para mim mesma, ainda que saiba que o pensamento humano jamais dará conta de compreender isso. Estou condenada a esta vida limitada, a viver como uma pessoa entre pessoas. Talvez estejam certas. Sobre o que não se pode falar, deve calar-se.

E foi assim que permaneci por quase duas semanas. “Escute, preciso que você colabore” — eu conseguia sentir o desamparo em sua voz enquanto ele colocava

sua cadeira próxima de minha cama e me olhava com aquele olhar duro e ao mesmo tempo complacente. Eu sentia aquele olhar dentro de mim. Devia ser alguma espécie de investigador, algum policial tentando, como todos os outros, entender o que não se pode entender. Isso me deixava possessa. Essa pretensão, com uma declaração implícita de que podemos entender, capturar algo tão grandioso — o que buscamos? Controle? Repentinamente a barreira mental que eu havia erguido se rompeu, e falei, e falei. Falei mais do que deveria e via em seus olhos como ele se deliciava com tudo o que eu cuspia. Temia que estivesse me achando louca. Vez ou outra checava se o seu celular continuava gravando e só emitia sons indicando que eu continuasse. Quando parei, senti um tipo diferente de medo, um medo urgente — o medo de me jogarem em um manicômio. De me jogarem em algum buraco e passar o resto da minha vida medicada, entorpecida. Algum canto triste, malcuidado e esquecido. Fiquei então nervosa, o coração batendo acelerado. Ele notou minha agitação súbita e colocou água em um copo plástico. Peguei-o e bebi apressadamente, derrubando um bocado pelo queixo. Ah, se antes eu temia que me achasse louca, esse gesto só teria confirmado. Ajeitei-me apressadamente, envergonhada em minha cama, o corpo suado e dolorido em meu ninho nas últimas semanas, essa cama de hospital. Temia sentir saudade desse conforto ridículo, mas agora tão familiar.

— Loucura, é o que parece, não é? — perguntei ansiosa. Era apenas nisso que eu conseguia pensar.

— Não em minha linha de trabalho — respondeu, se ajeitando em sua cadeira, profissionalmente. Sério, mas com um tom de empolgação rondando a superfície. — Quero que entenda que eu estou aqui para conseguir coletar o máximo de informações possível. Você é especial para nós. É a única sobrevivente de um contato com essa criatura.

— Não sobreviveu ninguém? — perguntei, só esperando ele me confirmar. Embora fosse algo que eu já houvesse intuído, não havia ainda se concretizado em mim a sensação. Eu tinha uma responsabilidade com cada um deles. Eu os

havia arrastado até lá. E agora estavam todos mortos. Eu era a culpada. E passara todo esse tempo sem nem ao menos me perguntar o que acontecera a eles. Bateu, e bateu forte. Comecei a chorar. Foi um choro rápido, brutal e honesto. Fui pega de surpresa e me detestei por um momento, por estar tão vulnerável na frente de um desconhecido. Ele se levantou e me trouxe lenços que tirou de uma bolsa. — Oh, meu Deus — soltei. Nem o Porco? Ai, meu Deus...

– Não conheço de cabeça o apelido de seus amigos. Ou era seu namorado? Qual é o nome dele? — ele perguntou, tentando ser solícito, abrindo uma pasta.

– Porco era o nome do meu pug — falei, me sentindo ridícula.

– Ah — ele soltou, visivelmente decepcionado e já fechando a pasta. — O cachorro está bem.

Parei de chorar, aliviada.

– Essa... Essa coisa. Esse monstro. Foi difícil articular a palavra, fiquei procurando a palavra por um tempo, até encontrar a primeira que serviu, e simplesmente a joguei, já me arrependendo no mesmo instante em que pronunciava. Olhei para baixo, constrangida, e então voltei minha atenção àqueles olhos, que olhavam dentro de mim. — Não pertence ao nosso mundo — disse, outra vez já totalmente arrependida. Cada palavra, cada frase, uma traição. — Não, talvez. Ou talvez. Talvez nós não pertencemos ao mundo dele.

– Quando olhamos para prédios e casas — ele falou, se dirigindo à janela e dando uma espiada enquanto eu assoava o nariz depois de enxugar as minhas lágrimas. — Nós não reconhecemos a natureza. Vemos como algo apartado, como algo alheio à vontade dessa coisa que chamamos Natureza, com N maiúsculo. Por que não conseguimos ver nossas criações, nós mesmos, tão naturais quanto quaisquer outras coisas, como vemos uma colmeia de abelhas e os outros animais? Até falamos de boca cheia sobre os animais, quando não passamos de um deles, um que se deu muito bem transformando os recursos que encontrava. Será isso algum tipo de orgulho?

Não respondi imediatamente, fiquei remoendo, repassando tudo o que havia dito a ele. De como eu estava sempre atrás de algum tema interessante — não, mais do que interessante: contundente, significativo, de impacto. Ansiava descobrir algo. Algum podre, algum segredo que abalasse o fundamento das coisas. Cursar jornalismo na UFOP em Mariana não foi a minha primeira opção. Foi apenas o meu prêmio de consolação por não ter passado em pelo menos quatro outros cursos que eu queria fazer antes de considerar este. Mas foi o que eu consegui aos 16 anos e me agarrei àquela oportunidade de sair de casa. E se eu estou fazendo algo, eu quero simplesmente ser a melhor. Sentia-me uma fraude no meio desse pessoal de Humanas, um ser que pensa entre esses garotos-testosterona e garotas-arlequinas. Mergulhados nesse mar de atualizações das redes sociais, eu buscava algo além do comum, algo que colocasse o mundo de pernas para o ar. Óbvio que eu sempre estava, dada essa premissa, frustrada. Quando eu notei alguns estranhos reportes de mortes ocorridas em situações estranhas e incomuns à beira do Rio Doce, algo despertou em mim. Eu farei algo, algo na psicoesfera, que já estava propenso com a recente tragédia em Mariana. Não se falou por lá em outra coisa por muito tempo. Bem, não foi exatamente em Mariana. Nós, todos estudantes e moradores na cidade, não tivemos nossas casas destruídas e nem nossas vidas levadas, mas foi o nome da cidade que estampou os jornais e se tornou emblemático. Havia sido tão perto. Foi no meio da tarde. Por volta de 15h30 do dia 5 de novembro de 2015, uma barragem armazenando 55 bilhões de litros de rejeitos de minério de ferro se desfez, e sua força atropelou tudo em seu caminho com um tsunami de lama, som e fúria.

Ao todo, 32 bilhões de litros do que é rejeitado no processo de mineração foram jogados, de uma vez só, na natureza. A maior parte ficando nos primeiros cem quilômetros, separando Mariana de Rio Doce. Levou dezesseis dias para chegar ao oceano, entranhando-se em todas as formas de vida ao longo do

caminho. Dizer que é o maior desastre do Brasil, o maior desastre do mundo, são apenas formas de quantificar, de comparar.

E agora, seis meses depois, com as mortes, o vilarejo literalmente varrido do mapa, essas novas mortes acontecendo próximo a esse rio que recebeu toda essa destruição, para mim foi muito fácil ligar os pontos. Algo estava acontecendo, definitivamente.

Então eu escrevi sobre aquilo. Frenética, com a imaginação trabalhando mais do que o olhar objetivo, esse fantasma que ouvimos tanto falar e nunca se vê, escrevi sobre o Monstro de Mariana. O nome soava um pouco ridículo, confesso. Mas quando terminei de redigir, estava muito satisfeita comigo mesma. Aquela sensação do dever cumprido. Foi publicado em nosso jornal experimental. Mais uma entre várias matérias que ninguém, além de nós estudantes, leria, e pela qual nos daríamos tapinhas nas costas.

– O Monstro da Mariana — um deles disse, cheio de sarcasmo. Todos riram, inclusive eu. Eles, pela piada pronta. Não era a primeira vez que essa piada seria feita, e com certeza não seria a última. Eu ri em parte por orgulho. Era meu. Meu monstro. Tão meu. Eles que rissem o quanto quisessem.

– Sei não, hein? Esse seu monstro só está fazendo o que a elite quer.

– O quê? Do que você está falando? — perguntei irritada, atônita, para Júlio.

– Todos esses acontecimentos. Só está matando gente pobre. Gente trabalhadora, gente boa.

– Gente, Júlio. Gente. Não acho que vamos encontrar apenas santos entre os trabalhadores. São sete bilhões de filhos da puta, alguns mais e outros menos.

Fomos interrompidos pelo professor, que, ao passar com olhos curiosos pelo corredor, me lançara um olhar ansioso, como se estivesse me procurando. Chegou na porta e olhou para dentro, como que fazendo o reconhecimento do terreno, e percebeu que não estávamos, afinal, em aula. Chamou-me para fora da sala de aula chamando meu nome e fazendo um sinal com a cabeça,

desencadeando uma série de risadinhas dos outros. Eu já pensava nas piadinhas e suposições que estaria para me receber na volta.

– O que você fez, Mariana? — ele foi me perguntando, colérico. Estava com o nosso jornal experimental na mão. E sem nem esperar por minha resposta, foi logo acrescentando: — Não é isso que nós fazemos. Nós não escrevemos o que achamos que pode ser. Essas... essas... Fantasias! Você não pode chegar conjurando monstros, bichos-papões do ar! Eu tomei um come do delegado de polícia que você não tem ideia.

As pessoas estavam lendo então? E eu as estava incomodando? Senti um orgulho tremendo naquele momento.

– Não foi George Orwell quem disse que jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique? Todo o resto é publicidade? — retruquei. E não, não foi Orwell, e sim William Randolph Hearst, mas ele já havia em sala de aula atribuído erroneamente a Orwell. O que importava era que eu tinha conseguido o efeito esperado. Vi que ele ficou sem palavras.

– Você não pode sair... — Ele olhou para mim com olhos desesperados. Estava encurralado entre seus princípios de agradar aos poderosos. — Você precisa pesquisar mais. Sair a campo. Fazer um trabalho de reportagem aprofundada.

– Pode deixar — falei decidida.

– E não publique nada antes de passar por mim e por uma checagem sólida dos fatos — ele acrescentou.

Sair a campo. Gostava da ideia. Mas o que faria? Iria aos locais das mortes? O que isso me mostraria? Umas fotos de locais no mato? Falar da vida deles entrevistando as famílias? Todo esse melodrama me desanimava. Fiquei pensando muito. E a resposta me veio em um sonho. Em um sonho verde. Como explicar o sonho verde? Foi a parte que eu mais considereei loucura quando comecei a relatar. Afinal, como explicar isso? Explicar? He he he. Não consigo me livrar dessa ânsia, desse desejo, já natimorto por princípio. Ex-plicar. Como se fosse possível. Não — O método aqui definido confessa o sentimento de que

todo verdadeiro conhecimento é impossível. Só se pode enumerar as aparências e fazer sentir o clima. Para começar, se havia uma coisa com toda certeza em meu sonho verde que eu poderia afirmar é que ele não era verde. Foi uma sucessão de imagens desprovidas de qualquer cor, pois não eram imagens no sentido habitual, algo capturado por olhos humanos. Se o chamei de verde, foi simplesmente porque assim eu me sentia em relação a ele. Mas afinal, o que é uma cor? Quando a luz bate em um objeto, este reflete ela de volta. Comprimentos específicos dessa onda refletida são interpretados por nosso cérebro como correspondente a uma cor. Se vemos alguma coisa de uma cor, um carro vermelho, tudo o que ele não é, é vermelho. Pois se trata do comprimento de onda que este refletiu, absorvendo o espectro. E mesmo se todos temos a representação das cores é debatido. Onde alguém vê verde eu poderia simplesmente ver o equivalente ao azul para essa pessoa. Estamos o tempo todo tateando e esbarrando em nossos limites sem nos dar conta disso. E nesse sonho verde eu vi algo se movendo, saindo do lago. Vi várias pessoas em uma festa, se divertindo. Reconheci alguns rostos. Semidesconhecidos de repúblicas próximas a mim. E acordei, com aquele gosto verde na boca. Corri para o computador, procurando pelos rostos familiares. Logo descobri que haviam marcado um evento. Um desses eventos em uma chácara. Mais uma desculpa para fumar maconha, tomar doces, encher a cara e transar. Ou seja, nada de novo na vida universitária.

Talvez eles tenham estranhado por eu ter demonstrado interesse. Os rapazes, é claro, nem deram bola. Como emendaríamos um feriado na quinta, ficaríamos lá por pelo menos quatro dias. A possibilidade de que aquele sonho se tornasse realidade e eu visse algo me contagiava. Pela primeira vez na vida eu sentia esse estranho senso de pertencimento, de estar exatamente onde eu queria estar. Fomos em vários carros, e logo a bebedeira começou. Em pouco tempo, eu não sabia se havia ar em meio ao THC ou THC em meio ao ar. Fui me soltando aos poucos. No segundo dia, ainda olhava para o rio na esperança de a qualquer

momento o sublime acontecer. Mas nada. No terceiro dia, eu já estava me sentindo boba por sequer ter considerado que o sonho tinha qualquer possibilidade de acontecer. Achava que eu deveria ter lido sobre a festa e meu cérebro talvez tivesse feito alguma conexão estranha para me jogar ali. Acabei bebendo muito. Eu estava fazendo um boquete no Júlio, que me jogou charme desde que chegamos, quando finalmente aconteceu. Eu quase o mordi. Lembro de como ouvi o som de como se uma árvore milenar e quilométrica houvesse de repente caído majestosa na água, vindo do rio. De como ele ficou assustado e olhou para trás. Tinha várias pessoas por lá, e algumas saíram da casa para ver.

Quando aquilo irrompeu do Rio Doce, tão gigante — devia medir uns quatro metros e se movia tão rápido e veloz —, gritei, gritei muito. Gritei como nunca havia gritado. O som do grito se misturando a todos os outros gritos e à música alta. Como se movia rápido! Aquela coisa enorme, brutal.

Explodi em terror — supernova.

Quando aquela coisa esmagou a cabeça do Júlio, todo meu ser estremeceu. Foi tão rápido, um som seco de algo quebrando. E tudo feito como se não houvesse esforço nenhum. O corpo caiu tremendo no chão. Achava que no momento em que ocorresse algo bizarro, eu observaria passivamente, mas pelo contrário, eu corri, corri muito, empurrando as pessoas pelo caminho. Ouvi os latidos incessantes do Porco em algum lugar, e então nada além do som ensurdecido das batidas do meu coração. Imersa nesse sentimento de terror, uma parte de mim estava entusiasmada com um bizarro sentimento de beleza. Era tão terrível, tão belo!

Ouvi enquanto corria, gritos e gritos ficando surdos. Sons secos, coisas frágeis se rompendo, ossos se quebrando. Cheguei ao final da casa, em um dos quartos, encurralada, onde não havia mais para onde ir. E ouvia um som estranho, como uma lesma gigante aproximando e aproximando. E então chegou a onde eu estava. Aqueles olhos — olhos? —, órbitas vazias, como que imitando o que seriam olhos, cada vez mais perto de mim. Encostada na parede, aterrorizada,

com as pernas bambas, não havia para onde correr. Não havia para onde ir. Quando dei por mim, aqueles olhos estavam dentro de mim. Tentei gritar mais uma vez, mas o grito morreu na garganta, não saía nada. Tentei de novo e de novo. Debatí-me inutilmente, como se tentasse atravessar a parede. Ele ficou próximo a mim, cada vez mais próximo, e fui capaz de distinguir que seu corpo não estava apenas enlameado. De alguma forma, a lama parecia ser a sua própria matéria constituinte. Uma lama podre, cujo cheiro, como um soco no estômago, me atingiu em cheio, me levando a uma náusea violenta. Aqui e ali havia estranhos bulbos de uma espécie de planta aquática em seu corpo. A criatura retirou um deles do que seria seu ombro esquerdo e colocou na minha mão. Fiquei olhando aquele bulbo enlameado. Aquele fruto maldito. Olhei de volta para a criatura, tão próxima. Não consegui extrair qualquer sentido do que estava acontecendo. Via tudo meio embaçado atrás da criatura e havia sangue por todo lugar. No próprio bulbo, havia lama e sangue. Então a criatura fez um gesto para mim. Como aquilo me deixou apavorada! Era tão próximo de nós. Fez um gesto de mímica, e ao fazê-lo, algo correu por todo o meu corpo, uma sensação elétrica. Quase desmaiei. A criatura mexeu sua enorme mão em direção à fissura abaixo de seus olhos e abriu-a e fechou várias vezes, revelando brevemente um abismo negro. Olhei novamente para o bulbo em minhas mãos. Estava frio e sujo. Ele queria que eu comesse? Era isso mesmo? E se fosse venenoso? Amargo? A ideia de colocá-lo em minha boca foi repugnante. Tive que segurar o vômito, que me assaltou repentinamente.

A criatura se aproximou um pouco mais, sua lama quase tocando a minha pele. E então novamente fez o mesmo gesto de mímica. Olhei para aquilo e de uma vez mordi o bulbo. Olhei para a criatura enquanto mastigava. Chorava sem fazer som, o gosto forte de terra na boca. Senti uma substância pegajosa espalhando-se dentro de mim. De gosto amargo, tive que segurar muitas vezes o refluxo para não vomitar. A criatura ficou lá, me observando, até que consumi todo o bulbo.

Parecia haver uma certa satisfação. Partilhou comigo seu fruto. Sua carne, seu sangue.

Senti uma leve tontura e então uma euforia tremenda. Algo se acendeu dentro de mim. Comecei a desmarginação naquele momento. Começou na ponta do meu nariz, com um comichão, e então a sensação do frio na face, como se tivesse desaparecido, e então todo o meu corpo já não era mais meu, nem era mais eu. Minhas fronteiras foram se dissolvendo, ou se expandindo, à velocidade da luz, em todas as direções, e logo eu abraçava o globo inteiro, me encontrando no polo oposto. Eu fui essa força por um momento. Por um breve e inefável momento. Esse sentimento de estar unida a todas as criaturas vivas. De onisciência, onipotência. Foram tantas visões, tantas recombinações, ações, nascimentos e mortes nesse breve instante! Minha mente nem mesmo é capaz de relembrar tudo. É mais do que a minha capacidade de armazenamento permite. Vez ou outra eu me lembro de alguma em particular e me detenho naquela memória, saboreando-a, até novamente dissolver e voltar a estar indisponível para a minha consciência. Fui uma rosa se abrindo na Austrália, um cipreste em St. Remy em uma noite estrelada, um girassol em Arles, incontáveis seres unicelulares em suas doces trocas com o ambiente, fui um pássaro voando acima das savanas na África, fui um réptil dentro do ovo, em uma dor indescritível, tentando sair dele. Fui um dachshund no Canadá correndo atrás de esquilos. Cada uma dessas denominações geográficas só fazendo sentido para a minha mente racional, tentando aplicar nosso modelo limitado à experiência. Isso simplesmente não fazia sentido, era irrelevante. Tudo fazia parte do mesmo ciclo. Nascimento. Crescimento. Morte. E uma morte acontecendo incessantemente, combustível de mais nascimento, um vórtex de energia fluindo e unindo a todos. O que mais me deixou abismada, entretanto, não foi nada do que eu vi nesse momento. Foi o que eu não vi: nós.

Acordei mais tarde, mijada, cagada, suando frio e coberta de sangue e lama. Olhei para o meu corpo e senti uma repulsa das minhas roupas e as retirei

desengonçadamente, saí correndo de lá, vendo corpos pelos cantos dos olhos. Corri e corri até chegar a uma estrada em que caminhei sem ter qualquer noção de para que direção ia. Estava tentando freneticamente arrancar o esmalte de minhas unhas. Eu não suportava a ideia dessas coisas em meu corpo. Olhava para a estrada igualmente com repulsa, mas era algo familiar em que eu me agarrava como algo que eu deveria suportar. A cabeça começou a latejar, estava tonta, tudo começou a girar. Até que senti meu corpo nu bater contra o asfalto. Deixei-me lá, jogada. Minha próxima lembrança já foi nesta cama de hospital, neste ambiente tão estranho. Quando acordei, confusa, repentinamente estava de volta em um outro tempo de minha vida. Em um hospital, tão distante no tempo e envolta em vergonha, da vez em que quebrei meu pé por pular do segundo andar. Perguntei-me se toda a minha vida havia sido um sonho, um sonho estranho, mas quando os primeiros enfermeiros me jogaram dezenas de perguntas, eu simplesmente não consegui processar, não conseguia falar, estava confusa, assustada e transbordando com aquela experiência, que parecia para mim mais real do que qualquer coisa que eu já experimentava, e mesmo assim eu temia compartilhar com outras pessoas. Como eles poderiam entender o que passei? Como qualquer um poderia? Só poderiam pensar uma coisa a respeito disso:

– Loucura. É o que parece não é? — eu disse, ansiosa. Era apenas nisso que eu conseguia pensar.

– Não em minha linha de trabalho. Quero que entenda que eu estou aqui para conseguir coletar o máximo de informações possível. Você é especial para nós. É o único sobrevivente de um contato com essa criatura.

– Não sobreviveu ninguém? Oh, meu Deus. Nem o Porco? Ai, meu Deus...

– Não conheço de cabeça o apelido de seus amigos. Ou era seu namorado? Qual o nome dele?

– Porco era o nome do meu pug.

– Ah! O cachorro está bem.

– Essa... Essa coisa. Esse monstro. Não pertence ao nosso mundo. Não, talvez. Ou talvez. Talvez nós não pertencemos ao mundo dele.

– Quando olhamos para prédios e casas, nós não reconhecemos a natureza. Vemos como algo apartado, como algo alheio à vontade dessa coisa que chamamos Natureza, com N maiúsculo. Por que não conseguimos ver nossas criações, nós mesmos, tão naturais quanto quaisquer outras coisas, como vemos uma colmeia de abelhas e os outros animais? Até falamos de boca cheia sobre os animais, quando não passamos de um deles, um que se deu muito bem transformando os recursos que encontrava. Será isso algum tipo de orgulho?

– Qual é a sua linha de trabalho? — perguntei após o silêncio se instaurar em que fiquei perdida em lembranças.

– Somos um pequeno departamento na inteligência brasileira que lida com acontecimentos mais incomuns ou que não são facilmente enquadrados nos processos investigativos e jurídicos.

– Você é do Arquivo X do Brasil? — perguntei eufórica, em tom um pouco jocoso. — Nós temos um Arquivo X no Brasil?

– Certamente com um orçamento menos reduzido. Mas já tivemos algumas crises para lidar.

– Chupa-cabras? E.T. de Varginha?

– Infelizmente são informações sigilosas, não posso comentar nada sobre esses casos.

– Isso quer dizer que foram casos... Certo? Vocês trabalharam neles?

Ele apenas sorriu.

– Eu não posso nem confirmar e nem negar nosso envolvimento. — Piscando desengonçadamente com o olho esquerdo.

– Por que você acha que essa... essa coisa está matando?

– A motivação? Essa é uma pergunta difícil. É tão difícil entender as motivações por completo de alguns seres humanos! O que podemos dizer do que nem mesmo reconhecemos como tal? Acreditamos entender o comportamento

animal. Eles atacam para se alimentar e quando se sentem ameaçados ou sua prole, ou área. Acho que uma boa tática é começar pelo fator cronológico. Se iniciou após uma tragédia de proporções épicas, um dos maiores desequilíbrios a um ecossistema que já existiu na história da humanidade. Acredito que haja fortes indícios de correlação entre os dois fatos. É uma criatura ainda não catalogada, desconhecida? Que teve seu habitat destruído? Sabemos muito pouco, sua descrição é umas primeiras que temos, e ela não é muito precisa. Mas parece indicar uma criatura de proporções bem avantajadas, elas precisam de grandes áreas. Talvez em um local como a Amazônia, em que há tanto lugar inexplorado e intocado pelo ser humano, possível. Mas aqui? Altamente improvável. Pessoalmente, eu daria um salto para a exobiologia. Mas entraremos em um terreno ainda mais hipotético. Bem, estou me sentindo aqui dando voltas e voltas. Mas a resposta curta é: não sei. Não sabemos. Não temos ideia nenhuma.

Olhei para ele e senti uma desolação. Ele me agradeceu por ter colaborado com a investigação e disse que se fosse necessário voltaria a entrar em contato. Ele desligou o celular e já estava saindo quando eu perguntei:

– Por que você acha que eu fui poupada?

– Honestamente? — ele perguntou, ajeitando os óculos. Acenei afirmativamente com a cabeça.

– Sorte. Pura sorte. Um verdadeiro milagre — ele disse.

– Um milagre — eu disse, abrindo um sorriso. Percebi o quanto ele achou estranho minha atitude. Eu não me considerava em estresse pós-traumático. Não podiam estar mais errados. Eu havia passado pela experiência mais incrível de minha vida. Trauma era ter passado por tudo, estar unida com aquela energia e voltar a ser mais uma pessoa entre pessoas, sendo apenas uma coisa de cada vez. Ele se despediu de mim, me deixando novamente com meus pensamentos. Senti um desejo imenso de ler sobre a tragédia em Mariana e fiquei procurando informações e passei toda a tarde e boa parte da noite nessa busca, com um

apetite pantagruélico em saber quem eram os responsáveis, onde viviam, o que acontecera com eles, até que caí no sono, vencida pela exaustão.

Acordei no meio da madrugada sentindo-me claustrofóbica. Precisava desesperadamente sair dali a todo custo. Algo fervia dentro de mim. Enjoada arranquei com certa violência a agulha plástica encaixada em minha veia, ligada ao soro. Senti dor no braço, e então veio o sangue. Segurei com a outra mão a área, fazendo pressão. Não compreendi o que estava acontecendo. O corredor do hospital estava vazio, e fui andando apressadamente. Passei por alguns funcionários, que, imersos em seus afazeres burocráticos e repetitivos, nem me deram bola. Talvez eu não fosse responsabilidade deles. Saí de lá sem ninguém me parar ou me perguntar para onde estava indo. E se perguntassem, eu não saberia responder. Tudo o que eu queria era calar aquela ansiedade, aquela angústia. Estava enjoada, com a língua seca e uma taquicardia. O que eu estava fazendo, pouco ou nada sabia. Apenas precisava me mover, para longe das paredes opressivas do hospital, enquanto caminhava pelas ruas, com meu pé nu no asfalto, igualmente me repeliam as casas e todo aquele concreto.

Caminhei sem consciência de destino até chegar a um pequeno córrego. Ele passava por debaixo da rua em que eu estava, cheio de mato em suas margens, um pequeno fio de água. Cheio de entulhos acumulados. Senti uma excitação dentro de mim. Corri, sem me preocupar com os cortes que o mato fazia em meus pés, pernas e braços. Entrei no córrego e ali me senti bem. A água ia até pouco abaixo do meu joelho. Fiquei ali um tempo, no escuro, contemplando meu reflexo naquele lugar, então a ânsia tomou conta de mim de uma forma que eu desconhecia. Uma cólica como nenhuma outra me derrubou. Caí de quatro no córrego. Com as duas mãos, consegui me segurar e não cair completamente. Comecei a vomitar. Parecia lama. Sentia aquilo escorrer pelo meu nariz. Senti na garganta o mesmo gosto azedo e particular do fruto do monstro.

E então, eu desmarginalizei — vi meus contornos se dissolvendo naquele córrego e me confundi com o meu redor. Olhei para o meu próprio corpo ali,

naquele córrego à noite. Um corpo fraco, vomitando lama. De onde ela vinha? E lá estava eu, retrocedendo no tempo, para o dia 5 de novembro, no meio da tarde. O dia da tragédia. Fui cada um dos quatorze funcionários da Samarco no momento de suas mortes. A lama e a água se confundindo com o ar, sua força brutal pressionando os corpos e entrando em suas bocas. Seus últimos pensamentos nas famílias ou se saíam dali vivos se perdendo na sensação de algo os esmagando. Estive em Bento Gonçalves e vi a escola ser inundada, as pessoas gritando e correndo, e fiquei lá vendo a lama tomar conta de tudo. Estive na morte de centenas de peixes e eu não aguentava mais tanta morte e sofrimento. Simplesmente queria que parasse. Então eu notei que não era apenas o meu desejo. Não, era outra coisa. Alguma coisa pulsante, que estivera adormecida. Não, talvez adormecida seja uma palavra errada. Afinal, essa coisa não dorme. Não da forma como nós dormimos, pelo menos. Algo poderoso, muito antigo. Que esteve aqui e se confunde com a própria energia fluindo e unindo a todos. Algo acordado por tanta morte e sofrimento, que se misturou a todos os mortos e então despertou. E despertou irritado. Passou algum tempo em gestação, modelando um corpo para si, um avatar para enviar e entrar em contato com essas coisas estranhas. Nós. Nascemos dessa coisa como todas as outras criaturas e, então, de alguma forma, algo aconteceu. O pecado original que nos diferenciou de todo o restante: a consciência. Essa coisa odiosa que nos tornou outros. Passamos a consumir mais do que precisávamos. A multiplicar e gastar essa energia, a bagunçar o fluxo. Éramos um incômodo, mas mortes e destruição simplesmente não incomodavam essa força. É dela que houve a explosão cambriana, mas é dela que aconteceram seis grandes extinções e ainda virá outra. Não, algo ainda mais raro e estranho aconteceu. Como, eu não sei, e talvez nunca ninguém saiba. Mas de alguma forma, uma consciência humana se fundiu a uma parte dessa energia. E foi essa parte que despertou. Irada. Teria sido o corpo do desaparecido? A questão é que essa coisa, esse Monstro, como eu chamei mais tarde, não era nem humano e nem essa energia. E nunca mais seria

nenhuma coisa ou outra. Seus ataques foram os primeiros contatos, tentando entender o que estava acontecendo, agindo na única linguagem que conhecia: a violência, a destruição, a morte. Ensinadas por sua mãe, a Tragédia de Mariana. Eu vi cada um de seus ataques e senti como estava confuso. Eu vi seus olhos sobre mim, senti o fluxo de energia em meu corpo e então me deixando lá, no que parecia ser um ataque epilético. E eu vi como ele agora esperava, ansiava por conhecer quem originara a tragédia, para poder aplacar sua sede, sua fome sem fim daquele dia, em que um dos mais violentos golpes foi criado. E agora, ele sabia. Sabia tudo o que eu sabia. Sabia onde encontrar os responsáveis. Eu comungava com ele todo o seu conhecimento. Éramos um. Fui seu instrumento. Ah — a sensação do dever cumprido!

Naquele dia da tragédia, a Natureza gritou. E continua gritando até hoje. Quase se pode sentir no ar. Você pode senti-lo também. Foi o eco desse grito que me fez sonhar o sonho verde. E aquilo havia me levado até ali. Ele precisava de mim. Em algum lugar do Rio Doce, ele celebra, pois agora sabe o que fazer.

Assim como as cores que percebemos nos objetos, nós havíamos entendido tudo errado. Ele não era um monstro. Monstro era tudo o que não era. Era apenas o que era refletido de volta ao olharmos para ele.

O monstro — os monstros — somos nós.

Copyright @ Casa Santa Rita da Cassia, 2018.

Produção de ebook [S2 Books](#)